

ENSINAMENTOS
DE
G. O. MEBES

OS ARCANOS MENORES DO TARÔ



Seu simbolismo, suas iniciações e seus passos
para a realização espiritual.

PENSAMENTO

G. O. MEBES

OS ARCANOS MENORES DO TARÔ

COMO CAMINHO INICIÁTICO
Hermetismo Ético

Tradução do original russo
de
Marta Pecher



EDITORA PENSAMENTO
SÃO PAULO

ÍNDICE :

Prefácio	7
Árvore Sefirótica	10
Sistema dos Arcanos	11
Ouros	22
" Ás	24
" Dois	29
" Três	32
" Quatro	35
" Cinco	40
" Seis	47
" Sete	56
" Oito	62
" Nove	70
" Dez	77
Espadas	85
" Ás	89
" Dois	92
" Três	95
" Quatro	97
" Cinco	99
" Seis	101
" Sete	103
" Oito	106
" Nove	110
" Dez	115

Copas	119
" Ás	120
" Dois	122
" Três	125
" Quatro	127
" Cinco	130
" Seis	132
" Sete	134
" Oito	137
" Nove	139
" Dez	144
Paus	146
" Ás	149
" Dois	151
" Três	154
" Quatro	156
" Cinco	159
" Seis	161
" Sete	163
" Oito	168
" Nove	171
" Dez	175
Anexo Prático	178
" Indicações gerais	180
" 1.º grau	185
" 2.º grau	188
" 3.º grau	195
" 4.º grau	197
" 5.º grau	204
" 6.º grau	207
" 7.º grau	210

PREFÁCIO

Na segunda metade do século XIX e primeira do XX, viveu na capital da Rússia, Petersburgo (hoje Leningrado), um dos maiores esoteristas de sua época, G. O. Mebes, mais conhecido como G. O. M. no seu trabalho espiritual.

G. O. Mebes, homem de cultura excepcional e de grandes poderes ocultos, era o chefe da “Fraternidade Russa da Cruz e da Rosa”, fundada há mais de 200 anos e, também, o fundador da “Escola Iniciática do Esoterismo Ocidental”. Na vida externa, ocupava o cargo de professor de matemática e de francês em dois dos melhores liceus da cidade. Era muito estimado e bem conhecido na sociedade da capital, entretanto, poucas pessoas sabiam da existência de sua Escola, pois para conhecê-la era preciso ser convidado pelo próprio dirigente.

A Escola possuía um “círculo externo”, freqüentado por todos os alunos, assim como alguns “grupos internos” formados segundo o nível evolutivo dos discípulos, suas aspirações e capacidades.

Em 1912, prevendo talvez a tempestade que se aproximava da Rússia, G. O. Mebes consentiu que seus discípulos publicassem o ensinamento dado por ele sobre os 22 Arcanos Maiores do Tarô. O livro apareceu sob o título “Curso de Enciclopédia do Ocultismo”, título plenamente justificado pois, por meio da explicação dos Arcanos, que são facetas da Verdade, ele apresentava todos os ramos e aspectos do ocultismo. Essa primeira edição foi logo esgotada.

No fim do ano de 1917, quando o novo regime soviético iniciou a perseguição às religiões e ao espiritualismo, a Escola de G. O. Mebes tornou-se clandestina mas continuou seu trabalho.

Em 1926, devido à imprudência de um dos alunos, a sede da Escola e os domicílios particulares de seus membros foram invadidos pelas autoridades soviéticas, os documentos destruídos e as pessoas ligadas à Escola — presas.

G. O. Mebes foi deportado a um "gulag" das ilhas Solovetsk, no Mar Branco, na região sub-ártica. Faleceu alguns anos depois.

Em 1937, a "Enciclopédia", já considerada como uma obra clássica do ocultismo, foi de novo editada em Shanghai, na China.

Antes disso, no fim da segunda década, em Tallin, na Estônia, uma teósofa russa, Catarina Srezniewska-Zelenzeff, que se preparava para deixar a Europa e vir morar no Brasil, recebeu de sua amiga, Nina Rudnikoff, discípula de G. O. Mebes, um material precioso sobre os Arcanos Menores do Tarô. Nina, fugindo da Rússia, conseguiu salvar suas notas feitas durante o estudo na Escola. Tendo tomado conhecimento que Catarina ia viajar para o Brasil, ela lhe entregou o ensinamento ministrado por Mebes num dos grupos internos da Escola, pedindo-lhe que o levasse consigo e, eventualmente, o transmitisse a "alguém digno", a fim de que pudesse ser preservado.

Anos depois, já no Brasil, por uma "coincidência" muito estranha, Catarina encontrou Nadia, viúva de Gabriel Iellatchitch, um outro discípulo e grande amigo de Mebes. As duas senhoras resolveram morar juntas. Pouco tempo depois, o irmão de Nadia, Alexandre Nikitin-Nevelskoy, profundo conhecedor do esoterismo e, também, seguidor da Escola de Mebes, veio do Chile para morar com elas.

Juntando todas as notas e ajudado pelas duas senhoras, Alexandre restabeleceu, na sua totalidade, o curso dos Arcanos Menores do Tarô.

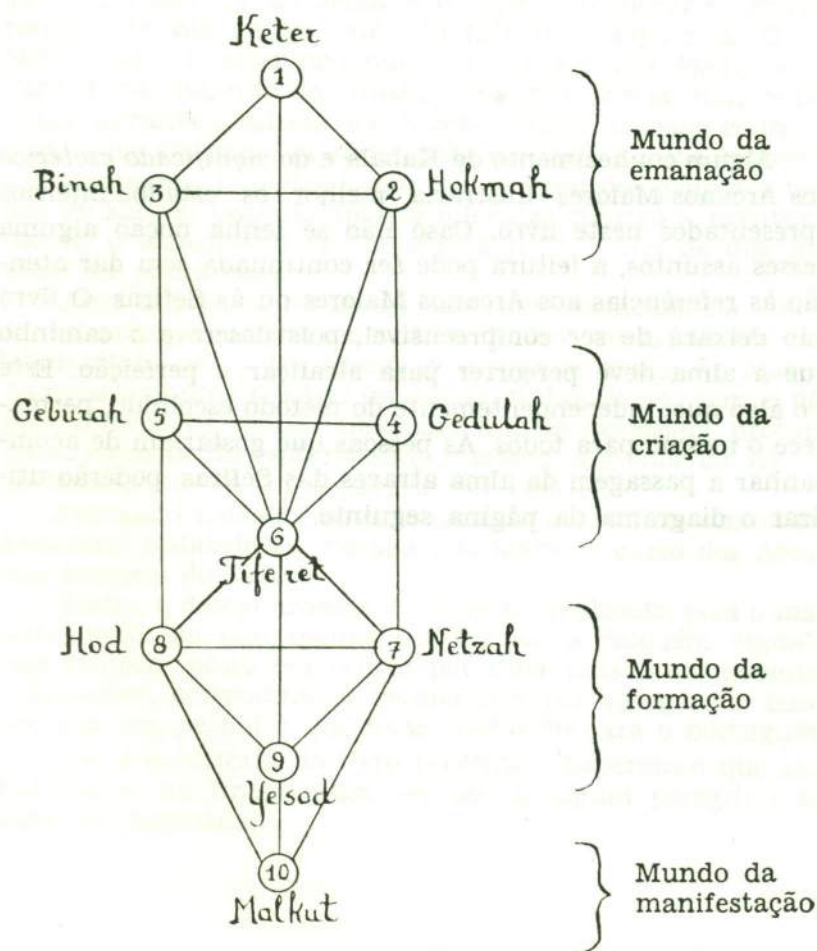
Assim, o desejo ardente de Nina foi realizado, pois o material salvo foi não apenas transmitido a "alguém digno", mas também posto em ordem por uma pessoa competente e, inclusive, pertencente à mesma corrente egregórica. Isso, por sua vez, permitiu que fosse traduzido para o português.

Tal é a história do livro presente. Esperamos que sua publicação no Brasil possa ser útil a algum peregrino do Caminho Espiritual.

Tradução e adaptação:
Marta Pécher

Algum conhecimento da Kabala e do *significado esotérico* dos Arcanos Maiores ilustraria melhor os estados internos apresentados neste livro. Caso não se tenha noção alguma desses assuntos, a leitura pode ser continuada sem dar atenção às referências aos Arcanos Maiores ou às Sefiras. O livro não deixará de ser compreensível, pois descreve o caminho que a alma deve percorrer para alcançar a perfeição. Este é o alvo que, independentemente do método escolhido, permanece o mesmo para todos. As pessoas que gostariam de acompanhar a passagem da alma através das Sefiras poderão utilizar o diagrama da página seguinte.

ÁRVORE SEFIRÓTICA OU ÁRVORE DA VIDA



SISTEMA DOS ARCANOS

Segundo a Tradição, quando os sacerdotes egípcios, herdeiros da Sabedoria Atlântida, eram ainda guardiões dos Mistérios Sagrados, o Grande Hierofante, prevendo uma época de decaimento espiritual da humanidade e a perseguição ao ensinamento sagrado, convocou ao templo todos os sábios sacerdotes do Egito para que, juntos, pudessem achar um meio de preservar da destruição os ensinamentos iniciáticos, permitindo, assim, seu uso às gerações de um futuro distante.

Muitas sugestões foram apresentadas, mas o mais sábio entre os presentes disse que, devido ao declínio moral da humanidade, o vício ia prevalecer por toda parte e sugeriu então que as Verdades Eternas fossem conservadas e perpetuadas através do vício, até a época em que, novamente poderiam ser ensinadas.

Assim foi feito e o grandioso sistema simbólico da Sabedoria Esotérica — o Tarô — foi dado à humanidade sob a forma de um baralho de 78 cartas, que, desde milhares de anos servem para satisfazer a curiosidade humana a respeito do seu futuro ou para distrair-se e matar o tempo, jogando.

Nessas 78 cartas — 22 “Arcanos Maiores” e 56 “Arcanos Menores” — os sábios egípcios encerraram toda a sabedoria que tinham herdado, todos os conhecimentos que possuíam, toda a Verdade que lhes era acessível a respeito de Deus, do Universo e do Homem. A estrutura fixa do sistema impediu qualquer deturpação e o Tarô, ainda hoje em dia permanece uma fonte de sabedoria para quem possui olhos para ver e ouvidos para escutar sua linguagem silenciosa.

De acordo com a Tradição, somente após ter estudado e compreendido os 22 Arcanos Maiores e suas lâminas, podia o discípulo passar ao estudo dos Arcanos Menores, por serem mais profundos e abstratos e que, devido a sua natureza metafísica, não podiam ser representados por imagens e alegorias, como os Arcanos Maiores. Sua compreensão era condicionada pelo nível evolutivo do discípulo.

Sobre os Arcanos Maiores existe no mundo uma ampla literatura. São também representados em numerosas obras de arte dos séculos passados. Vários pensadores, filósofos e ocultistas, tais como Eteila, Stanislas de Guaita, Elifas Levi, Papus, Oswaldo Wirt e outros, estudaram-nos e escreveram a respeito. É interessante constatar que alguns autores escre-

veram sobre os Arcanos Maiores sem nunca mencioná-los, de modo que o livro inteiro pode ser lido sem que o leitor suspeite que se trata de Arcanos. Tais obras são, por exemplo: "Dogme et Rituel de la Haute Magie" de Elifas Levi; "Tableau Naturel des Rappports" de Claude de Saint Martin (le Phil. Inc.) e outras ainda. O motivo dos autores terem agido assim, foi provavelmente o de guardar secreta a fonte esotérica.

No que se refere aos Arcanos Menores, fora dos manuais de taromancia, não nos consta que exista literatura alguma sobre este grandioso esquema do caminho iniciático, desde os primeiros passos do discipulado até as mais altas realizações humanas e a Reintegração final. Na língua russa, encontramos apenas uma curta explicação sobre os Arcanos Menores, no "Curso de Enciclopédia do Ocultismo" de G.O.M.

Até agora, os Arcanos Menores eram estudados somente nos círculos fechados das escolas iniciáticas. Isto, para evitar talvez que esse conhecimento caísse nas mãos de quem procurava não o verdadeiro "Caminho", mas sim "os caminhos" para o engrandecimento pessoal. Na época atual, todavia, a Luz Espiritual não mais deve ser escondida. O despertar das almas é necessário. Quem ainda não amadureceu para certas verdades, passará sem percebê-las. Por outro lado, saber descobrir por si mesmo os pontos perigosos que tal conhecimento encerra, necessitaria um profundo estudo do esoterismo o que, já por si mesmo resultaria numa sublimação interna. Na Idade Média houve vários alquimistas que iniciaram o trabalho querendo se enriquecer e acabaram sendo sábios e imunes às tentações terrestres.

As verdades, quanto mais profundas e elevadas, tanto menos podem ser explicadas a outrem ou compreendidas intelectualmente. É preciso a experiência própria, interna, para poder captá-las. O conhecimento esotérico nunca pode ser transmitido em sua totalidade, nem por via oral, nem por escrito. A meditação, a experiência interna, a intuição são indispensáveis. Então, aos poucos, ele se transforma em sabedoria. É impossível também explicar a Verdade em termos precisos; só as aproximações podem ser usadas. A Verdade, por sua natureza, é inexprimível e não pode ser limitada por forma alguma. Podemos até dizer que cada palavra, em um certo sentido, é uma mentira, pois o espírito da palavra não é transmissível. Somente os símbolos permitem livrar-se dessa limitação. Um símbolo não é apenas um meio de apreensão intelectual; é também um ponto de partida para a intuição. O símbolo, além de ser compreendido,

deve ser sentido. A meditação sobre o símbolo, sua imagem, seu sentido interno, conduz a algo bem mais profundo do que a compreensão intelectual.

O sistema dos Arcanos Menores é simbolizado por um baralho de 56 cartas, divididas em 4 naipes: Ouros, Espadas, Copas e Paus. Cada naipe possui 10 cartas numéricas de 1 a 10 e 4 figuras: o rei, a dama, o cavalheiro e o valete (no baralho moderno, os 4 cavalheiros foram suprimidos). Como podemos constatar, a estrutura dos Arcanos Menores obedece a dois sistemas numéricos: o quartenário e o decimal.

Os 4 naipes correspondem aos quatro principais estágios do desenvolvimento humano:

- Ouros — ao estágio de aquisições externas e internas da personalidade na vida terrestre;
- Espadas — à desvalorização dessas aquisições, à luta interna, à negação do mundo e da própria personalidade;
- Copas — à unificação com a Vontade Divina;
- Paus — ao poder e à realização.

Na lâmina do 1º Arcano Maior, esses quatro estágios são simbolizados por 4 “brinquedos do Mago”.

A lei quaternária, expressada na forma de 4 naipes, repete-se, dentro dos limites de cada naipe, pelas 4 figuras deste naipe.

Todo o sistema dos Arcanos — Maiores e Menores — está estreitamente ligado com a Kabala Mística do Judaísmo, o sistema sefirótico e o tetragrama sagrado ou nome divino Iod-He-Vau-He. Isso não é surpreendente, se levarmos em consideração que Moisés, o criador do sistema kabalístico, era um Iniciado dos templos egípcios.

Pode-se dizer que a Árvore Sefirótica, com sua divisão em 4 mundos, através dos quais passa tudo que existe, é um arranjo profundamente simbólico do sistema dos Arcanos.

Os 4 naipes e as 4 figuras dos Arcanos Menores correspondem a esses 4 mundos da Árvore Sefirótica. As cartas numéricas correspondem às 10 Sefiras.* Além disso, essas cartas estão ligadas aos 10 primeiros Arcanos Maiores e,

* O plural correto da Sefira ou Sephira é Sephiroth. Utilizamos uma forma simplificada, isto é, Sefiras.

através do seu número (ou da soma de algarismos deste número), com um Arcano Maior da segunda ou terceira década.

Se a divisão quaternária dos Arcanos Menores indica os estágios que cada alma em busca da Luz deve atravessar, a divisão decimal — nesse caso as 10 cartas numéricas — indica como deve ela atravessá-los.

Os 22 “canais” * da Árvore Sefirótica correspondem aos Arcanos Maiores e são as tantas chaves para a compreensão das Sefiras e, portanto, dos Arcanos Menores. Cada um desses canais — e vários canais podem conduzir à uma Sefira — acrescenta aspectos esotéricos ao significado básico da determinada Sefira, facilitando assim sua compreensão. O estudo da Kabala e dos Arcanos Maiores ajuda muito a compreensão dos Arcanos Menores.

Os 4 naipes, começando pelo mais elevado — o Paus — apresentam uma sucessão das etapas ativas e passivas que correspondem à sucessão dos princípios ativos e passivos do tetragrama.

A relação entre os elementos Iod-He-Vau-He, a divisão dos Arcanos Menores, os mundos sefiróticos e as realizações espirituais humanas, podem ser tabeladas do modo seguinte:

IHVH	NAIPES	FIGURAS	MUNDOS SEFIRÓTICOS	INICIAÇÕES CORRESPONDENTES
Iod	Paus	Rei	Mundo da Emanação	3ª e 4ª Iniciações
He	Copas	Dama	Mundo da Criação	
Vau	Espadas	Cavalheiro	Mundo da Formação	2ª Iniciação
Segundo He	Ouros	Valete	Mundo da Manifestação	1ª Iniciação

Vemos por este esquema que o progresso iniciático, desde Ouros até Paus, segue o sentido inverso das letras do Tetragrammaton, pois começa pelo segundo He e eleva-se gradualmente ao Iod. Isto é lógico pois não se trata da lei de Criação (descida), mas do caminho da Reintegração espiritual que é um processo de sublimação e passagem do denso ao sutil, até a volta da alma à sua Fonte Primordial.

* Ou ligações entre as Sefiras.

Os dois sentidos opostos da passagem através dos Arcanos são tradicionalmente chamados de “diabático” — o da descida — e de “anabático” — o da subida. O caminho diabático conduz do sutil ao denso; o anabático, do denso ao sutil. O primeiro é criativo, isto é, corresponde à manifestação dos princípios superiores nos níveis inferiores. O segundo é um processo de sublimação. O primeiro, no esquema dos Arcanos Menores, corresponde à Filosofia Hermética, ou seja, ao desvelar das Leis do Universo; o segundo — ao Hermetismo Ético, isto é, ao elevar-se na escala evolutiva por meio da sublimação da natureza inferior.

Ambos os processos são possíveis, tanto no sistema inteiro dos 4 naipes, quanto dentro dos limites de cada um. Segundo o caso e a individualidade humana, esta ou aquela direção é mais apropriada.

As figuras dos Arcanos Menores são, antes de tudo, símbolos dos 4 naipes. Cada uma das 4 figuras de cada naipe concentra em si as características de um dos 4 naipes, além de possuir as do naipe à qual pertence. Assim, os Reis correspondem ao naipe de Paus, as Damas ao naipe de Copas, os Cavalheiros ao de Espadas, e os Valetes, ao de Ouros. Sendo assim, o Rei de Paus, por exemplo, representará uma dupla influência de Paus e será freqüentemente chamado “Pau dos Paus”; a Dama de Copas: “Copa das Copas”, etc. Cada uma dessas cartas, junto com a totalidade das cartas numéricas do seu próprio naipe, representa a **pura essência do determinado naipe** (por exemplo, a Dama de Copas com 10 cartas numéricas de Copas ou o Cavalheiro de Espadas junto com 10 cartas numéricas de Espadas).

Fora dessas divisões básicas e das influências “puras” de um só naipe, existe, naturalmente, uma infinidade de influências compostas, que expressam a **individualidade humana única**, sua tonalidade específica, irrepetível. Essa “tonalidade única” pode ser conservada mesmo nos estágios muito elevados do caminho espiritual.

A experiência de cada naipe pode ser vivida sob uma ou mais influências adicionais de um outro, ou outros, naipes. Assim, a experiência, por exemplo, de Ouros, vivida sob a influência de Copas ou de Paus, caracterizará o modo mais espiritualmente elevado dessa experiência. A experiência de Espadas, vivida sob a influência de Ouros, definirá o modo menos místico de atravessar a etapa de Espadas. Todavia, entre atravessar Espadas sob influência adicional de Ouros e atravessar Ouros sob influência de Espadas, haverá uma diferença muito grande.

Cada naipes possui, poder-se-ia dizer, uma idéia dominante. Essas idéias são:

- para Ouros: estabelecer pontos de apoio nos planos inferiores para alcançar um “ponto de suspensão”, isto é, um contato com os planos superiores;
- para Espadas: libertar-se das ilusões dos mundos inferiores e chegar a um novo nascimento espiritual;
- para Copas: elevar o inferior, transmitindo-lhe, por meio do sacrifício, aquilo que foi recebido do Alto;
- para Paus: concientizar-se da sua missão no esquema do Plano Divino para a Terra e trabalhar nesse sentido, em contato com seu Eu superior.

As figuras de um naipes, dentro dos limites deste naipes, representam os quatro níveis iniciáticos, nos quais pode se desenrolar a experiência de determinado naipes.

Desse modo, os Arcanos Menores apresentam 64 estágios internos, básicos, do caminho espiritual do discípulo, isto é, as experiências dos 4 naipes em seus 4 aspectos e 4 níveis iniciáticos, o que corresponde à fórmula $4 \times 4 \times 4 = 64$ que, pela soma dos algarismos, conduz à unicidade final.

O estudo dos Arcanos Menores pode ser feito nos níveis e sob aspectos completamente diferentes, tais como: Taromancia comum, Astrologia, Alquimia, Hermetismo Ético, Filosofia Hermética, Esoterismo Cristão, Mística pura, Magia, Kabala, etc.

Fazemos notar que para alguns desses aspectos, como por exemplo o Hermetismo Ético ou caminho da evolução espiritual, os Arcanos Menores fornecem muito mais possibilidades de um estudo claro e detalhado, sobretudo em seus estágios mais elevados, do que os Arcanos Maiores. Estes, embora abarquem todas as manifestações evolutivas e involutivas da vida, tratam principalmente do caminho de Ouros e da iniciação mágica (especialmente os 10 primeiros e 4 últimos Arcanos).

De tudo que acaba de ser dito, pode-se deduzir que o conteúdo dos Arcanos não pode ser esgotado por uma apresentação escrita ou oral, por melhor que ela seja. Podem ser apenas delineados os campos que pertencem a esses Arcanos e que são ricos em idéias, em verdades esotéricas ou científicas, em conhecimentos ocultos e reações individuais.

Os Arcanos, tampouco, podem ser ensinados. Apenas pode ser apontado o caminho que conduz à sua compreensão. Cada meditação profunda sobre um Arcano permite entrever sempre novas facetas da Verdade.

No sistema dos Arcanos, mesmo os menores detalhes são simbólicos; os signos dos naipes, o número e o modo de agrupá-los, a figura que formam, tudo tem uma significação esotérica e todos estes pormenores são chaves para algum conhecimento.

O progresso de cada nova etapa está, naturalmente, condicionado pelo nível da realização interna da etapa precedente. Uma experiência (ou ciclo de experiências) não esgotada, será recomeçada novamente, em geral num nível superior e guardando a mesma tonalidade individual.

Um ser humano, aprofundando-se sempre mais na experiência de um naipe, pode chegar, através desse naipe, aos mais elevados estados místicos.

O nosso curso apresenta o que poderia ser chamado "um quadro geral" da passagem através dos naipes e seus graus, pois nele não serão levados em consideração as características particulares dos discípulos, nem os métodos apropriados para dirigí-los individualmente. Se o discípulo tem o privilégio de contar com um instrutor, este saberá guiá-lo individualmente. Na falta do instrutor, uma literatura séria poderia ajudá-lo em seu trabalho. Esta é a finalidade do curso presente.

Em relação ao caminho inteiro dos 4 naipes, seguiremos a direção anabática, isto é, começaremos pelo Ouros, elevando-se ao Paus, pois nesse método certos processos internos apresentam-se de um modo mais compreensível. Apresentaremos o caminho de cada naipe em seu nível mais elevado, ou seja, o de Paus e em seu próprio aspecto, isto é, "Espadas das Espadas". "Copas das Copas", etc., limitando-nos às manifestações mais gerais. Ampliamos somente o estágio de Ouros, de modo que os graus superiores de Ouros, entram já na experiência dos naipes mais elevados. Alguém, realizando a etapa de Ouros em sua extensão e profundidade total, chegaria aos mais altos estados evolutivos, até à própria Missão do Hierofante de Paus.

Na nossa apresentação dos Arcanos, usaremos o método dedutivo, ou seja, começaremos pela idéia central do Arcano, procurando desenvolvê-la e ilustrá-la.

Antes de passar ao estudo detalhado de cada um dos 10 graus iniciáticos do naipe de Ouros, faremos um breve esboço de cada um dos naipes.

OUROS. O estágio de Ouros corresponde à transformação da matéria comum da personalidade humana em uma substância mais sutil e aperfeiçoada. Essa transformação se chama processo iniciático e seu progresso depende de dois fatores: o esforço pessoal do discípulo e a penetração nele da Luz Espiritual. O esforço será sempre necessário; quanto à Luz, esta poderá penetrar melhor no discípulo à medida que seu nível espiritual se eleve e, quanto mais se elevar o nível espiritual do discípulo, tanto maior será sua sede da Luz, até que ele dedique todas as suas forças à busca dessa Luz.

O Ouros, além do símbolo gráfico tradicional (fig. 1), possui também um símbolo esotérico: dois copos adjacentes atravessados horizontalmente por um pau e, verticalmente, por uma espada (fig. 2). Este símbolo significa que Ouros contém em si, potencialmente, os três outros naipes e que as mais altas realizações humanas podem ser alcançadas através do plano físico.



Fig. 1



Fig. 2

O estágio evolutivo de Ouros, isto é, o do segundo He, o elemento mais denso do nome Iod-He-Vau-He, corresponde ao nível de um homem cujos pés estão bem fincados no plano físico, que possui ideais, convicções e opiniões bem fundamentadas, que dá valor ao seu "eu" pessoal e a tudo que o mesmo alcança ou adquire.

Ao nível de Ouros pertencem diversos tipos de realização no plano astral. Pertence também a alquimia que é uma analogia do Hermetismo Ético, isto é, da transmutação da personalidade.

A mais típica expressão de um iniciado de Ouros é um mago branco que desenvolveu todos os dons internos e externos da sua personalidade e possui pleno domínio tanto sobre si mesmo, como sobre o plano astral.

No estágio de Ouros, o progresso do discípulo é geralmente dirigido por um mestre, seja encarnado, seja desencarnado. Nesse estágio existem muitos tipos e graus de iniciação. Geralmente são rituais de diversas Ordens e Fraternidades ou, então, de ramos maçônicos. Na maioria, são cerimônias puramente externas, sem correlação alguma com o estado interno do iniciando.

Na realidade, no estágio de Ouros há 4 graus básicos de Iniciação que, na ordem de subida, correspondem respecti-

vamente aos níveis do Valete, do Cavalheiro, da Dama e do Rei.

A iniciação do grau Valete abrange somente o plano físico e, geralmente, resulta de um contato que o iniciando estabeleceu com alguma egrégora espiritual, ou, então, de sua decisão de se dedicar a um trabalho, seja para sua própria evolução espiritual, seja para a evolução do ambiente no qual se encontra. Este é o primeiro passo no caminho iniciático.

A iniciação do grau seguinte, o do Cavalheiro, corresponde à iniciação mágica, astral, ligada ao mistério Shin (ver 21.º Arcano Maior) e concede ao iniciado o domínio sobre determinadas entidades e manifestações astrais. Essa iniciação inclui a abertura de certos centros psíquicos, sem o que tal domínio não seria possível.

As iniciações do terceiro e quarto graus — a da Dama e a do Rei de Ouros são, na sua essência, uma só iniciação possuindo dois aspectos diferentes, dependendo do predomínio, no iniciando, do elemento masculino ou feminino, ou seja, do seu sexo. Isto acarreta uma certa diferença na iniciação. Uma das realizações importantes do estágio de Ouros é, como veremos mais adiante, a aproximação do estado andrógino, tanto no sentido de desenvolver em si os princípios das duas polaridades como, mais tarde, aproximar-se da realização do androginato externo, espiritual.

As iniciações do terceiro e quarto graus são iniciações Herméticas. Correspondem ao plano mental e concedem aos iniciados um determinado poder sobre seus pensamentos e um maior discernimento espiritual.

No entanto, simultaneamente com todas as realizações e sucessos internos e externos, o mundo vai perdendo seu valor para um discípulo e iniciado de Ouros. Ele descobre que tudo que realizou com tanto esforço, não passa de ilusão. Então, internamente nu, como uma criança recém-nascida, começa a procurar o REAL.

Isto é a passagem para o naipe seguinte: o de Espadas.

ESPADAS. Existem vários símbolos deste naipe. O tradicional apresenta a união dos dois símbolos dos naipes superiores: o de Copas e o de Paus que, juntos, formam a figura do Lingam (fig. 3). O símbolo esotérico é uma espada, cuja ponta está dirigida para cima (fig. 4). Seu cabo, em forma



Fig. 3

da cruz de braços iguais, isto é, a cruz dos 4 elementos, indica a composição elementar do ser humano. Um canaleta percorre a lâmina da espada desde o cabo até a ponta, simbolizando a união direta com o mundo do Logos.



Fig. 4

No estágio de Espadas, o peregrino espiritual não mais tem mestre, nem mesmo ninguém que pudesse lhe indicar o caminho. É para ele um período de solidão completa. O crescimento interno não mais é incentivado por cerimônias ou rituais.

Este estágio consta também de 4 graus, mas estes são puramente esotéricos e perceptíveis somente aos observadores dos planos superiores. O próprio discípulo nada sabe do seu progresso.

A etapa de Espadas pode ser atravessada de dois modos:

- a) pelo caminho da fé, positivo, aspirando e procurando servir o Logos em Seu trabalho redentor e
- b) pelo caminho negativo, chamado às vezes de "caminho dos fortes", caminho da rebelião contra o Logos e o estado do mundo.

Neste, o ser humano atravessa toda a Árvore Sefirótica, ou seja, os 10 graus do naipe, lutando e isolando-se dos aspectos criadores de cada Sefira. Rebelar-se contra o mundo externo (Malkut), rejeita a forma (Yesod), nega o valor do poder e da paz (Netzah e Hod), nega a possibilidade de harmonia (Tiferet), nega a misericórdia e a justiça (Gedulah e Geburah), a razão e sabedoria (Binah e Hokmah), chegando até a negar a vida (Keter).

Estes sofrimentos e o vazio interno a que conduziram, chegando ao auge, despertam no peregrino uma imensa sede e necessidade de saciá-la com algo perfeito e totalmente puro. É a passagem para o naipe de Copas.

No que se refere aos dois estágios seguintes — de Copas e de Paus — muito pouco pode ser dito, pois quanto mais se eleva o nível interno, tanto menos pode ser expressado por palavras.

COPAS. O estágio de Copas corresponde ao primeiro He da palavra IHVH, o He passivo e receptivo. O símbolo tradicional e esotérico de Copas é um cálice (fig. 5), sempre cheio da Luz Divina. Vazio, ele não pode ser.



Fig. 5

A afirmação da personalidade (Ouros) e da Individualidade (Espadas) aqui, não existe mais. Os sofrimentos se desvaneceram, queimados no seu próprio fogo.

O lugar da autoconsciência foi tomado pela consciência do Divino. A experiência do Eterno está sendo vivida. A existência assemelha-se às ondas do oceano, sendo, contudo, intensamente real. O espírito une-se ao Logos. Não é mais o homem que vive; vive o Cristo dentro do homem.

PAUS. O quarto e último estágio corresponde ao Iod da palavra IHVH. É o princípio ativo. Todavia, Paus é inimaginável sem Copas e Copas inseparável de Paus. Aqui não existe apenas passividade ou apenas atividade, pois um dos estágios é passivo-ativo e o outro ativo-passivo. Em Paus, como em Copas, não há e não pode haver graduações externas. Tudo é interno.

O símbolo tradicional de Paus é um tronco de árvore com 4 galhos podados (fig. 6); é a manifestação da Lei Iod-He-Vau-He.

Paus representa a mais alta realização humana. Neste estágio, o homem, sempre receptivo às irradiações da Luz Divina, colabora conscientemente com o plano Divino sobre a Terra. Transmite a outros a Luz que agora possui em abundância e que, embora sempre repartida, nunca diminui.



Fig. 6

Os últimos graus de um naípe participam já da experiência do naípe seguinte. Assim, a última carta de Espadas já se integra a Copas. As duas últimas de Copas — a Paus. Em se tratando de Paus, as três últimas cartas representam os três diferentes portais que conduzem à Fonte da Luz.

O U R O S

O naípe de Ouros é o naípe da personalidade humana e seu alvo básico é a organização interna, a purificação e o desenvolvimento multilateral dessa personalidade, levando-a, ao mesmo tempo, à expansão da consciência, ao crescimento do poder realizador e à formação da individualidade.

As finalidades de um aluno de Ouros visam as realizações pessoais, tanto internas, como externas, incluindo o plano material. Nesse estágio, a vontade humana permanece **ainda pessoal**, embora já comece a tornar-se evolutiva.

O trabalho do aluno — como em todos os outros naipes — passa por 10 etapas, que correspondem aos campos de influência das 10 Sefiras. Essas etapas, todavia, não são fixas nem iguais para todos.

Se a lição de uma etapa não foi suficientemente aprendida, o discípulo terá que voltar a ela, talvez mesmo várias vezes, atravessando-a de um modo um pouco diferente a cada vez e, geralmente, dentro de um nível mais elevado. Ao mesmo tempo, as outras Sefiras continuarão a exercer sua influência adicional na vida e no trabalho do aluno.

Neste curso apresentaremos o esquema de um caminho básico, reto e ideal, em que as lições de cada etapa são aprendidas inteiramente, sem que haja necessidade de retornar a elas.

Apresentá-lo-emos, como já foi dito, no seu nível espiritualmente mais alto e na sua maior amplitude. Na vida real, isso quase não existe. Raramente o nível é tão elevado, a experiência tão ampla e o caminho sempre reto. As falhas e os desvios do caminho reto são inúmeros.

O desenvolvimento da constituição psico-física do ser humano e o aparecimento dos poderes ocultos, até então latentes, são em geral, conseqüências de um trabalho consciente nessa direção e de determinados exercícios que, na sua maioria, têm caráter puramente oculto, e que o discípulo de Ouros começou a praticar. Devido a isso, o naípe de Ouros é, às vezes, chamado de “naípe oculto”.

É importante sublinhar que esses exercícios visam sempre o desenvolvimento de forças pertencendo a **diversos subplanos do mundo astral**. Quanto ao princípio espiritual, este não pode ser desenvolvido por exercícios, mas os mesmos, junto com uma disciplina auto-imposta, isto é, imposta pela vontade evolutiva, resultam em uma utilização geral que pode facilitar a manifestação do espírito. Nos naipes mais elevados não haverá nenhum exercício. O processo será totalmente interno.

No fim do livro acrescentamos diversos exercícios, como suplemento prático para cada grau de Ouros. Fazemos lembrar todavia que, no caminho do Hermetismo Ético, o essencial é a busca sincera da Luz Espiritual e não de algumas vantagens alcançadas pelos exercícios.

O caminho de Ouros pode também ser percorrido de modo diferente, como por exemplo, seguindo uma das religiões estabelecidas, seus métodos disciplinários e seus rituais. A pessoa liga-se, então, a essa determinada egrégora, que desempenhará na sua vida um papel importante.

No caminho do ocultismo, a escolha da egrégora — caso ela exista — do mestre espiritual e do método de trabalho pertence ao aluno.

Os caminhos ortodoxos limitam-se geralmente à disciplina moral; o ocultismo, além disso, visa o desenvolvimento de poderes psíquicos latentes. Contudo, a diferença principal entre os dois caminhos é que o ortodoxo está baseado na fé, e o do ocultismo — no conhecimento. No primeiro, procura-se o desenvolvimento do sentimento, no segundo — o da razão. Consequentemente, quando, no primeiro, a pessoa está pronta para passar ao estágio de Espadas, na maioria dos casos, se encaminhará para o aspecto positivo desse naipe; no segundo — para seu aspecto negativo ou filosófico.

No estágio de Ouros, durante os sete primeiros graus, a personalidade se aperfeiçoa e sutiliza gradativamente. A realização do oitavo grau permite ao discípulo a identificação da sua individualidade. O nono grau representa a iniciação esotérica desse naipe, isto é, a síntese criativa de tudo que foi alcançado no caminho de Ouros. O décimo grau corresponde à manifestação dessa síntese no mundo do “não-Eu”.

Os sete primeiros Arcanos (ou graus) encontram-se sob a influência das sete Causas Secundárias; os três últimos — sob a das três Causas Primordiais.

O estágio de Ouros abarca tudo que pertence ao ocultismo e que, suficientemente realizado, transforma um homem comum num perfeito mago branco. Essa transformação da personalidade encontra sua analogia na transmutação alquímica e cada estágio alquímico está correlatado a uma carta numérica de Ouros. A alquimia, na qualidade de ciência oculta, corresponde, no plano físico, ao processo iniciático da alma. Os graus básicos da transmutação são os mesmos. A diferença essencial é que, no caso da alquimia, o “impulso do Alto” que transmuta os elementos materiais em “pedra filosofal” provém do próprio alquimista-iniciado.

ÁS DE OUROS

Correspondências: SEFIRA KETER e os

Arcanos Maiores: 1º, 10º e 19º



O “1” expressa sempre a idéia de alguma totalidade.

Visto sob o aspecto esotérico, o “1” contém em si o ponto de partida para o processo criador (ou o princípio da dedução) e o ponto de retorno à unicidade (ou princípio da indução).

Tudo que existe, em todos os planos, é um reflexo do UNO; tudo emana da Unicidade, e a ela retorna.

Estes dois movimentos — o da emanção e o do retorno — constituem a base do ensinamento esotérico sobre o desenvolvimento cíclico de tudo que evolui. Essa evolução se faz por meio da divisão múltipla da unicidade primitiva, do retorno sucessivo a uma unicidade mais perfeita e de uma nova divisão e multiplicação da mesma.

O primeiro Arcano de Ouros inicia, não apenas seu próprio naipe, mas também o sistema inteiro dos Arcanos Menores e, potencialmente, o contém em si. Ele é o Arcano mais abstrato de todos e representa a IDÉIA que permeia as aquisições de Ouros, a luta e os sofrimentos das Espadas, a bemaventurança de Copas e a realização de Paus.

O Ás de Ouros é também uma analogia do 1º Arcano Maior e, no caminho iniciático, corresponde à conscientização, pelo aluno, de que, além de todas as manifestações físicas e psico-anímicas, existe nele algo que é capaz de regê-las e de avaliá-las do ponto de vista ético, de ser “a voz da consciência”. Este algo é a “Divina Essência” (o título do 1º Arcano Maior) que une todos os elementos que o compõem, fazendo dele uma totalidade e que se expressa pela primeira fórmula iniciática do caminho: “EU SOU”.

Devido a tudo isso, o tema desse Arcano é tão vasto que num estudo geral como este, temos que limitar-nos ao principal e, especialmente, à idéia de unicidade. A aspiração à unicidade acompanha o caminho inteiro do Hermetismo Ético. É a razão porque no estudo do Ás de Ouros incluímos um esboço desse caminho, sob sua forma mais intensa, isto é, a subida direta pela coluna central da Árvore Sefirótica, com seus quatro estágios que constituem a base de todo processo iniciático.

Começamos pelo trabalho que espera o aluno que acaba de contatar o caminho iniciático.

Estar plenamente consciente de que tudo que existe, em todos os planos, é um reflexo do UNO, é indispensável para entrar nesse caminho; todavia, as convicções teóricas, por mais elevadas que sejam, não são suficientes. O candidato à Iniciação deve ser ativo, e sua atividade deve começar por si mesmo. Deve realizar sua própria unicidade em todos os planos.

Como deverá o aluno preparar-se para isso?

No mental, o aspirante precisa determinar para si um alvo que poderá realizar num futuro não muito distante, e permanecer firme em sua decisão e seu esforço. No astral, deve utilizar todas as suas emoções como ajuda para alcançar o alvo escolhido, e no plano físico coordenar o todo, para que sua decisão mental possa ser realizada.

Em cada uma das suas ações, o aluno deve permanecer **plenamente consciente** do que está fazendo, do que quer, e para onde se dirige.

Um dos maiores obstáculos no caminho iniciático é o estado de semiconsciência dos alunos, durante a maioria de suas atividades. Isso refere-se especialmente às ações diárias, costumeiras, que são executadas sem reflexão, quase que automaticamente. É por causa dessa semi-sonolência que algumas escolas ocultistas (as de Gourdjieff e de Uspinski, por exemplo) exigem de seus alunos que façam exercícios com o fim de desenvolver um estado de consciência contínuo, mesmo nos atos mais insignificantes, nas reações ao ambiente e até nos gestos. Assim, o aluno se acostuma a estar sempre "desperto" e responsável por si mesmo, pelas suas reações, palavras e atitudes.

Uma das recomendações feitas aos alunos que iniciam o estágio de Ouros e que à primeira vista pode parecer um tanto esquisita, é a de não se deixar afastar do caminho escolhido, nem mesmo para praticar boas obras. Além das tentações involutivas, existem também as evolutivas, e o aluno principiante não deve deixar-se levar por elas. Não queremos dizer com isto que as boas obras lhe são proibidas ou que deve tornar-se egoísta, mas que precisa afastar tudo que não colabore com a finalidade por ele determinada. Nunca deve depender do acaso, da influência alheia ou da falta de autocontrole. Todavia, e em quaisquer circunstâncias, o primeiro dever dele é cumprir suas obrigações.

Evidentemente, tomando o caminho iniciático, ele conscientemente rejeitou os prazeres egoístas e escolheu o altruísmo, mas este altruísmo deve ser também consciente e sem-

pre em acordo com sua vontade, e não regido por emoções. Deve ser **orientado** e não disperso pelas circunstâncias.

Passemos agora à pergunta: como realizar a unicidade em si mesmo?

A resposta nos é dada pela lâmina de um dos Arcanos Maiores correspondentes, ao 10º. É preciso elevar-se acima das águas turvas do caos mundial, subindo o eixo do Caduceu, eixo que sustenta a plataforma da esfinge. Este Caduceu não é outra coisa que uma "estilização" da Árvore Sefirótica.

A Tradição ensina que, para alcançar a Unicidade final, o ser humano deve "subir o eixo", isto é, elevar-se pela coluna central da Árvore Sefirótica.

O caminho de Ouros, iniciando-se pelo sentir a Unicidade (Sefira Keter) e conduzindo à completa iniciação mágica, corresponde, dentro dos limites desse naípe, a uma descida através de todas as Sefiras, desenvolvendo gradativamente a autoconsciência e o poder realizador.

Todavia, o fato de se sentir parte de um TODO, este primeiro vislumbre da consciência da UNICIDADE, não se limita nem ao 1º Arcano, nem ao naípe de Ouros, mas, percorrendo todos os naipes, aprofunda-se sempre mais, até a Reintegração final, pois o alvo de todo caminho iniciático, em todos os seus graus e estágios, é a realização da união com o Divino. Assim, o caminho para a Unicidade, independentemente do sentido simbólico em que o discípulo atravessa um ou outro naípe, é sempre considerado como ASCENDENTE.

Na Árvore Sefirótica, a subida direta para a Unicidade é simbolizada por quatro Sefiras centrais — Malkut, Yesod, Tiferet e Keter — e os canais que as unem: o 22º, o 15º e o 3º. Essa subida comporta quatro estágios básicos:

- 1º. O domínio do Arcano 22º, ou seja, a vitória sobre o mundo material. Com outras palavras, o discípulo deve tornar-se **internamente** independente dos condicionamentos do mundo físico.
- 2º. Vitória sobre o Arcano 15º, isto é, sobre todas as tentações, tendências involutivas e turbilhões astrais, assim como a realização do domínio sobre as formas do mundo astral.
- 3º. Libertação das ilusões mentais, realização da harmonia interna e de uma cosmovisão harmoniosa, assim como a conscientização de que cada vida particular é uma parte da Vida Una.

- 4º. Realização do que está simbolizado, na lâmina do Arcano 10º, pela plataforma da esfinge. Atravessando-a, o ser humano passa ao Mundo Superior, entrando em comunhão com o Divino. É a última etapa no caminho à Unicidade.

Para poder percorrer esse caminho da União, o discípulo precisa refletir em si os quatro Aspectos de Deus, chamados também “Nomes Divinos” e correspondendo às quatro Sefiras da coluna central. Vejamos essa correspondência, no sentido da subida.

SEFIRA	NOME DIVINO	PRINCÍPIO SIMBOLIZADO
Malkut	Adonai	Carma, Misericórdia e Justiça
Yesod	Shaddai	Milagres, Magia da vida e da morte
Tiferet	Eloa	Beleza e Harmonia
Keter	Eie	Eu sou Eu

Para refletir o aspecto Adonai, o discípulo precisa “encarnar em si” seu próprio carma, isto é, compreender e aceitar a plena responsabilidade do seu carma; poder-se-ia dizer, fusionar com ele, sabendo que nada acontece por acaso, que tudo está interrelacionado e tem sua razão de ser.

O segundo reflexo — o de Shaddai — é saber desaparecer-se e afastar de si tudo que é desnecessário e que, assim, impede o progresso espiritual. Desenvolver também em si a capacidade de sacrifício, excluindo dele, entretanto, todo e qualquer elemento de emoção. O discípulo deve sempre estar ciente porque e “em nome de que” ele faz o sacrifício, o que ele “compra” com este sacrifício. Então, segundo a expressão da antiga sabedoria, “aquilo que se beneficia do sacrifício encarna na pessoa que se sacrifica”. Na vida do discípulo, sua vontade e seu carma devem ficar estreitamente unidos; ele precisa estar preparado e pronto para aceitar seu carma em todos os seus aspectos, internos e externos, positivos e negativos, bons e maus. Precisa considerar suas “felicidades” como provas de misericórdia, seus sofrimentos como meios de redenção e as dificuldades — como oportunidades de exercitar sua força de vontade.

O terceiro reflexo — Eloa — a Beleza e Harmonia, é chamado “Personalidade do Cosmo” ou “Ishvara”, pelos Hindus. Corresponde à conscientização da existência permanente do seu Ser Superior, através de todas as encarnações.

Simultaneamente com essa conscientização, o discípulo deve conscientizar-se também da existência do Ser Superior

de cada um de seus semelhantes. Isso lhe permitirá identificar-se com outros, poder — digamos — “encarnar” neles, entendê-los e senti-los por dentro, mesmo em caso de grande diferença do nível evolutivo, do caráter, etc. Tal capacidade provém de uma fonte mais profunda do que a simples compreensão ou compaixão. Não é apenas a base das mesmas, mas muito mais ainda.

O quarto reflexo — Eie — é a plena consciência de ser “nascido do Espírito”. Isto revela a origem espiritual de tudo que existe, do fato que tudo é uma rede coordenada de causas e efeitos, possuindo uma finalidade superior. O mundo é o templo do Espírito. O mal provém do esquecimento dessa verdade. A compreensão e realização dela, na vida, possibilita transpassar a “plataforma da esfinge”. Evidentemente, para transpassá-la, um esforço de vontade será indispensável, pois essa “plataforma” separa-nos do “Reino do Céu” do qual é preciso se apoderar pela força.

No campo de arte, como exemplo simbólico de tal aspiração à subida direta pelo eixo central da Árvore Sefirótica, pode servir o estilo gótico das catedrais medievais, cuja arquitetura, até nos seus menores detalhes, dirige-se para cima. Lembremo-nos que os construtores dessas catedrais, que não nos deixaram seus nomes, mas sim suas idéias, eram Maçons-Livres.

Os dois outros Arcanos Maiores que correspondem ao Ás de Ouros, são o 10º e 19º. Tanto a soma dos algarismos de 10 como a de 19 dá 1, o que significa que ambos estão ligados à idéia de Unicidade.

Passemos ao Arcano Maior 19º, procurando encontrar nele indicações suplementares. Seu hieróglifo é um machado. Com este machado, simbolizando o domínio do Arcano 19º, o discípulo pode abrir uma brecha e passar através da plataforma da lâmina do 10º Arcano.

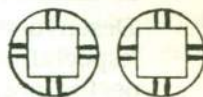
A esfinge, com relação ao Ouros, pode ser considerada como a própria essência da Iniciação ou “Isis”, e a plataforma que dela separa o discípulo, como os “véus de Isis”, ou seja, a totalidade das imperfeições que velam a Verdade aos olhos do discípulo.

A lâmina do Arcano 19º apresenta raios solares que, tocando a terra, transformam-se em ouro. É o símbolo do Hermetismo Ético, da Alquimia Espiritual.

Na alquimia, o Ás de Ouros corresponde à compreensão de que existe uma só Substância Primordial, a partir da qual toda transmutação é possível.

2 DE OUROS

Correspondências: SEFIRA HOKMAH e os Arcanos Maiores: 2º, 11º e 20º.



O 1º Arcano correspondia à conscientização da unicidade interna; o 2º — à conscientização e harmonização da bipolaridade interna.

Cada ser humano é bipolar, isto é, possui em si elementos "M", masculinos, ativos e elementos "F", femininos, passivos. Segundo o sexo, predominam geralmente uns ou outros.

Tanto os elementos "M" como os "F" possuem seus aspectos positivos e negativos. Procuraremos enumerar algumas dessas características.

ASPECTOS "M"		ASPECTOS "F"	
<i>Positivos</i>	<i>Negativos</i>	<i>Positivos</i>	<i>Negativos</i>
Coragem, firmeza, capacidade de decisão, sinceridade, magnanimidade, franqueza, visão ampla no trabalho criativo.	Grosseria, autoritarismo, fanatismo, sujeição aos desejos inferiores.	Feminilidade, suavidade, modestia, prudência, ternura, escrupulosidade.	Acanhamento, covardia, indecisão, falsidade, astúcia, dissimulação, sentimentalismo externo.

O trabalho do aluno no estágio de 2 de Ouros consiste em:

- 1º. Descobrir e conhecer as características "M" e "F" do seu ser psico-anímico, aprendendo a bem fazer distinção entre uns e outros.
- 2º. Procurar superar os aspectos negativos dos dois.
- 3º. Praticar sucessivamente os aspectos "M" e os aspectos "F", procurando desenvolver ao máximo seus lados positivos. A tradição recomenda que o aluno se exercite freqüentemente a praticar por um tempo determinado, **somente os aspectos de uma polaridade**, previamente escolhida. Para isso, deve analisar cuidadosamente todos os impulsos, sentimentos, assim como o modo de agir; deve anular tudo o que expressa a polaridade oposta. Praticando-o, o aluno terá a impressão de que não é mais a mesma pessoa. Todavia, não

deve esquecer que isso não passa de um exercício psico-anímico.

- 4º. Desenvolver em si as características positivas latentes, especialmente as do sexo oposto. Geralmente, os aspectos positivos de um dos pólos são o oposto dos aspectos negativos do outro pólo, por exemplo, a coragem e a covardia; a delicadeza e a grosseria.
- 5º. Sublimar os aspectos "M" e "F", isto é, elevar conscientemente o nível de suas manifestações. Assim, por exemplo, tratando-se do amor ao próximo, dar a este sentimento uma forma mais perfeita e completa, tanto sob o aspecto "M" como sob o "F". Tal sublimação ultrapassa o plano psico-anímico e repercute no espiritual.

Os elementos "M" e "F", na medida do possível, deveriam ser levados até o mesmo nível e polidos uns contra os outros. Permanecendo delimitados, deveriam ser harmonizados em sua oposição. Sublinhamos que os elementos "M" e "F" pertencem a um tipo de binários que não se excluem mutuamente mas, pelo contrário, podem concordar muito bem. A finalidade de todo esse treinamento é desenvolver ao máximo os dois polos do ser humano, para poder, mais tarde, realizar sua síntese harmoniosa. Conseguindo-o, o discípulo dá o primeiro passo para superar as limitações psicológicas ligadas à separação dos sexos.

Os conceitos condicionais "ativo" e "passivo", em relação aos elementos "M" e "F", não correspondem às características "atuante" e "inerte", mas definem dois diferentes modos de agir. Quando a força se manifesta aberta e externamente, é chamada de "ativa"; quando não se manifesta por fora, mas age internamente — de "passiva". A lâmina do 2º Arcano Maior, apresentando o princípio feminino, o confirma. A tiara cobre a cabeça de "Isis", e o véu cobre seu rosto. Em outras palavras, seu mental e centros superiores se acham ocultos. A mulher não revela as razões mentais de suas ações, nem seu alvo final.

Na terminologia oriental, o elemento "F" corresponde a "Shakti", o princípio oculto da Natureza que recebe, assimila e dá forma ao impulso criador, dado pelo elemento "M". A bipolaridade M-F é uma analogia, nos planos inferiores, da divisão primordial do Uno em dois aspectos. A única iniciação de Copas e de Paus simboliza a união desses dois Aspectos Primordiais. O peito de "Isis", isto é, os três centros psíquicos: o da garganta, o do coração e o do plexo

solar estão descobertos, indicando que na mulher a intuição e o coração são mais pronunciados. Essa característica feminina é de tal forma aceita que mesmo a opinião pública desculpa facilmente a mulher que se deixou levar e errou pelos sentimentos.

A parte inferior do corpo de "Isis" está escondida pela roupa. A mulher esconde a atividade de seus centros inferiores, mesmo quando estes desempenham um papel importante na vida dela. Tradicionalmente, a humanidade exige que a mulher seja pura e casta.

No princípio "M", pelo contrário, é acentuado tudo o que está apagado no "F". Manifestam-se impulsos criadores dos centros superiores e o esforço de realizá-los no plano físico. O elemento da razão e da lógica é mais pronunciado, como também o uso da força física, tanto construtiva quanto destrutiva, sem que haja necessidade de sublinhar a atividade dos centros inferiores.

Passemos a outro Arcano Maior correspondente — o 11º — que é o Arcano da força. Na lâmina, vemos uma moça que, sem nenhum esforço, abre a goela de um leão. É o poder da força "F", quando espiritualizada. Este poder é muito maior do que o de Sansão, que esmagava as mandíbulas do leão. Uma boa ilustração do poder dessas duas modalidades de força é o conto bem conhecido sobre o vento e o sol. O vento e o sol discutiam qual dos dois conseguiria tirar o casaco das costas do peregrino. O vento, embora empregasse toda sua fúria, não o conseguiu, mas o sol, esquentando, fez com que o peregrino o tirasse por vontade própria.

O 3º Arcano correspondente — o 20º — apresenta, na sua lâmina, um homem, uma mulher e uma criança, saindo de um túmulo e elevando-se para o alto. A sublimação dos princípios "M" e "F" é o primeiro passo para a realização do futuro androgínato espiritual.

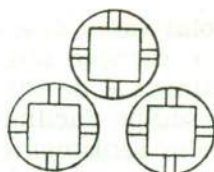
Dois de Ouros corresponde à Sefira da Sabedoria — Hokmah e ao Nome Divino IAH. Essa Sefira é a primeira expressão da bipolaridade.

Na alquimia, dois de Ouros corresponde a purificação e magnetização dos elementos ativos e passivos que serão utilizados no processo alquímico.

3 DE OUROS

Correspondências: SEFIRA BINAH e

os Arcanos Maiores: 3º, 12º e 21º



O número “3” pode ser considerado como o símbolo mais elementar da harmonia, pois a harmonia provém da união dos opostos e a trindade expressa o princípio de neutralização, isto é, unificação de dois elementos em um só.

A harmonia, por sua vez, é a condição “sine qua non” de todo processo criativo-evolutivo.

É por causa disso que todos os sistemas de ensinamento esotérico são baseados no princípio trinário, e que este princípio existe em cada religião que possui uma base esotérica. No sistema sefirótico ele é simbolizado por três triângulos da Árvore Sefirótica; na Filosofia Hermética ele se expressa pelo triângulo do Arquétipo “EMESH”, formado pelas três letras-mães (ver Arcanos Maiores); no Hermetismo Ético — pelo triângulo “AGLA”, representando os três tipos de almas.

No Arcano anterior, o discípulo já tinha separado, harmonizado e sublimado seus elementos internos “M” e “F”. A tarefa que o espera no 3º grau de Ouros é uni-los, criando o androginato dentro de si. Essa criação é simbolizada pelo triângulo ascendente, ou seja, neutralização dos opostos, o que permite alcançar um plano mais elevado. Visto dos planos superiores, o triângulo ascendente simboliza também a descida e a divisão da Força Primordial Criativa.

A análise dos elementos “M” e “F”, praticada no 2º grau de Ouros, não é mais necessária no 3º grau e causaria somente um atraso na formação do ser humano completo.

Procuremos nos Arcanos Maiores correspondentes as indicações sobre essa formação.

O 3º Arcano Maior é o do ternário, tanto ascendente como descendente. O discípulo deve realizar a neutralização ascendente, isto é, o estado em que as duas polaridades internas se unem harmoniosa e criativamente, resultando na passagem a um plano mais elevado.

A sabedoria esotérica afirma que nada se cria, que tudo nasce. Isto significa que surge um novo conteúdo interno, como consequência do trabalho consciente efetuado anteriormente.

Realizar o estado andrógino, interno, é ter capacidade para reger-se tanto pela razão, quanto pelos sentimentos; ter

visão ampla, mas também ser preciso em detalhes; ser exigente e determinado e, ao mesmo tempo, compreensivo e prudente, etc., tudo isso dependendo do caso particular.

Pouco a pouco este modo de ser, auto-imposto no começo, torna-se natural, devido ao fato que a natureza do discípulo já é andrógina.

Ser andrógino não quer dizer ser indiferente ou tíbio, ficando a meio caminho entre o "M" e o "F", mas ao contrário, adotar sempre uma posição claramente definida, seja "M", seja "F", segundo o caso.

O sexo físico influi naturalmente no trabalho, e este se inicia quase sempre sob um forte predomínio do "M" ou do "F".

A criação do andriginato interno é uma preparação para a futura realização da fusão das almas-gêmeas, isto é, das duas metades da mesma Mônada. A realização desta fusão exige, por parte de uma e de outra, determinados sacrifícios. Estes devem ser conscientes, voluntários e até encerrar um elemento de felicidade (ver Arcanos Maiores 3º e 12º). Qualquer nascimento está ligado ao sofrimento; é também o caso do nascimento do Ser Andrógino Superior.

Acontece, às vezes, que certos pormenores dos elementos "M" e "F" não se enquadram entre si de um modo harmonioso; é preciso então mudar aquilo que, em si, pode não ser negativo, mas que impede a síntese harmoniosa do "M" e do "F".

O 3 de Ouros corresponde também ao Arcano Maior 21º. A indicação principal desse Arcano, em relação ao 3º grau de Ouros, é a intrepidez. No mundo do "não-Eu" nada pode amedrontar ou fazer vacilar o peregrino que tomou o caminho iniciático. Nenhum impedimento ou oposição, vindo desse mundo, pode detê-lo. Sua vida deve ser regida unicamente pela determinação de alcançar a Reintegração final.

Existem casos raros de bipolaridade harmoniosa, inata, em seres humanos. É uma prova de que um trabalho evolutivo, consciente, já foi realizado nas encarnações anteriores. Todavia, o caso mais freqüente entre os seres humanos, é uma mistura desarmoniosa de ambas as polaridades, com predomínio das características determinadas pelo sexo físico. Há também, diversos tipos de deturpação das polaridades, como por exemplo:

- a) Androginato, com predomínio do "M" ou do "F", realizado pela união das características negativas. É uma neutralização dos opostos no sentido de descida;

- b) Polaridade determinada pelo sexo físico, com ausência quase total das características da polaridade oposta. Mesmo no caso do desenvolvimento das boas qualidades, a pessoa é unilateral e, em certo sentido, primitiva. Tais casos podem ser encontrados entre os animais domésticos;
- c) Polaridade desviada, com características unilaterais do sexo oposto. São casos bastante raros e freqüentemente ligados a anormalidades sexuais.

Acrescentaremos ainda que os binários que não são neutralizados nem na direção de cima (pelo trabalho consciente), nem para baixo (inconscientemente), e que, portanto, permanecem binários, manifestam-se pelos constantes conflitos internos entre os pares de opostos envolvidos, conduzindo à instabilidade nos planos correspondentes e a um esgotamento nervoso.

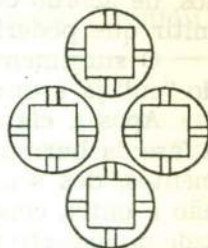
O 3º grau de Ouros, que corresponde à Sefira Binah, conclui o primeiro trinário que dá ao sistema um impulso básico.

O Arcano anterior, correspondente à Sefira da Sabedoria — Hokmah — permitiu que, através da sabedoria, se percebesse o Princípio Único, como sendo a Fonte de tudo que existe, e que se compreendesse a importância do caminho iniciático. A Sefira Binah é a Sefira da Razão. É através da razão que o discípulo pode adquirir o conhecimento do seu ser mental e psico-anímico, conhecimento que lhe será indispensável para poder harmonizá-lo e sublimá-lo. Sefira Hokmah é o princípio conhecedor, Sefira Binah — o campo cognoscível. A Sabedoria — Hokmah — aponta um alvo superior; a Razão — Binah — indica os meios para alcançá-lo, de acordo com as condições internas e externas.

Na alquimia, o estágio de 3 de Ouros corresponde à formação da mistura "Rebis". Os elementos ativos e passivos que entram na sua composição, já foram purificados e suas qualidades desenvolvidas ao máximo, nos graus precedentes. Neste grau forma-se a síntese "andrógina" e harmoniosa: "REBIS".

4 DE OUROS

Correspondências: SEFIRA HESED
ou GEDULAH e os
Arcanos Maiores 4º, 13º e 22º



A tarefa do 4º grau de Ouros consiste em realizar o quaternário — Iod-He-Vau-He — na vida interna (estática do quaternário) e na atividade externa (dinâmica do quaternário).

Sendo que os 4 elementos do quaternário são frequentemente simbolizados pelos assim chamados “animais herméticos”, o 4º Arcano de Ouros recebeu também o nome de Arcano dos animais herméticos.

No 2º grau de Ouros, o discípulo trabalhou sobre os aspectos “M” e “F”; no 4º grau terá que trabalhar sobre os quatro “animais”.

A relação entre os quatro planos básicos do Universo, refletidos na constituição do ser humano, e os quatro animais herméticos é a seguinte:

- | | | |
|---------------------|---|--|
| 1) Plano Mental | — | Águia |
| 2) Plano Astral | — | Homem ou Anjo |
| 3) Plano Físico | — | Touro |
| 4) Plano Espiritual | — | Leão, unindo os 4 em um todo e fazendo do ser humano uma individualidade consciente de si. |

O símbolo gráfico correspondente é a Cruz do Hierofante (ver figura 7 no Arcano seguinte), na qual a travessa vertical, que representa o espírito, une as 3 horizontais em um todo.

O primeiro trabalho do discípulo no estágio de 4 de Ouros é tornar-se consciente da existência desses planos ou “animais” dentro de si e delimitá-los nitidamente. Na prática, isso significa aprender a analisar e classificar todas as manifestações de sua vida interna. O discípulo constatará então que vários “eus” existem nele, cada um com suas exigências e desejos. Em seguida, constatará que, além desses “eus”, existe nele algum princípio superior que é capaz, não apenas de observar esses “eus”, mas também de regê-

los, de acordo com sua vontade consciente, ou então de admitir que poderia fazê-lo se não fosse fraco demais.

O surgimento, na vida humana, desse aspecto superior do “eu” já é uma prova da influência do plano espiritual.

Após a clara delimitação desses planos internos, segue a fase da harmonização dos três inferiores, isto é, dos pensamentos, dos sentimentos e das manifestações físicas, o que não é outra coisa senão a subordinação dos mesmos à vontade do aspecto superior do “eu”.

Essa harmonização pode ser realizada mais facilmente, desenvolvendo as características positivas dos quatro “animais herméticos”, em cada plano separadamente, isto é:

No Plano Mental:

- a) a amplitude mental e relacionamento correto (Águia);
- b) o poder da lógica (Homem)
- c) a capacidade da análise minuciosa (Touro)
- d) a síntese final, corretamente elaborada (Leão)

No Plano Astral:

- a) a coragem e a rapidez de decisão correta (Águia)
- b) a capacidade de reger seus desejos e emoções e submetê-los à razão e à vontade (Homem)
- c) a perseverança e a preservação do seu mundo interno da invasão alheia (Touro)
- d) a dignidade em suas convicções e a subordinação à Autoridade Superior (Leão).

No Plano Físico:

- a) a rapidez e leveza de movimentos (Águia)
- b) o controle dos desejos e apetites físicos (Homem)
- c) a paciência em enfrentar as dificuldades (Touro)
- d) o fortalecimento do organismo e manutenção da saúde (Leão).

O discípulo precisa descobrir qual dos animais herméticos predomina nele, quais os seus aspectos positivos e quais os negativos (os últimos podem tomar uma forma muito sutil). A seguir, precisa também dar-se conta do grau de influência de outros “animais”, fortalecer suas características positivas e superar as negativas, harmonizando-as todas.

Os aspectos positivos e negativos desses “animais” manifestam-se na composição elementar do discípulo do modo seguinte:

<i>Elementos</i>	<i>Aspectos Positivos</i>	<i>Aspectos Negativos</i>
TERRA	Capacidade de criar pontos de apoio no plano físico, facilitando realizações espirituais, e de utilizar possibilidades materiais para finalidades superiores.	Importância predominante dada ao aspecto material da vida.
ÁGUA	Capacidade de adaptar-se às formas aceitas do meio ambiente, conservando sua independência interna.	Instabilidade interna e variabilidade, segundo a influência do ambiente, isto é, dependência das formas existentes no meio ambiente.
AR	Aspiração a elevar-se espiritualmente, tida como razão e finalidade da vida.	Dispersão espiritual e tendência a sonhos ingênuos e fantasias.
FOGO	Ardência do fogo espiritual (mas não dos centros psíquicos, o que pode ter consequências positivas ou negativas).	Sujeição a todos os tipos de paixões e sentimentos.

É importante sublinhar que as características dos três planos inferiores (físico, astral e mental) podem ser melhoradas por exercícios especiais (ver anexo), enquanto que o estado dos elementos que compõem o ser humano é a consequência do nível espiritual já alcançado e, portanto, os exercícios não podem melhorá-lo; podem apenas desenvolver a força de vontade. A vontade evolutiva, por sua vez, influirá no nível ético da vida do discípulo, o que, com o tempo, causará determinadas mudanças no conteúdo elementar. A composição elementar do ser humano é simbolizada pela cruz de braços iguais ou "cruz dos quatro elementos".

Além do trabalho interno sobre os "4 animais herméticos" (aspecto estático do quaternário), o discípulo deve ser ativo (aspecto dinâmico do quaternário), isto é, planejar e executar um determinado trabalho externo, construtivo, em cada um dos planos.

Em qualquer trabalho, seja qual for seu caráter (filosófico, artístico, científico, etc.), existem 4 fases:

- 1ª. Idéia geral ou o alcance do vôo da Águia;
- 2ª. Planejamento dos pormenores e preparação do material necessário (fase do Touro);
- 3ª. Deduções e síntese, como resultado das duas primeiras fases (Homem);
- 4ª. Realização final da obra (Leão).

A maioria dos homens passa por estas fases sem delas tomar consciência, mas o aspirante à Iniciação deve ser consciente de cada fase do seu trabalho. A introdução na sua vida das 4 fases correspondendo aos “animais herméticos”, já prova um adiantamento no caminho iniciático.

Os Arcanos Maiores que correspondem ao 4 de Ouros são todos ligados à idéia de realização. A lâmina do 4º Arcano Maior fornece indicações sobre o modo como deveria ser feito o trabalho. O “Imperador” aplica sua força e sua vontade abertamente e baseando-se na razão (seu rosto é visível). É a “magia masculina”. A “magia feminina” (lâmina do 2º Arcano) oculta sua força e razão (o rosto está velado) e dirige-se pela intuição. O “Imperador” se apoia sobre um cubo, isto é, algo que já foi realizado. Assim, também, deve agir o discípulo de Ouros. A figura formada pelos braços e pernas do “Imperador” — o triângulo acima da cruz — indica o domínio dos princípios superiores sobre a cruz dos elementos, isto é, significa o poder de reger os “animais herméticos”, tanto dentro como fora de si. Os títulos do 4º Arcano Maior: “Autoritas” e “Adaptatio” apontam um aspecto importante: cada realização constitui um ou outro modo de aplicação, fora de si, das forças e possibilidades internas, através das 4 fases da lei dinâmica. Contudo, cada realização deve ser feita com o máximo de autoridade. O discípulo deve conhecer sua força interna, possuir a certeza de que tem o direito de agir e, como em cada atuação mágica, estar seguro dos resultados positivos da ação projetada.

O 13º Arcano Maior é o da “Morte e Renascimento”. Em relação ao 4 de Ouros, isso quer dizer que cada realização concluída causa uma mudança interna ou externa, seja no mundo do “Eu”, seja no do “não-Eu”; indica também que as dificuldades da fase anterior foram superadas, deixando lugar às novas possibilidades. Com outras palavras, significa a morte de uma forma velha e o nascimento de uma nova. O peregrino do caminho iniciático nunca pode ficar estacionário; deve continuamente transmutar suas energias (“transmutatio virum”). Na iniciação Rosa-Cruz, essa lei de renovação é expressada pela fórmula teurgo-mágica “I.N.R.I.”

(Igne Natura Renovatur Integra) o que significa: pelo fogo (espiritual) toda a natureza fica renovada, ou ainda, que o homem inferior torna-se superior.

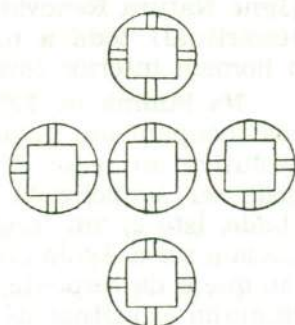
Na lâmina do 22º Arcano Maior, os “animais herméticos” ocupam um lugar importante. Notemos sua colocação evolutiva ao redor do círculo. Cada realização concluída pode ser simbolizada por um círculo inteiro, mas não fechado, isto é, um fragmento da espiral. Na lâmina, o Leão passa a ser a Águia do ciclo seguinte. O simbolismo é o mesmo que o da serpente, mordendo sua cauda, e indica que no caminho espiritual não se pode parar, mas é preciso passar de uma a outra vitória hermética. Este é o ensinamento básico do 22º Arcano Maior.

Na Árvore Sefirótica, o 4 de Ouros corresponde à Sefira Hesed ou Gedulah. Essa Sefira da Misericórdia, mas também da Finalidade organizada, confirma não somente que a energia deve servir para alcançar um alvo superior, mas que também os meios para alcançá-lo devem ser dignos desse alvo. Por outro lado, essa Sefira confirma que o trabalho do discípulo não deve ser efetuado como algo imposto ou desagradável, mas, pelo contrário, deve ser motivo de felicidade.

Na alquimia, o estágio que corresponde ao 4 de Ouros, é a conclusão da fase preparatória e a colocação do “Rebis” dentro do “ovo hermético” para ser submetido à ação do fogo.

5 DE OUROS

Correspondências: SEFIRA PE-
CHAD OU GEBURAH e
os Arcanos Maiores: 5º e 14º



O 4 de Ouros tratava dos quatro princípios presentes e ativos no ser humano.

O 5 de Ouros introduz um quinto e novo elemento, o central, a “quintessência”, ou ainda, o elemento SHIN ou LOGOS (ver 21º Arcano Maior).

Na cruz de braços iguais, o símbolo gráfico do quaternário, o Shin, corresponde ao ponto central que une os quatro braços. Acrescentando o Shin ao nome divino Iod-He-Vau-He, este transformar-se-á em Iod-He-Shin-Vau-He, ou seja, Jehoshua ou Jesus.

O nome Iod-He-Vau-He pode ser interpretado como “Vontade Divina”. A segunda palavra, tendo Shin (o Logos) como ponto central, indicará o meio de manifestação dessa Vontade. É o símbolo da INVOLUÇÃO ou DESCIDA À MATÉRIA do Verbo Divino, para atuar no plano físico.

Do mesmo modo pode ser interpretado o pentagrama em posição reta. Aí, o Shin será representado pela ponta superior.

Em geral, o pentagrama em posição reta, simboliza o ser humano. As quatro pontas inferiores correspondem à sua composição psicofísica e a ponta superior — ao Princípio Espiritual que faz com que essa composição se torne uma alma imortal.

Um dos aspectos do Princípio Espiritual é a Vontade Divina. No pentagrama, que simboliza o ser humano, a Vontade Divina é representada pela vontade humana, e esta pode ser considerada como sendo a projeção da Vontade Divina sobre a alma individual. A vontade pessoal humana difere da Divina enquanto não descobre sua Fonte Primordial e não se integra na Vontade Divina.

No estágio de 4 de Ouros, a vontade constituía um impulso para alcançar um alvo desejado. No 5 de Ouros sur-

gem vários tipos de vontade e vários modos em que ela se reflete na vida interna da PERSONALIDADE humana.

O discípulo, nesse estágio de desenvolvimento espiritual, deve, antes de tudo, compreender que a vontade, embora seja um reflexo da Vontade Divina, está, em geral, muito deturpada pela desarmonia e imperfeição dos invólucros do ser humano interno, que a Vontade Divina precisa atravessar antes de chegar à sua consciência.

O símbolo gráfico da Cruz do Hierofante ilustra nitidamente o assunto. Quando existe a harmonia nos três planos — mental, emocional e físico — simbolizados pelas linhas horizontais, o eixo vertical — a Vontade Divina — pode atravessá-los em linha reta (fig. 7). Mas, se os planos, em vez de linhas horizontais, apresentam linhas inclinadas ou tortas, a linha vertical, quando os atravessa, entorta também (fig. 8), isto é, a manifestação da Vontade Divina fica deturpada.

Se os pensamentos humanos são dirigidos para o mal, a força volitiva impulsionará o homem para as más ações; se o corpo emocional está sob a influência de paixões inferiores, a vontade o levará à decisões causadas por este estado involutivo; no caso do corpo físico estar dominado por um vício qualquer, a vontade será dirigida para satisfazê-lo.

O discípulo deve saber que, trabalhando para harmonizar seus invólucros ou corpos, ele não apenas realiza os primeiros passos no caminho da espiritualidade geral, mas também purifica sua vontade que, assim, estará sempre mais capacitada para expressar a Vontade Divina. Progressivamente, sua vontade deixará de se dirigir à satisfação dos desejos da personalidade e passará a servir seu "Eu" superior.

No entanto, seguir a Vontade Superior não significa abafar dentro de si a voz dos sentimentos ou das necessidades legítimas da personalidade. Isto caracteriza o ascetismo oriental e cristão que condena qualquer desejo ou vontade pessoal e recomenda a mortificação do corpo. O caminho de Ouros preconiza o desenvolvimento de todos os aspectos positivos do ser humano, regido pela VONTADE EVOLUTIVA.

Para obter um bom resultado, o aluno deve analisar cuidadosamente seu mundo interior, aprender a conhecer o caráter de seus desejos e, utilizando suas capacidades mentais, discernir não apenas os desejos evolutivos dos involutivos,

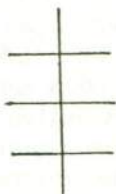


Fig. 7

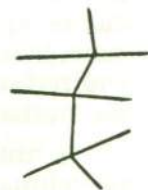


Fig. 8

mas também diferenciar os naturais e úteis dos inúteis e supérfluos que perturbam seu trabalho interno. O importante é que esses desejos não o controlem, e sim, que sejam controlados por ele e, em cada momento, se for necessário, possam ser superados. Especialmente perigosos são os desejos que se tornaram hábitos. O discípulo, aspirando à iniciação mágica, deve se livrar dos hábitos, seja qual for o caráter dos mesmos. Todavia, na vida interna do ser humano existem tendências que a vontade evolutiva deve levar em consideração e mesmo sustentar e dirigir. Trata-se das tendências criadoras, sejam elas científicas, filosóficas ou artísticas. Todas elas enriquecem a personalidade. Contudo, a vontade evolutiva não deve permitir que degenerem em manifestação desarmoniosa. Precisa sutilizá-las e empregá-las como meio de progresso espiritual.

Cada ser humano possui suas características inatas: o predomínio da razão, dos sentimentos, de tal ou qual elemento, etc. A vontade evolutiva deve levar em consideração esses dados, aproveitando suas particularidades, tanto para o desenvolvimento multilateral da personalidade, quanto para endireitar e harmonizar seus corpos ou planos — as travessas horizontais da Cruz do Hierofante.

A análise das condições da penetração da Vontade Divina no “clima” interno humano, revela uma dependência mútua: a Vontade Superior, penetrando no “clima” interno, o suttiliza e harmoniza mas, por outro lado, a elevação do nível desse “clima” permite uma melhor penetração da Vontade Divina. É normal que o discípulo, nesse grau de desenvolvimento, tenha dificuldades em ajustar sua vontade à Divina. Uma tarefa importante do estágio de Ouros consiste justamente em estabelecer um relacionamento harmonioso entre a Vontade Divina e a da personalidade humana.

O primeiro Arcano de Ouros falava da necessidade de estar consciente em todas as suas ações. No quinto Arcano, este mesmo estado permanente da consciência torna-se mais penetrante, pois o discípulo deve considerar e avaliar o aspecto ético de cada ação e impulso.

O Hermetismo Ético afirma que uma má ação consciente é, em certo sentido, melhor do que uma boa, inconsciente. Este paradoxo, aparentemente amoral, sublinha por si mesmo a enorme importância de estar consciente de tudo o que se faz, se diz ou se pensa, tornando-se assim, **RESPONSÁVEL** por tudo. É nesse estágio que o discípulo aprende, não apenas a fazer uma profunda análise de suas ações, palavras,

impulsos e reações internas, mas também a aceitar a responsabilidade dos mesmos. A vontade humana consciente, mesmo quando degradada ou puramente egoísta é, AINDA, uma manifestação da QUINTESSENCIA — a quinta-essência —, isto é, da consciência, que é um Princípio Divino.

O Hierofante da lâmina do 5º Arcano Maior simboliza o princípio de consciência e da Vontade Superior, presentes no ser humano. As duas figuras que estão diante dele, são os elementos positivos e negativos da sua própria personalidade. O Hierofante abençoa a primeira e ameaça a segunda. O título do Arcano — “*Scientia Beni et Mali*” — confirma a importância de ser sempre consciente da qualidade ética de tudo que provém da personalidade.

A Tradição chama o 5º Arcano Maior “O Arcano da Vida”, pois no campo da Filosofia Hermética, este Arcano corresponde a compreensão de que o “Sopro Divino” penetra em todos os planos da criação.

A percepção dessa onipresença cria no discípulo de Ouros uma nova compreensão de si mesmo e do mundo que o rodeia. Descobre que vive para facilitar que a Força Cósmica (*Magnetismus Universalis*) que move e religa tudo (*Religio Naturalis*) se manifeste com maior força nele também.

O discípulo deve se COMPENETRAR do fato, e não apenas compreendê-lo mentalmente, de que o Sopro Divino, como Princípio da Vida, é inseparável da Harmonia Universal e que, portanto, a força vital de cada organismo é proporcional à harmonia dos elementos que o compõem.

A ligação do 5º de Ouros com outro Arcano Maior — o 14º — é evidente. O 14º, é o Arcano da síntese harmoniosa da personalidade. O 5º de Ouros explica como essa síntese pode ser realizada sob a influência da vontade evolutiva do ser humano.

O Arcano 14º trata também da transformação da energia, ou seja, da passagem de um estado para outro. No campo do Hermetismo Ético, a transformação da energia se manifesta mediante a transmutação dos elementos humanos inferiores em superiores.

A energia oculta no ser humano é chamada de “Kundalini” no Oriente e de “Elixir da Vida” no Ocidente. No Egito antigo era simbolizada pelo Caduceu. H. P. Blavatsky diz na “Doutrina Secreta” que Kundalini é a força Shakti movendo-se em linha serpentina ao longo da coluna verte-

bral. É um princípio universal da vida, presente em toda a Natureza e que abrange em si as duas forças básicas: a da atração e a da repulsão. A eletricidade e o magnetismo são suas manifestações. Essa força provoca a contínua adaptação do conteúdo interno aos ambientes externos, o que, segundo Spencer, constitui a base da vida. Provoca também a adaptação do ambiente externo à energia interna, o que, segundo a definição dos Upanishad, constitui a base da transmigração do Espírito, ou seja, da reencarnação.

No ser humano, essa força permanece adormecida no plexo sacro; é inconscientemente despertada na excitação sexual e se torna ativa durante o ato sexual. Para poder submetê-la à sua vontade e conservá-la como força psíquica para o trabalho a ser realizado, é preciso uma castidade, pelo menos relativa, isto é, conservar a plena consciência e o controle durante a relação sexual e, retendo o fluxo, fazer com que a energia Kundalini suba e se acumule em vez de ser desperdiçada. Para o êxito, por exemplo, de qualquer atuação mágica, a abstenção sexual é absolutamente indispensável. Alguém que, sem fracassos, sabe controlar essa energia, pode realizar a utilização de seus corpos, ou seja, a transmutação dos elementos que os compõem, começando pelo corpo físico que se tornará menos denso.

Por sua vez, a harmonização e utilização dos corpos inferiores causam um despertar natural da Kundalini. A razão esotérica da castidade — base de todos os sistemas do aperfeiçoamento espiritual — tem como finalidade a acumulação e purificação dessa força.

Existem diversos métodos e diversas opiniões a respeito do modo de despertar a Kundalini. As religiões ortodoxas, em particular cristãs, condenam todo ato volitivo provocando seu despertar. Segundo a concepção religiosa, os poderes ocultos (que aparecem sob a influência da Kundalini) devem surgir automaticamente, em consequência da purificação geral, como dons do Espírito Santo.

Em certas escolas orientais é o Mestre que abre determinados centros do discípulo, quando o considera suficientemente preparado.

Em outras escolas, o despertar da Kundalini é deixado ao critério e responsabilidade do próprio discípulo e o resultado depende da sua preparação interna e vontade consciente.

Existem exercícios de yoga, especiais para acelerar o despertar da Kundalini.

Seria errado pensar que o conhecimento dessa força pertence exclusivamente ao Oriente. No Oriente, em particular na Índia, esse conhecimento ficou mais espalhado, devido às escolas yóguicas baseadas no sistema de Patanjali. No Ocidente, o estudo da força chamada no Oriente "Kundalini" era limitado às escolas iniciáticas. Este estudo fazia parte da sabedoria oculta do antigo Egito e, posteriormente, de determinados centros ocultistas — esotéricos da Europa. O símbolo dessa força é o Caduceu de Hermes. Este símbolo, que pode ser considerado como uma sintetização da Árvore Sefirótica, apresenta as principais características da força Kundalini: o eixo central — Sushumna; as duas serpentes — Ida e Píngala; os quatro pontos de intersecção na coluna central — os quatro chacras que correspondem aos quatro planos, isto é, o físico (ponto inferior), o astral (o primeiro cruzamento das serpentes), o mental (o segundo cruzamento das serpentes) e o espiritual (a pequena esfera). As asas simbolizam a elevação geral, como consequência da subida da força.

É claro que os poderes ocultos, como por exemplo a telepatia, a clarividência, etc., aumentam as possibilidades de realização e enriquecem a personalidade de um aspirante à iniciação mágica. No entanto, iniciando seu trabalho nesse sentido, o discípulo deve saber que, se não for suficientemente preparado, o despertar da Kundalini voltar-se-á contra ele mesmo. O fogo astral, uma das manifestações dessa força, agirá de um modo destrutivo, podendo causar um desequilíbrio psíquico e mesmo uma perda completa da razão.

Apesar da importância dos poderes ocultos, a realização básica de um discípulo do 5º grau de Ouros não é desenvolvê-los e sim estabelecer um relacionamento esotericamente correto entre seu carma e a vontade evolutiva. A força da vontade evolutiva determinará seu progresso, mas ela é o resultado de duas influências: a da Vontade Divina e a da vontade pessoal. Portanto, o grau da vontade evolutiva é também condicionado pelo passado, por todas as atividades evolutivas e involutivas que formaram a personalidade atual do discípulo com suas forças, fraquezas e o tipo de seus desejos, isto é, condicionado pelo Carma.

O 5º grau de Ouros é um reflexo da quinta Sefira, a da Severidade, que, pelos princípios da ordem e da legalidade, limita razoavelmente a Sefira da Misericórdia.

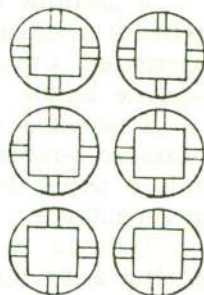
A 4ª Sefira e o 4º Arcano expressavam a autoridade e a vontade de ação no presente. O 5º Arcano trata do condicionamento, como **conseqüência do passado**, ou seja, do Carma, condicionando a vontade evolutiva. Esta, por sua vez, determinará o futuro. Disso tratará o 6º Arcano.

Na alquimia, o 5 de Ouros corresponde à ação que exerce a energia psíquica do alquimista-operador sobre a mistura "Rebis". A energia psíquica — correspondendo a Kundalini — constitui a quintessência do processo; é sua influência contínua que causa a transmutação da mistura "Rebis" em "Pedra Filosofal". Na linguagem alquímica, essa 5ª força é também chamada de "Azoto dos Sábios".

6 DE OUROS

Correspondências: SEFIRA TIFERET

e os Arcanos Maiores: 6º e 15º



Este Arcano é a continuação lógica dos dois anteriores e se refere tanto ao trabalho interno quanto à atividade externa do discípulo.

Num determinado estágio do desenvolvimento é aconselhável para a evolução do discípulo de Ouros, que ele se volte novamente para o mundo que o rodeia. Um isolamento por demais prolongado poderia endurecer seu coração e prejudicar a intuição. Um período de auto-análise demasiado longo, desenvolvendo o princípio da razão, poderia efetuar-se a custo de sua sensibilidade, igualmente necessária. Este é o primeiro perigo que o discípulo encontra no Caminho e que precisa evitar, instituindo um adequado “modus vivendi” em seu ambiente.

O Hermetismo Ético ensina que é preferível dar um só passo para a frente e fazer progredir seu ambiente — mesmo que seja uma décima parte desse passo — do que fazer dez passos, sem nada dar ao ambiente. É dando que o homem recebe.

A compreensão espiritual, já adquirida pelo discípulo que se encontra no estágio de 6 de Ouros, irá preservá-lo do perigo oposto: o de ser absorvido pelo ambiente que ele procura elevar. O discípulo precisa neutralizar corretamente o binário: isolamento — relações com o ambiente. A tendência ao primeiro é uma consequência natural do trabalho interno.

O terceiro perigo, resultando do contato com o ambiente, pode ser o espírito do proselitismo ou dogmatismo, isto é, o desejo de impor aos outros aquilo que ele mesmo considera ser a Verdade. O discípulo precisa cultivar em si a grande qualidade de paciência absoluta, de compreensão e aprender, neste sentido, a adaptar-se ao ambiente, para poder transmitir a Verdade a cada um, sob o aspecto que lhe é mais compreensível e no nível que lhe é adequado.

A lâmina do 6º Arcano Maior apresenta um jovem, frente à divisão dos caminhos e entre duas mulheres muito diferentes; uma delas aponta o caminho de cima, a outra — o de baixo. É a alegoria da escolha.

É provável que essa lâmina tenha servido de tema para o famoso quadro de Ticiano “Amor celeste e amor terrestre”, onde o papel do jovem que deve fazer a escolha e deixado ao espectador.

Todavia, para o discípulo de 6 de Ouros, o problema da escolha é diferente, pois ele já escolheu entre o de “cima” e o de “baixo”, ou seja, entre a evolução e a involução, quando tomou o caminho espiritual, confirmando-o, desde então, pelo seu trabalho interno. Agora, para ele a escolha está entre o progresso pessoal e o trabalho no ambiente.

De que forma deverá agir? A resposta foi dada acima: deve neutralizar o binário: vida interna — trabalho no ambiente, encontrando a síntese correta, ou seja, o caminho do meio.

No entanto, os Arcanos 6, Maior e Menor, sublinham o fato que a escolha não é um ato separado e independente em si; é condicionada pelo passado e, logicamente, dela dependerá o futuro. Para que essa escolha seja correta, certas condições são necessárias.

A liberdade de escolha ou, de modo geral, de tomar qualquer resolução, nos leva ao problema mais amplo do livre arbítrio humano. Afirmando que “a escolha é livre e o resultado predeterminado”, a Tradição esotérica se refere ao livre arbítrio pessoal, **consciente**, e à responsabilidade pelas conseqüências dessa escolha ou decisão. Subjetivamente, o arbítrio é livre e, portanto, inevitavelmente sujeito às conseqüências cármicas. O carma do momento é a conseqüência das escolhas e decisões feitas no passado, pois o carma e o livre arbítrio estão estreitamente ligados.

Cabe perguntar se a escolha também é livre no sentido objetivo. A resposta nos é dada pelo conteúdo dos Arcanos de Ouros, anteriores: ela é livre (no sentido esotérico desta palavra) **quando reflete a Vontade Superior**, isto é, a vontade do “Eu” superior, atravessando sem deformação todos os invólucros da personalidade. É livre quando expressa uma profunda determinação e não um desejo pessoal e superficial. É livre, mesmo quando toma decisões, considerando as particularidades pessoais e de acordo com essas particularidades. Verdadeiramente livre pode ser somente uma vontade evolutiva, sempre conforme ao princípio espiritual e, quanto mais evolutiva, tanto mais será livre, pois não de-

pendará dos pequenos “eus” humanos. O discípulo precisa tornar-se livre desses “eus”, não apenas em teoria ou em imaginação, mas em cada manifestação de sua vida diária. Sabendo quais são as exigências “legítimas” da sua personalidade, ele as aceitará razoável e conscientemente, sem todavia identificar-se com elas. Então tornar-se-á receptivo à vontade do seu “Eu” superior.

Este é o trabalho básico do 6º grau de Ouros e até se pode dizer que o trabalho inteiro do discípulo que tomou o caminho iniciático é, na realidade, tornar-se receptivo à Vontade Superior, estabelecê-la firmemente em si e identificar com Ela a sua própria.

No primeiro grau de Ouros, o discípulo aprendeu a analisar e a discernir a natureza e proveniência de seus desejos; no 6º, ele aprende a ter controle sobre suas decisões, a fim de que sempre permaneçam livres das interferências inferiores.

Nesse estágio do desenvolvimento espiritual é muito importante lembrar-se constantemente da **responsabilidade** por cada uma das próprias ações.

No 5º grau de Ouros, a qualidade da vontade evolutiva devia ser compreendida como resultado do carma passado. No 6º grau deve ser compreendida **como fator criando o futuro**.

Esse assunto está muito bem ilustrado pelo “Triângulo Místico” de Fabre d'Olivet (ver 3º Arcano Maior) em que o binário: vontade pessoal — carma, é neutralizado, para cima, como Vontade Superior — ou Providência — a qual, no ser humano manifesta-se geralmente como voz da consciência.

Explicações complementares do 6º grau de Ouros podem ser achadas no simbolismo da lâmina do 15º Arcano Maior. Este simbolismo, em relação ao naipe de Ouros, adquire uma nova profundidade esotérica. A divindade astral — Baphomet — símbolo do estado de desenvolvimento interno da humanidade inteira, pode ser visto também como imagem do ser andrógino que, em sua síntese superior, expressa aspiração à união das almas gêmeas (ver anexo ao 6º Arcano de Ouros).

O 3º grau de Ouros tratava do androginato interno. Ao 6º, pertence o assunto do androginato externo. O discípulo do 6º grau já tomou conhecimento de sua bipolaridade e trabalhou para criar o androginato em si. Agora, precisa não apenas compreender o ensinamento referente às almas gêmeas, mas tornar esse assunto uma realidade na sua vida espiritual.

Na Cristandade, o mistério das almas gêmeas se expressou no sacramento do matrimônio, que é algo real quando representa uma fusão de duas almas, e não apenas uma cerimônia externa. O Apóstolo Paulo diz "... o homem deixará seu pai e sua mãe e se unirá a sua mulher e formarão um só corpo; é um grande mistério." (Efés. 5/31).

A fusão de dois seres humanos, encarnados, se produz, naturalmente no sentido interno. Externamente, eles continuam separados. Contudo, cria-se uma nova entidade comum, que realmente existe nos planos suprafísicos. É o ser andrógino, criado por eles.

Como podemos encontrar a "alma gêmea" entre a multidão humana? É uma tarefa difícil, pois é condicionada pelo carma de cada uma das metades e, em geral, o encontro se produz somente quando foi predestinado.

O esoterismo, tanto oriental como ocidental, ensina que a maioria dos encontros humanos é cármica, isto é, que encontramos as almas com as quais já possuímos laços cármicos, positivos ou negativos, o que aumenta consideravelmente a possibilidade de encontro das almas gêmeas. Quando isso acontece, essas almas se reconhecem imediatamente, pois a consciência superior, nesses casos, penetra até as personalidades, embora os dois lados, geralmente, consideram o encontro como um simples "caso feliz".

Um espiritualista deve aspirar conscientemente a esse encontro, meditar sobre ele, criar sua imagem mental, magnetizando-a com sua vontade. Tal concentração mental e volitiva pode agir como um ímã para esta ou a futura encarnação, especialmente se a outra metade faz o mesmo, do seu lado.

Um caso específico da aplicação de tal concentração mental e volitiva, é um apelo mágico, dirigido à alma gêmea, ainda desconhecida. O poder mágico desse apelo cria no mundo astral uma vibração de caráter totalmente individual, que provoca uma reação, quase sempre incompreendida, na alma que possui a mesma vibração astral, estabelecendo uma ligação invisível. No caso de ser esta bastante intensa, segundo a Lei, realizar-se-á, mais tarde, também no plano físico.

O ocultismo admite uma outra possibilidade: a de criar um androginato oculto, artificial, com a condição, todavia, de existir uma semelhança vibratória entre as duas almas. Se o poder mágico do operador é muito forte, ele pode ajustar para si uma "alma irmã", inculcando-lhe determinadas características psico-anímicas. Tal androginato terá um ca-

ráter puramente ocultista e não ultrapassará os limites do plano da personalidade impermanente. Nenhum mago tem o poder de criar artificialmente a união espiritual como a que existe entre verdadeiras almas gêmeas. Além disso, a criação do androginato artificial possui um lado perigoso: o mago toma sobre si o carma da alma por ele transformada.

Existe também uma outra forma de androginato oculto. Esta é natural e criada por uma união harmoniosa entre duas pessoas de sexo oposto, como acontece, por exemplo, num casal muito unido. Tal androginato é criado inconscientemente por ambos os participantes e a partir dos planos inferiores, enquanto o verdadeiro androginato se origina no plano espiritual, no fato de pertencerem à mesma Mônada, o que causa uma forte atração mútua de caráter supra-racional, diferente da síntese harmoniosa das características pessoais.

A lâmina do 15º Arcano Maior apresenta ainda uma outra variação do androginato. Este é formado pela atração apenas física dos sexos. Os participantes permanecem separados em tudo que está acima do plano físico e astral inferior e, na maioria dos casos, são escravos da sua paixão. Tal relacionamento é bastante diferente da verdadeira união espiritual, e mesmo dos androginatos ocultos (artificial e natural), e poderia ser chamado de "androginato sexual".

Como esquema da realização do androginato espiritual podem servir os dois lados de um triângulo ascendente, regular. Começando por duas pontas inferiores, isto é, o máximo do afastamento, correspondendo ao plano físico, os dois lados do triângulo convergem na medida em que se elevam, para unir-se finalmente na ponta superior. De fato, o processo de aproximação das almas gêmeas progride à medida que ambas se elevam através dos planos hierárquicos. Os mais separados continuam sendo, naturalmente, os corpos físicos. Na vida terrestre, a unificação se inicia com a criação de um fluido comum, isto é, de um corpo etérico e, através do plano de emoções e sentimentos, alcança o mental, criando a união de pensamentos. Além disso, começa a verdadeira fusão espiritual.

Se aceitamos a divisão do ser humano em espírito-alma-corpo, poderemos dizer que o androginato sexual é formado pela sintonia física; o oculto — pela harmonização das almas e, freqüentemente, de corpos também, e o espiritual abrange os três planos, se no físico incluímos o etérico, pois a união física está longe de ser indispensável para a realização do mais alto tipo de androginato, especialmente,

quando conscientemente criado. É raro que o carma permite a união matrimonial entre as almas gêmeas.

A esses diversos tipos de androginato correspondem vários tipos de atração, comumente chamados "amor". Existem também diferentes modos de amar, desde a paixão animal até a mais alta forma espiritual. A última é caracterizada pela ausência total de egocentrismo e da procura da felicidade pessoal.

No caso de um verdadeiro androginato espiritual não existe qualquer predomínio de uma ou de outra das polaridades, em nenhum dos planos. Nenhuma das metades procura apoiar-se na outra; cada uma se sente com direitos iguais para criar a união. Os dois lados não constituem um complemento mútuo, como é o caso no androginato oculto, mas fundem-se harmoniosamente em todos os planos. É um processo misterioso que poderia ser comparado a duas harmonias que, unindo-se, criam uma sinfonia ainda mais perfeita. Essa fusão de dois seres dá um sentido mais profundo e um grande valor à vida inteira.

A realização do futuro androginato espiritual pode ser consciente ou inconsciente. No último caso, é lenta, quase automática, efetuando-se nos planos superiores, fora do conhecimento das pessoas envolvidas. A formação consciente, que constitui uma prova de já se encontrar no caminho da Iniciação, é muito mais intensa, especialmente, se as duas metades, não apenas aspiram a sua futura união, mas conhecem a origem, a natureza e o alvo dessa aspiração.

Em que consistirá o trabalho das almas gêmeas durante sua estadia na Terra? O próprio androginato espiritual é uma obra divina que, inalterável, existe no plano espiritual, além de qualquer alcance ou influência humana. Portanto, não se trata disso.

Para buscar uma compreensão, voltemo-nos para a Bíblia. Esta nos diz que houve uma "queda", devido a uma ruptura, que resultou em separação entre o Fluxo Divino e as "águas inferiores", isto é, a substância astral. O trabalho das almas gêmeas consistirá, portanto, em formar uma superpersonalidade comum, livre dos elementos involutivos do invólucro astral, andrógina e aperfeiçoada, para que possa servir de morada ao Princípio Espiritual. Este trabalho é um caminho direto à Reintegração e efetua-se em todos os planos da personalidade. Começa pela criação do corpo etérico comum, como consequência do contato contínuo dos fluidos, o que pode ser intensificado por exercícios especiais de magnetização mútua. O corpo astral, comum, se cria pela inter-

penetração das auras. A criação prévia do androginato interno em cada um dos participantes (ver 3º grau de Ouros), facilita essa fusão. O plexo solar — lugar de emanção da aura — desempenha um papel importante nesse trabalho. A concentração sobre o assunto, feita, se possível, em comum, assim como determinadas meditações, pela similaridade do modo de pensar, formam e fortalecem o corpo mental comum. A criação, por dois lados, da forma-pensamento do seu ser andrógino e sua vivificação com fluidos vitais e um momento importante desse trabalho oculto. Determinados exercícios facilitam essa unificação. Em consequência de tudo isso, aparece a sensação de possuir um só coração e uma só consciência. A mútua telepatia é geralmente o resultado da unificação dos corpos mentais.

Quanto mais sutílizados forem os corpos dos participantes, tanto mais facilitada será sua unificação, do mesmo modo como no plano físico a mistura dos corpos gasosos é mais rápida do que a dos sólidos ou mesmo dos líquidos.

No plano físico, a formação do corpo andrógino é, naturalmente, muito relativa mas, quanto mais o plano é elevado, tanto mais esse corpo é real, até tornar-se uma REALIDADE ABSOLUTA no mundo espiritual.

Do ponto de vista oculto, a super-personalidade criada é uma formação etérico-astral, semelhante a uma egrégora. Na realidade, é uma egrégora específica, composta de dois seres. Como em toda egrégora, seus componentes, parecidos mas não idênticos, não se dissolvem, mas enriquecem-se mutuamente.

O impulso para a criação do androginato espiritual vem sempre de cima e, na medida em que este se forma, uma grande força mágica começa a se manifestar na atuação em comum. Acentuam-se também diversas capacidades criadoras, pois o ser andrógino, pela aproximação de sua fonte, torna-se transmissor direto das emanções monádicas.

O androginato espiritual, no estágio atual da evolução da humanidade é extremamente raro. Por isto, este fenómeno é ainda mais importante para a evolução geral. Mesmo um casal comum, muito harmonioso, exerce uma influência evolutiva sobre seu ambiente. A influência evolutiva de um androginato espiritual ultrapassa o meio ambiente, espalhando-se sobre a humanidade. Cada androginato espiritual, realizado, é um rasgo efetuado no véu escuro do astral involutivo que envolve o planeta. É uma abertura, permitindo o acesso da Luz. No simbolismo da lâmina do 15º Arcano Maior, a realização do androginato corresponde

à passagem através do corpo do Baphomet até a chama que arde na sua cabeça, pois o Baphomet representa, como já dissemos, o total do astral planetário, com predomínio das características involutivas.

É natural que o discípulo no estágio de Ouros não tenha ainda encontrado sua alma gêmea. É importante, contudo, que a imagem do futuro encontro esteja viva nele, animada por seus pensamentos, sentimentos e vontade. Assim, na sua aura se formará um campo magnético que contribuirá para a aproximação. Nenhum esforço nesse sentido será perdido.

Na Árvore Sefirótica, a Sefira Tiferet, que corresponde aos Arcanos 6 de todos os naipes, encontra-se no centro da Árvore, entre as colunas ativa e passiva. Seu nome — “Harmonia” — indica a neutralização harmoniosa dos opostos. Em relação ao 6º grau de Ouros, refere-se, antes de tudo, ao androginato. Em Sefira Tiferet cruzam-se quase todos os canais que religam o mundo do “Eu” — o interno (coluna da direita) — com o mundo do “não-Eu” — o meio ambiente (coluna da esquerda). Sabemos que a “queda” do homem afetou a harmonia e abaixou o nível de Tiferet. O homem, pela sua sublimação, pelo uso correto do livre arbítrio e pela aproximação do androginato — a tarefa do 6º grau de Ouros — pode elevar o Tiferet ao nível antigo e restabelecer a harmonia primordial.

Os dois Arcanos Maiores que correspondem ao 6 de Ouros, são o 6º e o 15º. Os dois têm conexão com o meio ambiente.

O símbolo gráfico do 6º Arcano é o hexagrama. Este indica a neutralização harmoniosa dos opostos: isolamento — trabalho no ambiente; esforço para evoluir — limitações cármicas; aspectos “M” — aspectos “F”.

Os títulos do 6º Arcano Maior são: “Medium” (meio ambiente) e “Libertas pentagrammatica” e significam que o trabalho sobre si ou no meio ambiente deve ser feito de bom coração, em plena harmonia com sua própria vontade, sem nenhuma imposição externa ou interna. Se o trabalho se faz como uma tarefa desagradável à qual é preciso se submeter, não haverá o resultado desejado. A imposição, seja qual for, é admissível somente nos estágios iniciais do caminho iniciático, quando a vontade evolutiva, ainda nova, precisa controlar as exigências e desejos involutivos da natureza inferior; quando a determinação espiritual e consciente “Eu quero” precisa abafar as vozes, ainda fortes, de diversos “eus”.

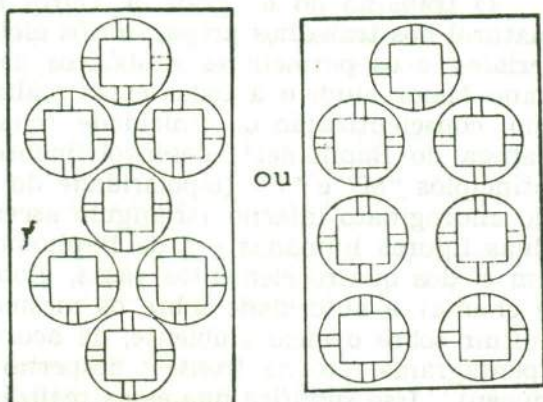
O trabalho do 6º grau de Ouros é uma consequência natural dos trabalhos preparatórios efetuados nos graus anteriores, e os pormenores simbólicos da lâmina do 15º Arcano Maior aludem a todas essas realizações anteriores como: conscientização da Unicidade (chama única acima da cabeça do Baphomet); desenvolvimento em si mesmo dos princípios "M" e "F" (bipolaridade do Baphomet); criação do androginato interno (triângulo ascendente, formado por duas figuras humanas e a de Baphomet); desenvolvimento em si dos quatro elementos (asas, globo terrestre, escamas e chama) e autoridade sobre os mesmos (cubo); poder de influir sobre o meio ambiente, de acordo com sua vontade (pentagrama reto na frente); despertar da Kundalini (Caduceu). Isso significa que essas realizações são uma preparação necessária para a criação do androginato externo.

Na alquimia, o estágio que corresponde ao 6º grau é o estabelecimento da ligação harmoniosa entre o princípio espiritual ou quintessência (nesse caso, o operador-alquimista) e a matéria "Rebis". O operador deve permanecer em contato constante com essa matéria (que corresponde ao ambiente), exercendo sobre ela sua influência mental, psíquica e fluidica, permeando-a com seus pensamentos-formas, sua vontade e seu magnetismo e, por sua vez, tornando-se sensível às vibrações do "Rebis". Na alquimia, este estágio, em certo sentido, é decisivo, pois para que o processo de transmutação se inicie, a ligação entre o operador e o "Rebis" deve se estabelecer. Se o processo se iniciou, mas a ligação ficou interrompida, o processo parará.

Os estágios anteriores tinham caráter preparatório, o 6º deve manifestar o resultado: o início do processo. Quanto tempo levará? Não se pode prever, como não se pode prever o ritmo de progresso de um discípulo. Tudo depende do potencial espiritual e oculto e das possibilidades realizadoras do alquimista. Pode-se dizer apenas que, quanto maior o potencial do operador, tanto mais rápido será o processo. Abaixo de um certo nível desse potencial, o processo alquímico de transmutação não se realizará. Isso explica os casos em que operações alquímicas não passaram de manipulações puramente externas, sem trazer resultado algum.

7 DE OUROS

Correspondências:
SEFIRA NETZAH
e os
Arcanos Maiores
7º e 16º



Neste estágio, o discípulo trava conhecimento com as “7 Causas Secundárias”, isto é, em relação ao nosso sistema solar, os 7 planetas ou, na terminologia oriental, os “7 Raios”.

No momento do nascimento, as influências dos planetas imprimem seu selo, tanto no conteúdo interno, quanto no padrão de vida que espera o recém-nascido. Essas influências podem ser estudadas no “mapa do céu”, ou seja, a reprodução exata da posição dos astros naquele momento.

É muito importante, todavia, que o discípulo compreenda que todo o complexo astral sob o qual ele nasceu, não é um acaso, mas uma consequência cármica, lógica e ordenada de suas vidas anteriores. Ele nasce em um determinado momento por que mereceu e por que precisa da experiência que vai encontrar. Estudando seu mapa do céu, poderá compreender melhor os erros passados e achar diretivas para o seu caminho.

A discriminação entre um “bom” e um “mau” carma, em relação às manifestações externas, pertence ao grau seguinte, o 8 de Ouros.

No 7º grau, o que importa é o carma que influi no conteúdo humano interno, isto é, tudo que na sua vida virá de dentro. Para conhecer o caráter do seu carma, o discípulo precisa analisar a colocação de cada planeta, seus aspectos e determinar qual dos planetas é o dominante.

O trabalho do discípulo, nesse estágio, consistirá primeiramente em “purificar os planetas”, especialmente se, apesar do seu trabalho anterior, ele continua com as mesmas fraquezas. Agora, poderá encará-las sob um novo ponto de vista — o sêtiplo — e compreenderá que correspondem às influências negativas de determinados planetas, que pre-

cisam ser “purificados”. A seguir, terá que desenvolver os aspectos positivos dos planetas que se apresentam fracos no seu mapa, assim como as características planetárias complementares. Assim, resultará um desenvolvimento multilateral da sua personalidade que, sem isso, mesmo no caso de ser harmoniosa, permaneceria unilateral e limitada.

Se o discípulo está trabalhando para abrir um ou outro dos seus centros psíquicos, consegui-lo-á com mais facilidade, ajudado pela força do planeta que rege o determinado centro.

A Tradição fala em “reger seus planetas” e “fazer girar o espectro planetário de tal modo que as 7 cores planetárias — ou Raios — se fundam na luz branca”. Que significa isto? Fazer “girar o espectro” significa ter a capacidade de fazer girar simultaneamente os 7 chacras ou centros. Mas, significa, também, saber utilizar na sua vida as vibrações positivas de todos os planetas, isto é:

- a) do Sol, sabendo organizar e ser eficiente no trabalho social;
- b) da Lua, sendo útil e apreciado no lar e na família;
- c) de Marte, tomando decisões rápidas e corretas e sendo enérgico na ação;
- d) de Mercúrio, possuindo espírito inventivo e adaptabilidade;
- e) de Júpiter, possuindo autoridade bem fundada;
- f) de Vênus, sendo suave e carinhoso;
- g) de Saturno, sendo lógico e sério.

O planeta dominante, chamado também “senhor do horóscopo” é o planeta mais pronunciado e constitui, poder-se-ia dizer, o “eixo” da personalidade, algo de mais profundo atrás da personalidade, que poderia ser comparado a uma IDÉIA que se envolveu numa personalidade. Isso nos permite passar à concepção de INDIVIDUALIDADE.

Já falamos do 5º princípio do pentagrama — a quintessência — como princípio superior, o Espírito Divino, potencialmente presente em cada alma e possibilitando-lhe a Reintegração. Entre o Espírito Divino e a personalidade humana existem vários estados intermediários. O primeiro, logo acima da personalidade, é chamado INDIVIDUALIDADE. Na língua hebraica, a individualidade é denominada “Haia”, na terminologia oriental — “Manas superior”.

A individualidade participa na formação da personalidade e, por sua vez, constitui um invólucro mais denso para os princípios mais elevados.

A individualidade transmite uma “**tonalidade interna**” à personalidade humana. O caráter da individualidade pode ser captado pela observação do campo no qual se expressam as mais altas aspirações do ser humano e seus mais profundos problemas.

Cada ser humano, cuja individualidade é muito pronunciada de um ou outro modo, encarnou para realizar no seu ambiente alguma “missão” que está em profunda sintonia com essa mesma individualidade.

O assunto das missões Messiânicas pertence ao 10º grau de Ouros; ao 7º, pertencem as missões “coloridas” pela individualidade.

A individualidade pode se manifestar também pela criatividade artística, pelas pesquisas científicas ou pelos trabalhos filosóficos. O planeta dominante determina o caráter da expressão.

Não se deve, todavia, confundir o “planeta dominante” com o “regente do horóscopo”. Eles pertencem a dois planos diferentes. O “dominante” rege a individualidade e a individualidade, quando suficientemente desenvolvida, preside a formação da personalidade, que é um de seus aspectos. O “dominante” já caracteriza os elementos espirituais; o “regente” — apenas os psico-anímicos e físicos.

As aspirações humanas mais elevadas pertencem, geralmente, ao campo religioso. De acordo com o planeta da individualidade, podem-se distinguir 7 modos básicos de expressão dessas aspirações:

- a) O tipo solar procurará iluminar e santificar todos os aspectos da vida, introduzindo a religião em todas as suas manifestações e, às vezes, querendo fazer dela um fator dominante. Este tipo é sensível à beleza e ao brilho externo dos rituais, grandiosidade dos templos, etc.
- b) O tipo lunar estará sempre muito apegado a sua religião, geralmente aquela na qual foi criado, seguindo rigorosamente seus preceitos e costumes.
- c) O tipo marciano se dedicará ao proselitismo, disposto a se sacrificar e mesmo a ser martirizado no altar de sua fé. Dá missionários e pregadores.
- d) O tipo mercuriano procurará compreender as verdades religiosas e dar-lhes uma base filosófica. Gostará de debates sobre esses temas e procurará provar o bom fundamento de sua fé. Os apologistas pertencem a esse tipo.
- e) O tipo jupiteriano verá em Deus a autoridade suprema e justa. A religião será para ele uma lei, regendo a vida

do homem e da sociedade. Dará muito valor aos rituais. Este tipo forma os legisladores religiosos.

- f) O tipo venusiano compreenderá a religião como lei moral, regendo a vida e as relações com o meio ambiente. Procurará ajudar o próximo, trabalhará em obras sociais, será compassivo. Os artistas religiosos pertencem a esse tipo.
- g) O tipo saturniano verá na religião um ensinamento místico, o mistério da presença de Deus no ser humano. Vivará na solidão espiritual, no isolamento, podendo tornar-se anacoreta. Este tipo dá filósofos religiosos, místicos abstratos.

É preciso sublinhar, todavia, que certas experiências internas, tais como, por exemplo, a de viver um profundo amor para com Deus ou para com o próximo, são já manifestações puramente espirituais, acima de qualquer tonalidade individual, embora possam expressar-se de modos diferentes.

Os 7 tipos básicos, acima enumerados e delimitados, constituem apenas um padrão geral. Na realidade, várias dessas influências existem em cada ser humano e em graus mais ou menos acentuados. Cada individualidade é única, não havendo duas iguais, assim como na Terra não há duas pessoas idênticas.

Em cada encarnação, os elementos da personalidade, purificados e harmonizados, são absorvidos, em sua essência, pela individualidade, enriquecendo-a.

No "girar da roda planetária", na criação da síntese solar, essas tonalidades individuais não desaparecem, pois isso significaria a perda total das realizações da personalidade. Elas se harmonizam e permanecem, formando uma **síntese solar única**.

Freqüentemente, a individualidade ainda não se manifesta no ser humano; outras vezes, já se manifesta, mas de um modo deturpado pela falta de harmonia existente na personalidade (ver a Cruz do Hierofante). No campo religioso isso poderá se expressar como fanatismo, ascetismo exagerado e puramente externo, sem nenhuma espiritualidade ou, então, como um apego à expressão unicamente externa da religião. Na vida social poderá dar déspotas, pessoas procurando a glória pessoal, a adulação, etc.

As manifestações deturpadas da individualidade são, as vezes, a consequência de algum malogro no caminho iniciático durante a encarnação anterior, devido ao qual o princípio individual tinha que se envolver com elementos deturpados.

No princípio espiritual — e a individualidade já o é — não pode haver aspectos nem positivos nem negativos, como acontece na personalidade. A individualidade é sempre “inteira”, “in-dividua”, isto é, indivisível, pois pela natureza de suas vibrações, pertence aos planos superiores; no entanto, ela só pode manifestar-se através da personalidade, ou seja, através do plano astral e físico. Esta é a razão pela qual a harmonização da personalidade — canal através do qual poderão fluir ao mundo influências superiores — é indispensável. Especialmente importante é o relacionamento harmonioso entre o planeta da individualidade — o dominante — e o da personalidade — o regente. As vibrações da individualidade, por exemplo, marcianas, precisarão encontrar, na composição da personalidade, o meio para expressar-se ampla e harmoniosamente. Se não o encontrarem, a expressão individual, que em todo caso guardará o caráter marciano, será deturpada.

A individualidade é chamada, às vezes, “átomo permanente”. É a parte que não morre no ser humano, que retorna ao plano terrestre, envolvendo-se cada vez em uma nova personalidade. Em cada encarnação a individualidade recolhe os elementos mais sublimados, a essência mais harmoniosa e, por isso mesmo, mais permanente da personalidade. Estes elementos, passando para a individualidade, tornam-se super-pessoais. O esoterismo não aceita a sobrevivência da personalidade, tal como se manifesta na Terra. O que sobrevive aos estágios de desencarnação “post mortem” não mais é pessoal. A imortalidade da alma, no sentido de guardar a permanência da consciência através das encarnações, corresponde à passagem da consciência pessoal à consciência individual. A personalidade terrestre não pode ser imortal, porque o que não é harmonioso, ou apenas o é parcialmente, não pode ser permanente, e também porque, em cada encarnação, a personalidade e o corpo físico são novamente formados da substância astral. No entanto, devido ao carma, existe um laço que une as personalidades sucessivas. As vezes, esse laço permanece através de uma série de encarnações, como uma corrente formada de causas e efeitos; contudo, é mais pronunciado entre duas encarnações sucessivas. **O carma determina o momento do nascimento**, sob as influências astrais que, agindo naquele momento, irão condicionar a nova personalidade.

O discípulo do estágio de 7 de Ouros, como já dissemos, precisa não apenas harmonizar o conteúdo pessoal, mas também descobrir o caráter de sua individualidade, analisar os

elementos da mesma e se esforçar para que se enriqueça o mais possível. Essa é a realização básica desse grau. Todo o trabalho interno do discípulo deve ser dedicado à sua individualidade e ele precisa saber que **este trabalho é a luta para sua imortalidade**, luta para a identificação de sua consciência pessoal com a consciência individual. Realizando essa identificação, a vontade pessoal que impulsionava o trabalho interno do discípulo, passará a ser vontade da individualidade.

Vejamos o relacionamento de 7 de Ouros com os Arcanos Maiores correspondentes.

O 7º Arcano Maior é o Arcano da Vitória. No 7º grau de Ouros é a vitória do discípulo sobre seu condicionamento planetário, interno. O "Vencedor" é o princípio individual que, no discípulo, torna-se senhor do ser psico-anímico e físico.

A lâmina do 16º Arcano Maior, em relação a Ouros, simboliza o desmorroneamento dos elementos pessoais, inferiores, sob a ação da vontade superior.

A ligação do 7 de Ouros com a Sefira Netzah, Sefira da Vitória, é evidente e não necessita comentários.

Netzah é também a primeira Sefira — no sentido da descida — do último triângulo, triângulo que se determina pela iniciação.

O 7º grau conclui o septenário das experiências internas e realizações iniciáticas do discípulo de Ouros. A característica comum das realizações desses graus é que são todas, **o resultado alcançado pelos esforços próprios do discípulo**. É a parte do trabalho iniciático efetuado "de baixo para cima", é a "subida", sem a qual não seria possível receber aquilo que vem "de cima" e que será o tema dos três últimos graus de Ouros.

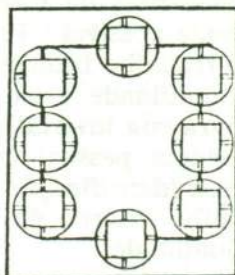
Os sete primeiros graus correspondem às Sete Causas Secundárias, os três últimos — às Três Causas Primordiais.

O 7º grau de Ouros sintetiza todos os esforços pessoais do discípulo.

Na alquimia, o operador, sintetizando também todos os seus esforços volitivos, psico-mentais e fluídicos, procura impregnar com os mesmos a matéria alquímica. A ligação entre o alquimista e o "Rebis" já foi estabelecida no grau precedente; todavia, os dois permanecem ainda separados e a influência que o "Rebis" absorve continua a vir de fora, isto é, do alquimista. Quando essa absorção atingir o máximo, a última parte do processo alquímico se tornará possível.

8 DE OUROS

Correspondências: SEFIRA HOD
e os Arcanos Maiores 8º e 17º



O símbolo gráfico do 8 de Ouros apresenta dois quadrados iguais, possuindo um centro comum e que devemos imaginar girando, como ao redor de um eixo, em sentidos opostos.

Esses quadrados simbolizam os elementos ativos do processo criador que, no ser humano, agem tanto de fora para dentro, como de dentro para fora. Estes elementos, no Oriente são chamados de “Tatwas”, e no esoterismo ocidental — “elementos essenciais e substanciais de tudo que existe”. São elementos da Força Universal Criadora que possui dois aspectos: “aquele que cria” e “aquilo que está criado”. Os Elohim bíblicos e tudo o que por Eles foi criado representam esses dois aspectos, isto é, o essencial (criador) e o substancial (o criado).

O ser humano é inconsciente das forças tátwicas externas, as que o criam. É consciente, quando as forças são internas e que ele mesmo cria, de acordo com sua vontade.

No ser humano, em geral, apenas quatro tatwas inferiores: “Prithivi”, “Apas”, “Vayu” e “Tejas” são manifestados, e cada lado dos quadrados corresponde a um desses tatwas. O eixo comum dos dois quadrados representa o quinto tatwa “Akasha”, o qual liga os quatro tatwas inferiores aos dois superiores: “Adi” e “Anupadaka”, não manifestados no ser humano. O tatwa Akasha manifesta-se, às vezes, parcialmente.

O tatwa Akasha transmite os dois aspectos de sua força ao ser humano, através dos quatro tatwas inferiores.

A influência do Akasha, agindo através do tatwa Prithivi, rege o crescimento orgânico, natural, de cada organismo físico, desde o nascimento até a idade adulta e, também, causa a renovação completa de suas células a cada sete anos.

Agindo através do tatwa Apas, Akasha rege o desenvolvimento do corpo etérico; através do tatwa Vayu — do

corpo astral; e através do Tejas — do corpo mental, isto é, das capacidades intelectuais. Em cada organismo humano, normal, esses quatro tatwas estão ativos. É preciso sublinhar que, dos quatro, os dois inferiores — Prithivi e Apas dão início à substância, enquanto os dois superiores — Vayu e Tejas permanecem em estado de forças.

Os tatwas são os sete aspectos da Força Universal Criadora — os sete planos da criação — desde o mais alto até o mais baixo, o físico. O trabalho completo dos sete tatwas, realiza-se somente no Macrocosmo; no Microcosmo humano, em geral, apenas os quatro tatwas inferiores estão manifestados.

Tanto os tatwas como os planetas são as sete Causas Secundárias do Mundo e o relacionamento entre estes dois complexos de forças, pode ser comparado ao relacionamento entre o conteúdo e o molde que dá uma forma a esse conteúdo. Os tatwas criam, os planetas dão forma ao que está criado.

A única e inimitável essência de cada individualidade é criada pelo Akasha. A forma é dada a essa individualidade pelo planeta dominante.

A força e o desenvolvimento da individualidade depende do grau de manifestação de Akasha no ser humano. Do mesmo modo que no caso da manifestação da individualidade através do complexo planetário, quanto mais desenvolvidos são os quatro tatwas inferiores no ser humano e mais harmoniosa a cooperação entre eles, tanto mais fácil e ampla será a manifestação do Akasha.

Manifestando-se de modo pronunciado, o tatwa Akasha pode agir diretamente sobre o conteúdo da personalidade, chegando até a “implantar nela as sementes do Espírito” e servir de condutor para os tatwas superiores.

A ação direta do Akasha manifesta-se como espiritualização geral da personalidade, começando pelos corpos físico e etérico, prosseguindo pelo desenvolvimento das forças psíquicas ocultas, da intuição e da expansão da consciência. Em diferenciação do normal, tal desenvolvimento, sem que haja qualquer esforço consciente neste sentido da pessoa em questão, já pode ser chamado do oculto ou esotérico. É o trabalho interno do Espírito que não pode ser provocado, nem acelerado, nem encaminhado para uma ou outra direção determinada. Pode apenas ser constatado com gratidão, procurando-se não impedir o processo por alguma desarmonia interna.

Os tatwas, por si mesmos, assim como os planetas, não são nem positivos, nem negativos, mas a força tátwica se manifestará de modo desarmonioso ou deturpado, caso exista desarmonia na personalidade. A Tradição ensina que os tatwas superiores podem manifestar-se mesmo como força destrutiva, se os tatwas inferiores — isto é, a personalidade — não estando harmonizados, não resistirem às vibrações superiores. Isso se expressa geralmente como perda total do controle sobre os desejos e emoções, revolta contra qualquer autoridade e formas aceitas no ambiente, assim como por impulsos destrutivos. Todavia, este ânimo de negação e destruição não é provocado pela aspiração de criar algo novo e melhor, que caracteriza a experiência de Espadas; a intenção é mesmo negar e destruir. Por outro lado, não se trata de um vandalismo primitivo, prova de estupidez, mas de uma revolta contra a imperfeição das formas de vida e contra sua própria incapacidade de mudar algo.

Demorando-nos nesse assunto, queremos mais uma vez por em relevo a necessidade absoluta de purificação e harmonização da personalidade, antes de qualquer outro trabalho espiritual.

O girar simultâneo dos dois quadrados do símbolo do 8 de Ouros, em sentidos opostos, simboliza os dois aspectos do processo criativo:

- 1º. O “involutivo”, isto é, a imersão do sutil no denso ou o aspecto “que nos cria”.
- 2º. O evolutivo, quando conscientemente tornamos o denso mais sutil, ou seja, quando “nos criamos”.

É importante que o discípulo esteja cômico da existência desses dois aspectos do processo e de sua interdependência.

Analiseemos esse segundo e muito importante aspecto, isto é, o trabalho consciente e criativo do discípulo, que no 8º grau de Ouros é relacionado com os tatwas. O trabalho sobre os tatwas é um pouco diferente, pois não consiste em “purificação”, como foi o caso dos planetas, e sim em reforçá-los, ou seja, elevar suas vibrações, pois cada tatwa possui uma escala completa de vibrações. É possível, por exemplo, sutilar de tal forma o corpo físico (aspecto substancial do tatwa Prithivi) que este, por si mesmo, ativará a sutilização do conteúdo psíquico, aumentando assim a receptividade superior. Essa é a explicação do valor esotérico do jejum.

Pode-se trabalhar conscientemente para desenvolver o magnetismo pessoal (aspecto substancial do tatwa Apas) ou

para sublimar os elementos psíquicos e mentais (tatwa Vayu e Tejas); (ver anexo dos exercícios e regimes especiais).

O discípulo precisa conscientizar-se do grau de desenvolvimento de seus tatwas, para poder elevar suas vibrações.

Para alcançar um desenvolvimento harmonioso e o equilíbrio entre o poder mental e a capacidade de profundo sentir, os dois planos — o mental e o astral — precisam ser simultaneamente desenvolvidos. Do mesmo modo, precisam ser simultaneamente desenvolvidos os dois planos inferiores — o etérico e o físico — para que suas vibrações, não apenas não impeçam, mas mesmo facilitem a sutilização dos elementos superiores da personalidade.

Todo o trabalho anterior do discípulo sobre si mesmo era uma preparação indispensável para poder elevar conscientemente as vibrações de seus elementos essenciais (mental e astral) e substanciais (etérico e físico).

A ação dos quatro tatwas inferiores pode ser reforçada pelo trabalho pessoal, consciente e por exercícios apropriados. A ação do 5º tatwa — o Akasha — o princípio espiritual, não pode ser reforçada pelo esforço próprio do discípulo, mas é possível criar condições para que o mesmo se manifeste com mais intensidade.

O tatwa Akasha manifesta-se de vários modos:

- 1º. Como força universal da vida, causando o crescimento e o desenvolvimento de cada organismo vivo. Nesse aspecto age através dos tatwas inferiores, que dele emanam e nele se fundem. No mundo vegetal, o Akasha age através de dois tatwas (plano físico e etérico), no mundo animal — através de três tatwas (plano físico, etérico e astral) e, no humano, através dos quatro tatwas. O ser humano, como já foi dito, não é consciente dessa ação tátwica.
- 2º. Como força criadora, sentida pelo ser humano e manifestada como “vontade evolutiva”. Essa manifestação é comparativamente rara, pois abrange apenas os que conscientemente procuram evoluir.
- 3º. Como força criativa, dirigida ao mundo do “não-Eu”. É a manifestação da individualidade nos campos científico, artístico, filosófico, etc., da qual tratou o Arcano anterior. De acordo com seu grau, a força manifesta-se como habilidade, talento ou gênio. São dons que não podem ser atraídos pelo esforço próprio, mas podem ser desenvolvidos ou desperdiçados, conforme a sua aplicação.

- 4º. Como força que espiritualiza a personalidade, sem participação nesse sentido, da pessoa em questão. É a consequência de um trabalho interno, intenso, numa vida anterior. Essa força já é superconsciente.
- 5º. Como manifestação do "Espírito que sopra onde quer". São estados superiores em que desaparece tudo o que pertence à personalidade. Esses estados, em geral, já não fazem parte do naipe de Ouros e sim do aspecto positivo de Espadas ou mesmo dos naipes superiores, pois são experiências vividas pelos que uniram sua vontade à Vontade Divina. São manifestações da força superconsciente e levam diretamente à Iniciação.

O 8º grau de Ouros conclui o ensinamento esotérico sobre a individualidade que também é freqüentemente chamada de "Eu verdadeiro" e que se torna sempre mais pronunciada na medida em que o discípulo avança no caminho iniciático.

Ao 8º grau de Ouros pertence também o ensinamento sobre os três tipos de almas, designados por três letras do alfabeto hebraico — Aleph, Ghimel e Lamed — e que, juntas, formam o nome divino AGLA. O valor numérico desta palavra é $1+3+30+1=35$, o que, pela adição dos algarismos, dá o número 8 (ver o 8º Arcano Maior).

Esses três tipos de almas correspondem a três caminhos diferentes para Deus:

- 1º. O tipo Aleph concebe Deus como força abstrata, transcendental e procura aproximar-se Dele pelo conhecimento científico ou oculto. É o caminho dos filósofos, cientistas e metafísicos.
- 2º. O tipo Ghimel segue o caminho da imanência divina, através da experiência interna, super-racional, da presença divina em si e de se sentir uma parte de Deus. É o caminho dos místicos.
- 3º. O tipo Lamed tem, também, uma concepção transcendental de Deus, mas alcançada através da intuição. Ele sentirá a Vida Divina em toda a criação e seu caminho para Deus será o da união com a Natureza, de amor e de compaixão para com todos os seres, como filhos do mesmo Pai. Estará pronto a se sacrificar para o bem de tudo. É, poder-se-ia dizer, um panteísmo religioso.

A última letra — Aleph — do nome divino Agla, é a união, nos planos superiores, desses três tipos de almas, realização esta que pertence ao estágio de Paus.

A diferenciação das almas humanas em três tipos, corresponde à tríplice divisão da Mônada nos planos tátwicos superiores.

Toda alma que não está exclusivamente limitada ao materialismo, isto é, que é aberta às influências superiores e não degradada do ponto de vista espiritual, pertence a um desses três tipos básicos que, na realidade, são a expressão de três correntes espirituais. Cada uma dessas correntes, fluindo através das individualidades humanas, expressa-se nelas em diversas amplitudes e diversas profundidades espirituais, adquirindo uma expressão única, irrepetível. Pode-se dizer que um “fragmento” de uma dessas três correntes, envolve-se da determinada individualidade, como a mesma se envolve da personalidade humana.

O discípulo no estágio de 8 de Ouros precisa, não apenas identificar seu tipo de alma, mas também esforçar-se para que ele possa manifestar-se o mais perfeitamente possível, através da sua individualidade e personalidade. Se sua personalidade não for suficientemente purificada, ela refletirá o tipo Aleph sob a forma, por exemplo, de um dogmatismo estreito e o apego à escolástica, o tipo Ghimel — como vivências astrais ilusórias e o tipo Lamed — como uma espécie de “diluição” inconsciente da individualidade no meio ambiente.

O 8º grau de Ouros está relacionado, também, com o ensinamento sobre as Três Causas Primordiais, cujo símbolo gráfico e kabalístico é o “Triângulo do Arquétipo”, ou seja, o triângulo do nome divino “EMESH” (Aleph, Mem, Shin). O valor numérico dessa palavra é $1+40+300=341$, o que, somando os algarismos, dá 8.

Em relação ao Hermetismo Ético e ao estágio de Ouros, as Três Causas Primordiais expressam-se do modo seguinte:

- Causa ALEPH — como caráter específico da individualidade, refletindo um dos três tipos de almas. A individualidade, da qual o discípulo talvez ainda não se tornou consciente, manifesta através da personalidade o caráter específico de suas aspirações e o modo pelo qual o discípulo, conscientemente, se cria a si mesmo.
- Causa MEM — como influência espiritual que vem do Alto e que “cria” o discípulo, se este, pelo esforço anterior, consciente, preparou seu conteúdo interno para receber essa influência superior. É a força espiritual que, agindo de fora, através do Akasha, pode transmutar o ser humano, pronto para essa transmutação.

— Causa SHIN — como força do próprio discípulo. Sem ela, nenhum trabalho criador seria possível, apesar da existência da aspiração. É a presença do Akasha, imanente no discípulo, que permite que “ele crie”.

No grau precedente, o 7º, o discípulo precisava superar o aspecto negativo do carma interno. A tarefa do 8º grau é aprender a reger seu carma externo. Regê-lo, significa aprender a enfrentar positivamente todos os acontecimentos externos de sua vida, utilizando-os para seu progresso espiritual. Nada acontece por acaso, tudo tem sua razão de ser. Uma provação necessária, se for repelida, voltará novamente. Todos os acontecimentos e situações devem ser construtivamente aproveitados e não se tornarem motivos para uma involução.

O 8 de Ouros corresponde ao 8º Arcano Maior. O símbolo gráfico deste — um quadrado de ouro, inscrito num quadrado de prata — representa a mesma idéia. Esta variante sublinha a diferença existente nas duas formas do processo criativo: o quadro de ouro simboliza o trabalho interno, o de prata — a influência externa.

Os três títulos do 8º Arcano Maior: “Libratio”, “Karma” e “Lex”, se referem principalmente ao carma. “Libratio”, no aspecto de Ouros, é a realização do equilíbrio entre o carma e a vontade, sem o que a Iniciação não seria possível. Os outros dois títulos fazem lembrar a lei de causa e efeito e das inevitáveis conseqüências de tudo que foi feito.

Além dos nomes divinos já mencionados, a Tradição liga o 8º Arcano Maior e, portanto, o 8º grau de Ouros, ao terceiro nome divino: Iod-He-Vau-He ($1+5+6+5=17$, dando a soma dos algarismos — 8). Este nome, em relação ao 8 de Ouros, corresponde ao trabalho criativo dos quatro tatwas inferiores, realizando-se de cima para baixo (4) e de baixo para cima (4), ou seja, em oito aspectos.

O outro Arcano Maior correspondente — o 17º — é o Arcano da Natureza. A força desta, renovando a vida, não é outra coisa senão a força tátwica. O Arcano 17º trata da ajuda recebida do Alto. No aspecto de 8 de Ouros, é a influência tátwica, superior. Os títulos do Arcano — “Divinatio Naturalis” e “Signum” — referem-se principalmente ao condicionamento astrológico, estreitamente ligado ao carma. É um elemento de determinismo astrológico, retificado pelo elemento do indeterminismo, expressando-se pelo lema bem conhecido: “os astros inclinam, mas não obrigam”. Realizá-lo, já é uma prova de discipulado e o 8º grau de

Ouros indica em que condições isso pode ser feito. O 3º título "Intuitio" confirma o dom do conhecimento supra-intelectual, dado pela ação de Akasha. Finalmente, o 4º título "Spes" indica que diante do discípulo que realizou a purificação do 7º grau e conscientizou-se do trabalho dos tatwas, já se abre a possibilidade de Iniciação, isto é, do nascimento espiritual para uma vida nova. No plano espiritual, a esperança, ou seja, a convicção a respeito do futuro, é uma das mais elevadas manifestações da intuição.

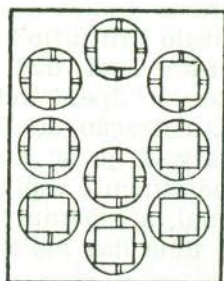
O 8 de Ouros corresponde à 8ª Sefira, Hod, Sefira da Paz. Em todos os naipes, o 8º grau é um grau que se refere a um trabalho interno, que se faz em silêncio e que transforma o ser humano. Em Ouros, é a misteriosa influência do Akasha, transformando o discípulo e preparando-o à Iniciação no grau seguinte.

Na alquimia, ao 8º grau de Ouros corresponde o estágio mais espiritual do processo alquímico. A mistura "Rebis", dentro do "ovo", já recebeu o máximo da influência externa. Agora, o alquimista concentra todas as suas forças mentais e volitivas (o "azoto dos sábios") para atuar sobre essa mistura desde dentro e para que nela nasça a "Pedra Filosofal". Essa força espiritual do alquimista, agindo sobre os elementos do "Rebis", corresponde à ação do Akasha sobre os tatwas inferiores, presentes no ser humano.

9 DE OUROS

Correspondências: SEFIRA YESOD

e os Arcanos Maiores: 9º e 18º



O símbolo gráfico do 9 de Ouros é a figura chamada o “Grande Arcano da Iniciação” (fig. 9), que se compõe, por sua vez, de três símbolos diferentes: em cima — um triângulo ascendente; no meio, um hexagrama; em baixo — um quadrado sobre a cruz dos elementos e dentro de um círculo. A totalidade apresenta o valor numérico: $3+2+4=9$.

Este pantáculo pode ter diversas interpretações específicas, mas sempre representa a Iniciação nos três planos: o espiritual ou superior, o astral ou médio e o físico ou inferior. O pantáculo pode se referir ao esoterismo em geral ou a uma das suas ramificações, como, por exemplo, Magia, Kabala, Alquimia, etc.



Fig. 9

Neste estudo significará a Iniciação no caminho do Hermetismo Ético, correspondendo a um desabrochar interno e ao desenvolvimento de um determinado poder realizador. Trataremos somente do aspecto esotérico da Iniciação de Ouros; do aspecto exotérico trata o 9º Arcano Maior.

A Iniciação do estágio de Ouros, diferenciando-se das dos naipes superiores, não corresponde a um estado, conscientemente vivido, de iluminação supra-racional que, por si mesmo, transforma o ser humano. Ela se assemelha mais à conclusão de um processo prolongado de espiritualização no qual, todavia, participa o princípio supra-racional, efeito do inter-relacionamento entre o esforço pessoal, consciente, do discípulo e a penetração nele da Força Superior. A Iniciação de Ouros não é, portanto, simplesmente a soma de todas as realizações alcançadas pelo discípulo; é mais do que isso, pois faz nascer nele uma nova “unidade”, um novo ser. Este ser não ficará estacionário, pois a influência da Iniciação é sempre dinamizante. Uma parada no caminho espiritual significaria involução.

Cada Iniciação esotérica tem dois aspectos. Por um lado é uma confirmação do nível já alcançado; é o aspecto estático. Por outro lado a dinamização do processo evolutivo. Cada Iniciação, também, tem seu caráter particular, pois o processo iniciático é sempre profundamente individual e estreitamente ligado à individualidade única do discípulo.

O pantáculo do 9 de Ouros, como já foi dito, é o símbolo de cada Iniciação esotérica, independentemente do nível evolutivo e da individualidade do iniciando. Em relação ao estágio de Ouros, pode ser considerado como representando as realizações do discípulo em cada um dos três planos. Analisemos essas realizações em seus dois aspectos: o desenvolvimento interno e o poder realizador. Começaremos pelo primeiro.

O triângulo superior corresponde ao princípio individual, ou seja, ao verdadeiro “Eu”, acima dos elementos pessoais. De acordo com o grau de seu desenvolvimento, este “Eu” se manifestará como regente da personalidade, como juiz superior (voz da consciência), como vontade evolutiva, como planeta dominante, como princípio criador, como tatwa Akasha ou como um aspecto da Mônada.

A presença desse triângulo indica que o discípulo aprendeu a neutralizar os binários “na direção de cima”, isto é, a encontrar uma solução correta para todos os opostos, abstratos ou concretos, que se apresentam na sua vida, especialmente os do carma — vontade, dos elementos “M” e “F” e, também, que aspira ao androginato externo. A síntese dessas realizações iniciáticas resulta numa expansão da consciência e em harmonia mental.

O hexagrama corresponde ao relacionamento com o ambiente, neste caso, o relacionamento do ser interno do discípulo, com sua própria personalidade. O hexagrama é composto de dois triângulos iguais, mas com colocação diferente. O triângulo descendente corresponde ao trabalho do discípulo sobre sua personalidade; o ascendente — às suas aspirações. O discípulo deve equilibrar esses dois aspectos e tornar-se “um hexagrama harmonioso”. O desenvolvimento de um só desses aspectos, à custa do outro, não daria bons resultados.

Além do seu simbolismo geral, esse hexagrama pode apresentar, também, vários aspectos particulares, como por exemplo, a harmonia entre o carma e a vontade, entre os elementos “M” e “F” ou entre as influências planetárias. No último caso, o hexagrama inteiro corresponde ao planeta dominante e cada linha da figura, a um dos outros seis planetas.

Construindo “seu hexagrama” o discípulo aprende, por isso mesmo, a construir também “seu triângulo superior”.

O conjunto do triângulo superior e do hexagrama pode ser considerado, no caminho iniciático, como representando respectivamente as Três Causas Primordiais e as Sete Causas Secundárias. As primeiras correspondem ao Alvo em nome do qual o Caminho está sendo trilhado; as segundas — aos meios utilizados pelo discípulo para alcançar este Alvo, isto é, suas realizações pessoais internas. Assim, esse conjunto representaria o relacionamento entre a finalidade procurada e os meios para alcançá-la. No caso das realizações pessoais constituírem, por si mesmas, o total ou uma parte da finalidade almejada, o triângulo de cima desaparece e o Caminho perde seu caráter iniciático.

A parte inferior do pantáculo — o quadrado sobre a cruz dos elementos e dentro de um círculo — refere-se à realização. Uma vez que estamos analisando o pantáculo somente em relação ao estado interno do discípulo, o quadrado representa aquilo que “os tatwas criaram dentro dele”; a cruz — aquilo que o “discípulo, ele mesmo, criou”. O quadrado simboliza o aspecto passivo, a cruz — o ativo. O círculo, ao redor, simboliza o infinito ou princípio espiritual (ou Akasha), atuando de dentro e de fora. A cruz e o quadrado representam também a lei Iod-He-Vau-He, em seus aspectos: dinâmico (a cruz) e estático (o quadrado), ou também, os 4 “animais” ou virtudes Herméticas.

Analisemos agora o pantáculo do Grande Arcano da Iniciação em relação ao poder realizador do iniciado, ou seja, seu trabalho no meio ambiente.

Falamos já da finalidade espiritual que deve incentivar o trabalho interno. Vejamos agora em nome de que, como e em que condições o iniciado de Ouros pode desempenhar uma atividade no ambiente.

O triângulo de cima indica que o “portador da força e do conhecimento”, isto é, o iniciado, pode agir somente com fins superiores, visando unicamente a evolução do meio ambiente. Esse triângulo deve “ser visível” para todos, o que significa que, inculcando as Verdades que recebeu de uma Fonte Superior, o iniciado não deve ocultar os princípios em nome dos quais está trabalhando.

O hexagrama refere-se aos métodos do trabalho. Os dois triângulos — o ascendente e o descendente — por si mesmos, já indicam duas direções no trabalho. A Tradição acrescenta a este hexagrama duas flechas em direções opostas, indicando que os triângulos, em movimento, mudam de des-

cedente para ascendente e vice-versa, simbolizando a passagem simultânea do sutil para o denso e do denso para o sutil, ou seja, a descida e a subida.

Quando o iniciado apresenta, por exemplo, as grandes Verdades esotéricas na forma mais acessível para seu ambiente, ou quando lhe transmite sua força ou seu magnetismo, “**ele desce**”, mas sua “descida” resulta, ao mesmo tempo, em elevação espiritual ou “**subida**” do ambiente. Essa é a explicação do movimento do hexagrama. Um outro exemplo de “descida” e “subida” é o trabalho do iniciado para sublimar e expandir a consciência dos alunos, fazendo-os compreender a essência espiritual daquilo que, até então, existia neles sob forma de ideais ou convicções. Tudo isso faz girar o hexagrama.

A “involução” do iniciado é indispensável à evolução do ambiente e é por causa disso que seu trabalho no mundo do “não-Eu” é considerado como “sacrifício” (ver 12º Arcano Maior).

Finalmente, o hexagrama indica que o iniciado, em seu trabalho, deve adaptar-se ao nível evolutivo do ambiente. Uns poderão ser receptivos às Verdades mais elevadas, além de quaisquer formas, outros poderão compreender apenas formas um pouco mais elevadas do que aquelas às quais estão acostumados. Isto é sublinhado nas palavras de Jesus: “A vós é dado saber o mistério do Reino de Deus, mas aos que estão de fora, todas essas coisas se dizem por parábolas” (Marcos, 4/11).

O iniciado, portanto, deve possuir grande discernimento e levar em consideração não apenas o nível evolutivo, mas também a psicologia do ambiente. Por outro lado, deve estar muito atento para não vulgarizar demais as Verdades Superiores. Precisa encontrar uma solução harmoniosa para sempre elevar o nível interno dos alunos.

O trabalho do iniciado não se limita apenas a transmitir determinados conhecimentos iniciáticos. Além disso, ele precisa agir diretamente sobre a consciência de seus alunos, tomando temporariamente posse dela e transmitindo-lhe algo de sua própria consciência. Assim, após a separação, a consciência do aluno fica mais profunda e mais rica. A Tradição ensina que, no momento da morte física, a consciência do iniciado funde-se com a consciência de um só de seus discípulos, o escolhido, e lhe transmite “seu Grande Arcano”, continuando, assim, sua vida espiritual no corpo desse discípulo. Para que isso seja possível, é preciso haver

entre os dois, o iniciado e o discípulo, uma afinidade espiritual.

Passemos à parte inferior do pantáculo do Grande Arcano. Esta se refere às possibilidades e condições do trabalho do iniciado no plano físico. As mesmas dependem, basicamente, de três fatores.

- 1º. O apoio recebido da egrégora à qual o iniciado pertence, independentemente de ter essa egrégora uma manifestação no plano físico ou existir somente no astral.
- 2º. A situação social que ocupa o iniciado e que pode lhe facilitar o trabalho espiritual, como por exemplo, a de um catedrático, em relação aos estudantes; de um sacerdote de grau superior, em relação aos fiéis, etc.
- 3º. As possibilidades puramente materiais que, também, podem facilitar seu trabalho, dando-lhe, por exemplo, independência financeira, mais tempo para dedicar-se ao trabalho espiritual, possibilidades de viajar, etc.

Quando o pantáculo do Grande Arcano da Iniciação se refere somente ao trabalho mágico, é chamado "Grande Arcano da Magia" e fornece as bases da atuação mágica nos três planos. Este assunto pertence a outro curso e lhe dedicaremos aqui apenas algumas palavras:

- 1º. O triângulo de cima, chamado "ponto de suspensão", corresponde à parte teúrgica de cada atuação de Magia Branca. Consiste na "confissão" do mago, na invocação das Forças Superiores, no pedido de ajuda, etc.
- 2º. O hexagrama corresponde à força mágica gerada pela cerimônia e agindo sobre o plano astral. Esta força depende do próprio poder do mago (o triângulo ascendente do hexagrama) e da força dos clichês, magicamente permeados, tais como fórmulas e conjurações, que o mago emprega, como também dos instrumentos ritualísticos que usa na atuação (o triângulo descendente).
- 3º. A parte inferior do símbolo corresponde ao "ponto de apoio" do mago no plano físico, isto é, o círculo mágico e sua preparação adequada.

Passemos aos Arcanos Maiores correspondentes, ou seja, o 9º e o 18º, ambos ligados à Iniciação.

A lâmina do 9º Arcano Maior, examinada em todos os seus detalhes, caracteriza a vida do iniciado. Sublinha seu isolamento, a escuridão que o cerca, as qualidades que lhe serão necessárias, a Luz interna que possui, etc.

A lâmina do Arcano 18º apresenta um quadro ainda mais sombrio. É o estado do mundo em que o iniciado terá que trabalhar: os opostos não neutralizados e que ainda não alcançaram mesmo sua forma definitiva (duas pirâmides truncadas), o sangue do crime, o conservantismo desesperador (caranguejo voltando à sua poça), as trevas nas quais o sol não penetra, etc. A tarefa do iniciado, nesse ambiente, é a de desempenhar o papel da "Lua", que reflete a Luz do Sol invisível, isto é, a tarefa de transmitir à humanidade a "Luz Solar". No entanto, este papel encerra um perigo: o ambiente pode ser atraído não pelas puras Verdades Eternas (a "Luz Solar"), mas pela personalidade do iniciado que as transmite; **crer nele, segui-lo**. Este é o caso de muitas grandes religiões e movimentos religiosos, cujo ensinamento espiritual ficou eclipsado pela adoração do seu fundador. É o culto da personalidade que, em geral, é inconscientemente promovido pelos mais dedicados seguidores.

A mesma lâmina sublinha também outros perigos que o iniciado encontra no seu caminho: os inimigos ocultos e os falsos amigos. Os primeiros são as seqüelas da antiga desarmonia interna que podem surgir das profundezas do ser, destruindo o trabalho do iniciado. Os segundos — as pequenas tentações que parecem inofensivas, mas que, às vezes, acabam dominando a vontade evolutiva.

É preciso acrescentar que tais eventualidades são possíveis apenas no estágio de Ouros, onde o elemento pessoal e a vontade própria ainda existem, apesar de terem sido postos ao serviço espiritual. Nos estágios superiores o princípio pessoal fica totalmente superado; somente o princípio espiritual rege o ser humano.

O 9º grau de Ouros corresponde à Sefira Yesod. A Iniciação não é outra coisa senão a realização de uma NOVA FORMA DE CONSCIÊNCIA que se originou no sentir da Unidade (Keter), alcançou a harmonia (Tiferet), obteve a vitória hermética sobre a personalidade (Netzah), determinou-se pelo trabalho interno (Hod) e recebeu uma nova forma (Yesod).

Nossa exposição do caminho de Ouros ficaria incompleta se deixássemos de mencionar um fator puramente psicológico que sempre acompanha o discípulo que trabalha: um sentido de felicidade interna, que não depende de circunstâncias externas e não se parece com outras alegrias da vida terrestre, pois sua natureza é diferente, é esotérica. É uma felicidade que surge, devido à consciência que se tem de um crescimento interno, dos resultados alcançados no trabalho,

da superação das fraquezas. Essa felicidade aumenta ainda mais, quando o discípulo constata que, no seu esforço, é ajudado pelas forças superiores, externas.

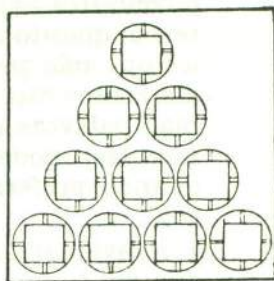
Na alquimia, à experiência da Iniciação, corresponde ao nascimento da “Pedra Filosofal” ou “Pedra Vermelha” que, na realidade, é um pó vermelho. Seu aparecimento é do mesmo modo supra-racional, no campo da química, como o é a experiência iniciática em relação aos estados psicológicos, estudados e classificados pela ciência experimental. Tanto uma, como a outra pertencem a uma Realidade Superior.

A Pedra Filosofal representa, no plano da Natureza, a força interna do alquimista. É uma densificação palpável dessa força. Com isso, o processo termina. O alquimista pode passar a multiplicar a “Pedra” e realizar o ouro.

10 DE OUROS

Correspondências: SEFIRA MALKUT

e os Arcanos Maiores: 10º e 19º



Neste estágio, o iniciado de Ouros já conhece sua individualidade, suas forças e o Princípio Espiritual interno; conhece os perigos do Caminho e sabe em que lugar desse Caminho ele mesmo se encontra. Agora pode passar ao trabalho externo, isto é, o de elevar o nível evolutivo do seu ambiente, seja este o círculo de seus alunos ou a sociedade em que vive.

O nível evolutivo depende de dois fatores principais: o horizonte mental e os princípios éticos. O iniciado terá, portanto, que trabalhar nesses dois sentidos.

Do ponto de vista esotérico, alargar o horizonte mental, não significa propagar os conhecimentos gerais — essa é a tarefa da instrução escolar — mas sim, introduzir na consciência humana os princípios esotéricos, criar bases para o pensamento esotérico, bem como transmitir determinados conhecimentos do esoterismo.

Os conceitos éticos, inculcados pelo iniciado, deverão, também, ter uma base esotérica e contribuir para desmorrar a falsa moralidade, criada pelos condicionamentos do passado, moralidade que limita e corrompe a sociedade humana.

Pode-se dizer que todo o trabalho externo do iniciado é uma neutralização do binário: seu próprio conteúdo interno — nível do ambiente em que trabalha.

Para dar uma idéia da possível diversidade do trabalho a ser feito por um iniciado, esboçaremos seu caráter geral e a forma em que poderá realizar-se.

Tomemos o binário mencionado: iniciado (pólo ativo) — meio ambiente (pólo passivo). Analisando o pólo ativo, constataremos que:

- 1º. O nível espiritual e a força interna do iniciado desempenham naturalmente um papel decisivo, pois quanto maiores, tanto mais poderá ele elevar o ambiente. Do seu nível espiritual depende a profundidade das idéias

e conceitos expostos. No que se refere à sua força interna, quanto maior, tanto mais será sentida por aqueles que não perderam completamente a capacidade de discernimento espiritual. Isso explica porque as mesmas palavras que, em geral, deixam os ouvintes indiferentes, podem exercer uma tremenda influência quando proferidas por um possuidor da força espiritual.

- 2º. A individualidade do iniciado determinará a FORMA que vai tomar seu trabalho.

No Arcano precedente falamos dos dois modos do trabalho criativo: o “de cima para baixo”, que corresponde a dar às Verdades Superiores uma forma adequada e acessível à compreensão dos alunos, e o “de baixo para cima”, isto é, apresentar essas Verdades, de acordo com o progresso dos alunos, em seus aspectos sempre mais elevados, ou seja, sempre menos e menos veladas pela forma.

Conforme sua individualidade, o iniciado escolherá um dos três modos básicos do trabalho, que podem ser denominados da seguinte maneira:

- a) aristocratismo espiritual;
- b) democratismo espiritual;
- c) combinação dos dois anteriores.

É evidente que essas denominações são puramente relativas, porque todo trabalho espiritual é “aristocrático”, já que prevalecem nele os valores superiores do ser humano. Também é “democrático”, pois ensina que a origem espiritual é a mesma para todos e que a perfeição pertence, potencialmente, a cada um. Todavia, um iniciado do tipo “aristocrático” será atraído para “criar para cima” e do tipo “democrático” procurará tornar a Verdade mais acessível a um número maior de pessoas. Essas duas tendências, naturalmente, influem sobre seu modo de trabalhar. O iniciado do primeiro tipo evitará reuniões públicas. Escolherá seus alunos e trabalhará com cada um individualmente ou, no máximo, em pequenos grupos fechados. Geralmente, ele nada fará para atrair quem quer que seja, convencido de que os que amadureceram virão por si mesmos, de um ou outro modo. Ele aceitará somente alunos sérios e esforçados, ensinando mediante conversas particulares e direção espiritual individual. A este tipo pertencem também os iniciados que não praticam o ensino organizado, mas que, pelas respostas às perguntas, pela constante prontidão a ajudar quem precisa e, além de tudo, pela força e harmonia que deles ema-

nam, elevam espiritualmente todos que os rodeiam. Um simples encontro com tal iniciado pode mudar completamente uma vida humana. Se um iniciado desse tipo escreve um livro tratando de assuntos espirituais, esse livro será compreendido por poucos, mas terá sobre eles uma grande influência. O mesmo acontecerá com qualquer obra de arte, na qual o iniciado encerrou uma Verdade espiritual.

O trabalho de iniciado do segundo tipo terá um caráter bem diferente. Querendo espalhar o ensinamento espiritual entre as massas humanas, ele o simplificará ao máximo. Aproveitará cada ocasião para falar, fundará amplos movimentos espiritualistas, acessíveis a todos. Seus alunos, ou melhor, seus seguidores, serão seus ajudantes no trabalho e representantes de sua organização. Seus escritos terão um caráter popular e, com mais frequência, serão apostilas e não livros.

Não nos cabe opinar qual desses tipos de trabalho é mais útil. Eles formam um binário, completando-se e realizando ambos sua tarefa. O primeiro conserva a Tradição iniciática e forma novos instrutores, o segundo eleva o nível da sociedade ou de uma parte da mesma. No entanto, não se deve pensar que os iniciados que trabalham individualmente, com um ou outro discípulo escolhido ou em pequenos grupos fechados, não influenciam a vida da sociedade. Pelo contrário, essa influência existe e, por vezes, é importante, pois as pessoas desse tipo pertencem geralmente a uma elite cultural que influencia a vida do país. Por outro lado, os iniciados "democratas", falando à grandes massas humanas, além de despertar o interesse — mesmo que seja superficial — dos que talvez nunca ouviram falar no assunto, atingem, às vezes, pessoas mais preparadas, que poderão tomar o caminho iniciático.

Analisando a individualidade de cada um desses tipos de iniciados, podemos deduzir que o planeta dominante do primeiro é Saturno (misticismo, isolamento interno), ou a Lua (princípio de proteção e tendência a limitar o campo de sua atividade aos que lhe são mais próximos), ou, ainda, Vênus (a idéia encerrada nas obras artísticas). O planeta dominante do segundo tipo será o Sol (desejo de ser o centro de uma extensa atividade social), ou Marte (pregação ardente, capaz de inflamar os corações do povo, atividade concentrada numa determinada direção), ou, ainda, Mercúrio (capacidade de se adaptar ao ambiente). Quanto a Júpiter, sua presença, como planeta da autoridade e da hierarquia, deve ser pronunciada em ambos os casos.

O terceiro tipo de iniciado, unindo em si os dois tipos, tem a maior possibilidade de realizar um extenso e profundo trabalho espiritual. A esse tipo pertenciam os fundadores das grandes religiões, como Moisés, Buda, Jesus e outros grandes Iniciados. Todos Eles, além de ensinar o povo, ensinavam o esoterismo aos escolhidos. Existem provas de tal trabalho de Buda e de Jesus com seus discípulos-iniciados. Quanto a Moisés, Ele deixou um exemplo bem evidente de discriminação no ensinamento: para o povo — a legislação Sináica e todo o codex de regras religiosas em diversos capítulos do Pentateuco; para outros, provavelmente alguns Levitas, um ensinamento menos acessível, isto é, a Kabala mística (ligada ao Tarô) e o subtexto iniciático da Gênese.

É evidente que todos esses Iniciados já tinham passado pelos estágios superiores do naipe de Paus.

Passemos ao outro pólo do binário analisado, isto é, ao meio em que trabalha o iniciado. Nesse caso, o termo “meio” significará tanto as massas humanas, como alguns ou mesmo um só discípulo. É claro que, quanto mais reduzido for o “ambiente”, mais concentrado será o trabalho do iniciado.

Em relação às massas, o trabalho do iniciado provoca sempre uma reação, pois implica com o modo de viver do povo, com sua rotina, seus conceitos e seus hábitos cristalizados. Existem vários tipos de reação:

- 1º. Reação passiva que poderia, antes, ser chamada de ausência de reação, pois é limitada a apenas ouvir as palavras do iniciado. A maioria dos homens, mesmo dos que praticam os preceitos de uma religião, está tão absorvida em seus problemas diários, que qualquer apelo a um esforço mental ou à introdução de um novo elemento em sua vida, desliza sobre a aura, sem nela penetrar.
- 2º. Reação negativa. Em cada sociedade existem seres ativamente opostos ao esoterismo, tanto por causa da rigidez e limitação de seus conceitos religiosos, como por puro materialismo.
- 3º. Reação positiva. Nesta existem várias subdivisões:
 - a) As Verdades penetram na consciência, causando um impacto, mas não são aplicadas na vida.
 - b) As Verdades penetram na consciência, levando a um trabalho interno, especialmente à purificação e harmonização da personalidade. Durante esse período, a pessoa adquire uma nova cosmovisão, mas o Princípio Espiritual interno não chega a

ser descoberto. Essas pessoas podem ser chamadas de seguidores do esoterismo, mas ainda não de “discípulos”.

- c) A penetração das Verdades e o trabalho interno levam ao caminho iniciático, isto é, à experiência espiritual interna. Em cada ambiente, este grupo será o menos numeroso, mas prevalecerá por seu valor. São os “discípulos”. Um “discípulo” pode trabalhar sozinho ou sob a direção de um instrutor.

A escolha do tipo de trabalho de um iniciado depende também do caráter, da composição e do nível ético e intelectual do ambiente, fatores aos quais o iniciado deve adaptar seu ensinamento. Evidentemente, a adaptação será tanto mais penosa quanto mais baixo for o nível do ambiente.

Em cada trabalho do iniciado no ambiente estabelece-se uma interação entre os dois lados — dois pólos do binário — e cada um desses pólos passa alternativamente do estado passivo ao ativo e vice-versa. O estado ativo do ambiente pode, também, manifestar-se por um aspecto puramente oculto: a confiança. Esta aumenta a força espiritual do iniciado e, em determinado sentido, o “nutre”. O mesmo fenómeno ocorre em relação à egrégora. O iniciado a cria, a “nutre” e a faz vibrar com suas emanações espirituais, magnéticas e com seu trabalho no ambiente. Vibrando, a egrégora, por sua vez, apóia e fortifica o iniciado.

O trabalho de um iniciado de Ouros, para a evolução do meio ambiente, é simbolizado pelo Valet de Logos ou o aspecto realizador da Força Lógica ou Força Universal Criadora. Usando a linguagem do Tarô, o iniciado, pelo seu trabalho, contribui para girar a Roda Universal e, conseqüentemente, reduz o longo processo das contínuas encarnações e desencarnações, indispensáveis à evolução da humanidade atual.

Analisemos a lâmina do 10º Arcano Maior, em relação ao 10º Arcano de Ouros, ou seja, ao trabalho do iniciado no mundo. A Roda gira no sentido evolutivo, portanto, o trabalho do iniciado para apressar a evolução, estimula seu movimento. Duas figuras são arrastadas pelo girar da Roda: uma subindo, outra descendo, mas ambas progredindo no sentido evolutivo. Elas correspondem aos dois modos de trabalho do iniciado. As duas figuras apresentam elementos imperfeitos, o que significa que as Verdades esotéricas, na transmissão e na adaptação à compreensão humana, perdem

uma parte da sua pureza e profundidade e, às vezes, ficam deturpadas. A Esfinge, acima da Roda, simboliza a Lei Iod-He-Vau-He que rege o trabalho realizador; simboliza também os 4 “animais herméticos” ou o lema: saber, querer, ouvir e calar. O Caduceu, que representa o iniciado, emerge das ondas escuras do mar, ou seja, do meio ambiente no qual ele trabalha. O eixo do Caduceu se apóia no côncavo da onda e forma, com a mesma, a figura de Lingam, símbolo da fecundação. É a fecundação espiritual do ambiente pelo trabalho do iniciado.

A lâmina do 19º Arcano Maior — Arcano do Hermetismo Ético — analisada sob o aspecto do 10 de Ouros, sublinha o caráter frutífero do trabalho do iniciado. Na lâmina, os raios solares, tocando a terra, se transformam em ouro. É a Luz Espiritual, transmitida pelo iniciado ao ambiente, que cria o ouro. É a alquimia que se processa nas almas sensíveis, tocadas pela influência do iniciado. As crianças da lâmina representam os participantes desse processo.

A figura simbólica do 10º Arcano de Ouros, formada pela disposição tradicional das dez moedas ou “Ouros” — um triângulo ascendente — apresenta, no sentido de descida, o valor numérico 1, 2, 3 e 4, e corresponde a lei Iod-He-Vau-He que rege todo trabalho realizador.

Na Magia Cerimonial, ela é representada pelo triângulo de evocação, traçado diante do círculo mágico e ao redor do qual, conforme a vontade do Mago, aparecem as materializações mágicas.

A lei Iod-He-Vau-He, em relação ao trabalho do iniciado, expressa-se pelas seguintes fases: Iod — o iniciado, devido ao status que alcançou, está capacitado para passar ao trabalho; He — ele entra em contato com o meio ambiente, formando um binário básico com o mesmo; Vau — estabelece-se uma interação entre os dois pólos, o que resulta em uma determinada forma do trabalho; Segundo He — o trabalho se realiza.

O 10º e último Arcano de Ouros corresponde à Sefira Malkut, tradicionalmente chamada “Reino”. Esta Sefira está diretamente ligada, pelo canal 22, com a Sefira da Iniciação — Yesod — e é uma consequência lógica da mesma. O iniciado não tem o direito de se afastar do mundo e de se fechar em si mesmo. Deve agir externamente; se não o fizer, perderá seu poder iniciático.

O nome “Reino”, dado à Sefira Malkut, sublinha o dever do iniciado de criar esse “Reino”, não apenas em si mesmo, mas também no seu meio ambiente. Este será o “reino” da

egrégora, criada pelo iniciado e vibrando em sintonia com sua tonalidade espiritual e individual.

Ouros é, às vezes, chamado de "Círculos". É o círculo mágico do iniciado, no centro do qual ele se encontra. Neste pequeno "Reino" ou "Círculo" tudo é organizado. Acima do iniciado, a Hierarquia Espiritual, à qual ele se submete inteiramente. Abaixo, o meio ambiente, que ele nutre com sua força e sabedoria iniciática. Seu mundo interno está em harmonia completa com seu trabalho externo. O alvo da iniciação de Ouros é que o ser humano realize a harmonia entre suas aspirações espirituais e sua vida terrestre, trabalhando para a evolução da Terra.

Assim como o iniciado de Ouros utiliza suas forças e sua sabedoria, criando o "ouro hermético" nos corações humanos, o alquimista conclui sua obra, criando o ouro material. O iniciado de Ouros começou seu trabalho externo, verificando suas forças e suas possibilidades; o alquimista, por seu lado, certifica-se do valor da Pedra Filosofal que obteve. Do mesmo modo que o iniciado de Ouros procura aumentar sua influência sobre o ambiente, assim também o alquimista, antes de iniciar a fabricação do ouro, multiplica a força transmutadora da Pedra Filosofal.

* *

*

O naípe de Ouros é a primeira etapa do caminho iniciático. É através dela que começa a subida à Fonte da Luz. Portanto, quem aspira à Luz, deve primeiramente atravessar o naípe de Ouros, nesse ou noutro aspecto, nesse ou noutro nível, mais lenta ou mais rapidamente, tudo dependendo de suas realizações anteriores, da sua vontade evolutiva e da sua individualidade. A experiência de Ouros é indispensável para poder passar aos estágios superiores, geralmente a Espadas. Ela é indispensável, mas ainda não suficiente, pois a passagem se realiza somente quando os sucessos pessoais de Ouros não mais satisfazem, quando seu caráter ilusório ficou aparente e quando o discípulo-iniciado começa a procurar algo mais real.

O estágio de Ouros é ultrapassado em consequência de uma crise interna, que não é outra coisa senão o começo da derrota do elemento pessoal. Essa crise aumenta e amplia-se lentamente.

A satisfação muito natural que acompanha as realizações externas e internas (por exemplo, uma transformação

positiva do caráter), tornar-se-ia um perigo se fosse demais pronunciada, pois ocultaria a continuação e a incessante subida do Caminho. Um artista, muito satisfeito com sua obra, não mais procura se aperfeiçoar e estanca no caminho. O discípulo-iniciado de Ouros, por demais satisfeito consigo mesmo, interrompe seu processo iniciático, freqüentemente até uma futura encarnação. O Princípio Espiritual, por sua natureza, é dinâmico e não pode permanecer inerte. É como fogo — é fogo mesmo — sempre vivo, sempre dirigindo-se para o alto. Pior ainda, se o discípulo considera seu crescimento espiritual, realizado em Ouros, como sendo um mérito pessoal. Perderá então, por completo, o contato com o elemento espiritual e sua iniciação tomará um caráter **puramente mágico**, ou seja, de “Ouros ocultos”. Isso acontece quando no discípulo o Princípio Espiritual é pouco desenvolvido e predominam os elementos da personalidade.

Ultrapassar o estágio de Ouros já é prova de um nível evolutivo bastante elevado, pois a compreensão da relatividade dos sucessos terrestres é causada pelo despertar do Espírito. Passando além do estágio de Ouros, o ser humano deixa para trás o mundo dos ideais humanos e verdades relativas, para aspirar à Verdade Absoluta e procurá-La.

A saída do naípe de Ouros pode ser causada pela conscientização do caráter ilusório, seja do mundo, seja de sua própria personalidade, frente a uma Realidade Superior. O primeiro caso é mais comum quando predomina a razão; o segundo, quando o princípio místico e o coração são mais desenvolvidos e os sofrimentos do mundo sentidos de um modo sempre mais e mais agudo. O primeiro conduz a uma revolta contra o mundo, contra o mal e os sofrimentos que nele existem e contra as Forças Superiores que o permitem; o segundo, a uma depreciação quase total de si mesmo.

É importante sublinhar que essa crise interna, mesmo quando se manifesta como revolta contra o Logos, criador do mundo, provém do crescimento do Princípio Espiritual.

Esses dois modos de sair do naípe de Ouros correspondem a dois modos de atravessar o naípe de Espadas que, condicionalmente, são chamados de modo “negativo” ou “filosófico” e de modo “positivo” ou “místico”. Na realidade, os dois são positivos, pois, tanto durante um, como durante o outro, dissolvem-se os elementos pessoais e são substituídos, progressivamente, por outros, impessoais e espirituais, já não mais limitados pela forma.

ESPADAS

ASPECTO FILOSÓFICO OU NEGATIVO

Espadas é o naipe da “psique”, isto é, do astral e do mental, e sua experiência é vivida quando esses dois princípios do ser humano alcançam o maior desenvolvimento. No aspecto filosófico ou negativo de Espadas, a razão predomina sobre os sentimentos ou o coração. Essa etapa corresponde ao plano “Nasham” do Judaísmo ou “Manas” da filosofia oriental; nela, o mental, não tendo alcançado o plano superior “Haia” ou “Budi”, não está ainda capacitado para uma síntese criadora, mas apenas para uma análise inexorável que penetra até as raízes da existência.

O discípulo, iniciado no aspecto oculto e mágico de Ouros, já possui um alto grau de conhecimento da sua PERSONALIDADE. Tendo desenvolvido seus centros psíquicos e suas capacidades mágicas, obteve um determinado poder sobre o mundo astral e sobre seu ambiente. Ele se tornou capaz de criar novas formas e de transformar as já existentes. Sua atividade é inteiramente regida por sua vontade pessoal, que domina totalmente o mundo de seus desejos e emoções.

Ele alcançou o desenvolvimento máximo de sua PERSONALIDADE.

No entanto, simultaneamente com essas realizações, nasceu no seu íntimo uma insatisfação com o alcançado, uma depreciação dos valores do mundo que, até o momento, lhe proporcionavam tanto contentamento. Interroga-se sobre a utilidade de tudo isso. Começa a aspirar a algo diferente e superior. Torna-se consciente da existência de uma Luz que permeia o mundo e quer descobrir sua natureza e sua fonte. Espera poder encontrar Deus face a face, compreender o ser humano e seu “Eu” interno — o reflexo de Deus.

O iniciado de Ouros tem a possibilidade de criar algo no mundo, de lhe oferecer algo, mas nada mais pode dele receber, pois já possui tudo que o mundo pode dar. Ele ainda não compreendeu que, continuando a dar, continuaria a receber, talvez algo imprevisto e diferente, pois dando — recebe-se.

Tendo alcançado o máximo do poder pessoal, começa a perceber o caráter ilusório do mundo. É conhecedor das formas, mas não penetrou ainda na essência que se oculta atrás delas, na Fonte que as cria e, portanto, rejeita-as como sen-

do apenas ilusórias, o que o afeta profundamente, pois assim se desmorona o mundo que o rodeia. Ele admite a existência do Princípio Criador — o Logos — mas, ao mesmo tempo, percebe o caráter ilusório de todo o criado. Vê os sofrimentos do mundo, constata que nada pode mudar, apesar de todo o poder pessoal que conseguiu. Não compreende a finalidade de tal mundo de sofrimentos e injustiça e uma grande revolta contra o Poder Criador nasce nele.

Espadas, no seu aspecto negativo ou filosófico é o estágio de profunda crise espiritual que deve ser atravessada e superada, para que um mago, iniciado de Ouros, possa alcançar as alturas dos naipes herméticos superiores.

Como já dissemos, estamos apresentando neste curso o nível mais elevado do caminho humano, através dos Arcanos Menores, isto é, o nível que leva à INICIAÇÃO. Todavia, na vida de muitas pessoas existem as mesmas etapas em níveis menos elevados e elas também precisam ser superadas para que a evolução possa progredir. Tais etapas se apresentam, às vezes, na seqüência dos graus e naipes dos Arcanos Menores, às vezes, numa ordem diferente. Podem ser curtas e podem durar uma vida inteira ou mesmo várias encarnações. O progresso espiritual, na maioria das vezes, segue uma linha espiral, voltando a pessoa aos mesmos estágios, mas em nível superior. Geralmente, o ser humano não tem consciência de estar passando por um teste de algum determinado naipe ou grau. Por outro lado, não se deve esquecer que nem toda revolta ou ceticismo profundo é prova de que a pessoa está vivendo a experiência de Espadas; bem mais freqüente é tratar-se da conseqüência de algum fracasso na vida, manifestando-se por revolta, ceticismo e animosidade.

Muitas pessoas se consideram “atéias”, porque seu intelecto rejeita a apresentação exotérica de Deus ou porque vivem uma crise dolorosa; outras seguem escrupulosamente os preceitos de uma religião, afastando de sua mente qualquer problema religioso, para não cair na dúvida. É possível que as primeiras se encontrem no limiar de Espadas, enquanto as segundas não alcançaram ainda o naipe de Ouros.

O aspecto negativo de Espadas é a fonte de quase todos os mitos religiosos. A queda dos Anjos no livro de Enoch, a revolta dos Asuras, nas estâncias de Dzian da Doutrina Secreta de Blavatsky, o sacrifício de Prometeu que roubou o fogo celestial, a tentação da serpente da Bíblia e muitos outros, possuem a mesma base.

A experiência do negativo de Espadas expressa-se por um estado interno muito complicado. Sendo o aspecto mental, nesse estágio, o mais poderoso, o homem pretende desvelar o mistério da vida e de seu próprio ser, através do intelecto. Para ele, o único critério da Verdade é seu próprio poder mental. Ele rejeita toda e qualquer alegação de autoridade religiosa ou filosófica. O limitado e condicionado no ser humano procura resolver o problema do Infinito e do Absoluto. Isso resulta em um fracasso e provoca uma revolta que pode tomar formas muito diferentes.

Essa revolta e a luta ativa contra o Princípio Criador do mundo manifestado, transformam-se gradativamente em busca da **causa das causas** e dos valores absolutos, isto é, em busca de Deus.

Em cada experiência profunda e amplamente vivida do estágio negativo de Espadas, estes dois fatores — a revolta e a busca — estão presentes.

A tetralogia do “Anel dos Nibelungos”, de R. Wagner, é uma das imagens mais expressivas do aspecto negativo de Espadas, da sua luta e, ao mesmo tempo, da busca do Divino.

Wagner escreveu, também ele mesmo, o libreto de suas óperas e, nesse trabalho que tomou a ele muitos anos, refletia sobre cada som e cada palavra. Os libretos de suas óperas são muito mais profundos do que se pensa geralmente. É um “Mistério” e não apenas um “ciclo” teatral. Na criação de sua obra, Wagner utilizou, de um modo muito livre, epopéias e lendas germânicas, para apresentar, sobre o fundo mitológico da lenda dos Nibelungos e o antagonismo dos princípios material e espiritual, o genuíno caminho esotérico da alma humana (Siegfried) que luta por sua imortalidade. Em certo momento, Siegfried, para poder unir-se a seu princípio divino (Brunhilda) deve desobedecer ao poder criativo (Wotan) e quebrar com sua espada a lança de Wotan (símbolo das leis estabelecidas no mundo). O sentido desse simbolismo é que, na sua evolução, no caminho para a união com seu “Eu” superior, o ser humano deve rejeitar tudo o que foi alcançado (durante o estágio de Ouros) e avançar solitário, independente de qualquer lei ou ordem externa, sem a ajuda de Cima, sem que haja uma autoridade condutora, obedecendo somente ao seu critério interno, recusando qualquer limitação e, até mesmo, combatendo a interdição superior. É o caminho da luta incessante, da provação pela solidão e desolação internas. Nessa escuridão, o homem precisa descobrir o rumo certo e segui-lo até o

fim. Se lhe falta vontade para levá-lo adiante, poderá cair no marasmo espiritual, na negatividade completa ou no desespero, do qual não haverá saída. Cientes desse perigo, todos os fundadores das religiões exotéricas interditam o conhecimento do Bem e do Mal, ocultam o Fogo Celestial e impedem esse atalho por um conjunto de leis, castigando a desobediência.

Estas medidas protetoras têm sua razão de ser. Foram estabelecidas para a grande maioria de seres humanos que precisam apoiar-se sobre a força mágica das formas e autoridades para poderem evoluir, isto é, realizar a harmonização da sua personalidade. Para essa maioria, a ausência de pontos de apoio resultaria em um desamparo interno.

São poucos os que ultrapassaram a necessidade de tal apoio e que, sem cair no vazio interno, são capazes de se elevar a uma espiritualidade genuína, seguindo o caminho doloroso de Espadas, pois o sofrimento é a essência dessa etapa. Todavia, sem Gólgota, não haveria Ressurreição.

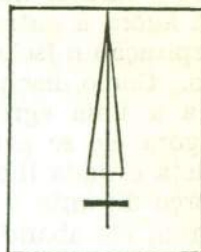
O homem, atravessando esse estágio, rejeita e nega tudo, até o próprio princípio da vida, para, finalmente, nos últimos graus, encontrar Deus dentro de si mesmo. Progressivamente ele se liberta não apenas das ilusões do mundo físico e das do plano astral, mas também da última ilusão: a do princípio que, nele próprio, negava tudo.

Nos Arcanos Menores, esse caminho é simbolicamente apresentado como subida através do sistema sefirótico de Espadas, isto é, a progressiva sublimação da consciência, à medida em que o discípulo(*) se eleva desde Malkut até o Keter.

* Embora o homem seguindo o caminho iniciático, tenha passado por uma ou outra Iniciação, ele continua a ser "discípulo", todavia, de um grau superior.

AS DE ESPADAS

SEFIRA MALKUT — O REINO



A imagem que corresponde a este Arcano apresenta uma espada, de pé, com a ponta dirigida para cima. O cabo é formado por uma cruz de braços iguais — a cruz dos elementos — e a lâmina tem a forma de um triângulo ascendente, muito agudo. Uma acanaladura, ao longo da lâmina, une a cruz do cabo com a ponta, indicando a possibilidade de subida direta do plano físico ao Mundo Espiritual Superior. Mais tarde, nos últimos graus de Espadas, essa acanaladura servirá, também, como canal para a passagem de um fluxo no sentido oposto: a descida da influência de Copas.

Assim, a imagem simbólica do As de Espadas, de um modo semelhante à do As de Ouros, revela a essência do seu próprio naípe e alude aos modos de atravessá-lo.

Essa apresentação simbólica mostra que, à medida em que o ser humano se eleva através dos degraus de Espadas, afasta-se progressivamente das “realidades” de Ouros, ou seja, da cruz dos elementos. Indica, também, a possibilidade de escalar o caminho abrupto, o mais direto, pois a acanaladura representa a coluna central do sistema Sefirótico. Sua base — A Sefira Malkut — corresponde ao mundo manifestado, isto é, ao mundo dos elementos ou, ainda, ao lote de quatro pétalas, do simbolismo oriental. A subida direta conduz, através das Sefiras Yesod e Tiferet ou seja, através do mundo das formas e do mundo da criação, ao cume da coluna — Keter — o Mundo Espiritual Superior.

O As de Espadas é o primeiro grau, o básico, de um novo estágio do caminho iniciático. Corresponde ao rompimento do iniciado de Ouros com o “Reino” que ele mesmo edificou no plano físico.

O rei Salomão, com sua sabedoria e grande poder mágico, pode servir de exemplo de um iniciado que realizou plenamente o estágio de Ouros, mas que não o ultrapassou.

Um iniciado de Ouros, tendo alcançado o máximo de seu desenvolvimento oculto e de seu poder terrestre, desco-

bre o caráter ilusório de todas as suas realizações. Ele aspira agora a outros valores — os absolutos — e sua poderosa aspiração o isola de tudo que até agora constituía seu mundo. Como discípulo de Ouros ele seguia um mestre, pertencia a uma egrégora, praticava rituais, aceitava tradições. Agora ele se acha totalmente isolado. Sua solidão é completa e nada lhe indica a direção a seguir. Seu próprio esforço durante o naipe de Ouros parece-lhe ser um auto-engano; ele abandona as formas externas que julga mentirosas e limitadoras; repudia os padrões de pensamento, próprios ao estágio de Ouros. A desintegração interna e o vazio conseqüente, que caracterizam o aspecto negativo de Espadas e aumentam a cada passo, não são outra coisa senão uma forma de protesto contra o mundo, tal como foi criado. O discípulo perde a fé em Forças Criadoras, não encontra explicação para os sofrimentos do mundo, tudo lhe parece errado, cruel e inútil. Ele nega a sabedoria do Logos, revolta-se contra Ele, decidido a lutar.

No entanto, apesar de sua desolação interna, todo o esforço e a aspiração do discípulo estão sempre dirigidos para o Alto, mas **um Alto desconhecido**. É uma busca do Absoluto, mas busca sem fé, sem inspiração, sem Luz interna. Somente a vontade e o pensamento a sustentam.

A medida em que o discípulo sobe e liberta-se dos condicionamentos, o triângulo ascendente da lâmina torna-se sempre mais estreito. Aquele que se eleva rejeita progressiva e conscientemente todos os seus “pontos de apoio” nos níveis inferiores, apesar de não possuir qualquer “ponto de suspensão” acima. A própria lâmina, em forma de um triângulo muito delgado e agudo, simboliza a aspiração e concentração mental que regem agora a vida do discípulo, sua determinação de alcançar a compreensão dos mistérios do mundo e de sua própria existência. Ele está pronto para tudo deixar se não descobrir uma finalidade elevada na criação do Universo.

Este estado interno de intensa aspiração, de se “apoderar do céu”, encontra sua expressão na arquitetura gótica. As agulhas das catedrais góticas parecem espetar o céu, como uma ponta de espada.

A etapa de Espadas, como a de Ouros, pode se processar a vida inteira ou mesmo durante várias encarnações.

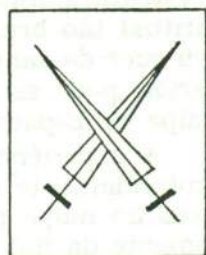
Em casos muito raros, todo o caminho de Espadas pode ser atravessado num só instante. É a elevação instantânea pela acanaladura da lâmina, alternativa muito perigosa, pois

a estrutura humana pode não aguentar uma mudança espiritual tão brusca. A transfiguração de Gethsemani, com seu suor de sangue e a aceitação da “taça” da Vontade Superior, pode ser considerada como a passagem súbita pelo naipe de Espadas.

A experiência de Espadas é exclusivamente interna e profundamente individual e, portanto, apenas as etapas básicas do naipe podem ser esboçadas. O resto depende não somente da individualidade e da personalidade do discípulo, mas também do nível em que o mesmo está vivendo sua experiência. Plenamente vivida, ele prepara e possibilita, nos últimos graus de Espadas, a descida da benéfica força espiritual, própria ao naipe de Copas.

2 DE ESPADAS

SEFIRA YESOD — FORMA



A imagem deste Arcano apresenta duas espadas cruzadas, com as pontas dirigidas para cima. É o símbolo do binário não resolvido, da oposição entre o discípulo e o Logos. Todavia, apesar de serem cruzadas, ambas as espadas apontam para cima.

A Tradição considera que a espada que vem da direita — lado ativo — representa o discípulo, a da esquerda — o Logos.

Este quadro simboliza a “luta celestial”, da qual, em sua escala cósmica, falam todas as religiões e lendas mitológicas.

O primeiro Arcano de Espadas correspondia ao complexo psicológico que levou o discípulo, iniciado de Ouros, à rejeição do mundo criado pelo Logos e à decisão de se opor a Sua obra. O segundo grau **determina a forma** em que essa decisão irá se manifestar.

Antes de tudo, o protesto toma um caráter passivo: o discípulo nega-se a participar em qualquer trabalho construtivo.

Não esqueçamos que, como iniciado de Ouros, ele tinha o poder de harmonizar seu ambiente, considerava-se como colaborador do trabalho criativo do Logos, como realizador da Sua vontade, como seu “Valete”. O estágio de Ouros terminou por uma profunda crise interna, pela constatação do mal incurável do mundo e pela convicção de que qualquer trabalho seria inútil e sem sentido. Tendo realizado, como iniciado de Ouros, uma harmonia interna, o discípulo reage com uma força excepcional à desarmonia do mundo externo, sentindo dolorosamente sua incapacidade de mudar o que quer que seja. Chega à conclusão que ou ele, até agora, seguiu um caminho errado ou, então, está errado o sistema que rege o mundo, pois os dois excluem-se mutuamente. Este complexo psicológico resulta, é natural, em uma oposição do

discípulo ao Logos, oposição principalmente passiva, na qual, todavia, existe um aspecto ativo.

Em relação à humanidade comum, o discípulo alcançou um nível bem mais elevado. Acostumou-se a olhar para o mundo do ponto de vista dos que participam na sua formação. Essa visão acarreta, logicamente, uma avaliação e uma crítica; por sua vez, a crítica, conduz ao desejo de criar algo melhor. Revoltado contra o mundo, tal como é, o discípulo, em sua imaginação, começa a criar um mundo ideal no qual não há sofrimentos, nem humanos, nem animais, não existe a crueldade da Natureza que faz que os seres vivam uns à custa de outros. Alimentando esses pensamentos-forças, o discípulo satura com eles o espaço e cria vibrações que já manifestam ativamente seu protesto. Assim, passivo no plano físico, ele se torna ativo no plano astral.

A existência desses dois binários: um dos estados passivo — ativo, e o outro da oposição discípulo — Logos, caracterizam o segundo Arcano do aspecto negativo de Espadas.

No 1º Arcano — o Ás — de Espadas, o discípulo compreendeu o caráter ilusório do mundo físico; no 2º Arcano, ele compreende que o mundo astral, ou seja, o mundo da estruturação ou o mundo das formas que, mais tarde irão se manifestar no plano denso, depende também de uma série de fatores subjetivos e objetivos que condicionam tais formas.

Tendo negado a realidade do mundo físico, o discípulo nega agora a realidade do mundo astral. Na sua consciência nasce um novo binário: relatividade das formas astrais — caráter ilusório da manifestação dessas formas na Terra.

Assim, no 2º grau de Espadas, o discípulo vive a relatividade de todas as “verdades”, das afirmações da razão, de todos os “santuários” e dos caminhos que a estes conduzem. Ele sabe agora que tudo isso são ilusões que o mental humano cria, querendo expressar o Inexpressável. Admite que outras formas, também procuram expressar a Verdade, que existem “outros sistemas sefiróticos” e que outros “Valetes” parecidos, mas diferentes, servem o Logos com a mesma sinceridade e dedicação.

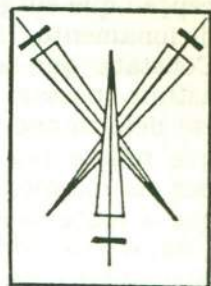
Nesse estágio, a consciência do discípulo está centrada no plano “Nasham” (Manas, no Oriente) — o plano mental. Ela não se elevou ainda ao plano “Haia” (Buddi) — o plano espiritual — e, portanto, o discípulo não está capacitado nem para perceber a fonte profunda e comum de diversos mundos, nem para fazer a síntese superior. Ele vê o

Universo em fragmentos separados, desprovidos de coordenação e de harmonia e até contraditórios. Conseqüentemente, ele rejeita o mundo astral — Yesod — como rejeitou o mundo manifestado — Malkut. O desmoronamento ao redor dele se aprofunda.

Para poder seguir adiante, o discípulo precisa resolver os binários, isto é, encontrar uma solução que os neutralize. Isso corresponderá a um novo estado interno e constituirá a passagem para o Arcano seguinte, o terceiro.

3 DE ESPADAS

SEFIRA HOD — PAZ



A imagem apresenta uma figura tridimensional, composta de três espadas: duas horizontais, que se cruzam; uma vertical, com a ponta dirigida para cima e que constitui um eixo comum das outras duas, ao redor do qual elas giram em sentidos opostos. Uma das espadas simboliza o Logos e gira no sentido dos ponteiros de um relógio, isto é, sentido **involutivo**, pois a força do Logos desce dos planos mais sutis para os mais densos. Outra espada horizontal gira em sentido contrário — o **evolutivo** — e representa o discípulo que, apesar de sua luta com o Logos, procura elevar-se do denso ao sutil. A terceira espada é a consciência que neutraliza, na direção ascendente, o binário: discípulo — Logos.

Cada lâmina de espada possui, em todo o seu comprimento, uma acanaladura que, como já foi dito, simboliza a conexão direta, potencial, entre o plano físico e o espiritual.

Durante o 3º grau de Espadas inicia-se, pouco a pouco, na consciência do discípulo, a compreensão de que a Força Criadora do mundo, contra a qual está lutando, é a expressão do Algo ainda Superior assim como ele mesmo o é também; que tanto o Logos como ele, o discípulo, são, ambos, reflexos de um Princípio mais alto. Essa conscientização é o primeiro passo em direção à paz e à futura união com o Logos. Ao mesmo tempo, o discípulo vê que, na sua luta contra o Logos, ele parece se substituir a Ele, passando os dois, alternativamente, do ativo ao passivo e vice-versa. O discípulo, por sua imaginação, está ativo no plano astral, o Logos — no físico. Essa permuta é representada na imagem pelo movimento giratório das espadas, passando sucessivamente de um lado ao outro, do passivo ao ativo.

O discípulo percebe que, querendo libertar-se das ilusões do plano físico, criou novas no plano astral, e que até sua própria luta com o Logos é também uma ilusão. Compreende que o caráter relativo dos mundos físico e astral é uma con-

cepção que surge em sua própria consciência, devido ao condicionamento, limitação e criticismo do seu próprio mental. Constata que as impressões recebidas, tanto físicas como astrais, passam pela sua própria "mens", envolvendo-se lá em determinadas formas. Compreende assim que o binário, que reflete sua reação aos mundos físico e astral, é criado por ele mesmo, pela sua própria "mens". Constata também que a fonte básica de todas as suas ilusões, a causa da sua luta, o fator dominante da sua revolta, é seu próprio princípio intelectual.

Do ponto de vista da experiência interna do discípulo, essa compreensão é simbolizada pela espada vertical, que neutraliza as duas laterais.

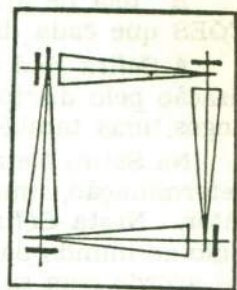
Durante o 3º grau, o discípulo se liberta progressivamente das ilusões por ele mesmo criadas, o que lhe permite elevar-se ao grau seguinte.

Contudo, a luta que travou, apesar de sua inutilidade aparente, era necessária e indispensável para algo que ele mesmo ainda não poderia compreender. Relaciona-se à experiência da Sefira Hod, Sefira das correntes da profundidade que dão nascimento a uma vida mais real. Durante a passagem pelos primeiros graus de Espadas, o discípulo se afastou dessa fonte da **vida real**, que nasce na medida em que se extingue o "eu" pessoal e onde eternamente reina a paz. Agora ele sabe como é ilusório esse "eu".

Um dos aspectos da Sefira Hod expressa-se por uma Lei que faz com que algo se torne inevitável. Impelido por essa Lei, o discípulo, que acaba de se libertar de ilusões relativas aos planos físico e astral, sujeita-se às ilusões superiores, metafísicas, pois é durante o estágio de 3 de Espadas que o discípulo penetra naquilo que a Tradição chama de "teia de aranha do Logos", a qual abarca o campo de influência de quatro Sefiras ao redor de Tiferet, isto é, Hod, Netzah, Geburah e Gedulah.

4 DE ESPADAS

SEFIRA NETZAH — VITÓRIA



O desenho que simboliza este Arcano apresenta um quadrado, formado por quatro espadas com pontas dirigidas em sentido involutivo. É o símbolo de algo fechado, limitado por uma corrente sem fim. Os quatro cabos — as cruzes dos elementos — ocupam o lugar das quatro Sefiras, que constituem a “teia de aranha do Logos”, da Árvore Sefirótica. É o campo da criação das ilusões.

Essas quatro Sefiras condicionam, pelo seu conteúdo, a realização da Sefira central, Tiferet — a Harmonia — cujo lugar, por enquanto, é assinalado por um ponto apenas, pois o discípulo, que ainda continua lutando contra o Logos, vê somente o caos, reinando por todos os lados. Para ele, mesmo no plano do Arquétipo, não existe nada absoluto. Tudo é relativo, instável, cambiante; é o “pantere” da filosofia grega. Ele ainda não chegou a perceber a harmonia superior que penetra os mundos. Ficou preso na “teia de aranha”, vê as causas como se fossem alvos, os resultados condicionando as Leis. Tudo se mistura. A concepção do tempo — um aspecto da nossa consciência e um fator que ajuda a discernir a causa do efeito — tornou-se nebulosa.

O 4º grau de Espadas é um momento decisivo para o futuro espiritual do discípulo, não apenas no que se refere à sua presente encarnação, mas para a próxima e até para toda uma série de encarnações, pois é neste grau que, frente ao espetáculo desesperador da Roda Universal, nasce dentro dele, ou uma grande compaixão por tudo o que existe, ou uma animosidade contra os responsáveis. A importância dessas duas possibilidades consiste em que a compaixão se tornará uma Luz interna, um Fogo do coração que lhe permitirá elevar-se do plano mental — Manas ou Nesham — ao plano espiritual — Buddi ou Haia. A animosidade, pelo contrário, não somente o impedirá de vencer o vazio interno que está experimentando, mas estimulará sua queda, sua involução.

A “teia de aranha do Logos” é o CAMPO DE PROVAÇÕES que cada discípulo precisa atravessar vitoriosamente.

A Sefira Hod era o primeiro passo, a primeira conscientização pelo discípulo do caráter ilusório de sua luta com o Logos, mas também da necessidade interna de continuá-la.

Na Sefira Netzah, é exigida do discípulo uma certa auto-determinação, uma certa prova puramente ética, do seu caráter. Nesta Sefira processa-se a primeira reação do discípulo ao mundo da Grande Ilusão que se revelou diante dele. De acordo com sua própria natureza, prevalecerá nele, ou o impulso espiritual de compaixão para com o mundo fechado dentro do quadrado das ilusões e esmagado por seu peso, ou, ele mesmo, caindo sob a influência de diversas emoções inferiores, da irritabilidade e da malevolência, sujeitar-se-á ao peso desse quadrado e sua vontade e aspiração espiritual tornar-se-ão deformadas. Nessa etapa, o discípulo precisa escolher claramente entre “spiritus dominat formam”, ou seja, a vitória do espírito sobre a forma — o título tradicional que corresponde à Sefira Netzah — e “forma dominat spiritum”. Dessa escolha dependerá o futuro conteúdo do núcleo da “teia de aranha”, isto é, o grau de realização da Sefira Tiferet de sua Árvore da Vida.

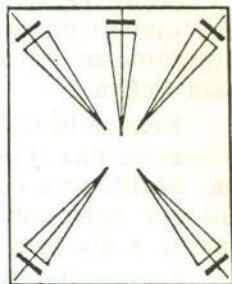
Somente a força interna, o “eixo” simbólico, pode ajudá-lo a sair dessa “teia de aranha”.

A história da vida do príncipe Sidharta, o futuro Buda, ilustra bem tal vitória. Atravessando Espadas num nível muito alto, o jovem príncipe sente uma compaixão tão grande diante do espetáculo dos sofrimentos terrestres, que se desenrolam diante dele, que tudo abandona para ajudar os que sofrem.

Outro exemplo, porém oposto, é o de Ivan Karamazoff, de Dostoievski. Ele também é fortemente comovido pelos sofrimentos dos quais nem as crianças inocentes escapam. Sua reação, todavia, é puramente mental: condena a injustiça superior. Não é a compaixão que nasce dentro dele, mas a revolta contra Aquele que a permite.

5 DE ESPADAS

SEFIRA TIFERET — HARMONIA



A imagem deste Arcano apresenta quatro espadas, com os cabos situados em quatro ângulos diferentes e as pontas dirigidas ao centro. Uma quinta espada, perpendicular às quatro primeiras, aponta o mesmo centro e simboliza o raio da Luz Espiritual que, vindo de cima, permite que o discípulo deste grau comece a melhor discernir a Verdade.

Esta Luz é a influência dos “Filhos de Deus”, dos Arautos da Bemaventurança, Protetores Superiores ou, usando a linguagem do Hermetismo Ético, dos Iniciados de Copas e de Paus. Estes seres, sacrificando-Se para o bem geral, descem à Terra e colôcando-Se no centro da “teia de aranha do Logos”, criam, de si próprios, o Tiferet do mundo. Tal sacrifício possibilita aos outros seres encontrar seu próprio “eixo do Logos”, seu Tiferet, isto é, **sua própria e única direção ascendente, individual.**

Variam o modo e a forma que toma o ensinamento desses Enviados do Alto. A Verdade, Ilimitada e Inexpressável por Sua Essência, pode ser apresentada somente em um ou outro de Seus aspectos, em uma ou outra forma que A limita. Mas, o modo e a forma não são essenciais; o essencial é a existência desses Seres, desse eterno Raio de Luz que penetra na “teia de aranha” e traz consigo a Harmonia Divina.

O discípulo, percebendo um vislumbre dessa Luz, é feliz em saber que ela existe em outros planos, mas constata que não penetra até as bases do mundo manifestado, que este ainda permanece no mal. O discípulo não acredita que alguma coisa possa transformar o mundo. Admite que essa Luz pode, talvez, ajudar aos que seguem os preceitos das religiões exotéricas, que pode sustentar sua fé, mas não acredita que possa ajudar a ele, um discípulo de Espadas que se tornou por demais individual e independente.

Sente que nada, vindo de fora, pode satisfazê-lo, que a Luz e a Harmonia devem nascer dentro de si mesmo, que ele mesmo deve tornar-se uma fonte de Luz.

Nesse estágio, o discípulo que passou pelas provações dos quatro primeiros graus de Espadas e pisou no quinto, aproxima-se do Tiferet, mas não consegue ainda realizar essa Sefira.

Realizá-la seria, para ele, superar os opostos de sua vida, liberar-se das ilusões que o levaram à luta interna e externa; significaria criar dentro de si **um novo foco de consciência** que desmancharia a “teia de aranha” que o está cercando, e que lhe permitiria tornar-se seu próprio “eixo”.

Isso ainda não é o caso. As provações do discípulo não terminaram. A harmonia não pode nascer dentro dele e ele atravessa o ponto central da sua Árvore da Vida, isto é, o lugar ainda vazio da Sefira Tiferet, sem realizá-la.

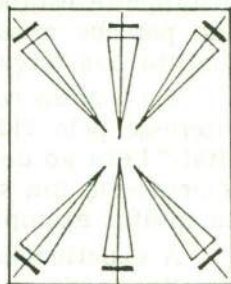
No entanto, a aproximação do centro causa nele grandes mudanças, uma nova sublimação interna. Se assim não fosse, a experiência vivida no 5º Arcano de Espadas não seria um novo degrau galdado na escalada espiritual.

Consciente da Luz e da Harmonia dos que alcançaram os planos superiores, o discípulo sente, de um modo ainda mais agudo, sua própria solidão e imperfeição. Sabe que ninguém e nada pode ajudá-lo, a não ser ele mesmo. Se até agora alimentou a esperança, mesmo inconsciente, de alguma ajuda, esta não existe mais; foi-se definitivamente.

Continuando seu caminho, se vencer nas novas provações, o discípulo voltará ao lugar de Tiferet e criará essa Sefira com suas próprias riquezas espirituais, as quais está adquirindo pela luta e sofrimento.

6 DE ESPADAS

SEFIRA GEBURAH — SEVERIDADE



O quadro apresenta seis espadas com as pontas dirigidas para um centro comum onde não há nada, ou seja, apondo para o vazio, o não-ser.

O discípulo se afastou voluntariamente do raio salutar dos Filhos de Deus, rejeitou toda ajuda, toda direção de quem quer que seja. Nada mais procura, nada espera. Na sua vida não há mais busca ou finalidade. Para ele tudo não passa de vazio e contra isso não existe remédio.

O 6º grau é uma das etapas mais penosas de Espadas; é uma provação pelo vazio, criado pelo próprio discípulo. Se não conseguir vencer essa terrível provação, a sua evolução ficará interrompida.

Dentro e em redor do discípulo o vazio é total. Ele vive um marasmo espiritual completo. Não mais existe nele revolta, acabou a luta contra o Logos, pois compreendeu que, tanto sua pessoa como sua luta, faziam parte do plano do Logos; que ele era apenas um títere no palco do mundo, que apenas desempenhava um papel que lhe fora atribuído. Renuncia, portanto, a qualquer atividade, achando-a totalmente inútil.

O discípulo sabe que sua luta para um mundo melhor e sua luta contra o Logos eram ilusórias, mas não pode regressar pois, para ele a vontade pessoal já não é um impulso suficiente para voltar à atividade.

O perigo dessa etapa consiste justamente na cessação de qualquer movimento, mesmo involutivo. A energia que impelia o discípulo em direção a um alvo determinado, desapareceu agora pela ausência desse alvo.

É a crise de maior magnitude, pois desde muito tempo toda a vontade do discípulo se concentrava no esforço de uma contínua elevação espiritual.

Essa etapa corresponde à rejeição da Sefira Geburah, Sefira da Severidade dos processos vitais indispensáveis e

justamente estabelecidos. No seu estado atual, o discípulo não percebe a sabedoria dessa "severidade", só enxerga o conflito das forças contraditórias.

Tal estado conduz, naturalmente, à perda de qualquer interesse pela vida e mesmo a perda de qualquer impulso vital. Leva ao desejo de acabar com tudo e resulta frequentemente em um suicídio "filosófico". Na literatura mundial há muitos exemplos de tais casos.

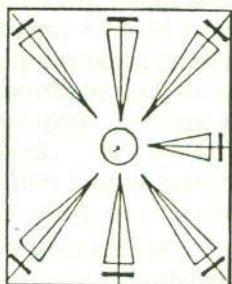
A experiência do vazio interno, no aspecto negativo de Espadas, pode ser vivida em níveis diferentes.

Cada discípulo de Espadas já experimentou o "fruto proibido" do autoconhecimento gnóstico, que não é outra coisa que a libertação interna. Ele já não pode voltar atrás, às formas condicionadas de Ouros e suas "realidades" ilusórias, pois já as ultrapassou definitivamente. Sua tragédia consiste no fato de ter rejeitado todos os pontos de apoio nos planos físico e astral, isto é, ter negado o "Reino" e a "Forma" e rejeitado também a ajuda superior, sem ter encontrado, em si mesmo, o "salvador", o "eixo do Logos". Enredado no labirinto metafísico, ele vagueia sem "pontos de apoio" em baixo e sem qualquer "ponto de suspensão" no mundo espiritual.

Somente a força interna pode ajudá-lo a superar essa provação e a perceber uma nova realidade.

7 DE ESPADAS

SEFIRA GEDULAH - MISERICÓRDIA



A imagem apresenta as mesmas seis espadas laterais do Arcano precedente, porém, cada uma ostenta o símbolo de um planeta. No centro, anteriormente vazio, vemos agora o símbolo do Sol ou Logos, o que corresponde à 7ª espada, a perpendicular, olhando de uma dimensão superior.

As sete espadas representam as Sete Causas Secundárias do nosso sistema solar, isto é, as vibrações dos sete planetas ou dos sete Raios do Logos. No quadro, o Logos parece identificar-se com o Sol, unindo as vibrações dos demais planetas.

Os três planetas “solares”, aqueles em cujos símbolos figura o do Sol, ou seja: Marte, Mercúrio e Vênus, estão colocados em cima do quadro; os três planetas “lunares”, com o símbolo da Lua: Saturno, Lua e Júpiter, em baixo.

O discípulo que conseguiu passar vitoriosamente pela terrível provação do vazio, enfrenta agora um novo teste.

Assim como aconteceu durante o estágio de Ouros, novamente ele sente em si a influência das sete forças planetárias e a da bipolaridade (a separação dos planetas em solares e lunares). Em outras palavras, ele constata em si a **presença real dos elementos da personalidade** que, até agora, pensava ter superado.

O perigo desse grau consiste em que o discípulo pode reagir a essas influências como forças independentes uma da outra, não sintetizadas num todo pelo “Sol” ou Logos.

Somente pela conscientização de sua unicidade com o Logos, o discípulo poderá chegar à unificação dos componentes de sua personalidade com sua consciência e, simultaneamente, eliminar a auto-afirmação de seu “eu” inferior.

Se essa unificação da personalidade não se realiza, cada um dos elementos que a compõem permanecerá independente e terá uma tendência divergente e separadora, o que conduz inevitavelmente à desagregação da personalidade. Se o

discípulo não conseguir realizar em si o “eixo do Logos”, isto é, a 7ª espada, ou ainda, a síntese de sua personalidade, ele se afastará por isso mesmo, dos seis raios planetários que, pela Lei cósmica são polarizações da Luz Solar ou da Força Logóica. Impossibilitará, também, a síntese dos elementos “M” e “F”. Emaranhar-se-á no sêtiplo caos planetário interno e nas contradições do androginato. A 7ª espada permanecerá para ele um “sol morto”.

Até agora, o processo da utilização do discípulo, isto é, da dissolução nele dos elementos pessoais inferiores, realizava-se consecutivamente, sob a influência acentuada dos aspectos negativos de um só dos planetas.

Assim, a influência da Lua (1º grau, Malkut) manifestava-se pela desvalorização e negação das “realidades” externas; a de Mercúrio (Yesod, 2º grau), pela rejeição do mundo da estruturação ou formas astrais; a de Saturno (Hod, 3º grau), pela negação do valor do princípio racional e crítico; a de Júpiter (Netzah, 4º grau), pela negação do poder unificador e iluminador da Luz Superior; a de Marte (Geburah, 6º grau), pela contestação do valor e recusa de todo impulso interno; a de Vênus (Gedulah, 7º grau que estamos estudando), pela negação da possibilidade de síntese harmoniosa dos elementos aperfeiçoados da personalidade.

No 7º Arcano, o discípulo enfrenta a última provação do plano das Sete Causas Secundárias e o fracasso, nessa etapa, pode levar à desagregação da personalidade, pois as influências negativas de todos os planetas agem nesse grau com uma força renovada.

Vencer essa provação significa transformar as forças planetárias centrífugas em centrípetas, separativas em unificadoras, criando em si um novo centro.

A realização dessa Sefira, a da Misericórdia, desfaz a “teia de aranha” e permite a volta à Sefira Tiferet — a Sefira do Logos — e centro do sistema Sefirótico.

Todavia, o lugar que ocupará esse Tiferet, o novo Sol sintético, não será o mesmo que o do Tiferet antigo. Este novo Tiferet situar-se-á no cruzamento dos canais 3 e 9, neutralizando as Sefiras Geburah e Gedulah, não no sentido da descida, como anteriormente, mas no mesmo nível que o das duas Sefiras. Na Filosofia Hermética esse ponto é chamado ‘DAATH’ ou “ponto da aplicação do Grande Arcano de Espadas”.

A 7ª espada, vindo de cima, representa a síntese Logóica e, no sistema sefirótico, corresponde ao ponto Daath que,

por sua vez, simboliza a "Reintegração", isto é, o futuro restabelecimento da verdadeira natureza esotérica, humana.

Espadas, como sabemos, é o naipe do Logos e, portanto, um naipe andrógino. No caminho iniciático, simbolizado pelo sistema dos Arcanos Menores, é nesse naipe que aparece pela primeira vez, o reflexo da Síntese Superior e Absoluta; todavia, a Fonte Divina Primordial, não Se manifesta ainda.

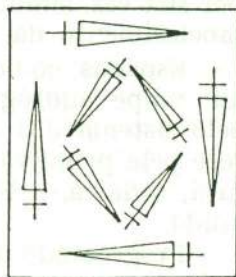
Progredindo na sua última provação do reino planetário, o discípulo conscientiza-se de sua unicidade com o Logos e torna-se novamente sétuplo e andrógino, mas já de um modo superior e espiritualizado.

Consciente que seu "Eu" não é separado do Logos, o discípulo, poder-se-ia dizer, coloca-se no lugar Dele. Então as vibrações planetárias, até agora externas, tornam-se internas também. Ele vive, dentro de si, a interação das forças planetárias, percebe em si a sétupla trama das causas e efeitos. Constata que tudo é reflexo de uma Realidade Inacessível, em sua própria consciência, que a atividade do Logos no mundo, tal como a imaginava e contra a qual lutava, é apenas uma concepção ilusória criada por ele mesmo.

Agora compreende que tudo tem sua existência no Logos, que todos os planetas são unos com Ele, assim como ele, o discípulo, o é também. Então o Caminho se abre novamente diante dele. Reconhece sua unicidade com o Logos e o "eixo do Logos" em si, ou seja, reconhece o Princípio Espiritual em tudo que existe. Essa compreensão torna-se uma Luz que começa a lhe revelar a sabedoria que permeia o mundo. Isso lhe permitirá a passagem do plano "Nesham" (ou Manas) ao plano "Haia" (ou Buddi).

8 DE ESPADAS

SEFIRA BINAH — RAZÃO



Na imagem deste Arcano vemos dois quadrados, símbolos da forma; um está dentro do outro e cada um é formado por quatro espadas. O quadrado externo, apoiado sobre um de seus lados, representa a estabilidade e a firmeza. É o símbolo da Lei quaternária Iod-He-Vau-He na criatividade cósmica do Logos. O quadrado interno apoia-se sobre um de seus ângulos, dando a impressão de instabilidade, insegurança e alterações. É reflexo da mesma Lei quaternária na alma de um discípulo.

No grau anterior — o 7º — o discípulo ultrapassou o campo de influência das Sete Causas Secundárias e tornou-se consciente de sua unicidade com o Logos — o Poder Criador do Mundo. Ele sente em si a ação da Lei Iod-He-Vau-He e, no entanto, dentro dele continua existindo um protesto contra a “Razão” que rege o Universo, simbolizada pela Sefira Binah e o nome divino “Iave”, que corresponde a essa Sefira.

Nos graus precedentes, estando sob a influência dos aspectos negativos dos planetas ou, para ser mais exato, dos tatwas “coloridos” pelos planetas, o discípulo libertava-se de algumas ilusões, para logo cair em outras. Elevando-se da Sefira Geburah à Sefira Binah, o discípulo penetrou no campo de influência das três Sefiras superiores. Agora, apesar da sua identificação com o Logos, e talvez por causa dela, o discípulo passa a estar sob a ação direta dos tatwas e, primeiramente, sob seus aspectos negativos. Estes destroem não apenas as ilusões criadas pelo discípulo, mas também qualquer imperfeição da sua natureza substancial e de sua personalidade.

Sabemos, pelo estudo do 8º grau de Ouros, que os quatro tatwas inferiores — os substanciais — correspondem à composição quaternária da pessoa humana.

Lembremo-nos do relacionamento dos tatwas com os quatro elementos que compõem o mundo manifestado. Cada

elemento é a manifestação mais densa do tatwa, ao qual corresponde. Vejamos como esses tatwas-elementos podem agir sobre o discípulo.

Tatwa Tejas — que corresponde ao elemento Fogo — no aspecto negativo destrói tudo, externa e internamente; como força positiva, dirigida para dentro, é um fator purificante. No discípulo, purifica tudo o que sobrou de sua personalidade, alimentando sua aspiração para o Alto.

Tatwa Vayu — elemento Ar — corresponde à atividade, ao movimento. Como força negativa, arrasa e separa; dirigida para dentro, como força positiva — instiga a atividade da alma, levando-a a buscar a Luz, ainda desconhecida.

Tatwa Apas — elemento Água — está ligado à adaptação, à receptividade. No aspecto negativo rejeita todas as formas, externa e internamente; como força construtiva, substitui as formas obsoletas ou inadequadas, por outras, novas e mais adequadas.

Tatwa Prithivi — elemento Terra — corresponde à densidade, à estabilidade. No aspecto negativo, faz inutilmente perder os “pontos de apoio”, tanto externos, no plano físico, como internos, no seu íntimo. Como força construtiva ajuda a encontrar os “pontos de suspensão” nos planos superiores.

Esses tatwas — que são forças — podem transmitir o impulso criador do tatwa Akasha, mas se o ser humano não for espiritualmente maduro para a recepção direta (e não por intermédio dos planetas) das emanações criadoras de Akasha, ou se existe a desarmonia nos tatwas inferiores que o compõem, a ação do Akasha será destrutiva ou produzirá uma manifestação deturpada.

No caminho iniciático do aspecto negativo de Espadas, a ação destruidora dos tatwas tem um papel muito importante. Nos primeiros graus de Espadas, a influência dos tatwas, sentida exteriormente, através dos planetas, manifestava-se já como impulso de destruição das formas existentes, impulso provocado todavia pelo desejo de criar novas, melhores. Em relação a um discípulo, a ação dos tatwas nunca se expressa por um vandalismo primitivo ou uma proliferação de desejos puramente pessoais e incontrolados, nem por um relaxamento moral ou um estado psicológico em que o ser humano acha que tudo lhe é permitido, como acontece no caso de pessoas pouco evoluídas espiritualmente. Quando é alcançado um certo nível de evolução, a influência destruidora dos tatwas se dirige para dentro, contra as próprias imperfeições e pode, inclusive, provocar o colapso total em um ou outro aspecto do ser humano. Geralmente,

quanto mais elevado for o plano tocado pela ação destrutiva, tanto mais grave será seu efeito. Assim, no plano físico poderá acontecer uma séria diminuição das forças vitais (causada talvez por um ascetismo exagerado); nos planos astral e mental essa ação poderá provocar a mortificação da alma, devastação da mente e até uma desolação espiritual, com a perda total da vontade e da capacidade de viver.

Nos graus anteriores de Espadas, a influência do tatwa Akasha, "tatwa do abismo", agindo sobre o discípulo através dos planetas, causava o processo da dissolução progressiva dos elementos inferiores da personalidade, levando-o (no 6º grau) à provação pelo vazio.

Depois da unificação do discípulo com o "eixo do Logos", a ação do Akasha torna-se direta.

No 8º grau de Espadas, o discípulo repudia não apenas as ilusões do seu psiquismo e da sua consciência, mas também toda a sua personalidade, não pelo fato de a considerar ilusória, mas por ser ela uma das manifestações da criatividade do Logos. O discípulo, nesse estágio, embora se sinta incluído no macrocosmo, não aceita o mundo visível, criado segundo a Lei Iod-He-Vau-He, pois considera essa Lei como algo externo a si e oposto às suas próprias aspirações. Esse complicado estado psicológico é ilustrado na imagem simbólica do Arcano pelo sentido **involutivo** — o da criação — do quadrado externo, enquanto que no seu próprio microcosmo — o quadrado interno — o sentido indicado pelas espadas é **evolutivo**, isto é, contribui para a sutilização. O discípulo sente que os tatwas do quadrado maior lhe são hostis. De novo renasce nele o desejo de destruição e, se não encontrar em si mesmo uma força interna suficiente para superar o **elemento emocional**, ou seja, esse desejo de destruição, então, em vez de sublimar sua própria personalidade, tornar-se-á destrutivo, tanto externa como internamente, emaranhando-se no carma do mundo. Precisar-se-á, talvez, recomençar seu caminho, empregando até várias encarnações para chegar novamente ao ponto já alcançado. Essa é a primeira ação negativa, direta, do tatwa Akasha.

Todavia, qualquer impulso destrutivo que o discípulo experimente nesse Arcano, não é causado, como antes, pelo desespero ou revolta, mas pela necessidade de libertar-se, de abrir para si um caminho para Algo superior que ele já começa a pressentir.

A essência desse processo é a necessidade interna de sublimação, isto é, do movimento evolutivo, oposto ao da criação.

Esse impulso para a libertação pode tomar dois rumos: o exotérico, conduzindo à destruição, e o esotérico, conduzindo à sublimação.

O caminho de destruição leva a um novo vazio, ainda mais profundo do que o da provação do 6º grau.

O caminho de sublimação, pelo contrário, constitui uma preparação indispensável para uma vida nova e superior da alma. É a sua liberação de tudo o que é denso, que pesa e impede a sua elevação. Então, o quadrado do Logos, na imagem simbólica do Arcano, sólido e estável, não mais parece hostil ao discípulo. Ele sabe agora que o impulso destruidor que ele experimentou e que se transformou em sutilização interna, é um processo integrante das Leis do Logos, e que o desejo de se liberar das formas imperfeitas, das ilusões e da cristalização do mundo material, é também uma dessas Leis.

Tendo ultrapassado o perigo do fracasso no seu caminho espiritual, o discípulo constata que a ação destrutiva dos tatwas o ajudou a vencer definitivamente o elemento pessoal em si. Compreende agora a razão e o valor do processo pelo qual passou.

Uma nova fase, positiva, realiza-se para o discípulo ainda no mesmo Arcano; seu conteúdo pessoal fica sublimado pela ação positiva dos tatwas.

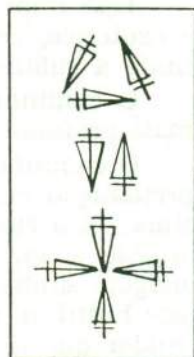
Ele se torna receptivo ao aspecto superior e criativo de Akasha que lhe permite transformar-se progressivamente numa "taça" esvaziada e pronta para receber um novo conteúdo espiritual. Ele vê agora que o próprio vazio que tanto o fez sofrer, ajudou na formação dessa taça.

Não é mais o discípulo que deseja a sublimação do mundo, mas o Logos com o qual ele funde, realizando sua própria sublimação interna.

A dissolução dos elementos pessoais imperfeitos, liberta "o criador humano" e faz com que a energia criadora volte à Fonte Primordial. O homem e o Logos se libertam mutuamente.

9 DE ESPADAS

SEFIRA HOKMAH — SABEDORIA



A imagem correspondente a este Arcano apresenta nove espadas formando três grupos separados. Na parte superior, três espadas formam um triângulo ascendente, que deve ser imaginado girando no sentido evolutivo. As pontas das espadas estão dirigidas no mesmo sentido. No centro — duas espadas verticais: a da direita com a ponta dirigida para cima; a da esquerda — para baixo. Na parte inferior, quatro espadas, com as pontas dirigidas para um centro comum, formam uma cruz. É o pantáculo tradicional da Iniciação, adaptado ao naipe de Espadas.

Sabemos que a idéia básica desse pantáculo — a Iniciação nos três planos — permanece sempre a mesma. Todavia, cada tipo de Iniciação possui suas particularidades e os pormenores do pantáculo geral do Grande Arcano de Iniciação, podem mudar também. O pantáculo do 9º Arcano de Espadas sublinha a natureza esotérica desse naipe e de sua Iniciação.

A relação do pantáculo com a Lei Iod-He-Vau-He permanece também a mesma. O triângulo de cima corresponde sempre ao Iod-He; o símbolo do centro, seja ele um hexagrama ou alguma outra representação do binário, corresponde ao Vau; o símbolo da parte inferior, podendo ser um quadrado, uma cruz ou uma cruz dentro de um círculo, corresponde ao segundo He.

O pantáculo pode simbolizar também as Iniciações de todos os quatro naipes dos Arcanos Menores. Nesse caso a parte inferior representa a Iniciação de Ouros; a do centro — a de Espadas, e a superior — as Iniciações de Copas e de Paus que, como já foi dito, estão internamente ligadas e se completam mutuamente.

O naipe de Espadas possui um caráter binário. Este expressa-se, antes de tudo, pelos dois modos de atravessar

o naípe: o filosófico ou negativo (elevando-se de Malkut a Keter) e o da fé ou místico (descendo de Keter a Malkut). Na imagem simbólica do Arcano, os dois modos estão representados pelas duas espadas em direções opostas.

Se analisarmos o pantáculo exclusivamente em relação ao aspecto negativo de Espadas, então, o caráter binário do naípe expressar-se-á por duas possibilidades de atravessar cada grau: a da destruição e a da sublimação.

Não esqueçamos que a parte central do pantáculo da Iniciação, o seu "Vau", indica sempre, também, o modo em que se realiza o processo iniciático. As direções opostas das duas espadas simbolizam a luta. No caminho negativo de Espadas, o discípulo luta contra o poder criativo do mundo — o Logos. No positivo, a luta é contra seus próprios elementos pessoais com o intento de criar uma personalidade mais perfeita.

Analisemos o pantáculo somente do ponto de vista do naípe de Espadas. Na parte inferior, a cruz formada por quatro espadas é a Lei Iod-He-Vau-He que constitui a base da experiência de cada naípe. Em Ouros, eram os "quatro brinquedos do Mago" ou, também, os quatro elementos. Em Espadas, é a cruz dos tatwas que "destroem e são destruídos e que constroem e são construídos". Esses quatro tatwas manifestam, nos planos inferiores, a influência do 5º tatwa, o Akasha que, descendo, cria os outros quatro. O tatwa superior, Akasha, embora invisível, está presente, "crucificado" no centro da cruz, apontado por quatro espadas.

Na parte média do pantáculo, as duas espadas, além de simbolizar a luta, indicam também os meios do progresso. A espada com a ponta dirigida para baixo (a descida através das Sefiras) simboliza o caminho da fé (ou positivo) e a luta contra suas próprias imperfeições. A espada com a ponta para cima (subida desde Malkut a Keter) representa o caminho filosófico (ou negativo), a revolta e luta contra o Logos e a dissolução progressiva dos elementos inferiores da personalidade.

Finalmente, o triângulo de cima, girando em sentido evolutivo, diferente do triângulo imóvel de Ouros, simboliza o movimento e as mudanças dos elementos mentais. De fato, devido às experiências vividas nos graus precedentes, o estado de consciência do discípulo mudou. Desapareceu o modo de pensar antigo, deixando lugar para outro, novo. O discípulo experimenta uma espécie de desagregação de seus corpos mental e astral, como se não mais possuísse a capacidade de pensar e de sentir. Os conceitos caracterís-

ticos da vida tridimensional (por exemplo: passado, presente e futuro, e os relacionados aos mesmos, como Carma, Providência e Vontade) fundem-se freqüentemente. As leis da lógica: tese, antítese e síntese, já não possuem o mesmo vigor. O relacionamento entre causa e efeito não é tão claro como antes. O modo de pensar, que era lógico e racional, torna-se mais irracional e intuitivo. O discípulo não mais se identifica com as circunstâncias de sua vida material, astral ou mental, ou seja, com aquilo que constitui a personalidade humana. Inevitavelmente, isso provoca uma sensação de vazio interno.

Nos últimos graus de Espadas muda não apenas o conteúdo psicomental do discípulo, mas também sua autoconsciência que de pessoal torna-se **superpessoal**, isto é, eleva-se ao plano Haia (Buddi na nomenclatura oriental). Essa experiência, puramente irracional, é sentida como uma aniquilação de si mesmo e pode ser plenamente compreendida somente por alguém que passou por ela. Todo elemento pessoal torna-se estranho para o discípulo. A própria personalidade ainda é considerada útil, apenas na medida em que desempenha uma função necessária no mundo do "não-Eu". Nesse processo morre todo o pessoal, para que possa nascer o impessoal, ou o superpessoal. É por causa disso que a Tradição chama a Iniciação de Espadas de "Iniciação da Morte".

A "realidade" da personalidade, tão importante para a grande maioria dos homens e mesmo para um discípulo que alcançou a Iniciação de Ouros, desvanece-se. A personalidade torna-se ilusória.

Mas, cada processo iniciático genuíno é um processo de nascimento de algo novo, de um novo ser espiritual. A Iniciação corresponde à descida da Força Superior, como resultado das transformações internas e do sustentado esforço do discípulo para se elevar. É um encontro das duas forças: a superior e a inferior.

O nível espiritual da Iniciação de Espadas é, naturalmente, mais elevado do que o de Ouros; o discípulo tornou-se mais sutilizado e mais aperfeiçoado. Todavia, é preciso sublinhar, mais uma vez, que a Iniciação de Espadas, como cada Iniciação esotérica, não é um acontecimento isolado, mas o resultado de um processo que, conforme o caso, pode ser mais prolongado ou mais curto, um processo de desenvolvimento espiritual.

O Princípio Espiritual, em sua essência, é sempre o mesmo, mas o modo de contatá-lo varia ao infinito. Assim, em Ouros, por exemplo, a ação do Princípio Espiritual manifes-

ta-se no discípulo por seu trabalho de organizar e harmonizar a personalidade, de "construir sua Cruz do Hierofante". Agora, no estágio de Espadas, na medida em que desaparecem os elementos pessoais, as manifestações do Princípio Espiritual podem ser mais diretas, pois a Força não mais precisa passar pelo prisma da personalidade, ainda que harmoniosa, mas somente pela individualidade.

O Arcano da Iniciação de Espadas corresponde à Sefira da Sabedoria, Hokmah. A sabedoria, no estágio de Espadas, manifesta-se pela compreensão do caráter ilusório do mundo de Ouros, tanto externo como interno; pela conscientização do valor muito relativo de todas as realizações pessoais e mágicas e pela compreensão de que a única realidade é o Espírito.

No grau precedente, o da Sefira Binah, o discípulo afastou de si tudo o que antes considerava "razoável" e que o levou às realizações alcançadas. No grau da Sefira Hokmah liberta-se de si mesmo, isto é, daquilo que, até então, considerava ser o "eu" e, alcançando uma sabedoria superior, chega a conhecer sua existência superpessoal.

Na história da vida de Jesus, encontramos muitos episódios que podem servir como exemplos para diversos naipes.

Como "Filho do Homem", Jesus possuía a experiência de todos os graus e naipes, tendo-os atravessado no nível mais alto. Assim, Ele tinha domínio sobre os elementos, podia afugentar demônios e fazer outros milagres. Ele estabeleceu uma corrente composta de doze discípulos e confirmou a Lei e os Profetas, tudo isso fazendo parte do naipe de Ouros. Sua oração a respeito da taça e Sua aceitação do destino que o esperava ("que seja feita a Tua Vontade") são características do naipe de Copas. A fundação da Sua Igreja é uma missão pertencente ao naipe de Paus.

No entanto, parece-nos que a natureza humana de Jesus manifestou-se com maior força nas experiências do tipo de Espadas. A agonia do Gethsemane, a "Via Crucis" e a própria Crucificação são os mais intensos exemplos das experiências do naipe de Espadas. Na cruz, Jesus parece perder Seu caráter divino. Se não fosse assim, Seu sacrifício não teria sido completo.

É importante sublinhar que em todas essas manifestações e estados espirituais de Jesus não houve qualquer seqüência estabelecida dos naipes ou graus, como acontece na vida de um discípulo, pois Jesus era já um Homem-Deus, seguindo o caminho da Reintegração.

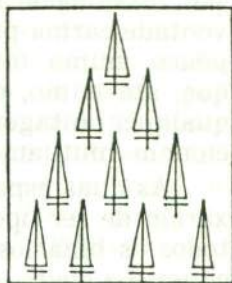
Jesus foi crucificado na cruz da matéria, cruz dos elementos do mundo manifestado. É um altíssimo símbolo vivo do espírito humano, pregado ao seu invólucro material, na cruz dos tatwas inferiores. Como ser humano, Jesus passa na cruz um momento terrível de solidão, de uma desolação interna total. “Meu Deus, Meu Deus, porque me abandonaste?” É uma verdadeira fusão com o naipe de Espadas. Logo após, o clamor “estou com sede”, com o qual Jesus, como Filho do Homem”, passa novamente a Copas.

No episódio do Gólgota encontramos ainda outro símbolo do grande Arcano de Espadas: os dois ladrões, ou seja, as duas espadas dirigidas em sentidos opostos. Um dos ladrões não soube vencer a “provação da morte”, ficou insensível à atração do Alto. Do vazio interno, ele volta ao início de Ouros, exigindo provas palpáveis para aceitar o Divino (“Se és o Cristo, salva-te a ti mesmo e a nós”). O outro tem fé na divindade de Jesus, ele aspira à redenção ou, no simbolismo dos Arcanos Menores, à passagem a Copas.

10 DE ESPADAS

SEFIRA KETER — COROA,

RADIAÇÃO



No desenho vemos uma pirâmide composta de dez espadas verticais com as pontas dirigidas para cima.

Essa apresentação indica certa similaridade de todos os elementos que a compõem. Aí não mais existe o turbilhão criado pelo encontro dos tatwas no centro da cruz, nem existe a bipolaridade, nem o movimento nas profundezas da consciência, isto é, nada mais existe daquilo que constituía a essência do processo iniciático. Agora, tudo é polarizado numa só direção: para cima.

No 9º grau, tudo estava ainda em movimento, pois o grau incluía e sintetizava o processo iniciático de Espadas, ou seja, a dissolução dos elementos pessoais em todos os planos. No 10º grau tudo se estabilizou na aspiração para o Alto.

A base da pirâmide é constituída por quatro espadas que simbolizam os tatwas-elementos. As espadas são iguais e apontam para a mesma direção. Isso significa que todos os planos da nova personalidade são harmoniosos e totalmente sublimados. Em outras palavras, significa que as letras sagradas da Lei quaternária Iod-He-Vau-He se fundiram numa única aspiração ao Alto e que a necessidade da sequência anterior do processo criador deixou de existir para o discípulo — iniciado.

A personalidade sublimada (as quatro espadas) é agora uma base sólida na qual podem processar-se todas as transformações internas do discípulo.

As três espadas, imediatamente acima das quatro, simbolizam todos os ternários. A sublimação ou “esoterização” da consciência faz com que os ternários se fundam harmoniosamente em uma só realidade. Assim, por exemplo, a divisão do tempo em passado, presente e futuro, tão lógica e clara para os homens comuns, se desvanece progressivamente, substituída pelo conceito irracional do “presente eterno”, em que, segundo o Apocalipse, “não mais existe o tem-

po". De modo similar, os elementos do triângulo místico: vontade-carma-providência, começam a se fundir, pouco a pouco, numa única totalidade, pois entre estes princípios que, até então, determinavam a vida humana, desapareceu qualquer antagonismo ou luta; eles se completam e condicionam mutuamente.

As duas espadas colocadas acima das três, também, deixaram de ser opostas, pois na nova consciência do discípulo todos os binários se unem numa síntese superior. Assim, a causa e o efeito, o bem e o mal, o princípio ativo e o passivo, o "M" e o "F", etc., não mais se opõem ou divergem; todos estão polarizados na mesma direção: o Alto. As leis da lógica, da razão, perdem seu valor e sua realidade, pois a última ilusão do corpo mental — o pensamento que criava imagens e formas, agora também se desvanece. Não esqueçamos que o processo de pensar é uma tentativa de tudo expressar por palavras, ou seja, dar a tudo uma forma mental e encontrar um relacionamento entre as formas assim criadas. Agora, o pensamento do discípulo torna-se mais e mais intuitivo e contemplativo.

A última espada, a de cima, representa o próprio discípulo. É o símbolo que expressa o sentido de sua vida, agora inteiramente dirigida para o Alto.

O pantáculo do 9º Arcano de Espadas apresentava o esquema das transformações internas que caracterizavam o processo iniciático de Espadas. O pantáculo do 10º Arcano apresenta o **novo estado** de composição da personalidade do discípulo, ao qual essas transformações internas o levaram. Esse novo estado pode ser brevemente caracterizado pela plena sublimação de todos os elementos que a compõem.

O 10º Arcano de cada naipe é o resultado final do processo iniciático, total, do naipe. Em Ouros foi a realização do "não-Eu" e a utilização no ambiente de tudo aquilo que havia sido alcançado.

Atravessando, até o fim, a etapa do aspecto negativo de Espadas, o discípulo nada realiza externamente, nem o procura. Suas realizações são puramente internas. Essa etapa consiste, antes de tudo, na transformação do conteúdo interno, do qual foi banido completamente o "eu" inferior, pessoal. A consciência do discípulo-iniciado de Espadas não mais se identifica com esse pequeno "eu".

No relacionamento com seu ambiente, o discípulo não pretende nem procura mudar coisa alguma em ninguém. Sua realização interna se manifesta, em seus contatos com o mundo que o rodeia, pela ausência total da voz do seu "pe-

queno eu", de seu interesse pessoal, de seus próprios desejos.

Ele procura solidão. A solidão, em geral, ajuda o desenvolvimento interno; além disso, o discípulo se tornou por demais diferente de seus semelhantes, que continuam a viver dentro do seu "pequeno eu". É através do critério desse "eu", desse espelho que tudo deforma, que os homens recebem as impressões externas e reagem a elas. O discípulo, pelo contrário, rejeita esse "eu" como algo desprezível e passageiro.

A maioria dos homens procura a felicidade terrestre. O discípulo-iniciado já experimentou a felicidade intransmissível das experiências espirituais internas e, portanto, nenhuma felicidade terrestre é capaz de o atrair. No mundo externo, ele vive como o "bobo" do 21º Arcano Maior, pois encarnou em si o princípio "Shin", em seu aspecto esotérico, superior. Ele se sente diferente, até mesmo das pessoas que lhe são mais caras, mas sente também que ainda não é capaz de partilhar sua Luz com outros e, conseqüentemente se afasta do mundo.

A preparação interna que dá a capacidade de transmitir a Luz aos outros, constitui uma das passagens para Copas, enquanto a conscientização e a experiência real do seu verdadeiro "Eu", além de qualquer forma, já pertence ao naipe de Copas. É a "Coroa" alcançada após o doloroso caminho de Espadas; a "Radiação" do mundo transcendental que se tornará interna e constituirá o permanente "ponto de suspensão" para o discípulo-iniciado.

Keter de Espadas é o limiar de um novo estado de consciência, pois a Iniciação de Espadas já transformou o discípulo-iniciado numa "taça" ou "Copa" que, todavia, não está cheia ainda, e, portanto, não pode transbordar, repartindo seu conteúdo com outros.

*

* *

Como já foi dito, a etapa do aspecto negativo de Espadas, como as etapas de todos os outros naipes, pode ser atravessada em níveis e aspectos diferentes. Todavia, se várias pessoas atravessam o mesmo naipe, no mesmo nível e sob o mesmo aspecto, suas experiências serão parecidas, mas não idênticas.

Na presente apresentação, demos apenas um exemplo geral e típico do caminho negativo de Espadas, mas o modo de viver suas experiências e sua seqüência podem variar

muito, pois a vida espiritual é profundamente individual e cada ser humano tece seu motivo único, irrepetível.

Existem, no entanto, características gerais dessa etapa. Estas são, por exemplo, a desvalorização das realizações pessoais, tanto externas como internas, a conscientização aguda do caráter ilusório da vida no mundo e da relatividade de todas as "verdades" e afirmações humanas, a sensibilidade profunda aos sofrimentos e à injustiça no mundo, a completa solidão e a desolação interna e, finalmente, o desaparecimento progressivo do "eu" pessoal e o aparecimento da Luz interna.

O que acaba de ser dito a respeito do caráter individual da experiência de Espadas, refere-se, também, e ainda mais, aos dois naipes superiores: Copas e Paus.

Esboçaremos apenas um exemplo característico. O modo em que a alma atravessa esses naipes é profundamente individual.

COPAS

A experiência vivida no naipe de Copas é completamente diferente daquela vivida em Ouros e Espadas, isto é, difere de tudo que, até agora, foi atravessado no caminho iniciático.

Em Copas não há nem o contínuo esforço de progredir, no sentido de adquirir sempre mais conhecimentos e poderes ocultos, o que caracterizava Ouros, nem a busca ardente e desesperada da Verdade inacessível, as lutas internas, o ceticismo e o martírio vividos em Espadas.

Repetimos, mais uma vez, que a etapa negativa de Espadas nada tem a ver com o nihilismo, o ateísmo ou algum tipo de saturação da alma, ou então, com a imersão profunda no materialismo. A passagem para o naipe de Espadas foi possibilitada pela procura sincera dos valores imutáveis da vida, e o rumo que tomou essa experiência foi determinado pela busca interna da Verdade Absoluta, busca tão total e ardente que todas as formas e invólucros, que envolvem a Verdade, foram rejeitados como sucedâneos indignos Dela, como ídolos criados pelos homens, como mentiras que a deturpam. Somente quando o discípulo de Espadas chega aos últimos limites de sua resistência mental, astral e física, é que começa a sua fusão com a Verdade Transcendental. Então, ele se abre como uma flor para a luz, ele se torna uma “taça” para receber a Luz Divina (fig. 10).

O símbolo de Copas: a taça cheia que transborda (fig. 11) representa a maturidade espiritual. A essência do naipe de Copas não é apenas a vida espiritual interna, é também o recebimento das dádivas do Alto e sua transmissão para o mundo que rodeia o discípulo-iniciado.

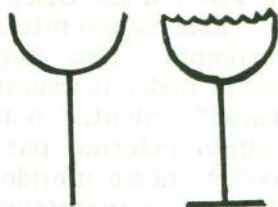


Fig. 10

Fig. 11

A etapa de Copas não é um “caminho”, ou seja, não é uma sequência de esforços internos e externos, de realizações e transformações, como era o caso de Ouros ou Espadas, mas uma progressiva sublimação de sua receptividade, um “alargar” e “aprofundar” de sua “taça”, para que esta possa receber o mais possível de Luz e, assim, dar também mais aos que dela necessitam.

No sistema Sefirótico, a passagem pela etapa de Copas se efetua no sentido de descida — desde Keter até Malkut — pois o discípulo recebe de cima e transmite para baixo.

ÁS DE COPAS

SEFIRA KETER — COROA, RADIAÇÃO

Título tradicional: "Existência"



A imagem do Arcano apresenta uma taça que deve ser imaginada cheia. Ela não pode estar vazia, pois é a sede da Luz Divina que, enchendo-a nos últimos graus de Espadas, determinou a passagem do discípulo-iniciado de Espadas, ao naípe de Copas.

A lei de Copas é a lei da Vida Transcendental, lei da Luz Primordial permeando o Universo, do Espírito Santo, da Mãe do Mundo.

Para um discípulo de Copas, o mundo inteiro se apresenta como uma imensa "taça", preparada para receber a Luz Divina e necessitando Dela. O próprio discípulo, também, é preparado para aceitar com gratidão tudo que lhe vem do Alto. Essa aceitação, todavia, é diferente da de Ouros. Agora ele sabe que tudo é bom, tudo é necessário, tudo tem uma finalidade superior. Ninguém ou nada será destruído, pois tudo é sagrado, tudo faz parte da Vida Divina, da Família de Deus.

Este estado interno proporciona ao discípulo uma grande harmonia. Sua "taça" transborda de Paz e de Luz e ele anseia poder transmiti-las a outros seres, pois agora percebe "taças" sedentas por toda parte. Ele volta, portanto, ao mundo externo, para ensinar, curar, confortar; continua vivendo nesse mundo, contudo, considerando-se, ele mesmo, apenas um receptáculo, um canal para transmitir a outros a Força Divina. Nisso consiste a expansão de Copas.

Vivida em seu aspecto superior, a experiência do naípe de Copas, corresponde ao "estado de santidade" das concepções religiosas.

Essa experiência, às vezes, pode manifestar-se como êxtase, conhecido pelos místicos católicos e que é um estado de exaltação, acompanhado por gestos e exclamações; pode, também, manifestar-se pelo êntase (oposto de êxtase), estado de retraimento profundo em si mesmo. O último está mais próximo da egrégora ortodoxa e, também, do "samadi" oriental. O êntase é caracterizado pela imobilidade completa e

a experiência que está sendo vivida pode ser percebida somente no olhar.

Tradicionalmente, “as Copas estão colocadas nas hastes das Espadas” (fig. 12). Isso significa que somente após ter atravessado a etapa do crescimento espiritual de Espadas é que o discípulo adquire a capacidade de se abrir ou, simbolicamente, tornar-se uma “taça” para a genuína Luz Espiritual e transmiti-La a outros.



Fig. 12

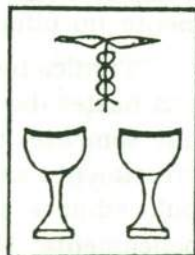
Aquele que ainda não queimou seus elementos pessoais, que não passou pelos sofrimentos purificadores e pelas provações de Espadas, não está ainda capacitado para servir de “taça” à Verdade, pois no estado passivo, necessário à receptividade, sua consciência não se eleva total e automaticamente ao plano espiritual superior — plano da Verdade — mas permanece aberta às influências misturadas e, às vezes, involutivas dos diversos planos astrais. Ele fica impressionado com os encantos mentirosos do além, tomando tudo como verdadeiras revelações. Deste perigo falam todos os santos cristãos. Menciona-os também H. P. Blavatsky no seu livrinho “Voz do Silêncio”.

Estas são “Copas falsas” e o transbordamento do seu conteúdo pode causar grandes danos, espalhando falsos ensinamentos, criando falsos instrutores e falsos profetas, como consequência da “falsa santidade”.

2 DE COPAS

SEFIRA HOKMAH — SABEDORIA

Título tradicional: "Unicidade"



A imagem apresenta duas taças de pé, uma ao lado da outra. Acima delas — um Caduceu.

Uma das taças simboliza o Mestre, isto é, o discípulo-Iniciado de Espadas que, agora, voltou ao mundo para ensinar; a outra — seu aluno. Aspirando ao mesmo alvo, estes dois seres tornaram-se sintonizados e harmonizados, assemelhando-se às duas serpentes enroladas ao redor da haste do Caduceu. A taça cheia do aluno significa que este recebeu o máximo que lhe era possível assimilar.

Quanto mais Luz o Mestre transmite ao aluno, tanto mais se enche sua própria taça, pois a taça do aluno, transbordando, enche de novo a taça do Mestre. É a comunhão entre duas unidades.

Pela sua reação individual à Verdade recebida do Mestre, o aluno inconscientemente enriquece o Mestre, pois para este é muito importante saber como o aluno reagiu à Verdade, quais foram os aspectos assimilados e de que forma os mesmos se transformaram na sua consciência.

Estudando a reação individual do aluno, o Mestre descobre novos aspectos da Verdade, o que torna sua própria consciência mais ampla e mais profunda. Assim, quanto maior o círculo de alunos, maior o enriquecimento da consciência do Mestre, pois à sua própria Luz acrescenta-se a Luz de outros.

Essa comunhão entre o Mestre e os alunos é possível somente porque a Luz que todos recebem é a mesma. A diferença está apenas na reação que se produz. Este é um aspecto importante da UNICIDADE, que caracteriza o presente Arcano.

A taça do Mestre era a primeira a abrir-se para a Luz e ele **A recebe diretamente**; o aluno **A recebe por intermédio do Mestre**, mas a Fonte da Luz é a mesma; portanto, a Luz recebida pelo aluno, embora transmitida, é genuína.

Existe, todavia, um caso em que o aluno pode também receber a Luz diretamente: é quando Mestre e aluno, misti-

camente unidos, encontram-se, por assim dizer, "lado a lado" sob o fluxo iluminador do Caduceu.

É possível que o aluno tenha alcançado apenas o estágio de Ouros, ou mesmo, que esteja ainda fora do caminho iniciático, que ainda não tenha harmonizado sua personalidade. Mesmo assim, estando "lado a lado" com seu Mestre, no momento de receber o fluxo do Alto, o aluno sobe, na linguagem simbólica, "pela coluna central do sistema sefi-rótico" ao plano que corresponde à essência metafísica do naípe de Copas.

É necessário sublinhar a diferença que existe entre um instrutor iniciado de Ouros e um Mestre de Copas. A influência que exerce o primeiro se deve ao prestígio de sua própria personalidade, à sua autoridade. É o "magister dixit". Um iniciado de Ouros pode transmitir ao aluno um pouco de seu poder mágico, de sua experiência, de seu conhecimento, ou seja, uma parte de sua própria consciência e de seu próprio poder realizador ou, então, ensiná-lo como adquiri-los. Nesse caso, naturalmente, não se pode falar em igualdade, nem em retorno ao instrutor daquilo que foi recebido pelo aluno. Aí, o aluno reflete parcialmente o instrutor e, para o aluno, o instrutor é a única fonte de Luz, de força e de conhecimento que lhe são acessíveis.

Um Mestre de Copas nada dá de si mesmo. Apenas transmite aquilo que recebe de Cima e a sua autoridade consiste na grande reverência sentida diante dessa Força Superior.

É preciso salientar que um ser humano que alcançou o estágio de Copas, por isso mesmo, torna-se um "Mestre ou Iniciado de Copas". Na egrégora ortodoxa russa ele é chamado "Staretz", na Índia, "Guru", nas ordens místicas dos derviches "She" e em outros ramos do caminho espiritual, por outros nomes ainda.

Copas é o naípe da bemaventurança, das leis que regem a receptividade às emanções Superiores, da adaptação e transmissão do recebido.

A primeira Lei desse naípe é que a "taça" do Mestre permanece sempre cheia, pois além de receber dos alunos, de volta, tudo o que ele lhes dá, sua "taça" é sempre encheda de Cima.

A natureza de Copas cria um relacionamento muito especial entre o Mestre e seu aluno.

Todos os homens, como filhos de Deus, são iguais. Esta é a igualdade básica humana. Mas existe também um outro tipo de igualdade: a igualdade esotérica diante do Espírito,

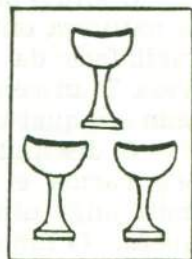
quando ambos, Mestre e aluno, recebem diretamente o mesmo Raio de Luz. Todavia, como personalidade, eles, naturalmente, não podem ser iguais, pois neste caso não haveria “Mestre” e “aluno”.

O “aluno de Copas” é um termo condicional, dado a cada um que procura a Luz desses “Homens de Deus”. Um “aluno” pode ser um homem comum, já sensível e atraído pela força magnética do Mestre. Permanecendo um certo tempo em sua aura, ele leva consigo um fragmento de sua Luz, e, neste sentido, torna-se seu discípulo. Todavia, existem também verdadeiros discípulos, no sentido oculto-esotérico da palavra. São os que escolheram e seguem esse Mestre de um modo permanente. Como exemplo de tais seguidores, podemos mencionar Motovilov, em relação ao Serafim de Sarov; Aliosha, em relação a Zósima; Vivekananda, em relação a Ramakrishna. Em tais casos, um grande amor forma o laço entre o Mestre e o discípulo e a oração do Mestre pode realizar, entre eles, a unicidade do Espírito.

3 DE COPAS

SEFIRA BINAH — RAZÃO

Título tradicional: "Infinitude"



A imagem apresenta uma taça colocada acima de outras duas, formando, juntas, um triângulo ascendente.

Este Arcano é um reflexo, em relação ao naipe de Copas, da Sefira Binah, Sefira da Razão Universal, que transmite para baixo o impulso benéfico vindo do Keter. A Sefira Hokmah, a primeira a receber esse impulso, transformou-o, em Copas, em uma forma individual — uma taça — tanto do Mestre como do aluno.

O 2º grau de Copas relacionava-se à unidade do doador e do recebedor, ou seja, do Mestre e do aluno, recebendo, ambos, a Luz da mesma Fonte. O 3º Arcano diz respeito à própria Fonte, simbolizada pela 3ª taça. Esta pode ser considerada como neutralização, em direção ascendente, do binário: Mestre-aluno.

É o ciclo dinâmico Iod-He-Vau-He no processo da iniciação de Copas. O conteúdo da taça do Mestre (Iod) e da taça do aluno (He) passa de uma taça para outra e, misturando-se, cria uma nova taça (Vau), predominando sobre as outras duas e, ao mesmo tempo, alimentando-as. É a realização de uma nova unidade (segundo He), o que é um novo passo no caminho da Iniciação de Copas.

Todas as egrégoras e todos os mundos são ondas da Vida Una e a 3ª taça, na realidade, simboliza a Água Viva da Bemaventurança Divina que compõe as ondas.

Para o discípulo desse grau, o Universo inteiro é a manifestação da Vida Una. Os esoteristas orientais expressam-no dizendo que Brahma, Vishnu e Shiva não são separados, mas 3 Aspectos do Uno Divino. Nos estágios de Ouros ou de Espadas, Eles eram percebidos, ou como separados, ou como estágios consecutivos. No estágio de Copas, Eles fusionam. Isto resolve o problema do conceito terrestre do Bem e do Mal, da sua relatividade.

A infinitude é a fusão do Bem e do Mal, como conceitos relativos, em uma só manifestação da Vida Una.

O título do 3º Arcano de Copas — Infinitude — aponta a natureza ontológica da terceira taça, isto é, a Incomensurabilidade da Divina Bemaventurança que se revela como Vida Transcendental — a Mãe Universal da qual tudo provem e à qual tudo retorna.

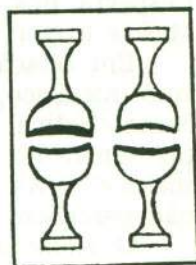
O discípulo que chegou a viver esse estado, já superou seu carma e sua responsabilidade cármica pessoal. Não mais julga ninguém, pois vê a causa e a razão de cada fraqueza. O único importante para ele é que a “taça” da alma humana esteja em condições de poder receber um fragmento da Luz, por menor que seja.

Na história da vida de Jesus, os pescadores, os homens incultos foram sensíveis às suas palavras porque, apesar de suas imperfeições, sua “taça” estava em condições de receber a Luz, enquanto a “taça” de Nicodemos, — um homem astrolmente puro e discípulo ignorado de Jesus — permaneceu fechada até a ressurreição do Mestre.

4 DE COPAS

SEFIRA HESED (GEDULAH) —
COMPAIXÃO

Título tradicional: "Humildade"



A imagem apresenta quatro taças: duas em pé, na parte inferior, e duas colocadas acima das primeiras e viradas para baixo, como se trocassem mutuamente seu conteúdo.

É o símbolo do processo realizacional Iod-He-Vau-He, no naípe de Copas.

Separando o conjunto formado pelas taças, no sentido vertical, teremos um lado positivo (o direito) e um negativo (o esquerdo). A taça superior ativa simboliza o Fluxo Divino. Este enche a taça do Mestre (a superior passiva). O Mestre, por sua vez, transmite o Fluxo ao aluno ou alunos (taça esquerda inferior), da qual o Fluxo passa à taça direita inferior — o depósito da Luz recebida por todos os que dela necessitavam (a taça do mundo). Daí, a Luz sobe novamente à taça direita superior.

É o esquema da eterna sucessão da descida e da subida das ondas da Vida Transcendental.

Relatando os quatro estágios da onda transcendental à cruz dos elementos ou aos quatro "animais herméticos", teremos as seguintes correspondências:

Taça à direita, superior — elemento Ar, Águia; Taça à esquerda, superior — elemento Água, Homem ou Anjo; Taça à esquerda, inferior — elemento Terra, Touro; Taça à direita, inferior — elemento Fogo, Leão.)

A predominância de um dos elementos expressa-se no particular caráter do trabalho realizacional de um Mestre de Copas.

A predominância do elemento Ar dá uma certa qualidade de penetração à influência do Mestre no seu ambiente. Mesmo na sua ausência física, sua presença está sendo sentida.

Quando a influência do Mestre ultrapassa seu meio ambiente e, de um modo indireto, abrange um campo mais vasto, até alcançar, e talvez mesmo ultrapassar, a egrégora nacional, qualquer que seja o elemento predominante do Mestre, o simples fato de sua existência, mesmo após sua vida terrestre, é sentida como um modo de "onipresença".

Desperta nos homens a aspiração de alcançar o nível do Mestre e, por isso mesmo, os eleva espiritualmente.

Em relação às pessoas que não se encontram no caminho iniciático, mas que realizaram a harmonia interna, essa característica da influência do elemento Ar em Copas se faz sentir no ambiente pela impressão de que "se respira melhor". As pessoas que o experimentam, freqüentemente não percebem a causa dessa sensação.

O elemento Terra expressa-se por uma ligação maior com todos os processos vitais, dentro e sobre a Terra. No Mestre de Copas, isso se manifesta pela acentuação de seu sentido de **responsabilidade pessoal** por tudo o que está acontecendo no mundo, por todas as imperfeições humanas, que ele se esforça para redimir, através do seu sofrimento, aceitando e tomando sobre si, mesmo em parte infinitesimal, o carma do mundo. Este estado o faz orar pelo mundo inteiro.

O elemento Água é caracterizado pelo movimento natural de cima para baixo, do "Céu" para a Terra. No Mestre de Copas, ele se manifesta pelo desejo de transmitir aos outros o que recebe de Cima. É a conscientização aguda de ser apenas uma "taça", cujo conteúdo deve ser dado aos que dele necessitam. Essa transmissão se efetua através do **contato direto** com todos aqueles que desejam receber a Luz dessa Fonte. Com a predominância do elemento Água, o impulso de ensinar, de ser um alimento espiritual, de curar todos os males da alma e do corpo dos que vêm procurar ajuda, expressa-se com uma força máxima.

O Fogo está sempre em movimento e sempre se dirige para cima. No naipe de Copas é o fogo espiritual, o fogo do coração que se expressa no intenso amor a Deus e aos outros seres, vivido pelo Mestre de Copas. O amor do Mestre abrange tudo e todos, os que o merecem e os que não o merecem e esse amor não necessita de palavras ou gestos para acender uma centelha nos corações dos que se encontram no campo de sua influência.

Todavia, esses quatro elementos que no naipe de Copas podem expressar-se com maior ou menor força, não constituem tipos diversos de Iniciação. A Iniciação de Copas é única, e todos os quatro aspectos estão presentes nela, isto é, a influência do Mestre age através de todos os quatro elementos, apesar de um ou outro poder manifestar-se com maior força, expressando assim o princípio individual do Mestre.

O 4º Arcano de Copas é o reflexo da Sefira Hesed (Gedulah), Sefira da Compaixão. É a compaixão que faz que o

Mestre de Copas volte ao mundo para transmitir a este a Luz e a Força benéfica que recebeu, para espiritualizar a matéria e sutilizar a substância astral. Ele derrama sua "taça", oferecendo ao mundo todo seu conteúdo. Ele abraça o mundo inteiro e funde-se com ele; é o "Tat tvam asi" da mística oriental.

O Mestre de Copas é inseparável de tudo o que se passa no mundo. Para ele, tudo é uno. Ele é um fragmento que contém tudo em si, como uma gota de água contém em si as características de todas as águas do mundo.

Essa conscientização faz nascer nele uma grande HUMILDADE (título do Arcano presente). O Mestre sente o mal do mundo como presente em si, como se ele abrangesse o carma universal. Ele se considera infinitamente distante da perfeição e indigno da Luz Divina à qual aspira constantemente e que, no entanto, sempre enche sua "taça". Este estado vivido pelo Mestre de Copas é a consequência de sua profunda ligação e fusão com o mundo.

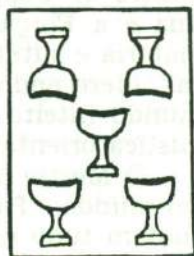
Mal algum já não mais pode penetrar no mundo através dele, pois sua "taça" contém somente a Água Viva da Vida Eterna.

A consciência de sua imperfeição e, conseqüentemente, o desprezo em relação a sua própria pessoa, é típico do estado de santidade e não seria possível sem uma grande humildade e o desaparecimento completo de todo elemento pessoal.

5 DE COPAS

SEFIRA GEBURAH (PECHAD) —
LEGALIDADE. SEVERIDADE

Título tradicional: "Redenção"



A imagem apresenta cinco taças: quatro, colocadas como no Arcano precedente, formam um quadrado; a quinta, no centro, deve ser imaginada como perpendicular às outras e pertencente a um plano superior.

A quinta taça é a do amor do Mestre de Copas, que o leva a se sacrificar pelo seu ambiente e, talvez, pelo mundo inteiro. É, portanto, a taça da Redenção. O conteúdo dessa taça é um reflexo da Vida Transcendental e do Amor Transcendental, isto é, do Princípio Redentor do Logos.

G.O.M., na sua Enciclopédia do Ocultismo, diz que o Logos, no plano do Arquétipo, "nutre-Se" com o Influxo Transcendental e transmite o Influxo Transcendente, isto é, o Amor Cósmico que, descendo à Terra, faz surgir a vida. Por causa disso, a quinta taça, em seu aspecto superior, simboliza também o Sangue Redentor do Cristo, derramado para redimir a humanidade. É o Santo Graal da lenda medieval.

Um Mestre de Copas segue o caminho do Logos e assemelha-se, ele mesmo, à Taça Redentora do Logos. No entanto, na imagem simbólica, a taça do Mestre de Copas apresenta-se de pé, orientada para o encontro da Força vinda do Alto, do Logos.

O amor sacrificial, que agora inspira toda a vida do Mestre de Copas, não é um amor comum, emocional. Uno com a vontade do Logos, este amor, na linguagem sefirótica, expressa também a Legalidade e a Severidade superiores.

A quinta taça desse Arcano sintetiza as possibilidades e realizações das quatro outras, no que se refere à transmissão da Luz ao mundo. Sintetiza também os quatro aspectos da missão iniciática de Copas, referidos no Arcano precedente, pois todos os quatro são meios de redenção, de purificação da aura do mundo e, portanto, de sua evolução espiritual.

Um Mestre de Copas não renuncia ao mundo, não se afasta dele, mas o aceita tal como é. Sacrifica-se para o seu

bem, tomando sobre si uma parte do seu carma. Ele sabe que não pode ser somente “Filho de Deus”, que precisa ser também “Filho do Homem”.

O amor cósmico sacrificial, que enche a taça da redenção, não é somente a expressão do tatwa Akasha, mas também do tatwa superior — Anupadaka — atuando através do Akasha. É o Amor Divino, que na mística oriental é chamado “Talil”.

O tatwa Akasha, cuja influência às vezes se faz sentir já no estágio de Ouros, é uma expressão da espiritualidade; o tatwa Anupadaka corresponde a uma espiritualidade superior, que começa a manifestar-se nos estágios de Copas e Paus.

O 5º Arcano de Copas relaciona-se ao 5º princípio — a individualidade — que possibilita ao Mestre de Copas a recepção e a transmissão da Força Superior. O papel que nesse processo desempenha a individualidade é sublinhado pelo fato da quinta taça encontrar-se num plano superior.

Na interpretação kabalística, essa taça corresponde à letra “Shin” colocada no centro da cruz Iod-He-Vau-He. Assim, o 5º Arcano é um reflexo, no plano de Copas, do clichê redentor Iod-He-Shin-Vau-He, ou Iehoshua.

A “Enciclopédia do Ocultismo” de G.O.M. explica amplamente o significado desse nome kabalístico, que é a fórmula que determina as características de cada organismo vivo, isto é: 1) Nascimento de um ser semelhante (Iod); 2) O crescimento (He); 3) A nutrição (Shin); 4) A procriação (Vau); 5) A morte ou a passagem para um outro plano (segundo He).

Em relação ao naipe de Copas, a fórmula “Iehoshua” corresponde à Vida Transcendental, transmitida ao mundo pelo Mestre de Copas. O elemento “Shin” dessa fórmula é a individualidade do Mestre, cuja manifestação depende do grau de sua consciência e de seu poder realizador, os quais, por sua vez, são interdependentes. Destes fatores depende o que o Mestre está capacitado a receber de Cima, **de que plano o recebe, e como o transmite** ao mundo. O “Shin”, nessa fórmula, corresponde também à “nutrição”, já agora espiritual e não física.

6 DE COPAS

SEFIRA TIFERET — HARMONIA

Títulos tradicionais: "Paciência" e
"Esperança"



A paciência é a característica deste Arcano, seu "modus operandi". Mas a paciência seria inimaginável sem a esperança de alcançar um alvo final.

O Apóstolo Paulo diz que da paciência vem a experiência, e da experiência, a esperança.

A imagem do Arcano apresenta seis taças. Quatro estão colocadas como no Arcano precedente e simbolizam o mesmo. A quinta taça, de pé, encontra-se acima das duas superiores e forma com elas um triângulo ascendente. A sexta taça, abaixo das duas inferiores, virada para baixo forma com elas um triângulo descendente. Os dois triângulos não são entrelaçados e, portanto, não formam um hexagrama.

A taça superior recebe a Luz Divina; a inferior — recolhe o sofrimento terrestre. A superior — transmite a Luz recebida, através das duas taças abaixo dela. A inferior — eleva o sofrimento, através das duas taças acima dela.

A taça superior corresponde ao Filho de Deus, a inferior — ao Filho do Homem.

Visto na escala cósmica, o simbolismo do 6º Arcano, completando o do 4º Arcano, corresponde aos Fluxos descendentes e ascendentes da Vida Transcendental. Um Mestre de Copas realiza a união desses Fluxos, em si mesmo. Assim, ele se une ao sofrimento do mundo e eleva-o. O símbolo eterno desse processo é o Cristo na Cruz, unindo em Si o sofrimento terrestre e a Luz Divina e mudando, com isso, a aura da Terra.

Para que a substância do mundo, em todos os planos, possa ser mudada, as duas taças devem fundir-se na alma do Iniciado. Nem a taça inferior, apesar de toda a agonia terrestre, nem a taça superior, apesar da abundância da Luz Divina, separadamente podem realizá-lo.

Notemos que nada espiritualiza tanto a pessoa como o sofrimento, seja físico, seja moral, especialmente quando aceito com paciência e serenidade.

O grande santo de Copas, Francisco de Assis, diz que não podemos nos vangloriar das dádivas de Deus, pois não são nossas, são recebidas de Deus, mas podemos nos vangloriar da cruz de nossos sofrimentos e aflições, pois estes são nossos.

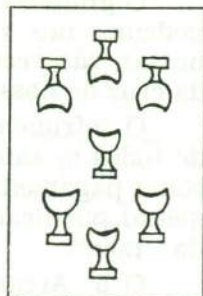
O sofrimento desempenha um papel importante na vida de todos os santos. É provavelmente necessário, não apenas como pagamento do carma passado, mas também como elemento purificador e espiritualizador, que ajuda na formação da "taça".

O 6º Arcano é o Arcano central de Copas, o reflexo do Tiferet, Sefira da Beleza e da Harmonia. É a harmonia entre o Divino e o Humano, entre a felicidade espiritual e o sofrimento terrestre, através da Paciência e da Esperança.

7 DE COPAS

SEFIRA NETZAH — VITÓRIA

Título tradicional: "Ressurreição"



A imagem apresenta sete taças, das quais, seis formam dois triângulos independentes, isto é, não entrelaçados. O triângulo de baixo é do tipo descendente e as taças que o formam estão de pé. No triângulo de cima, de tipo ascendente, as taças estão viradas. A sétima taça, de pé, encontra-se no centro e deve ser imaginada como pertencendo a um plano superior.

O triângulo ascendente denota a contínua aspiração do Mestre de Copas à Luz Divina. Esta lhe vem abundantemente — as taças estão viradas, derramando-A. O triângulo descendente simboliza o retorno do Mestre ao mundo, para lhe transmitir a Luz recebida e elevá-lo (as taças estão de pé).

O 7º Arcano é o resultado do processo realizado no 5º e 6º. É uma transformação interna do ser humano, causada pela profunda penetração do espírito na matéria e a transubstanciação dessa matéria em espírito. A sétima taça simboliza esse processo.

Uma das tarefas do Iniciado é elevar a um plano superior a substância do seu corpo físico. O símbolo mais exaltado dessa realização é a Ressurreição de Jesus. Na Ressurreição, um estado superior da matéria foi manifestado, provando que Jesus tinha mudado a composição táctica do Seu corpo físico, fazendo passar do estado denso à uma plena desmaterialização os elementos que o compunham.

Um Mestre de Copas, seguindo zelosamente o caminho do Logos, torna efetivo o processo da transmutação da substância do seu corpo físico. Todavia, colaborando conscientemente na realização desse processo, ele nunca o faz com o intento de adquirir poderes suprafísicos ou para algum outro fim pessoal, mas para espiritualizar a matéria geral do mundo.

Um iniciado de Ouros aspirava à imortalidade, mas a queria só para ele. Um Mestre de Copas se sacrifica para a imortalidade do mundo.

Um iniciado que consegue, mesmo que seja apenas parcialmente, transmutar a substância do seu corpo, realiza, com isso, algo para o mundo inteiro: sutiliza seus planos inferiores. É um passo dado à frente na evolução geral do mundo, um passo que não apenas mostra o caminho a outros seres, mas também o torna mais fácil no futuro.

A espiritualização da matéria constitui um outro aspecto da “ressurreição dos mortos”, ou seja, das forças inativas dentro do homem. É sua libertação do jugo da matéria, jugo que limita as possibilidades espirituais do homem e lhe dificulta o conhecimento de si mesmo e do mundo que o rodeia.

A sutilização do corpo físico e etérico se realiza pela abertura dos centros psíquicos que, nesse nível espiritual, se faz natural e involuntariamente, como consequência da espiritualização geral, como dom de Cima e não devido aos esforços “de baixo”. A capacidade de “pensar com o coração” e de “sentir com a mente” ajuda também nesse processo.

Como exemplo de tal transformação do ser humano, podem servir os “Justos” de todas as religiões, cujos centros abertos capacitaram-nos a manifestar diversos poderes ocultos, tais como clarividência, clariaudiência, telepatia, psicomетria, exteriorização do corpo astral, levitação, etc.

O 7º Arcano fecha um ciclo. O Mestre de Copas realizou uma completa harmonia interna e a Vitória definitiva do espiritual sobre o material. Por causa disso, o nome dado a esse Arcano é “Vitória”. A vitória específica de Copas é pelo sacrifício e pela paciência nos sofrimentos purificadores. A sétima taça é o símbolo de uma nova Harmonia, a Harmonia que não é apenas interna, mas que irradia sua força sobre o mundo que rodeia o Mestre de Copas.

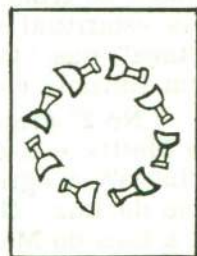
O 7º Arcano de cada naipe, relaciona-se, de um modo ou de outro, com as 7 Causas Secundárias — as influências planetárias refletidas no ser humano. Em Ouros, os planetas influam sobre o trabalho da purificação, da harmonização e das realizações pessoais do discípulo. Em Espadas — sobre o tipo de provas e sobre os modos de “dissolução” dos elementos pessoais. Em Copas, a influência dos planetas revela-se pelos dons do Mestre de Copas e por sua capacidade de servir

o mundo. Esse relacionamento pode ser assim esboçado: a predominância do Sol expressa-se pelo magnetismo pessoal, atraindo ao Mestre até pessoas completamente diferentes; da Lua — pelo dom de ler nos corações e nas mentes humanas; de Marte — pela capacidade de acender o Fogo purificador nos corações humanos; de Mercúrio — pela capacidade de resolver com sabedoria os problemas humanos mais complicados; de Júpiter — pelo dom da autoridade espiritual; de Vênus — pela força do amor, emanando do Mestre; de Saturno — pelo poder realizador da oração, podendo produzir milagres.

8 DE COPAS

SEFIRA HOD — GLÓRIA, PAZ

Título tradicional: "Fraternidade"



A imagem apresenta uma corrente formando um círculo e composta de oito taças, colocadas no sentido evolutivo e que esvaziam seu conteúdo, uma na outra. É o símbolo da grande fraternidade de almas que se estabelece após a ressurreição das mesmas, isto é, após a vitória, nelas, do Espírito sobre a Matéria. É também o símbolo da fraternidade universal humana, tal como existe na consciência de um Mestre de Copas. Para ele não há diferenças de raças, de religiões, de nacionalidades. Todos são irmãos. Essa consciência da fraternidade universal, desconhecida para a grande maioria dos homens, determina seu relacionamento com cada ser humano.

Uma fraternidade semelhante pode, às vezes, estabelecer-se dentro de um grupo, muito unido internamente e onde cada um se considera um elo da corrente, fora da qual existiria apenas como um fragmento isolado.

Para um Mestre de Copas não existem inimigos (estes são possíveis somente quando há auto-afirmação da personalidade) nem mesmo estranhos. Para ele, todos os homens são verdadeiramente "próximos", membros da mesma família, portadores da Luz Divina, presente em cada um.

O Mestre de Copas parece não perceber nem o mal, nem as falhas humanas. No entanto, ele vê em cada ser humano uma forma diferente de "taça", todas contendo a Essência Divina, mesmo que o próprio possuidor ainda nada saiba disso.

Para um Mestre de Copas, toda imperfeição, provém dos elementos inferiores e estranhos à verdadeira natureza humana.

Um Mestre de Copas não julga ninguém, pois, devido à Luz Superior que o ilumina, percebe um abismo de imperfeição em sua própria personalidade passageira.

O 8º Arcano de Copas é também o Arcano da formação da egrégora, esotericamente objetiva. Esta, de um modo natural,

nasce ao redor de cada Mestre de Copas que realizou a vitória espiritual interna e que faz transbordar a Luz da sua "taça" nas "taças" dos discípulos e daqueles que, estando em sintonia com ele, são receptivos à sua influência.

No 2º grau deste naipe falamos da união existente entre o Mestre e o discípulo e do intercâmbio de Luz entre suas "taças". A egrégora é formada na mesma base do intercâmbio da Luz. No quadro simbólico todas as taças são iguais, e a taça do Mestre que criou a egrégora não se distingue das outras.

Quaisquer que sejam as realizações internas do Mestre, elas pertencem a todos, no sentido de que cada um, fazendo parte da corrente, pode usar, se for preciso, a força do Mestre. Cada elo da corrente recebe tudo que é capaz de receber, fazendo da sua experiência particular uma riqueza egregórica comum a todos. As taças do pantáculo transvazam, uma a outra, seu conteúdo. O que pertence a uns, pertence a outros, pois já não há separação das personalidades. A personalidade do Mestre parece dissolver-se, permanecendo apenas uma fonte de Luz, comum a todos.

A corrente esotérica de Copas cria-se, todavia, a partir do primeiro elo — o Mestre — do qual outras almas se aproximam, atraídas como por um ímã espiritual e, a este elo, a natureza teúrgica da fraternidade concede um significado especial. O Mestre é o primeiro a receber a Luz Divina e sua "taça", transbordando essa Luz, faz com que as almas que entram em sintonia com ele, como em uma reação em cadeia, se tornem também receptivas à Luz. "Atrai o Espírito da Paz — disse Serafim de Sarov — e mil almas se salvarão ao teu redor". Aqui não existem nem iniciações separadas, nem graus, nem personalidades. É a união no Espírito.

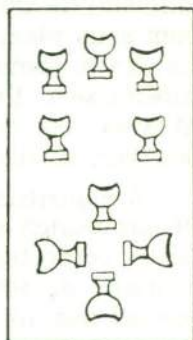
Freqüentemente forma-se um "ashram" no lugar onde vive um santo de Copas. Mosteiros surgem na vizinhança e muitas almas se transformam, mesmo após o santo ter deixado o plano físico.

O oito de Copas é um reflexo da Sefira Hod. É esta Sefira que se relaciona com a superação do elemento pessoal, depois da vitória do espiritual na Sefira precedente. No naipe de Copas não se trata apenas do desaparecimento total do elemento pessoal para que possa expressar-se Algo Superior, mas também da união, em nome desse "Algo Superior" com todos aqueles que, deste ou de outro modo, vivem o mesmo estado de consciência. Essa união é a "Glória" da vitória sobre si e a "Paz" de uma criação egregórica, internamente sólida.

9 DE COPAS

SEFIRA YESOD — FORMA, TRONO

Títulos tradicionais: “Fé” e “Alegria”



A imagem apresenta nove taças, em três grupos: em cima — três taças de pé formam um triângulo ascendente; no meio — duas taças de pé; em baixo — quatro taças partem de um centro comum para fora e formam uma cruz. Aqui, como em cada pantáculo do 9º Arcano, temos um triângulo, um binário e um quaternário.

O 9º Arcano de Copas é verdadeiramente seu “Grande Arcano”, pois é a síntese completa das realizações de outros graus e não apenas a acumulação de seus resultados, como em Ouros ou Espadas.

Os Arcanos do naipe de Copas não representam determinados degraus na subida que conduz à Iniciação, e sim, os diversos modos em que se expressa o estado interno do Iniciado. Em Copas, sua “taça” torna-se sempre mais aberta e mais funda, isto é, mais plena dessa Luz que a religião cristã chama de “dons do Espírito”. A natureza esotérica do estágio de Copas é essencialmente diferente da de Ouros ou de Espadas. Copas já pertence a um naipe superior, livre dos condicionamentos e limitações da autoconsciência, isto é, da consciência dirigida para dentro de si. Esta foi definitivamente ultrapassada. As transformações internas que se processavam nos naipes inferiores, devido à continua deslocação do foco da consciência, não mais existem em Copas, pois agora esse foco já ficou firmemente estabelecido no super-pessoal. Todavia, a “autoconsciência” não deve ser confundida com a “consciência pessoal” de um Mestre de Copas, ou seja com suas funções mentais, condicionadas pela época em que vive na Terra, pelo meio ambiente e por outros fatores ainda. A “autoconsciência”, como dissemos, está dirigida para dentro da própria pessoa; a “consciência pessoal”, pelo contrário, está dirigida para o mundo externo e dela depende o grau de receptividade do ser humano àquilo que o rodeia. Nesse sentido, mesmo um

Iniciado de Copas, pertence à sua época, estando em contato com seus ideais e com os conceitos religiosos que se refletem na sua personalidade e por meio dos quais, muitas vezes, manifesta-se o Princípio Espiritual. Tomando assim a forma através dos condicionamentos mentais, este Princípio, por sua vez, sutilha o mental.

A espiritualidade pura, as experiências puramente espirituais nunca são condicionadas pelo tempo ou espaço. Portanto, como testemunho da Existência Real, as vivências dos místicos de tempos antigos têm o mesmo valor ontológico que as dos místicos de tempos mais modernos.

O estágio de Copas é um estado de santidade e é, por isso, diferente do estado habitual de um ser humano comum ou mesmo de um discípulo. Isso deve ser levado em consideração para poder bem compreender e analisar o pantáculo do 9º Arcano de Copas. Este já não pode ser dividido, como em naipes anteriores, em parte mental, astral e física, pois estas ultrapassaram os limites da personalidade, entrando no campo supra-pessoal. O pantáculo da Iniciação de Copas deve ser analisado sob três aspectos: o campo da pura espiritualidade (ternário superior); o campo do psiquismo espiritualizado ou vida da alma (binário do centro) e o campo da personalidade total do Iniciado.

O ternário superior representa a essência espiritual do Iniciado, em seus três aspectos: Existência — Conhecimento — Bemaventurança, ou na terminologia oriental: “Sat”, “Chit”, “Ananda”.

A “Existência” é a Vida Real ou Transcendental que flui através do Iniciado. O nascimento para essa vida marcou sua passagem para o naipe de Copas e corresponde ao desaparecimento definitivo da “autoconsciência”.

A Vida Real, inevitavelmente, influi sobre os outros dois aspectos: o Conhecimento ou Gnose Superior e a Bemaventurança que agora, como consequência do contato com as ondas da Vida Real, permeia todo o ser do Iniciado. É o “Nirvana” oriental, verdadeira e esotericamente compreendido.

Notemos que o Conhecimento — pólo positivo ou ativo do ternário — adquire uma relativa forma através do mental e ajuda a compreensão da Vida Real. A Bemaventurança — pólo negativo ou passivo — adquire uma forma através dos sentimentos e permite sentir a Vida Real. Os três aspectos unindo-se harmoniosamente aproximam o Iniciado da Verdade Absoluta.

As duas taças da parte média do pantáculo representam a dupla receptividade do Iniciado, tanto ao Espírito como à Matéria ("Purusha" e "Prakriti" no Oriente). Para um Iniciado de Copas, o Espírito permeia e espiritualiza toda a Matéria e a Matéria manifesta o Espírito. As duas taças simbolizam também o binário do pensamento e do sentimento que, sublimados, não mais estão separados. Em um Iniciado de Copas, o sentir e o saber são inseparáveis; ele "sabe com o coração" e "sente com a mente".

O quaternário de taças, em baixo, simboliza a utilização da personalidade inteira. Os quatro tatwas inferiores, aperfeiçoados, simbolizados pelas taças, emanam de um centro comum — o 5º tatwa, Akasha. No plano físico, isso se expressa por um ascetismo natural, isto é, um mínimo de imersão na matéria, como resultado da espiritualização geral. É a diminuição da necessidade de sono, de comida e de outras necessidades ligadas ao corpo físico. No plano etérico, há um aumento do magnetismo pessoal que, devido ao seu caráter altamente harmonioso, torna-se curativo (por exemplo, curas pela imposição das mãos). Aparecem também, automaticamente, poderes ocultos. No campo do sentir e do pensar, como acabamos de dizer, estabelece-se uma harmonia completa.

Uma das conseqüências mais características do contato com a Vida Real e do desaparecimento da "autoconsciência", é o sentimento da própria nulidade e, até um certo ponto, o desprezo por si mesmo. É interessante notar que essa característica aparece quando a personalidade já começa a alcançar um alto grau de aperfeiçoamento e harmonia. Este paradoxo aparente não é difícil de compreender. Na medida em que o discípulo progride, percebe um horizonte de outras dimensões espirituais e, simultaneamente, a insignificância e mesquinhez de sua própria pessoa. Para um Iniciado de Copas, consciente do esplendor do Mundo Espiritual, todo o elemento pessoal perde totalmente seu valor. Além disso, o Iniciado nunca considera a transformação que nele se processou, como mérito próprio, mas como uma prova da Graça Divina.

O quaternário inferior pode, também, ser analisado como expressão da Lei Iod-He-Vau-He, mas no plano da criação. Já no naipe de Espadas, a lei das causas e efeitos, isto é, da seqüência lógica e inevitável, começou a perder seu vigor e a aparecer como ilusão da mente. Agora o Mestre de Copas compreende que o mundo existe devido ao impulso da

Vontade Superior que se manifesta espontaneamente em cada ato criador e não devido ao automatismo de causas e efeitos perceptíveis à mente humana. Sabe que o mundo — organismo vivo de Deus-Logos — se cria pela mesma Lei Iod-He-Vau-He, mas atuando num plano diferente, mais alto, mentalmente inacessível.

O 9º Arcano corresponde à Sefira Yesod que possui dois nomes tradicionais: “Forma” e “Trono”. Estes nomes, em relação a Copas, assinalam uma outra característica desse estágio espiritual: a volta à forma. Em Ouros, a forma constituía o ponto de apoio para o trabalho interno e o desenvolvimento do poder realizador. Em Espadas, o discípulo a rejeitou como sendo uma ilusão. Em Copas, o Iniciado volta a ela novamente, mas já como meio pois, diferenciando-se do discípulo de Ouros, o Mestre de Copas já não precisa das formas como ponto de apoio para si; ele simplesmente as admite como necessárias para a evolução da humanidade. O valor da forma para a evolução da humanidade, da forma adequada e que não deturpa a essência, consiste em que, sem ela, a Verdade Superior seria totalmente inacessível à mente humana. Assim, um Mestre de Copas, compreendendo o valor esotérico da forma, aceita-a sob a aparência externa de dogmas, ritos, etc. Sem a volta à forma, o Iniciado não poderia realizar sua missão de Copas, a de transmitir a Luz que enche sua “taça” e outras “taças”, pois qualquer “taça”, mesmo a do Mestre, é uma forma.

A alma humana, em certo sentido, é também uma “forma”, um “trono” para Deus, pois a alma guarda em si e transforma no seu modo inimitável a Luz Divina, a Vida Real que recebeu e que, por sua natureza, está além de qualquer forma.

A Tradição dá dois títulos ao 9º Arcano de Copas: “Fé” e “Alegria”. O primeiro sublinha a essência puramente religiosa (religio: ligação do homem com Deus) desse estágio espiritual. De fato, em Ouros predominava a razão; no estágio negativo de Espadas, o discípulo era levado pela revolta e pelo protesto; o estágio positivo do mesmo naipe, já se passava sob a influência da fé. Todavia, somente em Copas a fé alcança sua plena expressão teúrgica superior, pois torna-se conhecimento interno, e a experiência interna vivida em Copas, por sua vez, confirma a fé.

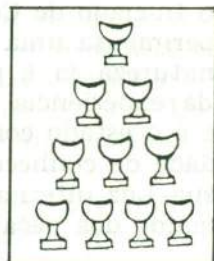
Quanto ao segundo título, “Alegria”, mencionamos no capítulo de Ouros a alegria específica que acompanha cada discípulo de Ouros que trabalha sobre si mesmo e observa seu progresso. Depois das dolorosas provações de Espadas,

o Iniciado de Copas, que entrou na Luz Transcendental, experimenta uma alegria bem maior e mais perfeita, pois sua natureza já é puramente espiritual. Essa alegria, diverge da experiência irracional e passageira do êxtase ou êntase e é o estado contínuo de um Iniciado de Copas. É a felicidade de conhecer a Vida Real, de poder transmitir a outros sua Luz interna, de perceber em tudo que existe, mesmo no maior dos pecadores, a Beleza Divina.

10 DE COPAS

SEFIRA MALKUT — REINO

Título tradicional: "Amor"



A imagem apresenta dez taças, todas em pé, em quatro níveis superpostos, formando uma pirâmide e correspondendo, de cima para baixo, ao valor numérico 1 2 3 4.

O 10º Arcano de cada naipe é o Arcano das realizações, isto é, da aplicação seja no mundo do "não-Eu" (como em Ouros), seja no mundo do "Eu" (como em Espadas), de tudo o que foi acumulado ou sintetizado na fórmula iniciática do 9º Arcano do naipe correspondente.

No naipe de Copas existe também uma realização — a missão de Copas. Esta, entretanto, se realiza pelo simples poder de Amor para com tudo que existe.

A taça superior da pirâmide é o símbolo do Amor Divino vivido pelo Iniciado de Copas. É o Amor como Força Cósmica, como Vida e Força Criadora, pois Deus é Amor e onde existe tal ou qual forma de Amor, o Princípio Divino está presente. O mundo inteiro provém do Amor em seus dois aspectos básicos: o da irradiação e o da atração.

As duas taças do nível seguinte representam Deus e o Homem-Iniciado. O Iniciado é totalmente receptivo ao Amor Divino e, por sua vez, devolve esse Amor a Deus, através do mundo manifestado — Malkut, o "Reino" — pois o Iniciado de Copas voltou a este mundo e permanece nele, concentrando em si todas as suas vibrações e unindo-as pelo Amor.

A mística oriental fala de dois caminhos: "Bhakti" (o do Amor que conduz ao Conhecimento) e "Jnana" (o do conhecimento que conduz ao Amor). Ramakrishna, um grande Iniciado de Copas, quase contemporâneo, chamava seu próprio caminho de "Jnana-Bhakti", unindo-os num só Amor Cósmico.

As três taças seguintes simbolizam o reflexo, no Iniciado, da Trindade Divina: Pai-Mãe-Filho ou Pai-Espírito Santo-Filho. Os Três, unidos pelo Amor, inseparáveis, uno-existent.

O Amor e a Vida são inseparáveis. O apóstolo João diz: "Sabemos que passamos da morte à vida, pois amamos os irmãos" (1ª Epístola, 3/14).

No Iniciado de Copas predomina o Amor-Atração. Ele fusiona com a Mãe, mas conhece o Pai e segue o caminho do Filho, o Logos. No Iniciado de Paus, como veremos mais adiante, predomina o Amor-Irradiação do Pai.

Todo o caminho evolutivo da humanidade realiza-se pela atuação dessas duas Forças e, nesse caminho, a Iniciação de Copas-Paus representa já a Realização. Em Copas, a onda da Vida Transcendental (a Mãe) eleva a Sefira Malkut (o Mundo) ao Pai, ou seja, ao Reino do Espírito.

As quatro taças inferiores simbolizam a ação da Lei Iod-He-Vau-He em Copas. É a Lei do Amor no mundo. O Iod é o Amor que enche a “taça” do Mestre; o primeiro He — o transbordamento desse Amor para as outras “taças”; o Vau — a ação desse Amor dentro das “taças” que o receberam; e o segundo He — a formação de uma corrente, cujos elos estão unidos pelo Amor-Atração que flui para eles através da “taça” do Mestre.

A Tradição considera que o 9º e o 10º Arcanos de Copas já pertencem a Paus. Isto significa que esses Arcanos antecipam a passagem completa para Paus e que, devido a certas características, pertencem aos dois naipes. Estas características são:

1. O 9º Arcano relaciona-se com a Fonte de Luz Interna, presente num Iniciado de Copas. Sem ser uma Fonte de Luz, ele não poderia passar ao naipe de Paus.
2. O 9º Arcano diz respeito à utilização da forma, como meio de expressar uma Verdade, inacessível pela sua essência. A missão iniciática de Paus consiste justamente em encontrar uma forma adequada para tornar compreensível o ensinamento ou religião que o Iniciado deseja transmitir.
3. O 10º Arcano é o do Amor do Iniciado para com tudo o que existe. Sem este Amor superior, a missão de Paus seria impossível, pois, ela exige um sacrifício total até da própria vida, para o bem espiritual de outros.

Não esqueçamos que as Iniciações desses dois naipes são, na realidade, **uma só Iniciação**, sendo Copas seu pólo passivo-receptivo e Paus — o ativo-criativo.

É interessante mencionar que essa ligação, em um aspecto muito rebaixado, na cartomancia, expressou-se pela regra segundo a qual a dama de Copas, que representa a síntese de seu naipe, é considerada a “dama do coração” do rei de Paus que, por sua vez, representa a síntese do seu próprio naipe.

PAUS

Na Filosofia Hermética, como já foi dito, o estudo de cada naípe dos Arcanos Menores segue sempre o caminho "diabático", isto é, de descida, do sutil para o denso, do Ás (Keter) ao 10 (Malkut). No Hermetismo Ético ou caminho iniciático — objeto do estudo presente — a direção "diabática" nem sempre corresponde à experiência vivida pelo discípulo.

A etapa de Ouros era a da realização das possibilidades humanas não manifestadas e sua consequente aplicação no mundo das "realidades". Em Copas, o Iniciado transmitia, para baixo, a Luz Espiritual recebida do Alto. Nesses dois naipes, portanto, o caminho era o da descida.

Em Espadas e Paus, as duas direções existem. Em Espadas, o caminho da fé ou o positivo, segue também a direção "diabática", mas o caminho filosófico ou negativo é "anabático", pois é o de sublimação, iniciando-se nas "realidades" do plano denso (10 ou Malkut) e, pela luta e pelo sofrimento, elevando-se a "Radiação" do Keter (Ás). Este caminho poderia ser chamado de reforjamento interno da "espada" em "taça".

A característica específica de Paus é que, neste naípe, as direções "diabática" e "anabática" estão sendo seguidas simultaneamente e correspondem, respectivamente, ao aspecto objetivo e subjetivo do naípe. O objetivo é a realização da missão de serviço do Iniciado no mundo e corresponde, portanto, à descida. Ao mesmo tempo, o Iniciado segue subjetivamente a direção "anabática", da mais sublime "dissolução", levando à Reintegração final.

Os progressos nesses dois sentidos opostos, estão estreitamente ligados um ao outro. Mais total e perfeita é a realização objetiva da missão do Iniciado no mundo externo, mais, na sua subida subjetiva, ele se aproxima de Deus; e, quanto mais alto ele se elevar na sua subida individual, melhor sucedida será sua missão na Terra.

Um Iniciado de Paus não cria mundos novos, como o faz o Logos mas, no nosso planeta ele introduz e dá forma a novos valores espirituais, novo ensinamento e novos movimentos religiosos. Sua influência não se limita ao seu ambiente como a de um Iniciado de Ouros, mas alcança um vasto número de almas, além dos limites do seu país e sua raça e cria valores que permanecem durante séculos. Seu trabalho é dar uma forma nova à Eterna e Única Verdade, quando as formas antigas já não correspondem às necessidades humanas ou quando chegou a hora de revelar um

novo aspecto da Verdade, até então oculto. O motivo de sua missão é o Amor e ele está pronto para tudo sacrificar pelo bem espiritual da humanidade.

Este é o aspecto objetivo do naípe de Paus. O aspecto subjetivo corresponde à experiência simultânea, interna. Em que ela consiste?

Se fizermos uma aproximação entre o caminho inteiro dos Arcanos Menores e a composição interna do ser humano, poderemos considerar a etapa de Ouros como um processo iniciático da personalidade, isto é, do aspecto psico-mental. Nesta etapa, o desenvolvimento dos princípios Ruah — Nas-ham (Kama Rupa ou Manas Inferior, no Oriente), chega a seu ponto máximo e os primeiros vislumbres de Haia (Manas Superior), constituem um estímulo para o trabalho.

A Iniciação de Espadas é, na realidade, a transformação desses mesmos princípios, causada por uma profunda crise interna. O corpo mental, tornando-se receptivo à influência de "Haia", muda totalmente. Em consequência, desenvolve-se o princípio Ehida (Buddi), levando o discípulo ao estágio de Copas.

A única Iniciação de Copas e Paus relaciona-se com os planos superiores do ser humano. Em seu aspecto de Copas, permite viver o estado de êxtase ou êntase (Samadi); em Paus — o Iniciado alcança o nível do "Eu Divino" (Atman).

Paus é o naípe da atividade espiritual superior. Nos sete primeiros graus do naípe, o Iniciado está em ligação transcendental com o Princípio Espiritual Superior, ainda como algo externo; nos últimos três graus do naípe, graus que no sistema sefirótico pertencem ao Mundo da Emanação, esse Princípio, para o Iniciado, torna-se imanente, pois, nessa etapa superior de Paus, processa-se a fusão com a Fonte Primordial da Luz, da Vida e do Amor. A consciência individualizada muda, pois dissolve-se nela qualquer forma, mesmo a da "taça". Esta é, em resumo, a idéia geral do caminho subjetivo de Paus.

Com o estágio de Paus, vivido no seu nível mais alto, termina a escalada espiritual de um ser humano na Terra.

Fazemos lembrar todavia que em todos os naipes existem diversos níveis, simbolizados pelas figuras de cada naípe. Guardando o caráter específico do seu naípe, esses diversos níveis conduzem à realização de diversos estados espirituais. No nível mais alto, Paus conduz à Reintegração final.

Sabemos que os quatro naipes correspondem às letras sagradas: Iod-He-Vau-He que, por sua vez, simbolizam os Princípios Divinos da "Primeira Família".

No plano do Arquétipo Divino, o Pai (Iod) — o Amor transcendental Ativo e Criativo — é inseparável da Mãe (He) — Amor Atrativo, manifestando-se como Vida Transcendental — pois o Primeiro Aspecto somente se manifesta pelo impulso em direção ao Segundo. De modo semelhante, nos Arcanos Menores, Paus é inseparável de Copas, pois somente através da “taça” ou Copa, Paus pode plenamente transmitir ao mundo o Influxo Divino.

Na Filosofia Hermética, o naipe mais alto, Paus, corresponde ao “Iod”. No Hermetismo Ético, ou seja a subida pelo caminho iniciático, Paus corresponde ao Segundo He que, como acabamos de dizer, termina a escalada humana espiritual na Terra.

O 9º Arcano de Copas é o da Alegria ou Felicidade Espiritual; o 10º — o do Amor Cósmico, transcendental, refletido pelo Iniciado como a própria “coisa em si”, um “numerosus”. Devido a essas características, os dois últimos Arcanos de Copas já pertencem a Paus. Contudo, entre o Amor de Copas e o de Paus, há uma certa diferença. Em Copas, o Amor é passivo. O Iniciado o recebe do Alto, o vive e irradia. O Amor em Paus é uma força ativa e criativa, dirigida ao mundo.

A passagem para o naipe de Copas realiza-se quando um Iniciado de Espadas deixa seu isolamento porque se sente capacitado para repartir com outros a Luz que possui. A passagem para Paus se realiza quando o Mestre de Copas se conscientiza de sua Força Espiritual interna e recebe um chamado de Cima para realizar uma missão terrestre. A partir de sua passagem para Paus, o Iniciado reúne em si as realizações dos dois aspectos da Iniciação única dos dois naipes.

AS DE PAUS

SEFIRAS KETER E MALKUT

Título tradicional: "Criatividade"



A imagem apresenta um bastão virado para baixo e no qual se vêmos vestígios de quatro galhos cortados que seguem uma linha espiral. É a mesma vara que o Mago segura em seu braço levantado na lâmina do 1º Arcano Maior.

A vara levantada simbolizava a força **potencial** e os quatro galhos cortados — a Lei Iod-He-Vau-He, o que significava que, um dia, quando a vara for abaixada, expressando a realização, essa força se manifestaria no mundo externo.

A presença dessa força interna é a condição do poder. Este, metafisicamente, pode ser definido como a capacidade de unir o múltiplo no uno, de unificar tudo o que estava separado. Em outras palavras, a unicidade é a base do princípio do poder.

O símbolo de Paus — bastão ou vara — é muito espalhado no mundo. Encontramo-lo, antes de tudo, na magia. O "pau" do Mago é, até agora, uma vara de noqueira (com quatro galhos cortados), pois a noqueira absorve, guarda e transmite melhor os fluídos astrais, nesse caso os fluídos do Mago, cujo poder manda às entidades astrais.

Encontramos o "pau" na forma do bastão do pastor de rebanhos e do pastor espiritual — o bispo. Encontramo-lo como cetro do rei, o bastão do marechal e do mestre de cerimônias, como batuta do dirigente de orquestra, etc. Em todos esses casos é o símbolo do poder para manter uma determinada ordem, união ou harmonia.

A vara levantada do Mago na lâmina do 1º Arcano Maior, no entanto, tem duplo simbolismo: além da força ainda não manifestada, indica também as Alturas, como fonte dessa força, o que é confirmado pelo signo do infinito, acima da cabeça do Mago. Esse duplo simbolismo está refletido nos dois movimentos simultâneos, em direções opostas, do naipe de Paus.

O As de Paus inclui em si os dois momentos iniciais do estágio de Paus: a conscientização pelo Iniciado de sua força interna, levando-o a começar sua missão, e o poderoso

impulso de vontade para alcançar a fusão com a Luz Primordial.

O único pau virado para baixo, na imagem simbólica do Arcano, representa o primeiro impulso criativo do Iniciado, como reflexo na sua alma do Amor ativo, criativo do Logos.

A criação do Mundo pelo Logos inclui processos de diferenciação, de multiplicação das manifestações da vida, poder-se-ia dizer, da “pulverização” do Uno no Múltiplo. Cada parcela desse Múltiplo — o maior sábio ou o menor bichinho — tem seu valor, sua razão de ser e seu lugar no Mundo, e o Logos une novamente o Múltiplo no Uno. O Pau simboliza a descida do Iniciado para participar *nessa obra unificadora do Logos*.

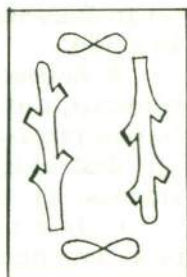
O Iniciado de Paus modifica as formas existentes de vida, dando-lhes uma nova essência e destruindo, simultaneamente, tudo que nelas tornou-se obsoleto, tudo que perdeu sua razão de ser, tornando-se apenas uma aparência, uma ilusão. Ele não “põe vinho novo nos velhos odres”, pois os “odres” ficam também renovados.

O Iniciado de Paus conhece a razão e o porque de cada forma, ele vê com clareza a essência de tudo e, portanto, tem o direito de destruir as aparências enganadoras, “Maia”. Ele sabe também que sua força vem do Alto e que, quanto mais crescer individualmente, tanto mais poderá dar ao mundo.

2 DE PAUS

SEFIRAS HOKMAH E YESOD

Título tradicional: "Salvação"



A imagem apresenta dois paus, um ao lado do outro. O da direita está dirigido para baixo, o da esquerda — para cima. Acima e abaixo dos dois paus — o signo do infinito.

Nos dois processos de diferenciação e de integração, em todos os planos da existência, desde o infinitamente pequeno até o infinitamente grande, desde o infinito em cima até o infinito em baixo e vice-versa, independentemente do ponto em que começa o movimento, tudo é permeado pelo Princípio Divino, que é o mesmo em todos os planos.

Sendo assim, pode-se dizer que a evolução, no sentido absoluto, não existe, pois ela não abarca a existência intrínseca, abarca apenas aquilo que foi diferenciado pelo Logos, isto é, o manifestado. A evolução é a passagem das formas inferiores às superiores da vida e, portanto, está ligada aos conceitos de multiplicidade, de imperfeição, de espaço e de tempo, pois a evolução é o retorno da Diferenciação à Unidade numenal, da manifestação das formas à existência da "coisa em si".

No plano cósmico, os dois paus da imagem simbolizam o trabalho do Logos: o da criação (a descida) e o da sublimação (a subida). O Iniciado de Paus voluntariamente toma sobre si uma determinada parte do último, pois pode trabalhar somente para a evolução, ou seja, a sublimação. A participação no trabalho criativo cósmico do Logos não lhe é acessível. O pau descendente, portanto, em relação ao Iniciado, simboliza sua própria descida ao mundo.

No 1º grau do naípe de Paus, o Iniciado sentiu o Impulso do Amor Divino. Agora este Amor se reveste de Sabedoria, pois sua missão deve ser realizada não apenas com Amor, mas também com Sabedoria.

O 2º grau de Paus corresponde à Sefira Hokmah — Sefira da Sabedoria Divina. Segundo o ensinamento da Filosofia Hermética o campo dessa Sefira era o "lugar" de permanência das almas humanas antes da queda, isto é, no estado "Institutio". Em relação a Paus, Hokmah corresponde

ao Influxo da Sabedoria Divina e sua expansão na alma do Iniciado.

A Sabedoria do Iniciado, em sua missão na Terra, deve consistir, antes de tudo, em saber claramente qual o elemento que precisa ser introduzido na vida espiritual e qual deve ser destruído. A falta desse discernimento resultaria no fracasso de sua missão.

O Iniciado liberta-se neste Arcano de todas as formas de consciência através das quais se cria o carma. Em outras palavras, a realização deste grau corresponde à superação do carma pessoal, com todas as consequências desse ato iniciático interno. Todavia, embora libertando-o por completo das formas, o 2º Arcano de Paus, que corresponde também à Sefira Yesod, liga simultaneamente o Iniciado à criação de formas novas e sempre mais perfeitas para a evolução da humanidade.

As duas realizações — a objetiva e a subjetiva — explicam o título tradicional do Arcano: “Salvação”. De fato, objetivamente, a missão do Iniciado consiste em salvar as almas humanas da segunda morte, a esotérica, em que a alma se separa definitivamente do Princípio Espiritual. A depravação sempre crescente da alma, pode conduzi-la a essa decomposição final. Salvar-se significa guardar a “memória eterna”, ou seja, a consciência imortal.

A missão do Iniciado inclui também a ajuda às almas para superar não apenas seu próprio carma negativo, mas também o carma negativo, geral, da humanidade. Subjetivamente, a “Salvação”, como foi dito acima, consiste na libertação definitiva do Iniciado das formas de consciência que poderiam atraí-lo à roda das encarnações. Em outras palavras, a “Salvação” do Iniciado consiste na fusão com seu Eu Divino ou “Atman”. No Oriente, isto corresponde à passagem ao Paranirvana; no Ocidente — ao retorno à Casa do Pai.

O Iniciado liberto pode, se quiser, encarnar novamente na Terra para realizar algum trabalho, mas o carma geral do ser humano não mais tem poder sobre ele.

O conceito de “Salvação” está ligado ao ensinamento esotérico sobre o clichê redentor Iod-He-Shin-Vau-He ou Iehoshua, que a Tradição chama de “descida do Cristo” ou, segundo Elifas Levi, de “ajuda do Salvador”.

Lembremos o que foi dito sobre a cruz dos elementos que compõem o ser humano e correspondem às letras sagradas Iod, He, Vau, He. O ponto central, que une os quatro braços da cruz, corresponde à letra Shin, à “quintessência”

ou Princípio Superior que rege os quatro outros componentes, simbolizando assim o ser humano total.

Um outro símbolo do homem é um pentagrama reto em que a ponta superior (Shin) ou essência, predomina sobre as quatro pontas substanciais. O pentagrama invertido, pelo contrário, simboliza o predomínio da substância sobre a essência, isto é, a involução. Todavia, essa interpretação nem sempre é correta, pois, visto do plano do Arquétipo, o pentagrama invertido simboliza a descida para o mundo manifestado do Princípio Espiritual.

A letra Shin, no centro da cruz dos elementos, simboliza o Verbo Divino ou Logos, “pregado” nessa cruz, isto é, na matéria. Do mesmo modo, o pentagrama invertido pode simbolizar a descida do Princípio Espiritual, o Logos, e a missão do Cristo através do Homem-Jesus. Este pentagrama — o clichê Salvador — é um dos mais poderosos símbolos protetores na Magia.

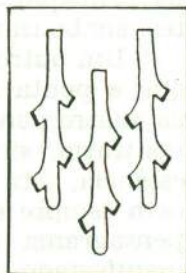
Cada Iniciado de Paus identifica-se, em certo grau, com a missão salvadora do Logos, pois desce ao mundo para ajudar a evolução. Seu símbolo, portanto, pode ser também o pentagrama invertido, assemelhando-se ao “Enforcado” da lâmina do 12º Arcano Maior, que dá ao mundo o ouro do seu espírito.

O Paus, sendo o naípe das missões, corresponde sempre à descida do Iniciado. Somente e simultaneamente com sua descida, é que se processa sua própria ascensão e o retorno à Casa do Pai.

3 DE PAUS

SEFIRAS BINAH E HOD

Título tradicional: "Sacrifício"



A imagem apresenta três paus verticais dirigidos para baixo, um ao lado do outro. O nível do pau do meio é inferior ao dos dois outros, de modo que as pontas dos três paus, formam um triângulo de tipo descendente.

Binah é a Sefira da Razão. No sentido de descida, ela se manifesta como limitação do Influxo Divino do Amor, já envolvido em Sabedoria. Isto significa que em sua missão, o Iniciado tem a possibilidade de transmitir ao mundo apenas uma expressão limitada do Influxo Divino recebido; significa, portanto, que deve medir e limitar seu potencial espiritual e seu poder realizador, adaptando-os à receptividade humana e às condições concretas da época e do meio em que atua. Todo o trabalho externo do Iniciado é condicionado por esses fatores.

Quanto ao seu estado interno, este corresponde à base do triângulo invertido, base que se encontra em cima e na qual reina uma paz absoluta, a paz da Sefira Hod. O sacrifício do Iniciado consiste justamente em renunciar à paz da Sefira Hod, em renunciar à imersão na paz do mundo espiritual interno, para voltar à atividade nos planos inferiores. Essa renúncia é necessária para que o Iniciado possa continuar sua escalada espiritual individual; parece mesmo que o próprio fato de renunciar, o faz passar a um grau mais elevado.

A importância dessa renúncia consiste em que, sendo uma decisão absolutamente livre, ela não é um "sacrifício" exigido pelas circunstâncias, mas um ato espontâneo e voluntário, expressando um estado interno. As palavras de Jesus: "... Misericórdia quero e não sacrifício..." (Mat. 9/13) tem um profundo significado esotérico.

Um sacrifício que tem sua raiz na animosidade do ambiente, como por exemplo, os martírios por uma idéia combatida ou impopular, provocam uma reação cármica, influem no carma do mundo e carregam o carma dos responsáveis pelo ocorrido. O "sacrifício-misericórdia" espontâneo e vo-

luntário, em que a felicidade de poder fazê-lo predomina sobre o sofrimento, não faz girar a roda cármica; ao contrário, cria uma onda de harmonia. Tal sacrifício, apesar de ser freqüentemente desapercebido pelo ambiente, e talvez justamente por causa dessa sua qualidade silenciosa, torna-se uma força tremenda, que age sobre as ondas de vida do mundo de Ouros, podendo provocar uma tempestade e uma elevação espiritual e até a abertura à Luz das “taças”, isto é, das almas humanas.

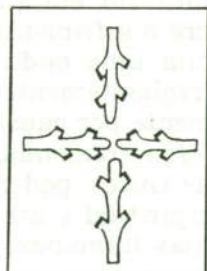
Entre os naipes de Copas e de Paus existe, como sabemos, uma estreita ligação. As “taças” na imagem simbólica do 3º Arcano de Copas formam um triângulo ascendente, correspondente à subida espiritual, interna, do Iniciado; os paus na imagem do 3º Arcano de Paus formam um triângulo descendente, correspondente à descida do Iniciado ao mundo.

Esses dois triângulos dos 3ºs Arcanos dos dois naipes, formam, juntos, um hexagrama, símbolo da harmonia dos opostos. Nesse hexagrama, o triângulo descendente — descida do Espírito aos planos densos — é representado em cor branca; o triângulo ascendente, em cor oposta: o preto. É um símbolo que se refere aos planos mais elevados.

4 DE PAUS

SEFIRAS GEDULAH E NETZAH

Título tradicional: "Missão"



A imagem apresenta quatro paus formando uma cruz e apontando um centro comum, sem atingi-lo. O centro simboliza o Não-Manifestado. Os braços da cruz ou os quatro paus representam os quatro tipos básicos de missões, através das quais, os Iniciados desse naipe manifestam no mundo a Misericórdia Divina, ou seja, a Sefira Gedulah ou Hesed que corresponde a este Arcano e que, na Árvore Sefirótica, pertence já ao Mundo da Criação e não ao Mundo da Emação, como as três Sefiras precedentes.

Paus é essencialmente um naipe de missões que têm, todas, a mesma finalidade. Revistemos os quatro tipos de missões de Paus.

1. As missões dos Iniciados que, tendo alcançado o mais alto grau de evolução humana, se libertado do carma pessoal e da roda das encarnações, deixam o mundo e voltam à Casa do Pai, efetuando um rasgo na rede cármica que envolve o mundo, abrindo e facilitando assim o caminho para os que seguem. Tais Iniciados, no Oriente, são chamados de "Pratyeka Budas". O fato dos homens saberem ou não da sua existência, absolutamente não influi nas suas missões.
2. As missões dos Iniciados que voluntariamente permanecem no mundo até o fim do Ciclo ou Manvantara. Suas missões consistem menos na atividade do que na influência exercida pela sua presença, que é semelhante à dos catalisadores que permitem que se realizem determinados processos químicos. Esses Iniciados são Guardiões da humanidade, são os "Justos" que, segundo a Bíblia, foram procurados e não encontrados antes da destruição de Sodoma e Gomorra.
3. As missões dos Grandes Instrutores, transmitindo e espalhando no mundo o Influxo Divino, geralmente sob a forma de um novo ensinamento religioso, de um novo aspecto da Verdade, adequado à época e ao meio huma-

no. O nosso presente estudo do naípe de Paus e de seus graus, trata especialmente desse tipo de missões.

4. As missões dos Discípulos, como as de São João, do apóstolo Paulo, de Vivekananda, Yogananda e outros. Eles não criam um ensinamento novo, mas realizam, explicam e espalham o ensinamento do seu Mestre.

É fácil perceber a Lei quaternária Iod-He-Vau-He nesses quatro tipos de missões. O "Iod" corresponde às missões mais místicas, puramente espirituais e mais desconhecidas dos homens — as de rasgar a rede cármica do mundo (Águia); o "He" — as missões mais passivas, da influência pela presença (Touro); o "Vau" — ao trabalho consciente e criador de inculcar nos homens um novo aspecto da Verdade (Homem) e o "Segundo He" — à realização, adaptação e introdução na vida do ensinamento que fora recebido (Leão).

Nenhum tipo de missão é mais elevado ou mais importante do que outro. A graduação pode existir entre os Iniciados que realizam essas missões, mas não entre suas obras, pois em Paus existe a igualdade do trabalho.

O 3º e 4º tipos de missões possuem, por sua vez, subdivisões, conforme as características individuais do Iniciado. Assim, as missões número 3 podem ser realizadas por vários tipos de Instrutores:

- a. Por um Iniciado que chegou, individualmente à união com o Princípio Espiritual Superior e que, por seu próprio ensinamento e seu exemplo, abre caminho a todos os que querem segui-lo.
- b. Por um Iniciado, cuja individualidade altamente desenvolvida, afasta-se para deixar apenas um canal, transmitindo a Luz Divina. A alta harmonia da individualidade e da personalidade do Iniciado contribui para a qualidade dessa transmissão. Todavia, esses tipos de missões dos Iniciados de Paus não devem ser confundidos com a transmissão de diversos ensinamentos, através de pessoas que possuem uma grande receptividade mental e astral.
- c. Por um Iniciado, encarregado de uma missão, embora não tenha terminado ainda sua evolução terrestre. Nesse caso, quanto mais lhe falta para terminá-la, tanto mais terá que se identificar com o Aspecto Divino do qual recebe o ensinamento.

As missões do tipo número 4 — transmissão do ensinamento do Mestre — têm também subdivisões:

- a. Preservação do ensinamento.
- b. Propagação e explicação do ensinamento.

Repetimos ainda que o valor de todas as missões de Paus é igual, como iguais são os paus da imagem simbólica; para todas as missões, como para os paus, o alvo é o mesmo.

No aspecto subjetivo de Paus, isto é, a subida individual do Iniciado, o 4º Arcano corresponde à Sefira Netzah, Sefira da Vitória. Entretanto, em Paus não se trata da vitória sobre si mesmo ou sobre o mundo do “não-Eu”, mas da **renúncia a lutar e vencer em seu próprio nome**. No grau precedente, o Iniciado renunciou à Paz Superior; neste, renuncia a todo e qualquer princípio próprio, seja pessoal, seja individual, na sua luta contra a involução do mundo.

A revelação da missão de Paus faz compreender ao Iniciado que ele pertence ao Grande Exército da Luz, à Egrégora Vitoriosa das Forças Cósmicas Superiores. Ele se torna uno com todos aqueles que trabalharam, trabalham e trabalharão para evolução geral.

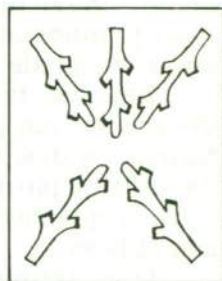
Jesus, como filho do Homem, chamava essas Forças de “Vontade do Pai no Céu”; os discípulos as personificavam no próprio Jesus. Os Profetas do Velho Testamento — em Iehova, em Adonai ou em outros aspectos do Divino. Ramakhishna — em a Mãe do Mundo.

A consciência de pertencer à Grande Egrégora da Luz não somente dá uma base esotérica inabalável a cada missão de Paus, sem a qual sua realização seria impensável, mas influi também na subida individual do Iniciado, subida condicionada todavia pela descida simultânea ao mundo.

5 DE PAUS

SEFIRAS GEBURAH E TIFERET

Titulos tradicionais: "Grande Balança"
e "Equilíbrio"



A imagem apresenta quatro paus dirigidos dos cantos para o centro. O quinto pau aponta para o mesmo centro, mas desce de um plano superior.

Os quatro paus representam os quatro tipos básicos de missões dos Iniciados de Paus; o quinto corresponde ao Impulso do Não-Manifestado. No Arcano anterior, este Impulso era sentido na consciência do Iniciado como Misericórdia Divina; neste Arcano, expressa-se como Vontade Divina ("Vontade do Pai que me enviou" — João 6/39) ou — nos casos das missões de Discípulos — como reflexo da Vontade Divina na vontade do Mestre, levando o Discípulo-Iniciado a realizar a missão que lhe foi confiada.

A infinita Misericórdia que caracterizava a experiência do Arcano precedente, neste, torna-se limitada, manifestando-se no mundo em forma de uma missão determinada. Em outras palavras, a Misericórdia se torna "equilibrada" pelo princípio da "legalidade", isto é, pelo que é necessário ao ambiente e pelas possibilidades individuais e pessoais do Iniciado. Na linguagem cabalística, a Sefira Gedulah torna-se limitada pela Sefira Geburah. É a "Grande Balança".

Sendo o Iniciado de Paus, realizador consciente da Vontade Divina, não há lei externa que possa interferir na sua missão.

Em Copas, o Teurgo-Iniciado elevava-se nas grandes ondas do Oceano da Vida Universal ao plano da Luz Infinita, enchendo lá sua "taça" para que o conteúdo fosse repartido com o mundo. Em Paus, a subida da onda pôde até parecer uma separação do Oceano. Cada onda que nasce nesse Oceano é uma individualidade que se eleva. Subindo sempre mais alto, ela alcança a Mônada. Embora as ondas que mais se ergueram pareçam isolar-se do Oceano, elas permanecem unidas a ele por suas bases e cada uma contém em si as propriedades do Oceano inteiro. Quanto mais a

onda — o ser humano — se eleva acima do nível geral, tanto mais pronunciada torna-se sua individualidade e tanto maior sua capacidade de expressão através da personalidade.

Em sua maioria, os seres humanos — partículas do Oceano — não procuram elevar-se acima do nível geral, não formam ondas; seu afastamento da Fonte da Luz é tão grande, o Princípio Espiritual tão afundado nos invólucros astral e físico, que eles se identificam completamente com sua personalidade.

O mistério da formação da personalidade — consequência da separação do Plano Superior — é um dos estudos mais importantes do 21º Arcano Maior, o Arcano "Shin". A personalidade pode ser formada tanto "de cima" como "de baixo". Quanto maior é a influência "de cima", tanto mais dissolve-se nela o aspecto pessoal; quanto mais formada "de baixo", isto é, da matéria física e astral, na qual os princípios superiores estão imersos, tanto mais pronunciado será o aspecto pessoal e tanto mais o ser humano estará sujeito às ilusões.

O Iniciado de Paus domina completamente o mistério Shin, isto é, possui o poder de formar sua personalidade "de cima", de manifestar através dela o Não-Manifestado, de concentrar nela o princípio da Vontade Divina, renunciando à sua própria, mesmo quando esta é totalmente harmoniosa.

Através dessa "limitação" de si mesmo, para se oferecer inteiramente ao serviço do Divino, realiza-se, na subida subjetiva do Iniciado de Paus, a passagem para a Sefira da Harmonia — Tiferet. Aí, o Iniciado identifica-se totalmente com a Vontade Divina. Isso resulta em uma perfeita harmonia interna, pois a harmonia é a consequência da síntese equilibrada dos princípios opostos.

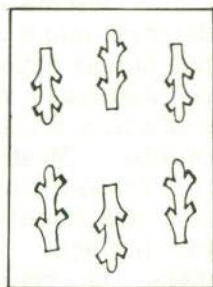
A realização das missões confiadas pelo Alto, caracterizam o naípe de Paus. O 5º Arcano do naípe corresponde à concentração e concretização da Vontade Divina, dando-lhe, através de sua missão, um matiz individual e uma determinada direção.

O estágio de Copas se expressava por um modo de expansão que parecia ilimitada, estado que corresponde à fórmula oriental "Tat twam asi". Em Paus, essa expansão torna-se limitada, tomando a forma de uma missão bem definida, exigindo uma espécie de auto-afirmação interna, correspondendo à fórmula "Isto sou eu".

6 DE PAUS

SEFIRAS TIFERET E GEBURAH

Título tradicional: “Renascimento”



A imagem apresenta dois triângulos entrelaçados, ou seja um hexagrama, formado por seis paus. No triângulo do tipo descendente, as pontas dos paus estão dirigidas para baixo. É o triângulo **ativo** desse símbolo. No triângulo ascendente, os paus dirigem-se para cima. Este é o triângulo **passivo**. Assim, o simbolismo dos triângulos é oposto ao que é geralmente aceito.

O triângulo ascendente representa o Influxo Divino recebido pelo Iniciado; o descendente — tudo aquilo que ele dá ao mundo, servindo-o em sua missão.

Este hexagrama é um símbolo de alta espiritualidade que caracteriza os Iniciados de Paus. Representa a PAZ ATIVA, isto é, a receptividade à Luz Superior e a manifestação do Não-Manifestado no mundo terrestre, guardando uma paz interna, completa.

A “paz ativa” é diferente da atividade praticada no mundo, como por exemplo, a atividade de um Iniciado de Ouros, no 10º grau desse naipe. A “paz ativa” consiste mais na emanção do que no movimento. Assemelha-se à ação do sol, que não AGE, mas É. No entanto, sem sua luz e calor, não haveria vida na Terra.

Paus corresponde a um **estado intermediário** entre a vida terrestre e o plano Divino.

No aspecto objetivo de Paus, ou seja da descida, o 6º grau corresponde a Tiferet, Sefira da Harmonia e da Beleza. O mais elevado tipo de harmonia — a harmonia interna de Paus — é devida à síntese dos princípios passivo e ativo que em todos os outros estágios herméticos se excluem mutuamente. A Beleza e Harmonia de Tiferet se manifestam também através do serviço do Iniciado no mundo, serviço em que a Misericórdia Divina se harmoniza perfeitamente com as necessidades e possibilidades de compreensão do ambiente em que o Iniciado atua. O 6º Arcano, no aspecto objetivo de Paus, é o Arcano do relacionamento entre o Iniciado e o ambiente.

A descida de um Iniciado de Paus para um ambiente determinado é a resposta à "sede espiritual" desse ambiente por aquele aspecto da Luz Divina que o Iniciado representa. A "chamada" vem de baixo. É uma analogia da regra bem conhecida da sabedoria oriental: "Quando o discípulo está pronto, o Mestre aparece".

Transmitindo sua Luz, o Iniciado de Paus contribui para o "renascimento" do mundo, encaminhando-o em direção à Reintegração. O título tradicional do Arcano expressa essa idéia. O "renascimento" consiste na conscientização pelo homem da sua ligação com o Princípio Superior, no restabelecimento em si daquilo que foi perdido, isto é, um nascimento para o eterno. Por onde passa um Iniciado de Paus, o mundo "renasce". O símbolo bíblico dessa influência de Paus que faz renascer a vida espiritual, é o florescimento da vara de Aarão.

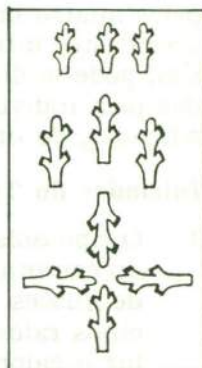
O Arcano do "Renascimento" do naipe de Paus corresponde ao Arcano da "Grande Paciência" do naipe de Copas. O 6º grau de Copas — seu Tiferet — dizia respeito ao transvazamento recíproco do conteúdo das "taças" do sofrimento terrestre e da Luz Celestial. É preciso acrescentar que, se no 6º Arcano de Copas faltar totalmente a influência invisível de Paus, a "taça do sofrimento terrestre", em vez de elevar, poderia tornar-se um grande peso na vida do Iniciado.

No aspecto subjetivo, ou seja, da subida, este grau é o começo da Reintegração do Iniciado. É o primeiro grau criador nessa direção e corresponde à Sefira da Severidade ou Legalidade — Geburah. Entretanto, sabemos, por outro lado, que Paus se encontra acima das leis. As leis não existem nem em Paus, nem para os Iniciados de Paus, pois as leis foram estabelecidas como consequência da descida desde o plano de Paus até o mundo. Portanto, nesse grau, um dos mais altos do caminho humano, sua correspondência Sefirótica significa, pelo contrário, a libertação total de qualquer limitação, seja por leis, seja pelo princípio da Severidade. É a Libertação superior que, segundo as palavras de Jesus, realiza-se pelo conhecimento da Verdade.

7 DE PAUS

SEFIRAS NETZAH E HESED

Título tradicional: "Grande Obra"



A imagem apresenta sete paus, três dos quais, com pontas dirigidas para cima, formam um triângulo de tipo ascendente. Na parte inferior, os quatro paus restantes, com as pontas dirigidas para o centro, formam uma cruz. Acima dessa representação gráfica, três paus menores, com pontas dirigidas para cima, aparentemente não pertencem ao símbolo, mas lhe dão um sentido adicional.

A "Grande Obra" de Paus — título deste Arcano — na realidade não é uma obra, mas o resultado da influência do Iniciado sobre o ambiente e de seu poder de manifestar o Não-Manifestado.

Como já foi dito, existem quatro tipos básicos de missões em Paus. O 7º grau se relaciona com o modo de realizá-las por Iniciados de várias individualidades, pois entre a individualidade do Iniciado e o tipo de sua missão, existe uma correspondência estreita. Em certos casos, esse vínculo é tão essencial que a missão do Iniciado parece ser algo inseparável da sua individualidade. Este é o caso quando o planeta dominante do Iniciado é um dos três simbolizados pelo triângulo na imagem do Arcano. Isso não significa, todavia, que as missões desses Iniciados são superiores às outras, pois, repetimos ainda, em Paus todas as missões possuem o mesmo valor esotérico. A diferença hierárquica pode existir somente entre os Iniciados que atravessam o naípe em níveis menos ou mais elevados.

O triângulo representa o Sol, a Lua e Saturno e sublinha o tipo especial de missões dos Iniciados ligados a esses astros. Suas missões têm caráter mais abstrato; eles mesmos se limitam menos à transmissão direta do ensinamento recebido do Alto ou de um Mestre encarnado. A "paz ativa" manifesta-se através deles com uma força maior do que através dos Iniciados ligados aos quatro planetas simbolizados

pelos quatro braços da cruz na imagem do Arcano. As missões destes últimos possuem um caráter mais concreto. Assim, pode-se dizer que todas as missões de Paus são matizadas pela individualidade do Iniciado. Estes podem ser classificados, de um modo geral, como segue:

Iniciados do Triângulo

1. O tipo Solar deixa o mundo e volta à Casa do Pai, abrindo caminho para outros, facilitando-lhes elevar-se acima de ilusões. Sua missão assemelha-se à influência do sol, cujos raios atravessam camadas da atmosfera, trazendo luz e calor à Terra.
2. O tipo Lunar oferece conscientemente não apenas seu corpo físico, mas também o sistema psico-anímico e individual, como uma forma preparada, para que um Ser Superior o use e se manifeste no mundo através dele. É o caso dos Avatares Espirituais e do mediunismo em seu aspecto mais elevado.
3. O tipo Saturniano, tendo atravessado todo o caminho para a Reintegração, não passa ao Paranirvana, mas, ignorado pelo mundo, nele permanece, seja em corpo físico, seja etéreo, para ajudá-lo espiritualmente. Saturno, o planeta mais reservado de todos, domina em individualidade de Mahatmas ou Guardiões da humanidade, cuja simples presença no mundo exerce sua influência regeneradora.

Esses três tipos planetários podem também realizar missões que chamamos de mais "concretas" para diferenciá-las das três primeiras. Vejamos como se manifestará nelas a individualidade do Iniciado.

Um Iniciado do tipo Solar procurará atrair seguidores e difundir o mais possível suas doutrinas, agindo não apenas pessoalmente, mas também através de seus discípulos. Procurará sintetizar seu ensinamento para que este possa abranger todos os aspectos da vida humana.

Um Iniciado do tipo Lunar apresentará a vida do ponto de vista puramente religioso, santificando o princípio familiar e introduzindo em tudo o simbolismo religioso.

Um Iniciado Saturniano ressaltará a importância do princípio místico, da união com o Divino através da purificação interna, valorizando o isolamento e o afastamento do mundo. Estabelecerá, talvez, Mistérios inacessíveis às massas humanas. Seu ensinamento somente será compreendido por poucos.

Iniciados da Cruz

1. O tipo Marciano apontará energicamente as falhas ou "pecados" dos indivíduos e da sociedade, incitando os homens ao arrependimento, à luta contra seus desejos carniais, à renúncia aos prazeres e bens terrestres, passageiros, e à procura dos bens celestes, eternos.
2. O tipo Mercuriano atuará menos mediante palavra e pregação do que pelo exemplo e influência direta de sua força espiritual, por milagres e curas. Dará prova do valor da transformação interna, espiritual, demonstrando seu poder sobre a matéria.
3. O tipo Jupiteriano será um legislador. Procurará influenciar as grandes massas, introduzindo a lei religiosa na vida interna do homem e em toda a sociedade, baseando nela o relacionamento entre os homens.
4. O tipo Venusiano agirá sobre o ambiente pela harmonia interna, pela pureza espiritual e pelo amor que dele emana, atraindo e unificando a todos.

Os três paus menores, na parte superior da representação gráfica do Arcano, simbolizam principalmente os três planetas, além dos sete tradicionais, isto é, Urano, Netuno e Hades. * A influência desses planetas não age sobre as missões, mas consiste na afinidade especial que cada Iniciado tem com as vibrações de um ou outro deles. Esses planetas exercem sua influência no mundo inteiro e ela é negativa para o homem comum e mesmo para um discípulo no caminho de Ouros, no caminho filosófico de Espadas e até em Copas, quando seu nível ainda não alcançou uma certa altura. Somente em Paus, as vibrações dos três planetas se tornam totalmente positivas. Por causa disso, os Iniciados de Copas e Paus preferem, geralmente, não falar dessas influências, às vezes, incluindo-as e explicando pelas vibrações dos planetas tradicionais. Vamos dar apenas uma ideia geral da influência desses planetas.

1. A de Urano expressa-se pela **negação da forma**. No mundo de Ouros conduz à anarquia, em todos os campos da vida, e à atividade destrutiva no mundo do "não-Eu". Em Espadas aumenta o ceticismo, levando a um nihilismo total. Em aspectos deturpados de Copas pode manifestar-se como mediunismo deceptivo, causado pela

* Provavelmente Plutão, descoberto em 1930.

desordem do sistema receptor. Em Paus, pelo contrário, as vibrações de Urano permitem perceber a essência de tudo, mesmo quando esta é totalmente oculta por alguma forma.

2. A influência de Netuno expressa-se pela **atitude negativa quanto a mudar qualquer coisa em sua vida**. No mundo de Ouros, isso conduz à monotonia que acaba em enfado, prejudicial física e psiquicamente e resulta em uma tendência à fuga. No homem mais evoluído espiritualmente, expressa-se por saudades de algo indeterminado. Em Paus, quando as incessantes transformações internas não mais existem, quando a plenitude da vida espiritual é alcançada, a negatividade Netuniana frente às mudanças, torna-se vontade de se manter sempre no presente eterno.
3. A influência de Hades expressa-se pela **atitude negativa frente ao movimento**. Isso, nos estágios inferiores resulta em passividade, inércia e preguiça. Em Paus, manifesta-se por uma inalterável paz interna.

Os aspectos positivos desses três planetas expressam-se na individualidade dos Iniciados dos naipes superiores por uma imperturbável harmonia interna e um “silêncio da alma” que os isolam da agitação do mundo, apesar de, e talvez graças à, realização simultânea de sua missão terrestre.

No 7º grau de Paus, o Iniciado se aproxima de sua passagem para o Paranirvana ou Reintegração. Os três últimos graus do naipe relacionam-se com essa passagem. É impossível transmitir com palavras a experiência vivida nesse estágio; aliás, é apenas uma tentativa de explicá-la em toda a etapa de Paus. É um estado de alma que somente pela intuição pode ser pressentido.

Em Ouros, em Espadas e talvez ainda em Copas, podia-se falar do “caminho”. Em Paus, já é uma realização da fusão com o Divino, fusão que alcança sua plenitude nos três últimos Arcanos. Nesse estágio, o Iniciado está além do Bem e do Mal, tais como os entendemos no nosso mundo de ilusões. É um estágio onde se desvanecem todos os nossos conceitos terrestres. O Iniciado conhece agora a razão das manifestações e sua finalidade. Vê como tudo está no seu lugar, pois este lugar ficou determinado em Paus. Ele sabe que não quando não há outras leis além da Vontade Divina, com a qual se integra totalmente.

O 7º Arcano de Paus é uma espécie de soma da “Grande Obra” do Iniciado no mundo do “não-Eu”; ao mesmo tempo,

este Arcano corresponde à etapa final de sua "Grande Obra" interna, no caminho do "Eu", antes da Reintegração final.

No aspecto objetivo ou da descida, o 7º grau corresponde à Sefira da Vitória — Netzah. É a vitória final do Iniciado sobre o mundo do "não-Eu", resultado da grande paixão que, permeando inteiramente seu ser, o conduziu e lhe possibilitou essa vitória. Agora o Iniciado realiza sua união com os Princípios Divinos da Vontade e Misericórdia. Estes Princípios não mais são dons divinos externos, mas tornaram-se imanentes nele; todavia, a Misericórdia, isto é, a expressão ativa do amor ao outro, não pode existir sem o amor a Deus que, também se tornou imanente no Iniciado. É nesse estado interno que o Iniciado se aproxima dos três últimos graus da realização da fusão com o Divino, através das três "virtudes herméticas": a Bemaventurança, a Pureza e o Silêncio — títulos tradicionais dos três últimos Arcanos de Paus. Esses graus, no sentido subjetivo ou da subida, correspondem ao triângulo superior do sistema Sefirótico, e cada um desses três últimos Arcanos constitui, por si mesmo, um Portal para a Reintegração. A escolha do Portal depende do próprio Iniciado, da sua afinidade com as vibrações de um dos três planetas simbolizados pelos três paus menores na representação gráfica do Arcano. Assim, esses três paus, no seu aspecto mais alto, simbolizam também os três Portais ou Caminhos para a Reintegração ou o Paranirvana. Como veremos no Arcano seguinte, eles têm sua correspondência em "Sat-Chit-Ananda" do esoterismo Oriental e correspondem, também, aos tipos de almas ou estados espirituais: "Aleph", "Ghimel" e "Lamed", nos quais se reflete a diferenciação primordial da Mônada e através da realização dos quais se efetua a volta a essa Mônada.

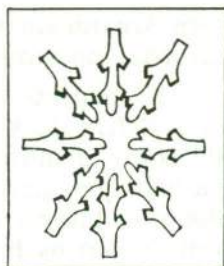
No caminho objetivo ou de descida, o 7º Arcano conclui o ciclo de Arcanos de Missões. Os três Arcanos restantes, correspondendo às Sefiras Hod, Yesod e Malkut são, poder-se-ia dizer, um reflexo, nos planos inferiores, dos três Portais do Paranirvana.

8 DE PAUS

SEFIRAS HOD E BINAH

Título tradicional: "Bemaventurança"

Planeta Correspondente: Netuno



A imagem do Arcano apresenta oito paus, formando uma estrela de oito raios. As pontas dos paus estão dirigidas para um centro comum, vazio.

Hod é a Sefira da Paz e da Glória Divina. O 8º Arcano de Paus é o da grande paz que vive o Iniciado, pois seu espírito está em comunhão com o Divino. Esta paz é a condição básica da bemaventurança.

Da bemaventurança falam os grandes místicos e santos de todas as religiões. Segundo eles, a bemaventurança é inseparável da experiência da Presença Divina, do Amor de Deus e a Deus, que enche a alma do místico.

No Budismo, o Nirvana, em seu sentido verdadeiro, é inseparável de Ananda, ou seja, da bemaventurança. É interessante notar que em muitos textos búdicos, o Nirvana é ligado a conceitos, tais como: "Paz feliz", "Grande felicidade", Bemaventurança superior", etc. A transformação completa da alma é freqüentemente chamada de "Bemaventurança da Libertação".

Pode-se deduzir de tudo isso, que a bemaventurança é uma das manifestações de um estado místico muito elevado. No entanto a maioria das experiências místicas da bemaventurança, não passam de **experiências** isto é, vivências dentro do tempo, algo que aparece e se vai, deixando a alma do místico em estado de abandono e, às vezes, de desespero, no qual a alma é sustentada apenas pela esperança de uma nova aproximação do Divino. Este estado é conhecido dos místicos e é chamado de "aridez espiritual". No caminho iniciático, simbolizado pelos Arcanos Menores, ele caracteriza o aspecto místico do naipe de Espadas. Em Paus, já não se trata de uma experiência passageira de bemaventurança, mas de um estado permanente da alma, estado que antecede e anuncia sua união com o Absoluto.

A Tradição liga o planeta Netuno com o 8º grau de Paus. Não se cogita aqui, naturalmente, da "influência astrológica", pois no nível de Paus não mais existem as influências

astrológicas. Netuno, em Paus, representa o princípio que supera o tempo, que anula a ação transformadora causada por este fator. Em outras palavras, corresponde à realização da passagem definitiva além da fronteira do tempo, para aquele mundo em que, segundo a Apocalipse, "não mais haverá tempo". Contudo, este Arcano não trata do destino final da humanidade em geral, mas do estágio de Reintegração de uma alma isolada e da sua realização do estado de bemaventurança eterna.

Na direção diabática, o 8º grau de Paus corresponde à Sefira Hod e, na direção anabática — à Sefira Binah que, neste naipe, é um dos Portais para a Reintegração ou Paranirvana.

A associação de duas Sefiras tão diferentes só é possível em Paus, onde as duas direções são simultâneas. Binah faz parte do triângulo sefirótico superior e sua associação com a Sefira Hod exerce uma influência muito especial sobre os três últimos (no sentido da descida) Arcanos de Paus. Os sete primeiros Arcanos são os das missões e relacionam-se à descida do Iniciado e ao seu trabalho realizador no mundo externo. Os três últimos que, geralmente, representam também a descida aos planos mais densos, no naipe de Paus, por sua associação com a Triada superior, tornam-se um reflexo desses três Arcanos da Reintegração. Assim, a Sefira Hod ou o 8º Arcano, no aspecto objetivo de Paus, associada à Binah — o 8º do aspecto subjetivo — reflete o princípio da bemaventurança. Quanto mais completa e profundamente o Iniciado a vive, tanto mais autoridade e força terá a sua missão e vice-versa: quanto maior for o amor e a compaixão do Iniciado e quanto mais se esforçar para abreviar e facilitar a outros o caminho da Reintegração, tanto maior será sua própria bemaventurança.

Podemos nos perguntar, qual dos aspectos da Sefira Binah constitui um Portal à Reintegração e qual é sua ligação com a bemaventurança.

A Sefira da Razão Divina — Binah — é o princípio passivo da Triada Superior e inicia a coluna angélica do Sistema Sefirótico, coluna que corresponde ao mundo do "não-Eu", isto é, a tudo que pode ser conhecido, que pode ser alcançado ou recebido de fora; também ao que pode ser sentido, mesmo quando esse sentir é de uma qualidade muito elevada, como por exemplo, a bemaventurança. Esta é um estado irracional, isto é, além da compreensão e razão humana comuns, acessível somente à Razão Divina, simbolizada por Binah.

A imagem simbólica sublinha a qualidade irracional da bemaventurança, título tradicional desse Arcano. Vemos nessa imagem uma estrela de oito raios, que é uma outra forma do octógono, ou seja, de dois quadrados entrelaçados. Dois quadrados representam, tradicionalmente, a "Nova Jerusalém" do Apocalipse, o "Novo Céu" e a "Nova Terra", simbolizando o destino final — a Reintegração — ou o Plano do Logos para a humanidade. Na representação gráfica do Arcano, o centro é vazio. É o Não-Manifestado, e a este centro dirigem-se todos os paus, ou seja, todas as forças do Iniciado.

Isso é tudo que as palavras podem expressar a respeito desse Arcano. Sua essência, que não é transmissível, pode ser alcançada somente pela intuição, em um altíssimo estado espiritual.

A consciência religiosa considera, geralmente, a bemaventurança como uma Graça Divina, um Dom do Alto. Num Iniciado de Paus ela se torna imanente, pois o naipe de Paus é a passagem do estado de queda ao estado glorioso do homem, tal como, primordialmente, foi concebido pelo Logos-Criador. Segundo os conceitos esotéricos religiosos, a bemaventurança é um estado natural, tanto do homem primordial, como do reintegrado, pois esse estado caracteriza toda a Natureza não decaída.

O "Sat-Chit-Ananda" do Oriente é uma outra forma de apresentar os três Portais ou Caminhos para a Reintegração, ou seja, o Paranirvana. Corresponde aos conceitos ocidentais de Existência, Conhecimento, Bemaventurança, isto é, Sefiras Keter, Hokmah e Binah. Na Reintegração apresentada pelo sistema dos Arcanos Menores, somente a ordem é diferente: o primeiro Portal, no sentido de subida — Binah — corresponde a Ananda.

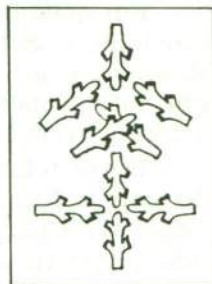
Binah ou bemaventurança é o Portal para o tipo de alma que a Tradição Ocidental chama "Ghimel" (de letra hebraica "G" no Nome Divino "AGLA"). A afinidade entre este tipo de alma e a bemaventurança torna-se aparente, se lembramos os princípios que o caracterizam: a criatividade superior dirigida para dentro, a felicidade interna que a acompanha e a contemplação de algum aspecto superior da Harmonia e da Beleza.

9 DE PAUS

SEFIRAS YESOD E HOKMAH

Título tradicional: "Pureza"

Planeta Correspondente: Urano



A imagem do Arcano apresenta nove paus colocados do modo seguinte: na parte superior três paus dirigidos a um ponto comum, onde nada se vê, formam um triângulo de tipo ascendente. Imediatamente abaixo, dois paus com pontas dirigidas para cima, se cruzam. Na parte inferior quatro paus, cujas pontas se dirigem a um centro comum, vazio, formam uma cruz.

A Reintegração final é precedida de uma libertação total de qualquer forma, seja como manifestação objetiva, isto é, libertação do carma e da necessidade de reencarnar, seja subjetivamente, o que corresponde a alcançar um estado de consciência que não conduz à formação da personalidade.

A libertação das leis cármicas e da necessidade de encarnar é uma consequência natural da evolução da consciência, processo estreitamente ligado ao relacionamento com formas e que alcança sua expressão final no estágio de Paus, quando atravessado no seu nível mais elevado.

Em Ouros, naípe de ideais humanos, havia uma valorização da forma e a procura de sua manifestação mais harmoniosa possível. Em Espadas, a forma era considerada como fator que cria ilusões e rejeitada. Em Copas, a forma era novamente admitida, mas já apenas como um invólucro necessário para que o mundo externo possa se aproximar da essência esotérica nele contida. A "taça", formada na alma do Iniciado para receber o Influxo Divino, era também uma forma, embora muito sutil. Essa admissão condicional da forma, em Copas, alcança uma expressão superior em Paus. A forma nada mais oculta diante de um Iniciado de Paus que percebe em tudo que existe sua essência intrínseca. Isso resulta em uma plena libertação do Iniciado de qualquer necessidade da forma e, ao mesmo tempo, o torna capacitado para encontrar sempre formas adequadas para aqueles que ainda precisam delas. Se não possuísse essa capacidade, sua missão no mundo não poderia ser realizada.

Em nove de Paus, o problema da forma está ligado, por um lado, à Sefira da Forma: Yesod, e, por outro, à Sefira Hokmah e ao seu planeta correspondente: Urano. Esse é um outro aspecto da forma. Assim, no 9º Arcano de Paus, a forma recebe sentido e significado duplos.

Yesod relacionando-se, no sentido objetivo ou da descida, com a forma da missão do Iniciado, valoriza-a como indispensável para o trabalho externo. Por outro lado, no sentido subjetivo ou da subida, a Sefira Hokmah, um dos Portais para a Reintegração, rejeita qualquer forma, como já supérflua, para a consciência do Iniciado. Procuraremos compreender um pouco o que é a forma, do ponto de vista dos graus superiores de Paus.

Toda forma é um fator de obscurecimento e, também, todo obscurecimento já é uma forma, isto é, uma limitação ou condicionamento. A libertação total da forma corresponde à PUREZA METAFÍSICA que nenhum véu distorce. Pureza, título tradicional deste Arcano, faz parte da natureza de Paus (como também a Bemaventurança) e corresponde ao segundo Portal para a Reintegração ou Paranirvana.

As palavras de Jesus "... se não vos fizerdes como meninos, de modo algum entrareis no Reino dos Céus..." (Mat. 18/3), sublinham a importância da pureza, não apenas do ponto de vista moral, mas também, como impulso espontâneo da criança, significando a ausência, nela, dos condicionamentos introduzidos pelo raciocínio, alheio à sua natureza.

A consequência da Pureza é a Força Espiritual, cujo potencial, abastecido pela Fonte Primordial, age, por sua vez, não somente sobre a forma, mas também sobre a essência presente em toda forma, dando assim, ao Iniciado de Paus, o poder sobre o mundo.

Esses dois aspectos da forma em Paus, se condicionam mutuamente. Quanto mais o Iniciado se libertou internamente da forma, tanto mais será capacitado para encontrar formas adequadas quando as precisar para outros e mais objetiva será sua escolha. E, quanto melhor os outros puderem perceber uma faceta da Verdade, através das formas sob as quais o Iniciado A apresentou, tanto mais ele próprio se elevará, pois a elevação do nível espiritual do ambiente eleva também o Iniciado.

O planeta que corresponde ao 9º grau de Paus é Urano. Assim como no Arcano anterior, o Iniciado, em afinidade com vibrações superiores de Netuno, superava o fator tempo, no Arcano presente — o 9º — o Iniciado, em afinidade com as

vibrações de Urano, ultrapassa a limitação da existência através de qualquer tipo de forma, para realizar a existência sem forma.

Na Sefira Binah, pólo passivo e, portanto, receptivo do triângulo superior do sistema sefirótico, tínhamos o aspecto mais elevado do mundo do “não-Eu”. A bemaventurança, característica desse grau, correspondia à receptividade, ou seja, estado passivo. Em Sefira Hokmah, pólo positivo do mesmo triângulo, a consciência do Iniciado torna-se ativa e penetra ativamente através dos “Véus de Isis”. A Sefira Hokmah corresponde ao princípio “Conhecedor” ou princípio “Conhecer”, em seu aspecto mais puro, isto é, a SABEDORIA, que é diferente da RAZÃO. Esta última já é limitada pela maneira de conhecer e pelo objeto ou campo a ser conhecido.

A Sabedoria superior, iniciática, é a consequência da penetração direta na própria essência de tudo que existe e essa capacidade de penetração é, por sua vez, consequência da libertação de quaisquer formas limitadoras ou deturpadoras.

No símbolo gráfico do nove de Paus, a distribuição dos elementos é a mesma que em todos os Arcanos de Iniciação em outros naipes. Todavia, em Paus, essa representação simboliza o nível mais alto, ou seja, o limite de Iniciação acessível a um ser humano na Terra.

O triângulo superior corresponde à síntese dos três Caminhos que conduzem à Reintegração, sua fusão no ponto Não-Manifestado, na Mônada e, através desta, à união com a alma do Messias-Logos.

Cada caminho de Paus é, ao mesmo tempo, uma missão e é também um “sacrifício”, decorrendo da “misericórdia”; sendo assim, é um reflexo do Sacrifício do Messias-Logos e uma participação em Sua Obra. É SERVIÇO.

Dos três princípios da Iniciação Oriental “Sat-Chit-Ananda”, é “Chit”, o Conhecimento no nível de Paus, que corresponde a este Arcano.

O mesmo triângulo da imagem do Arcano simboliza também os três tipos de almas.

O Portal do 9º Arcano de Paus é o das almas do tipo “Aleph”. A este pertencem, geralmente, os que buscam a Verdade: os filósofos, pensadores, cientistas e também os que, nos graus superiores de Paus, sob a influência da Luz do Infinito (como na lâmina do 1º Arcano Maior), chegam ao pleno conhecimento de si mesmos.

Os dois paus cruzados, no centro da imagem, simbolizam a vida do Iniciado no Presente Eterno, além dos limites do

tempo e, simultaneamente, o cumprimento de sua missão na Terra, realizações que parecem se excluir mutuamente.

Os quatro paus que formam uma cruz na parte inferior da imagem e que, nos Arcanos da Iniciação de outros naipes, simbolizam a realização externa, representam aqui a realização **dirigida ao Ponto Não-Manifestado**, ponto dentro de si mesmo, isto é, uma **REALIZAÇÃO** além de qualquer manifestação ou “forma” externa.

Os quatro paus representam naturalmente, também, a lei Iod-He-Vau-He em seu aspecto de Paus e, igualmente, os quatro tipos básicos de missões deste naipe.

Todavia, tudo em Paus possui um duplo aspecto e na realização interna do 9º Arcano — a cruz — há também um aspecto mais externo: a herança espiritual que o Iniciado, tanto do 8º como do 9º grau de Paus, deixa na Terra, ao passar para o Mundo Divino. Esta herança no Caminho da Sabedoria, será a forma particular utilizada pelo Iniciado, forma que torna acessível a outros a compreensão de alguma faceta da Verdade Inalcançável, cuja essência permanece Não-Manifestada, como o centro da cruz na imagem simbólica do Arcano.

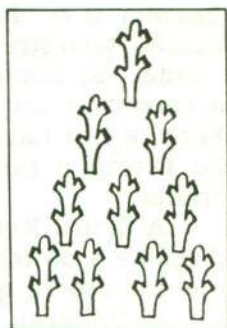
Os dois aspectos dessa realização, o objetivo e o subjetivo, como sempre ocorre em Paus, são mutuamente dependentes, pois quanto maior for a sabedoria do Iniciado, tanto maior será a herança por ele deixada na Terra; e quanto maior for seu trabalho na Terra, tanto mais enriquecerá sua Sabedoria, pela experiência adquirida.

10 DE PAUS

SEFIRAS MALKUT E KETER

Título tradicional: "Silêncio"

Planeta correspondente: Hades



A imagem do Arcano apresenta uma pirâmide formada por dez paus dispostos em quatro níveis que, de cima para baixo, correspondem respectivamente a um, dois, três e quatro paus. Todas as pontas dos paus estão voltadas para cima, simbolizando o movimento ascendente de todos os elementos, em todos os planos. Entretanto, o 10º Arcano de Paus é aquele que se relaciona com a anulação do movimento. Este paradoxo caracteriza a natureza do naípe em que tudo parece ser invertido, baseado nos conceitos diferentes daqueles do mundo em que vivemos, regido por leis diferentes, pertencendo a dimensões diferentes se, todavia, ainda se pode falar em conceitos ou dimensões em relação a Paus.

Algo considerado no mundo como destruição, fracasso ou desastre, no plano de Paus pode ser um passo à frente num processo construtivo.

A imagem do Arcano parece sintetizar todo o naípe: seus quatro tipos básicos de missões, seus três Portais ou Caminhos para a Reintegração, seus dois modos — o objetivo e o subjetivo — de atravessar o naípe, assim como, os dois aspectos de cada grau e, finalmente, a unificação de tudo e a fusão com o Logos.

As duas realizações de Paus — a objetiva e a subjetiva — encontram sua conclusão simultaneamente em duas Sefiras: a última ou décima, Malkut, e a primeira — Keter.

A Sefira Malkut é chamada "Reino". Em Paus, é o reflexo do Reino Divino, representado por Keter.

Em sua missão terrestre, o Iniciado de Paus mostra o Caminho e procura conduzir os homens ao Reino Divino — Keter. Ele mesmo já vive no "Reino" de Keter, mas, ao mundo, ele mostra o reflexo desse "Reino" em Malkut, o único que os homens podem compreender. No aspecto subjetivo de Paus, quanto mais profunda e totalmente o Iniciado rea-

liza em si o "Reino" de Keter, tanto mais poder terá sua missão terrestre e maior será a força da egrégora por ele criada. E, também, quanto mais seres humanos ele ajudar a encontrar seu Caminho para a Reintegração, tanto mais Força e Luz haverá nele mesmo e na sua passagem ao Mundo Divino e tanto mais elevado será o nível da egrégora criada.

A Sefira Keter é chamada "Radiação" e "Coroa". A radiação é a do Reino Divino, simbolizado por Keter, e a coroa é o que espera quem o alcança.

O 10º grau de Paus é o terceiro Portal para a Reintegração. O título tradicional do Arcano é "Silêncio". Como deve ser entendido este "Silêncio"? Significa certamente muito mais do que a ausência de qualquer ruído, definição que no plano físico corresponde a essa palavra. O "Silêncio" metafísico é a ausência, também, de outras vibrações mais sutis, pertencendo aos planos supra-físicos, inacessíveis aos nossos sentidos. O "Silêncio" ou a "Voz do Silêncio" do esoterismo oriental, já pertencem ao plano espiritual. É o "Sat" da Iniciação do Oriente, ou seja, a Existência Real, onde não mais há modificações, nem formas, nem limitações.

A Existência Real não pode ser descrita por palavras. Pode-se apenas tentar expressá-la dizendo o que ela não é; pela sua ausência de qualquer atributo, embora abrangendo e incluindo tudo o que existe.

O planeta Hades, cujas vibrações nos planos inferiores manifestam-se pela atitude negativa a qualquer movimento, no último Arcano de Paus corresponde à realização positiva da mesma ideia: a superação da necessidade de qualquer movimento.

Cada movimento tem seu início e seu fim, seu "nascimento" e sua "morte", ou seja, está sujeito às modificações e limitações do tempo e do espaço e, portanto, não é livre de algum aspecto material.

Nos Arcanos anteriores, o Iniciado ultrapassava o tempo, realizando o Presente Eterno; ultrapassava a forma, pelo contato direto com a essência; no 10º Arcano, ele ultrapassa o princípio do movimento no tempo e espaço; ele se liberta das leis que regem a vida biológica e realiza a Existência Real, a vida imortal do Espírito.

Segundo a Tradição, no terceiro Portal de Paus, o Iniciado vive já a Vida Divina que absorve a vida individual. Este Portal é particularmente próximo às almas do tipo "Lamed", caracterizadas pela aspiração à união com a Vida Universal. Os seguidores da filosofia do Panteísmo, e os que

percebem em tudo o Princípio Divino, estão em afinidade com o Caminho do terceiro Portal. Essas almas estão prontas a oferecer o que é próprio delas em prol da Existência Real Universal.

O fato de existirem três Portais não significa que, para alcançar a Reintegração, o Iniciado deve passar somente por um dos três, mas significa que a alma de cada Iniciado tem uma afinidade maior com um dos Caminhos ou Portais. Essa afinidade é ainda mais pronunciada nos graus menos elevados do Caminho da Reintegração, quando as experiências místicas, internas, possuem ainda um caráter esporádico. À medida em que as mesmas se convertem num estado permanente, o princípio individual da alma se integra mais e mais na ilimitada plenitude Divina. A realização do Reino Celestial interno não seria completa se faltasse a experiência de todos os três Caminhos ou Portais.

Os três Caminhos se unem em um só, como o Nome Divino "AGLA" une os três tipos de almas. Um outro Nome Divino "EMESH", formado por três letras-mães do alfabeto hebraico: Aleph, Shin e Mem, corresponde ao Triângulo do Arquétipo. A particularidade desse triângulo consiste em que sua significação esotérica, isto é, a neutralização na direção de cima de dois elementos por um terceiro, não muda no caso de colocação diferente dos três elementos.

Relacionando o triângulo "Emesh" com o triângulo superior do sistema sefirótico, teremos as seguintes correspondências: Sefira Binah, ou seja, Arcano da Bemaventurança — Letra Shin; Sefira Hokmah — Arcano da Sabedoria ou autoconhecimento — letra Aleph; Sefira Keter — Arcano da Imortalidade, neutralizando as duas outras — letra Mem.

Na plena realização em si mesmo do Reino Divino, os três aspectos são inseparáveis, pois não há um sem os outros.

ANEXO PRÁTICO AO CAPÍTULO DO NAIPE DE OUROS

O progresso do aluno no Caminho de Ouros está estreitamente ligado à introdução de uma certa disciplina na sua vida cotidiana e da prática regular e perseverante de determinados exercícios.

Muitas escolas ocultistas, tanto ocidentais como orientais, desenvolveram, durante os séculos de sua existência, seus próprios métodos, os quais freqüentemente consideram como sendo os melhores para o progresso do aluno. Naturalmente isso não é assim pois, embora as bases do trabalho sejam as mesmas em todas as escolas, isto é, um certo modo de vida, assim como exercícios de respiração, concentração e meditação, a aplicação dessas práticas na vida de cada aluno deve estar em acordo com o alvo visado por ele, com seu estado físico, o seu nível psíquico e mental e, também, com as condições particulares de sua vida. O que é bom para um, pode ser prejudicial para outro. O aluno, portanto, deve ser, ele mesmo, bastante razoável na adoção de umas ou de outras práticas, recusando as que poderiam prejudicá-lo. Todavia, é importante que, uma vez escolhido o método, ele prossiga na sua prática com perseverança e regularidade e não se deixe levar por idéias de que, mudando de método, iria progredir mais rapidamente. Isso resultaria em um fracasso seguro.

A escolha de tipo adequado de exercícios depende em grande parte do alvo que o aluno espera alcançar. Para os alunos interessados exclusivamente no aspecto mágico e no desenvolvimento de poderes ocultos isto é, desenvolvimento de sua personalidade, existe um grande número de exercícios especiais.

A finalidade do presente curso é o progresso espiritual, geral do ser humano e inclui, portanto, também o desenvolvimento do princípio pessoal, todavia, apenas como meio de conduzir à espiritualização geral, tal como é apresentada por nós no capítulo do naipe de Ouros. Sendo assim, os exercícios aqui descritos não excluem aqueles recomendados para o desenvolvimento da personalidade. Nosso alvo é ajudar o aluno para que possa alcançar, pelo seu próprio esforço, determinadas realizações internas que o tornarão apto a receber o Influxo do Alto, quando estiver pronto para isso.

Pelo nosso método, o trabalho do aluno consiste em:

1. Fazer de sua vida diária uma fonte inesgotável de oportunidades para desenvolver ou fortalecer determinadas qualidades internas.

2. Praticar regularmente e com perseverança os exercícios individualmente apropriados.

Embora o desenvolvimento volitivo dos chacras e, portanto, dos poderes latentes, não seja uma condição “sine qua non” para o progresso espiritual, o sistema iniciático dos Arcanos Menores utiliza exercícios especiais para despertar Kundalini. Esses exercícios são perigosos (com exceção daqueles que visam o desenvolvimento do centro cardíaco) pois, se não houver bastante pureza e uma preparação interna, podem provocar distúrbios nervosos e psíquicos. Portanto, devem ser feitos sob a supervisão de um instrutor competente que possua experiência própria. Por esse motivo, nos limitaremos aqui apenas às indicações gerais. Outros exercícios, também perigosos, não do ponto de vista psíquico, e sim no que se refere à saúde física, são os de respiração, quando feitos em condições inadequadas e especialmente se o ar não for suficientemente puro. Em casos de fraqueza dos pulmões ou do coração, grandes precauções devem ser tomadas. Os exercícios puramente mentais — de concentração e meditação — não apresentam perigo algum; todavia, e especialmente no início, não se deve forçar demais o cérebro. Não mencionamos a contemplação, pois esta não é um “exercício”. A contemplação é um estado espiritual que não pode ser provocado, mas que pode acontecer, como dom do Alto, em continuação a uma profunda meditação.

Os que aspiram seguir o caminho iniciático do Hermetismo Ético, nunca devem esquecer que todos os exercícios que visam desenvolver a personalidade não passam de um meio, de uma preparação, para alcançar estados espirituais mais elevados.

O presente anexo prático é, antes de tudo, destinado aos que, tendo tomado conhecimento do caminho de Ouros em seu aspecto do Hermetismo Ético, estão firmemente decididos a segui-lo; também aos que tendo já escolhido seu caminho individual de Ouros, em um ou outro movimento espiritual, encontraram em nossa exposição algo de novo e útil para si.

INDICAÇÕES GERAIS PARA A VIDA PSICO-FÍSICA DO ALUNO E CONDIÇÕES BÁSICAS INDISPENSÁVEIS PARA SEU PROGRESSO

ALIMENTAÇÃO. Algumas escolas do ocultismo, especialmente no Oriente, são muito exigentes nesse sentido. A alimentação consiste somente em cereais, legumes e frutas, crus se possível, assim como seus sucos. Não se permite nenhuma gordura. Devido às grandes diferenças de clima e outras condições de vida, um regime tão severo nem sempre é realizável. Além disso, no estágio de Ouros, ele não é indispensável. Todavia, as seguintes regras básicas, mínimas, podem ser estabelecidas tanto para alimentação do aluno como para seu modo de vida.

1. Abster-se de comer carne. A alimentação cárnea, independente de todos os fatores ideológicos de vegetarianismo, pela ingestão dos fluidos dos animais mortos, prejudica o corpo etérico e astral.
2. Evitar comida muito temperada e também chá e café, especialmente fortes. É indicado substituir essas bebidas por sucos de frutas e de legumes.
3. Do ponto de vista oculto e não somente fisiológico, é importante que a comida seja sempre bem fresca, que seja ingerida devagar, bem mastigada e imaginando que, simultaneamente, se absorve também o prana ou força vital dos alimentos. É preferível comer sem conversar.
4. A quantidade de alimentos ingeridos é de suma importância. O aluno deve sempre comer com moderação e nunca saciar totalmente a fome. A sensação de estar "satisfeito" corresponde ao excesso de comida. O hábito de sobrecarregar o estômago é contrário à elevação espiritual e, também, à vida psíquica e mental. Contribui à imersão na matéria, causa preguiça mental, insensibilidade e sonolência. O jejum, adequado e razoável, além de ser uma purificação do organismo físico, facilita a sutilização da personalidade, isto é, dos tatwas inferiores, possibilitando assim a penetração das forças superiores. Essa penetração, por sua vez, resulta em diminuição da necessidade de sono, de alimentos, etc. Os dois fatores — a espiritualização e as necessidades físicas — são em geral, inversamente proporcionais.

5. O uso de quaisquer narcóticos é, naturalmente, inadmissível, incluindo o fumo. Este, além de sua influência nociva geral, é completamente incompatível com os exercícios respiratórios. O fumo, especialmente em quantidade importante, exerce uma ação entorpecente sobre as vibrações do corpo etérico-astral. O vício de fumar é sustentado pela continua necessidade de estimular o cérebro, o que, do ponto de vista oculto, é inaceitável.
6. O sono é uma necessidade natural e seria prejudicial abreviá-lo exageradamente. Todavia, prolongá-lo pela preguiça ou indolência é igualmente indesejável. As horas de sono devem corresponder às necessidades do organismo. A diminuição dessa necessidade vem automaticamente, na medida em que o aluno progride. É recomendado aproveitar para o sono as horas antes da meia noite, por causa das alterações magnéticas. É aconselhável, também, dormir com o corpo deitado ao longo do meridiano e levantar-se cedo. As abluções matinais, se possível com água fria, são consideradas, especialmente pelas escolas orientais, como fator auxiliar no trabalho interno. Nas condições da vida moderna isto corresponde a um banho de chuveiro, frio de preferência.
7. Vida sexual. Se uma abstinência completa não for possível, pelo menos a moderação e um controle plenamente consciente são indispensáveis. Uma vida sexual desregrada, relaxada ou depravada é totalmente incompatível com o trabalho oculto. Não devemos esquecer que conservando a energia sexual, alimentamos as forças mentais e psíquicas. A medida em que se processa um genuíno crescimento espiritual, as necessidades sexuais não apenas diminuem, mas acabam desaparecendo completamente.
8. Trabalho. O estado psíquico em que é feito o trabalho é de suma importância. Um trabalho, obrigatório, imposto por alguma necessidade vital e executado de má vontade, enfraquece e cansa física e psiquicamente. No caso de um trabalho feito pela própria vontade, a energia gasta é rapidamente reconstituída. Um trabalho feito pela necessidade de ganhar a vida, mesmo se for monótono e aparentemente desprovido do elemento criador, pode ser transformado em algo edificante, se a pessoa o encara como útil para os outros, como uma boa experiência pessoal, ou ainda, como uma oportunidade para pagar seu carma. Um trabalho feito de boa vontade e até com ale-

gria, especialmente tratando-se de trabalho físico, adquire um valor especial e torna-se um fator de crescimento espiritual. É por causa disso que em muitos mosteiros, o trabalho, junto com a oração e a frugalidade, faz parte da disciplina cotidiana. A preguiça e a indolência física alimentam as tendências inferiores, negativas, no ser humano; o trabalho, pelo contrário, dinamiza e disciplina o corpo físico. Cada aluno, na medida do possível, deveria dedicar diariamente, mesmo que seja um tempo muito curto, a um trabalho físico, de preferência ao ar livre, por exemplo, no jardim ou na horta. Sublinhamos, mais uma vez, que o grande valor esotérico de qualquer trabalho, seja ele externo ou interno, está no fato de ser feito com boa vontade e alegria.

9. Harmonização dos quatro tatwas inferiores. O grau de desenvolvimento dos tatwas no ser humano, como já foi dito, é o resultado do seu trabalho anterior. Portanto, os esforços feitos pelo aluno resultarão no desenvolvimento ulterior dos tatwas correspondentes. Pode-se mesmo dizer que esse futuro desenvolvimento é a razão fundamental da inteira disciplina psico-física do aluno.

O futuro grau de desenvolvimento do **tatwa Prithivi** se relacionará com tudo que, na disciplina do aluno, diz respeito ao corpo físico. Os exercícios respiratórios relacionam-se com o **tatwa Apas**. O pranayama é feito, geralmente, de manhã, ao ar livre ou, pelo menos, diante de uma janela aberta. A pureza do ar é **indispensável**. Começar o exercício de pé, o corpo bem aprumado, os braços relaxados ao longo do corpo. Estender os braços para frente, apertando os músculos e os punhos. A seguir, dobrar lentamente os braços, inspirando simultaneamente o ar pelas duas narinas e imaginando que estamos absorvendo o prana. O fim da inspiração deve coincidir com os braços dobrados ao máximo. A inspiração deve ser completa, isto é, começando por encher a parte inferior dos pulmões e fazendo subir o ar até as pontas superiores dos mesmos, o que é um processo diferente da respiração comum humana em que, geralmente, apenas um terço dos pulmões absorve o ar. Retter um instante o ar inspirado, imaginando que o prana penetra em todas as células do organismo, renovando-as. Acompanhar essa imagem mental com o estremecimento dos braços dobrados e punhos apertados, como se tratasse de empurrar o prana para as células. Expirar len-

tamente o ar pelas duas narinas e, ao mesmo tempo, relaxar os músculos, deixando cair os braços lentamente. Acabada a expiração, logo recomeçar o ciclo novamente. O pranayama não deve exceder, no começo, 5 minutos. No fim do exercício fazer uma profunda inspiração, sem participação dos braços e, retendo o ar um instante, expulsá-lo pela boca, mediante curtas expirações, como se faz para apagar a chama de uma vela.

Para o fortalecimento do corpo astral — **tatwa Vayu** — não há método melhor do que aproveitar, na medida do possível, as experiências que surgem na própria vida. O aluno precisa observar seus sentimentos e procurar torná-los harmoniosos, pois, harmonizando-os, ele fortalece o corpo astral. Assim, em relação ao ambiente, o aluno deveria sempre ter uma atitude amigável, mesmo em relação às pessoas que lhe são, como caráter e mentalidade, completamente estranhas. Deve tentar descobrir em cada ser algo de positivo. Até conseguir que tal atitude se torne natural, o aluno deve praticá-la, notando e analisando a razão de qualquer sentimento crítico ou hostil dentro de si mesmo.

Para fortalecer o corpo mental — **tatwa Tejas** — o aluno precisa procurar desenvolver duas qualidades mentais: a lógica estrita e a força de imaginação. Pensar logicamente significa dar uma base correta às suas decisões e atos (Lei Iod-He-Vau-He), o que é muito importante nos estágios do caminho iniciático quando a intuição não está ainda suficientemente desenvolvida. O aluno deve sempre agir, seja logicamente, seja intuitivamente, mas nunca de modo irrefletido ou ilógico.

Força de imaginação. A capacidade de criar formas-pensamentos nítidos e estáveis é indispensável para muitos exercícios ocultos, até mesmo para o pranayama. Essa força de imaginação não é a faculdade de sonhar, criando, sob o impulso das emoções, imagens atraentes, mas sim uma função da mente disciplinada, capaz de realizar conscientemente uma tarefa imposta pela vontade. Tal força imaginativa não é outra coisa do que uma forma de concentração. A capacidade de concentrar a mente sobre um assunto determinado (essência da concentração) e a capacidade de uma absorção profunda nos pensamentos sobre um determinado assunto abstrato (essência da meditação), não apenas desenvolvem o poder imaginativo mas, no caso da meditação,

causam a expansão da consciência e ajudam a adquirir as qualidades desejadas. Essas duas capacidades — a da concentração e a da meditação — são muito necessárias durante todo o caminho iniciático. Desde o começo, portanto, o aluno deve dedicar-lhes uma atenção especial, praticando-as diariamente. Os assuntos para a concentração e a meditação podem ser escolhidos pelo próprio aluno, de acordo com suas tendências individuais.

1º GRAU DE OUROS

DESENVOLVIMENTO DO PRINCÍPIO AUTOCONSCIENTE

O melhor método para desenvolver em si o princípio autoconsciente e dar, na própria vida, um papel predominante ao seu verdadeiro "Eu", e procurar lembrar-se dele em todas as manifestações da vida; aprender a ouvir sua voz, além das vozes geralmente mais fortes de todos os outros pequenos "eus", avaliar cada uma das últimas e conscientemente escolher entre elas, seja rejeitando, seja aproveitando-as. Fazer desse "Eu" o critério constante de toda a nossa atividade e, se for preciso, dar-lhe o papel da "consciência" (no sentido religioso), que não é outra coisa que o aspecto ético do princípio autoconsciente.

Os exercícios que ajudam o aluno nesse sentido são os de meditações sobre a composição de seu próprio ser. Os assuntos básicos para tais meditações são:

1. Meu corpo físico, com todas as suas funções, exigências, etc., **não** é meu verdadeiro "Eu", pois posso mandar em meu corpo, submetê-lo à minha vontade ou, pelo contrário, estar ciente de que sou seu escravo, obedecendo a seus gostos e fantasias.
2. Meus sentimentos e emoções — o corpo astral — **não** são meu verdadeiro "Eu", pois freqüentemente estão também em oposição com minha vontade consciente; igualmente, posso dominá-los ou cair sob seu domínio.
3. Meus pensamentos **não** são meu verdadeiro "Eu", pois podem invadir-me contra minha vontade consciente; posso, em outros casos, dirigi-los para onde quero.

Por este método, chega-se a compreender que existe "algo", um verdadeiro "Eu" que pode controlar e reger todos esses elementos.

É bom ilustrar tais meditações pelos fatos da nossa própria vida em que a existência desse "algo superior" se manifestou claramente. É útil repetir essas meditações, em variações individuais, até que o aluno se convença firmemente da realidade do seu "Eu".

Desde o primeiro grau do desenvolvimento interno da pessoa, o verdadeiro "Eu" pode manifestar-se através de duas formas: aspecto autoconsciente e aspecto ético. O primeiro manifesta-se através do mental; o segundo, através dos sentimentos.

1º ASPECTO. Para desenvolver este aspecto, o aluno deve procurar saber sempre o que está fazendo e porque o faz. Deve também se esforçar para observar seus pensamentos e sentimentos, chegando mais tarde a poder regê-los. Reger as manifestações da personalidade, na medida em que esse controle depende de nós, é reger os tatwas inferiores.

Os exercícios de meditação têm um grande valor se o alcançado pela meditação for aplicado na vida. É muito importante que não haja cisão entre a teoria e a prática da vida. Se, pela meditação, o aluno descobrir realmente a existência do seu verdadeiro "Eu", ele deve torná-lo um fato na sua vida. Naturalmente, realizar o controle desse "Eu" sobre todas as manifestações vitais é muito mais difícil do que poderia parecer a um principiante do caminho da auto-realização. Se a realidade do seu "Eu" não penetrou bastante no âmago do aluno, ele o esquecerá freqüentemente na vida diária. Então, por um esforço de vontade, precisará voltar e ser atento aos seus pensamentos, sentimentos e ações, até que essa consciência permanente se torne natural em sua vida. Na literatura esotérica ocidental tal estado de contínua atenção é chamado de "estado de recolhimento interno"; na literatura ortodoxa, de "vigilância da mente". No Hermetismo Ético, para ensinar a manter este estado, usa-se às vezes o método "de prioridade": "Qual é o momento mais importante?" — "O presente". "Qual é a ação mais importante?" — "Aquela que estou fazendo neste momento". "Qual é a pessoa mais importante?" — "Aquela com a qual estou, no momento, em contato direto". Tudo isso sublinha a importância de cada momento presente e da necessidade de ser consciente em qualquer circunstância da vida.

O ensinamento de Gurdjieff que apresenta o aspecto exclusivamente mental, fornece muitas indicações úteis para introduzir a conscientização na vida, especialmente nos hábitos que se tornaram quase automáticos e, às vezes, são chamados de "segunda natureza". Estes, freqüentemente, são mais difíceis de controlar do que os pensamentos ou sentimentos.

2º ASPECTO. A segunda forma através da qual o "Eu" se manifesta é a da avaliação ética. Este tipo de manifestação não pode ser desenvolvido, mas pode ser desenvolvida a sensibilidade interna a esse aspecto do "Eu". O melhor meio para fazê-lo é prestar muita atenção cada vez que percebemos a tênue voz do nosso "Eu". A maioria dos homens a notam somente quando se tornou bem alta e os incomoda

se, todavia, não se tornaram completamente surdos a essa voz interna. Um espiritualista sincero é mais sensível à sua voz, e a condição essencial para seu progresso é que cada problema de sua vida, relacionado com a ética, seja resolvido em harmonia com essa voz. Se nesse campo pode-se falar de exercícios, estes poderiam consistir somente em procurar levar a vida diária em harmonia constante com esse critério superior.

Com a realização desses dois aspectos na vida prática, revela-se o verdadeiro “Eu” humano. Esses dois aspectos de sua manifestação são complementares e desenvolvê-los é igualmente indispensável. A deficiência de um, reduz o valor do outro. Assim, a ausência do aspecto ético resulta num desenvolvimento exclusivamente mental, e a deficiência da conscientização mental — o aluno limitando-se a ouvir e seguir a voz interna — pode conduzir à perda total do criticismo quanto à genuinidade dessa voz, isto é, ao mediunismo indesejável.

O valor dado exclusivamente à conscientização mental caracteriza as escolas puramente racionais; a submissão incontrolada às vozes internas é um caso freqüente entre as seitas místicas. Um discípulo do caminho iniciático, em seu trabalho interno, deve ter sempre em mente a possibilidade de tais erros na busca do seu Ser Interno.

Estar sempre consciente e em harmonia com seu verdadeiro “Eu”, corresponde à passagem do estado **exotérico**, em que vive a grande maioria dos homens, ao estado **esotérico**, indispensável para o progresso no caminho iniciático.

Tratamos de um modo mais amplo esse 1º grau, devido à sua importância especial. De fato, ele é o “alfa” do Hermetismo Ético e o “ômega” da Filosofia Hermética. O caminho iniciático começa com a revelação do “Eu” interno e sua busca prossegue, não apenas através do estágio de Ouros, mas também através dos estágios superiores, até a Reintegração final.

2º GRAU DE OUROS

Desenvolvimento da bipolaridade interna

Como sabemos, a maioria dos seres humanos é, por sua natureza, bipolar, possuindo em si elementos "M" e "F". Geralmente, as características da polaridade oposta ao sexo físico da pessoa são menos pronunciadas ou seus aspectos são negativos.

O trabalho do aluno no 2º grau de Ouros é:

1. Descobrir em si mesmo os elementos "M" e "F", tanto positivos como negativos.
2. Superar as características negativas, procurando substituí-las pelas positivas da polaridade oposta.
3. Fortalecer as características positivas já existentes, especialmente as do sexo oposto e procurar adquirir as características positivas inexistentes.
4. Praticar na vida diária e no trabalho criativo os aspectos positivos das duas polaridades.
5. Sublimar os aspectos "M" e "F".

1ª ETAPA:

Determinar em si os elementos "M" e "F". Já falamos disso no 2º Arcano de Ouros. Agora, para fins práticos, damos explicações mais amplas.

ASPECTOS "M"

ASPECTOS "F"

Características Psíquicas

Positivas

Positivas

1. Coragem
2. Capacidade de decisão
3. Caráter direto, sem rodeios
4. Firmeza de caráter
5. Magnanimidade
6. Sinceridade
7. Generosidade

1. Compaixão
2. Modéstia
3. Suavidade
4. Prudência
5. Economia
6. Paciência
7. Sensibilidade da alma

Negativas

1. Dureza de coração
2. Cinismo
3. Grosseria
4. Impetuosidade
5. Prodigalidade
6. Impaciência
7. Primitivismo da alma

Negativas

1. Timidez
2. Falta de confiança em si
3. Insinceridade, dissimulação
4. Inconstância
5. Inclinação aos devaneios
6. Retraimento, caráter fechado
7. Mesquinharia

ASPECTOS "M"**ASPECTOS "F"****Características Mentais****Positivas**

1. Lógica
2. Exatidão
3. Concisão e nitidez na expressão
4. Capacidade de pensamento abstrato e filosófico
5. Avaliação objetiva
6. Retidão e honestidade no pensamento.

Positivas

1. Intuição
2. Análise meticulosa e deduções cuidadosas
3. Realismo e capacidade inventiva na vida prática
4. Consciência da incapacidade de alcançar as Verdades Superiores pelo intelecto
5. Mente concreta e capacidade de ver a vida real e os seres vivos atrás dos conceitos abstratos
6. Flexibilidade mental e rapidez de compreensão

Negativas

1. Insensibilidade mental, incapacidade de percepção intuitiva
2. Gosto de fazer deduções espetaculares, sem bases suficientes

Negativas

1. Falta de lógica
2. Contradições e confusão mental

- | | |
|---|--|
| 3. Falta do senso da realidade | 3. Verbosidade e falta de clareza na expressão |
| 4. Orgulho mental e convicção de tudo poder alcançar pelo intelecto | 4. Incapacidade de pensamento abstrato |
| 5. Inclinação às afirmações puramente teóricas | 5. Subjetivismo no pensamento |
| 6. Falta de flexibilidade mental, cristalização mental e formalismo (escolástica) | 6. Astúcia mental |

É recomendado que o aluno copie todas essas características numa folha de papel e, começando pelas positivas e negativas **do seu próprio sexo**, analise cuidadosamente cada aspecto, em relação a si mesmo. Analisando-os é útil lembrar os acontecimentos de sua vida, quando uma ou outra dessas características apareceu mais nitidamente. É preciso que o aluno, ao fazer essa análise, seja completamente honesto e objetivo consigo mesmo, não feche os olhos sobre suas fraquezas e não queira justificá-las ou enfeitá-las. Deve examinar-se a si próprio do ponto de vista do seu verdadeiro "Eu". Se o aluno não estiver seguro de possuir alguma qualidade, se ela ainda não se expressa plenamente, é melhor classificá-la como inexistente. Entretanto, a subestimação também não é conveniente. Aconselhamos ao aluno sublinhar, por exemplo, com lápis azul as características positivas "M" e "F" que considera como tendo sido adquiridas, e riscar com lápis vermelho as características negativas que, segundo ele, foram totalmente superadas. As características sublinhadas e as não riscadas corresponderão à sua composição psico-mental do momento. Para poder observar seu progresso, é necessário que o aluno possua uma imagem, a mais exata possível, do seu estado no momento em que começa o trabalho interno.

2ª ETAPA:

Superar as características negativas "M" e "F", substituindo-as pelas positivas da polaridade oposta. Em nossa apresentação, as características negativas "F" constituem uma contraparte das positivas "M", e as negativas "M", uma contraparte das positivas "F". Sendo assim, a superação de um aspecto negativo "M" ou "F" se expressará como desenvolvimento do positivo da polaridade oposta. Para facilitar esse

trabalho, recomendamos 3 exercícios: concentração com auto-sugestão, concentração acompanhada da respiração psíquica e meditação. É importante que a concentração ou meditação seja feita tendo como base a aquisição de uma característica positiva, e nunca tomando por base a superação da negativa. Pela concentração ou meditação sobre um aspecto negativo, fortalecemos inconscientemente as vibrações do mesmo.

1. **Concentração com auto-sugestão.** Escolher uma qualidade (uma só) que se deseja adquirir. Tomar uma postura cômoda, relaxando os músculos. Respirar profundamente e lentamente. Concentrar-se sobre a qualidade escolhida (por exemplo, coragem) e repetir 3 vezes, sempre no presente e com plena convicção "eu sou corajoso", como se a coragem já tivesse sido adquirida. Dizê-lo, primeiramente em voz alta, depois sussurrando e, no fim, mentalmente. Este procedimento ajuda a despertar a atenção da alma para a qualidade desejada. O exercício deve ser feito várias vezes. É bom fazê-lo de manhã, ao acordar, e de noite, antes de adormecer.
2. **Concentração acompanhada da respiração psíquica.** Postura e relaxamento muscular, como no exercício precedente. Escolher um ritmo conveniente para a respiração, por exemplo: 6-3, 6-3 ou 8-4, 8-4, de acordo com suas pulsações. Criar uma imagem mental nítida da qualidade desejada. Tal imagem pode ser uma personificação dessa qualidade tomada da vida real ou da mitologia. Pode ser mesmo um símbolo dela ou mesmo sua denominação. É preciso que a imagem se torne vibrante com as emanções do aluno. Mantendo a imagem estável na mente, e inspirando o ar, imaginar que se absorve a qualidade que ela representa. Durante a retenção do ar, imaginar que essa qualidade penetra e permeia todo o ser; durante a expiração, concentrar-se na região cardíaca ou cerebral, de acordo com o tipo da qualidade. No momento em que os pulmões estão esvaziados, as vibrações no centro correspondente se tornam realmente ativas. Repetir o ciclo várias vezes, sem todavia chegar ao cansaço ou afrouxamento da atenção.
3. **Meditação.** A mesma postura e relaxamento muscular como nos exercícios anteriores. Concentrar a atenção sobre a qualidade desejada. A própria meditação pode ser de dois tipos básicos:

- Meditação objetiva sobre a natureza da qualidade em questão, sobre suas manifestações típicas, por exemplo, na história, na vida contemporânea; sua expressão na arte, na literatura, etc; sobre as diversas formas em que essa qualidade pode se manifestar, sobre seu valor na vida de um ser humano, sobre sua influência no ambiente. Se a pessoa que medita possui tendências literárias, é bom que expresse suas ideias por escrito, mesmo se, para fazê-lo, a postura precisar ser mudada. É útil que a pessoa repita essa meditação por vários dias, imaginando que absorve a qualidade desejada. A meditação objetiva deve sempre anteceder a meditação subjetiva.
- Meditação subjetiva: imaginar a si mesmo como possuindo a qualidade desejada (sempre no presente e não no futuro). Vivenciar, na imaginação, como se fosse realidade, diversos casos em que a qualidade em questão se manifesta com força. Essa meditação poderia ser chamada, com razão, de “concentração criadora”.

Os dois tipos de meditação podem ser reunidos em um só exercício: a meditação objetiva, passando de modo natural, a ser subjetiva.

É preferível não limitar o tempo do exercício; isso poderia desviar a atenção e afetar a inspiração criadora, que é o fator mais precioso desse exercício. Acabar a meditação quando a própria consciência o determinar com um “chega para hoje”.

Os exercícios para desenvolver a bipolaridade interna podem ser feitos todos em conjunto ou o aluno pode escolher um ou dois, individualmente mais apropriados para si. Nunca se deve insistir em fazer ou em continuar a fazer exercícios que, por uma ou outra razão particular, não nos convêm, seja porque causam algum distúrbio interno, seja porque não deram resultado, depois de corretamente praticados. É importante também que o aluno trabalhe uma só qualidade por vez e que passe a uma outra somente após ter alcançado um resultado satisfatório.

É melhor procurar desenvolver primeiro as qualidades do seu próprio sexo, ou seja, superar os defeitos do sexo oposto, e somente depois passar às qualidades do sexo oposto, superando os defeitos do seu próprio. As qualidades do sexo oposto são, geralmente, mais difíceis de

realizar e a experiência adquirida para se obter as do seu próprio sexo, facilita a tarefa.

Quando o aluno está seguro que desenvolveu em si uma nova qualidade, ele a sublinha na sua lista, riscando, ao mesmo tempo, sua contraparte negativa.

3ª ETAPA:

Nesta etapa, o aluno recebe duas tarefas novas:

1. Fortalecer todos os aspectos positivos, especialmente os da polaridade oposta. Essa tarefa, na realidade, é a continuação do trabalho anterior. Todavia, nessas realizações existem muitos graus. O aluno que no início superou os aspectos negativos mais salientes, não pode, evidentemente, aperfeiçoar a contraparte positiva desses aspectos, pois isso poderia levar muito tempo e a finalidade principal do seu treinamento é a harmonização bipolar geral. Na etapa presente, o aluno retorna aos mesmos aspectos, mas já para aperfeiçoá-los, com acentuação no fortalecimento das qualidades do sexo oposto. Sua aquisição definitiva exige geralmente um grande esforço interno.
2. Adquirir as qualidades ausentes. A nossa lista de aspectos "M" e "F", positivos e negativos, é, naturalmente, incompleta, enumerando somente as qualidades e defeitos mais típicos. No decorrer do seu trabalho, o aluno precisa descobrir em si as características que faltam na lista, determinar sua contraparte — positiva ou negativa — e começar o trabalho interno. A meta dessa etapa é o equilíbrio total entre os elementos "M" e "F".

Para a realização das duas tarefas da 3ª etapa, podem ser utilizados os exercícios dados para a harmonização geral.

4ª ETAPA:

Praticar na vida cotidiana, como se fosse um exercício psico-mental, os aspectos positivos das duas polaridades ou, eventualmente, introduzi-los num trabalho criativo.

Somente a vida cotidiana pode provar se determinadas qualidades foram realmente adquiridas. O aluno deve aproveitar cada oportunidade para verificá-lo. Entretanto, a vida diária nem sempre fornece tais oportunidades e, portanto, o aluno, ele mesmo, precisa criá-las. Assim, por exemplo, poderá dedicar um dia para praticar algum aspecto po-

sitivo "M", um outro dia — um aspecto positivo "F". Naquele dia, em toda sua atividade: em casa, na sociedade, no trabalho, nas reuniões públicas, nas suas relações com o ambiente, em seus pensamentos e palavras, ele procurará expressar a qualidade previamente escolhida, superando a menor manifestação de algo que lhe é oposto. Tal comportamento pode parecer o desempenho de um determinado papel e desempenhar um papel não é compatível com pura espiritualidade. Sendo assim, o aluno não deve esquecer que isto é apenas um exercício. Além disso, esse exercício deve ser totalmente conforme a ética, isto é, abandonado logo que o aluno perceba que, de uma ou outra forma, poderia prejudicar a outrem ou que as circunstâncias ou o sentido ético ditam-lhe um comportamento diferente. Se, naquele dia, o aluno resolveu, por exemplo, praticar paciência, um perigo repentino pode exigir que seja intrépido e decidido; uma infelicidade alheia — que seja compassivo, etc.

Se o aluno possui tendências artísticas, estas podem ser muito úteis para o aperfeiçoamento de uma determinada qualidade. Introduzindo-a em alguma obra artística, expressando-a na literatura, na poesia, na música, na pintura ou por algum outro modo de criatividade artística, ele se concentra nela e começa a vibrar em acordo com o que procura expressar.

5ª ETAPA:

Sublimação dos elementos "M" e "F". A tarefa anterior foi a realização, harmonização e aplicação na vida cotidiana dos aspectos positivos "M" e "F". A tarefa da 5ª etapa — a sublimação — se relaciona com um nível mais elevado: a vida espiritual do ser humano, suas experiências internas mais profundas. Assim, a coragem física levada a esse nível, pode se tornar heroísmo espiritual; a compaixão pode se expressar pela dedicação de sua vida ao serviço impessoal, etc.

A sublimação dos aspectos "M" e "F" não pode ser alcançada com a ajuda dos exercícios; ela é o resultado das realizações internas, anteriores.

No percurso do caminho iniciático todas as qualidades são indispensáveis. É através delas que se manifesta o grau de desenvolvimento do ser humano, isto é, suas realizações internas.

3º GRAU DE OUROS

CRIAÇÃO DO ANDROGINATO INTERNO

A criação de um harmonioso androginato interno só é possível depois da harmonização de todos os binários internos.

Os elementos “M” e “F”, apesar de estarem (no 2º grau) desenvolvidos e aperfeiçoados, permanecem ainda separados. O 3º grau corresponde à sua união criativa. Assim, o trabalho do 2º grau prepara e possibilita a realização do 3º.

A união criativa não significa apenas uma associação dos elementos positivos “M” e “F”, mas sua fusão em um todo harmonioso, individual e único, pois o androginato interno conserva todos os princípios pessoais e individuais, dando ao ser humano um novo valor e uma nova forma de expressar a vida. Se não fosse assim, a realização do androginato conduziria os seres humanos a uma padronização e significaria a perda da personalidade e da individualidade.

Isso não pode acontecer, porque, não somente a matéria humana, da qual é criado cada androginato, apesar de ser semelhante, nunca é idêntica à de outros seres, mas também (e isso é especialmente importante) o “nascimento” do androginato ocorre pela atuação dos princípios superiores, das forças “que nos criam” e se processa também de um modo único e singular.

No entanto, para que tal “nascimento” se torne possível, ele deve ser preparado pelos esforços pessoais, anteriores, ou seja, por aquilo “que nós criamos”.

Os exercícios seguintes podem ajudar a realização desse grau:

1. Meditações objetivas sobre o androginato interno, seu papel na vida humana, sua influência no ambiente; sobre os casos em que se manifesta com força especial e, finalmente, sobre sua participação no processo da Reintegração.

Essas meditações, apesar de possuírem a mesma base, devem ter, cada vez, um contexto diferente. Tais exercícios amplificam o conceito do androginato na consciência do aluno, fazendo com que ele compreenda melhor sua natureza e sua finalidade.

2. Meditações subjetivas ou exercícios de imaginação criadora sobre o tema do androginato. O aluno deve se imaginar, a si mesmo, possuindo já uma natureza andrógina

e vivenciar diversas circunstâncias de vida em que ela se expressa com maior nitidez. Estes exercícios desenvolvem, no psiquismo do aluno, a capacidade de provocar uma reação andrógina correta, quando esta se mostrar necessária nas circunstâncias de sua vida real. Tais meditações contribuem para o nascimento efetivo do androginato interno.

3. Prática do androginato na vida cotidiana. No 2º grau, o aluno devia praticar determinados aspectos positivos de uma ou outra polaridade previamente escolhida; no 3º grau deve procurar ser andrógino em todas as circunstâncias de sua vida externa e em seus pensamentos. Isto é, deve não apenas saber manifestar as qualidades "M" e "F", segundo a necessidade, mas uni-las em si, em um total harmonioso; ser, por exemplo, ao mesmo tempo, suave mas inflexível, intrépido mas prudente, magnânimo mas humilde.

Se algum aspecto "M" ou "F", apesar de ser positivo, foi demasiadamente desenvolvido, deve ser conscientemente atenuado, para que possa formar com sua contrapolaridade um equilíbrio harmonioso. Ser, por exemplo, demais suave e compassivo pode constituir um empecilho quando se faz necessário ser exigente e mesmo severo. Essa "cirurgia da alma", ou seja, a "amputação" daquilo que se tornou excessivo, pode causar uma dor interna. Todavia, ela é indispensável. São as "dores do parto" do ser andrógino interno.

4. A criação do androginato nos pensamentos e na criatividade pode também ser ajudada por exercícios semelhantes aos recomendados no 2º grau, mas desta vez em relação ao androginato e não aos elementos "M" ou "F". O conceito do androginato pode ser expressado com maior plenitude na criação literária, onde a lógica pode existir junto com a receptividade e a intuição; a exatidão nos detalhes junto com uma análise profunda e bem fundada; a elevação do pensamento abstrato junto com a capacidade de viver a vida prática.

Praticando todos esses exercícios, o aluno não deve esquecer que, quando de fato se tornar andrógino, já não será necessário qualquer esforço consciente nessa direção, pois a sua natureza tornando-se andrógina não lhe permitirá agir de outro modo.

4º GRAU DE OUROS

DESENVOLVIMENTO E HARMONIZAÇÃO DOS PRINCÍPIOS HERMÉTICOS EM SI

Os quatro princípios herméticos refletem-se de dois modos no ser humano: na sua composição (aspecto estático) e na sua atividade (aspecto dinâmico).

ASPECTO ESTÁTICO

O trabalho sobre o aspecto estático dos princípios herméticos abrange, por sua vez, o trabalho sobre os quatro planos do ser humano e o trabalho sobre os quatro elementos da Natureza que o compõem. Começaremos pelo primeiro.

Harmonização dos Planos

Este trabalho se divide em quatro fases:

1. Discriminação nítida entre os planos em si mesmo.
2. Determinação dos aspectos positivos e negativos, presentes em si, de cada um dos três planos inferiores.
3. Determinação do plano dominante.
4. Harmonização e equilibração dos três planos inferiores.

Passemos a estudar separadamente cada um desses itens.

1. Como sabemos, o homem se compõe de quatro planos: o físico, o astral, o mental e o espiritual. Os três primeiros formam a personalidade. O aluno que aprendeu a ser autoconsciente deve poder sempre determinar a origem e o caráter das manifestações de sua vida interna, constatando, por exemplo, “isto é um desejo do meu corpo físico”, “isto é a manifestação das minhas vibrações astrais”, isto provém do meu mental”, “isto é a voz do meu verdadeiro “Eu”. Essa prática deve ser continuada até que o discernimento se torne natural e sempre nítido. É importante que as manifestações do 4º plano — o espiritual — não sejam confundidas com as de outros planos, ou seja, com as de outros pequenos “eus”.
2. No 4º Arcano foram dadas as características positivas dos quatro planos (em sua correspondência com os “quatro animais herméticos”). Acrescentamos aqui alguns aspectos negativos dos três planos inferiores em sua manifestação quaternária. No plano mental: dispersão da

mente, superficialidade, distração (Águia); exagero nos detalhes às custas da essência (Touro); falta de lógica (Homem); orgulho e vaidade intelectual (Leão). No plano astral: impetuosidade, instabilidade de sentimentos, mudanças do ânimo (Águia); obstinação tola (Touro); apego a determinadas doutrinas (Homem); reconhecimento somente de sua própria autoridade, despotismo (Leão). No plano físico: movimentação incoerente e apressada (Águia); lentidão demasiada em tudo (Touro); ascetismo exagerado (Homem); culto da força física e do esporte como base da vida ou da profissão (Leão). O 4º plano — o espiritual — não pode ter, é claro, aspectos negativos, mas a manifestação dessa força, atravessando os outros três planos (ver a cruz do Hierofante, fig. 7 e 8), pode ser corrompida pela desarmonia neles existente, manifestando-se, por exemplo, como deturpação da vontade ou da força criadora. Mesmo se os planos inferiores, por si mesmos forem harmoniosos, o “eixo”, ou seja, a manifestação espiritual pode também ser afetada pela falta do equilíbrio entre eles. O aluno deste grau para determinar em si os aspectos positivos e negativos de cada plano, deverá aplicar o mesmo método já utilizado no 2º grau, em relação aos aspectos “M” e “F”.

3. A determinação do seu plano dominante ajudará o aluno a completar a imagem de si mesmo. O plano dominante é freqüentemente um fator de desequilíbrio, pois se desenvolve às custas de outros. Geralmente isso se expressa pelo predomínio dado à razão sobre os sentimentos ou, ao contrário, aos sentimentos sobre a razão, tornando a pessoa unilateral, em ambos os casos. É pior ainda quando predomina o plano físico, o que aproxima o homem do estado animal. O predomínio do plano espiritual não cria nenhum desequilíbrio; bem pelo contrário, resulta em uma espiritualização da personalidade, o que já é uma realização iniciática. Quando o plano espiritual domina completamente a personalidade, temos o estado de “santidade”, ou seja, o estágio de Copas. A clara determinação do plano dominante é necessária antes da passagem do aluno ao trabalho seguinte.
4. O trabalho de harmonização dos planos é muito parecido, por seus métodos, com o trabalho de harmonização dos aspectos “M” e “F”, feito no 2º grau. Os mesmos exercícios de concentração e de meditação são utilizados, assim como o mesmo tipo de prática na vida coti-

diana, substituindo, naturalmente, os aspectos "M" e "F" pelos planos e concentrando-se ou meditando sempre sobre suas **características positivas**. É útil visualizar, durante os exercícios, o "animal hermético" correspondente. Tratando-se do trabalho de fortificar um ou outro plano deficiente, são utilizados os métodos dados para facilitar a futura fortificação dos tatwas. A correspondência entre os quatro tatwas e os três planos inferiores pode ser facilmente estabelecida se incluimos, no plano físico, o tatwa Apas (ligado com o corpo etérico) junto com o tatwa Prithivi, como é feito geralmente. No caso de desenvolvimento insuficiente, seja do plano astral, seja do mental, o trabalho deve visar o fortalecimento do plano fraco, até que os dois se tornem equilibrados. No caso do predomínio do plano físico (e para isso contribui a prática dos exercícios de Hatha Yoga, não acompanhados por um trabalho interno) a atenção dada a este plano deve ser atenuada. Existem também casos opostos em que o plano físico é o menos desenvolvido por causa de alguma doença ou fraqueza do corpo. Isto cria, sem dúvida, certas dificuldades em seguir um treinamento geral ou em fazer determinados exercícios. Neste caso, um método individual, apropriado, deve ser estabelecido. A fraqueza física não impossibilita a realização espiritual, como pode impossibilitá-la o desequilíbrio dos dois outros planos inferiores.

Trabalho sobre os quatro elementos

Os elementos não são apenas as manifestações conhecidas no plano físico, isto é, o ar, a terra, a água e o fogo, mas são entidades-formações etérico-astrais **vivas** que constituem o **organismo vivo da Natureza** e seu corpo físico, isto é, o Macrocosmo. Como já foi dito, os elementos correspondem à expressão mais densa dos tatwas. Os elementos que se manifestam no mundo físico e, de um modo mais sutil, no psíquico, quando sublimados, pertencem aos planos superiores, expressando-se, no ser humano, por elevados estados espirituais. A possibilidade de realizar tais estados constitui a finalidade básica do trabalho oculto sobre os elementos.

Este trabalho consiste em:

1. Aprender a conhecer as vibrações gerais positivas e negativas de cada um dos elementos.
2. Aprender a conhecer essas vibrações, em sua totalidade, ou pelo menos em parte, dentro de si mesmo.

3. Determinar, em si, o elemento dominante.
4. Facilitar a manifestação dos elementos ausentes ou fracos.
5. Harmonizar as manifestações dos quatro elementos.

Examinemos isto ponto por ponto.

1. Para poder **conhecer as vibrações gerais de cada elemento**, pode-se recorrer à meditação objetiva sobre as características particulares da expressão física do elemento em questão. De acordo com a lei de analogia, essas características têm suas correspondências nos planos astral, mental e espiritual. No estudo do 4º Arcano foram dados os aspectos negativos dos elementos e, também, suas características correspondentes a um nível iniciático elevado. Já que nunca se deve meditar sobre aspectos negativos, e a expressão positiva no nível iniciático pode ser menos compreensível ao aluno, damos, a seguir, algumas características positivas dos elementos nos planos psico-mentais.

AR — No plano físico caracteriza-se pela expansão e leveza, especialmente sob a influência do calor. Sublimado, manifesta-se como inspiração criadora, especialmente sob a influência de pensamentos ou sentimentos ardentes (calor). É o princípio da leveza (mas não da leviandade) do mental, da rapidez do entendimento, da rapidez das reações e das decisões. É o impulso criador dirigido para fora, para o mundo do “não-Eu” (por exemplo: à ciência, à arte, a exercer uma influência sobre o ambiente).

TERRA — Simboliza o frio, o concentrado, o opaco, o duro, o firme. Corresponde às formas concluídas, definitivas, mas também à vida interna, profunda e oculta. Elemento correlato à auto-análise esotérica, aprofundamento em si, autoconhecimento, descobrimento dos valores internos, reais. É a capacidade de ocultar e proteger a vida interna das influências indesejáveis do mundo externo. No trabalho realizador (por exemplo, mágico) corresponde à capacidade de estabelecer pontos de apoio nos planos físico e astral.

ÁGUA — No físico, capacidade de se adaptar a qualquer forma, enchendo-a e expandindo-se nas profundidades, mas sempre conservando sua identidade, seu caráter intrínseco. Corresponde à importante conscientização iniciática da VERDADE UNA podendo tomar formas as

mais diversas e, conseqüentemente, à capacidade de achar a Verdade sob essa multiplicidade de formas. Também corresponde ao aprender a envolver a Verdade, quando for preciso, numa forma adequada e acessível a outrem. É a qualidade que permite adaptar-se a qualquer ambiente, qualidade especialmente útil para um iniciado do tipo "democrático" (ver 10º Arcano).

FOGO — Elemento que cria e destrói. Em estado livre expande-se e eleva-se, mas, para surgir e subsistir, necessita combustível. No ser humano manifesta-se por diversos tipos de fogo, desde os mais vis, etérico-astrais, como os fogos destruidores das paixões e dos apegos, até os mais sutis, como Kundalini, fogo criador que pode também destruir, e o Fogo Espiritual, que é o próprio Princípio do Fogo e que, para arder, necessita condições especiais.

2. **Aprender a conhecer em si as vibrações positivas e negativas dos elementos.** Em cada ser humano, os elementos existem com maior ou menor força e com suas características positivas e negativas. O aluno precisa determinar, em si mesmo, a força e as características dos elementos, utilizando-se do mesmo método que foi indicado para determinar as características "M" e "F".
3. **Determinar o elemento dominante em si.** Em cada ser humano predomina um dos elementos, do mesmo modo como predomina um dos planetas. O planeta dominante dá uma determinada forma à individualidade humana. O elemento dominante indica as tendências essenciais dessa individualidade. Assim, o elemento Ar dará a tendência à expansão criadora externa; o elemento Fogo, a tendência a criar internamente; a Terra — a se isolar espiritualmente; a Água — a repartir suas riquezas internas com o ambiente para fazê-lo evoluir. Determinar, entretanto, o elemento dominante, não significa que o aluno deve limitar-se a facilitar a manifestação harmoniosa desse elemento apenas. O desenvolvimento humano deve ser multilateral.
4. **Facilitar a manifestação das vibrações dos elementos ausentes ou fracos.** Além do desenvolvimento harmonioso das vibrações do seu elemento dominante, o aluno deve procurar facilitar a manifestação harmoniosa de todos os outros, concentrando sua atenção sobre cada um **sucessivamente** e utilizando os métodos que empregou para o desenvolvimento dos aspectos "M" e "F".

5. **Harmonizar, em si, as manifestações dos quatro elementos, ou seja, do seu conteúdo elementar.** Já foi dito que os aspectos superiores dos elementos não podem ser adquiridos pelos exercícios ou práticas, pois pertencem às manifestações espirituais e são o resultado da expansão geral da consciência e das experiências internas espirituais. Todavia, esses aspectos superiores dos elementos existem no aluno em estado latente. Portanto, ele deve facilitar sua futura manifestação, superando, aos poucos, todos os aspectos negativos que descobriu em si, fortificando todos os aspectos positivos correspondentes, especialmente dos elementos mais fracos. A meditação objetiva permite ao aluno determinar essas qualidades e perceber sua importância no caminho iniciático. Praticando a meditação subjetiva e imaginando a si mesmo como possuidor das qualidades dos elementos, altamente desenvolvidas, o aluno poderá sentir em si mesmo essas vibrações e, assim, fortalecê-las. Ele deve imaginar-se podendo criar como criam os silfos; conhecendo as profundezas e as riquezas internas, como os gnomos conhecem as da Terra; sabendo adaptar-se a tudo ou manifestar-se sob qualquer forma, conservando sua identidade profunda, como o fazem as ondinas; imaginar-se sendo capaz de se envolver pelas chamas do fogo purificador, identificando-se com ele, como as salamandras.

Para se obter um bom resultado no trabalho, as meditações devem ser seguidas, na medida do possível, pela prática, na vida diária, das qualidades dos elementos. Isso especialmente no começo, exige um esforço de vontade, até o momento em que as vibrações correspondentes se estabelecem e se tornam naturais no aluno.

A intensificação, no ser humano, das vibrações positivas de todos os elementos enriquece muito, não apenas a personalidade, mas também a vida interna.

ASPECTO DINÂMICO

Em seu aspecto dinâmico, os quatro princípios herméticos expressam-se no ser humano como lei Iod-He-Vau-He, que rege todo o seu trabalho criativo, seja este científico, artístico, religioso, social ou outro. A segunda parte da tarefa do aluno deste grau é, portanto, aprender a aplicar essa lei, tanto no seu trabalho objetivo, no mundo do “não-Eu”, como no subjetivo, interno.

A lei Iod-He-Vau-He pode ser explicada como segue: Iod — a idéia básica ou finalidade da ação; He — os meios materiais ou outros para realizar essa ação; Vau — o modo de realizá-la; o segundo He — o resultado que traz.

Cada obra humana, completa e estável, deve possuir essas bases, sadias e fortes. A mesma lei rege a criação das egrégoras (no astral), sejam elas religiosas, políticas, sociais ou outras. No caso das egrégoras, o Iod corresponde à idéia ou à personalidade do próprio fundador da escola, da fraternidade, da sociedade, etc.; o He — ao material humano de que ele dispõe ou que constitui a organização; o Vau — ao trabalho, no invisível, que a organização está fazendo; o segundo He — à sua expressão no plano físico.

Se alguma obra não traz resultados positivos, se não é harmoniosa, se fracassa de um ou outro modo, é porque existe algo deturpado ou incompleto nos três primeiros fatores o que, conseqüentemente, afeta o quarto. O fracasso pode também ser causado pelo desequilíbrio entre os fatores componentes (na literatura, por exemplo, será uma obra em que predomina a idéia, com falta de expressão artística ou vice-versa).

O aluno deve aprender a bem discernir os quatro elementos de cada realização humana. Convém que ele analise diversas obras ou instituições humanas, egrégoras históricas, organizações que pessoalmente conhece, etc., procurando determinar as razões de seu desenvolvimento, ou fracasso; que indague a si mesmo se a idéia que anima ou animou a obra, existiu por muito tempo ou existe ainda, se é ainda atual (Iod); se o valor do material humano que compõe a obra é suficiente por sua quantidade e qualidade (He); se seus métodos de trabalho foram ou são eficientes (Vau). Finalmente, quais foram ou são as causas de seu desenvolvimento ou, eventualmente, de sua desagregação: a hostilidade do ambiente, as circunstâncias externas ou a desarmonia interna (segundo He). No primeiro caso, a egrégora pode continuar a existir no astral, no segundo, ela desagrega. É útil que o aluno anote por escrito suas deduções. Assim, ele aprenderá a avaliar esotericamente diversas obras humanas. A mesma lei rege o trabalho interno e o aluno deve aplicá-la a tudo o que faz. Nisso consistirá sua prática na vida cotidiana.

5º GRAU DE OUROS

UNIFICAÇÃO DA VONTADE PRÓPRIA COM A VONTADE SUPERIOR

No 1º grau do caminho iniciático de Ouros, o aluno tomou conhecimento da existência do seu verdadeiro "Eu". No 4º grau, aprofundou-se mais em si e aprendeu a discernir entre os quatro planos do seu ser. No 5º grau, precisa esforçar-se para estabelecer em si o predomínio do plano espiritual. Em outras palavras, é preciso que o verdadeiro "Eu" do aluno se torne um critério constante de todos os projetos e de todos os desejos, que os avalie. É preciso que o aluno aceite somente aquilo que estiver de acordo com esse critério superior.

Surgirão, naturalmente, duas perguntas:

- a) Como pode a personalidade conhecer essa vontade superior, sem que ela seja deformada pela interferência de algum plano inferior?
- b) Como realizá-lo na prática?

Quando a interferência vem do plano físico, o discernimento entre as duas vontades não apresenta dificuldades, pois só uma pessoa muito pouco evoluída poderia confundir as duas fontes. Mas, em relação aos sentimentos e pensamentos, e à medida em que o plano da personalidade se eleva, a confusão se torna sempre mais fácil. Mesmo no caso da pessoa possuir altas aspirações, se não há nela auto-crítica suficiente e se falta uma análise profunda das raízes dos desejos, a substituição involuntária da vontade superior pela vontade proveniente do corpo astral ou mental é muito frequente.

Para evitar essa confusão, o meio mais seguro é a maior harmonização possível dos três planos da personalidade, pois então não haverá conflitos entre as diversas vontades que, automaticamente, se tornarão sintonizadas com a vontade superior.

Um outro meio de evitar confusão e conflitos internos, enquanto a harmonização dos planos da personalidade ainda não foi realizada, é prestar sempre muita atenção ao mais tênue som da "voz interna" ou "voz da consciência". Não agir sob a influência do primeiro impulso, mas procurar ouvir essa "voz", antes de tomar qualquer decisão que envolva a ética. O seguir essa "voz interna" automaticamente har-

moniza a personalidade e a harmonia da personalidade, por sua vez, permite ouvi-la melhor.

No 5º Arcano falava-se do problema da livre vontade humana e do inerente condicionamento dessa liberdade à personalidade atual, resultado do carma passado.

Assim, a vontade superior, para poder expressar-se através da personalidade condicionada, aceita como “legítimos” determinados desejos e vontades pessoais, necessários para o desenvolvimento dessa personalidade.

Uma das tarefas do aluno é avaliar objetivamente o conteúdo de sua personalidade e determinar o grau de “legitimidade” de seus desejos pessoais, isto é, determinar quais deles são realmente necessários ao desenvolvimento de seus três planos inferiores.

Essa análise deve permitir ao aluno encontrar sempre um modo de expressar — na vida diária e não apenas através de suas aspirações — a Vontade Superior, **em sua forma condicionada pelos “legítimos” desejos pessoais.** É muito importante que essa forma **seja realizável** nas condições de vida do aluno e não apenas em teoria.

Independentemente disso, o aluno pode aspirar a um ideal muito elevado, cuja realização não lhe é ainda possível, mas o modo que encontrou para expressar a vontade do seu “Eu” **deve ser realizável**, repetimos, nas condições do presente.

O 5º grau relaciona-se com o desenvolvimento dos poderes ocultos. Este trabalho, sem uma direção competente, pode levar a um resultado desastroso. Conhecemos pessoalmente muitos desses casos. Dirigir o aluno à distância, sem conhecer bem seu estado psíquico e espiritual, é não apenas tomar sobre si as conseqüências cármicas pelo que poderá acontecer, mas também atrasar, eventualmente, a evolução do aluno. Por causa disso, não daremos a descrição desses exercícios, limitando-nos apenas a dizer que se baseiam na prática da respiração chamada “grande respiração psíquica dos Yoguis” e na concentração sobre determinados chacras.

Como já foi dito, o chacra cardíaco é o único cujo desenvolvimento acelerado não apresenta perigos. Todavia, sendo o método oculto o mesmo para o desenvolvimento de outros chacras, não forneceremos essas indicações.

Além dos métodos puramente ocultos, existem também métodos místicos para desenvolver o chacra cardíaco. Um deles, bem conhecido na Tradição mística ortodoxa, é a prática da oração chamada “Oração de Jesus”. Essa, pelas vi-

brações espirituais mais elevadas que as da Kundalini, causa uma ardência do centro cardíaco. O método é o seguinte:

- a) Escolher uma determinada oração curta, por exemplo: "Senhor Jesus Cristo, tem piedade de mim".
- b) Repeti-la mentalmente, concentrando-se nela e, com isso, vivificando-a.
- c) Visualizar seu coração e dentro dele "a pequena cela oculta" (segundo a terminologia dos autores da "Philokalia *).
- d) Repetir a oração "conduzindo a mente para dentro do coração" (segundo a mesma fonte), isto é, imaginar que a oração se faz dentro dessa "cela".
- e) Praticar essa oração o mais freqüentemente possível, quando a consciência não está preocupada com outros assuntos e quando nada a distrai.

Se essa oração é praticada por bastante tempo e com uma intensidade suficiente, o coração começa a "se aquecer". No início, isso se produz apenas durante a oração; mais tarde, o calor torna-se constante, mudando-se aos poucos em ardência do coração. O fogo do coração, sendo um Fogo Espiritual, queima qualquer desarmonia. É o melhor purificador do corpo astral inteiro. Segundo o testemunho dos grandes místicos ortodoxos, nos graus superiores do desenvolvimento espiritual (estágio de Copas), a "Oração de Jesus" continua a se fazer dentro do coração ininterrupta e automaticamente.

Se a "ardência do coração" se estabelece, os exercícios para desenvolver Kundalini se tornam inúteis, pois o "fogo do coração" causando a espiritualização geral da pessoa, automaticamente desperta Kundalini e os poderes ocultos.

* Antiga coleção grega de escritos dos místicos da Igreja Cristã Oriental, traduzida há séculos e muito espalhada no meio ortodoxo russo.

6º GRAU DE OUROS

CARMA INTERNO E ADROGINATO EXTERNO

Sabemos que o carma se manifesta interna e externamente, positiva e negativamente e em forma agradável ou desagradável.

Daquilo que acaba de ser dito no estudo do grau precedente, pode ser deduzido que o conteúdo da personalidade, isto é, o carma interno, é de importância primordial para que o verdadeiro "Eu" possa se expressar.

O carma externo pode ser agradável ou desagradável, mas, diferentemente do interno, não pode ser considerado como positivo ou negativo, pois o valor do ser humano nunca depende dele. Nesse sentido, o carma externo é a consequência do interno, pois é criado pelas ações, sentimentos e pensamentos da personalidade. Um carma externo desagradável, com as dificuldades que acarreta, nunca deveria ser considerado como alguma punição, mas sim, como consequência lógica dos erros do passado. Quando a alma se tornou capacitada a aceitar seu carma de um modo positivo e esotérico, a acumulação do seu carma pesado lhe é dada freqüentemente como uma oportunidade de acelerar sua evolução espiritual.

Se o carma pesado pode ser uma oportunidade de progresso espiritual, o carma agradável, por sua vez, é muitas vezes um teste do valor humano interno (por exemplo: a reação à riqueza e seu uso, o comportamento em caso de celebridade, etc.).

Se, como dizemos, o carma externo, por si mesmo, não pode ser considerado nem como positivo nem como negativo, a resposta humana a tal carma é sempre positiva ou negativa, isto é, esotericamente correta ou errada.

Uma profunda análise objetiva do seu carma interno, seja qual for, determinará o trabalho que o aluno precisa fazer em si; o carma externo lhe indicará as condições nas quais seu trabalho deve ser realizado durante a encarnação presente. A clara conscientização disso já será uma prova do adiantamento no caminho iniciático. Para realizar esse trabalho, o aluno deve analisar cuidadosamente a essência do seu carma externo, desde que, em sua vida, tornou-se consciente. As meditações especiais sobre esses assuntos causarão a expansão da sua consciência e permitirão que, no futuro, a aceitação do seu carma seja esotericamente correta.

Para tais meditações não podem ser estabelecidas normas rígidas, mas pode ser delineada uma ordem geral:

1. Rememorar os acontecimentos de sua vida, seus diferentes períodos, condições e episódios principais.
2. Determinar o caráter agradável ou desagradável (frequentemente os dois) de cada um.
3. Rememorar sua própria reação às condições ou acontecimentos do passado e determinar se essa foi esotericamente correta ou errada e porquê.
4. Determinar até que ponto essas condições externas e sua própria reação a elas influenciaram sua vida interna.

A duração dessas meditações dependerá da extensão do campo que abrangeu, de sua profundidade e intensidade. O aluno precisa relembrar sua reação ao carma externo, quando essa reação **não era ainda consciente**, mas impulsiva, como a da maioria dos homens, aos acontecimentos “felizes” ou “infelizes”, os primeiros sendo considerados como normais e merecidos, os segundos — como injustos e revoltantes.

A compreensão esotérica do seu carma externo permite que o aluno realize a tarefa básica desse grau: afirmar-se para o futuro em sua reação sempre correta a ele, durante todo seu caminho iniciático. Essa reação correta pode ser definida, de um modo geral, como atitude firme diante das tentações involutivas (especialmente do carma agradável) e firmeza espiritual nas provas do carma desagradável. Para isso, é necessário um estado contínuo de “mente desperta” e “consciência sensível”.

Passemos ao outro trabalho que pertence ao mesmo grau: preparação do androginato externo. O assunto já foi amplamente tratado no texto do 6º Arcano.

Como preparação prática ao androginato externo, o aluno poderá:

- a) Meditar sobre o androginato espiritual;
- b) Criar um androginato oculto, natural.

A meditação sobre o androginato espiritual vivificará no aluno vibrações correspondentes que, se forem suficientemente intensas, acelerarão o encontro com a outra metade da mesma Mônada. O texto da meditação dependerá da individualidade do aluno; poderá meditar, por exemplo sobre sua responsabilidade perante sua alma gêmea, pois o progresso de uma metade, faz progredir a outra.

O androginato oculto, natural, consiste numa união harmoniosa, criada pelos **esforços próprios** de duas pessoas de sexo oposto, que são ou não são metades da mesma Mônada. A forma mais comum desse tipo de androginato é o matrimônio, quando muito unido. Tal androginato pode ser uma, fonte inesgotável de aperfeiçoamento para os dois participantes.

O androginato oculto deve ser criado “à imagem e semelhança” do espiritual. Para isso é necessário que:

- a) A companheira (ou companheiro) seja espiritualista ou, pelo menos, de tendências espirituais e de alma semelhante. Se aspira à Iniciação, mas ainda não pisou no Caminho, é melhor que o faça antes de contratar matrimônio.
- b) O trabalho seja feito em comum, como indicado no Arcano 6.
- c) O trabalho desse androginato externo seja feito simultaneamente com o trabalho sobre o androginato interno (ver 3º grau).
- d) Em tudo o que se relaciona à formação da nova personalidade andrógina, haja uma igualdade total dos dois sexos.
- e) Se os participantes não sabem se se trata do androginato espiritual ou apenas do oculto, devem agir sempre como se se tratasse do espiritual.

A criação consciente do androginato oculto, sublimado, é um dos mais importantes exercícios práticos que a vida pode oferecer ao discípulo.

No 6º Arcano fala-se também do apelo mágico da alma gêmea. Isso exige uma preparação mágica especial e, portanto, não daremos, aqui, sua descrição.

7º GRAU DE OUROS

HARMONIZAÇÃO DA COMPOSIÇÃO PLANETÁRIA INTERNA E DETERMINAÇÃO DO PLANETA DOMINANTE

O trabalho deste grau consiste em determinar a composição planetária, purificar todos os componentes, fortificar as vibrações dos planetas fracamente manifestados, adquirir as vibrações dos planetas que faltam, criar em si uma síntese planetária harmoniosa, sublimá-la e achar o planeta dominante, ou seja, o tipo planetário da própria individualidade.

Em muitos sentidos, este trabalho será análogo aos que foram feitos nos graus 2º e 4º e se fará, também, em etapas consecutivas.

Antes de tudo, o aluno deverá acertar sua composição planetária, com todas as suas características positivas e negativas. Recomendamos que faça uma lista das manifestações positivas e negativas de cada planeta e, utilizando-se do mesmo sistema que nos graus 2º e 4º, isto é, sublinhando e riscando as características psíquicas e mentais, procure “encontrar-se” dentro desse esquema com a maior exatidão possível.

Geralmente, nessa imagem de si mesmo, o aluno encontrará a expressão de várias, mas não de todas as influências planetárias, umas mais fortes, outras mais fracas, umas positivas, outras negativas. As características planetárias visíveis no rosto ou no corpo, não entrarão, naturalmente, como material para o trabalho, mas podem servir de indicação.

Para poder determinar sua composição planetária, é necessário que o aluno saiba algo sobre cada planeta, medite sobre ele e, se possível, compreenda e “sinta” sua essência, através da multiplicidade de suas facetas.

Sem nos aprofundarmos na astrologia, querendo porém ajudar o trabalho do aluno nesse grau, damos algumas características planetárias, manifestando-se de um modo positivo ou negativo no ser humano.

SOL. Manifestações positivas: Sociabilidade. Capacidade inata de organização social. Disposição para repartir suas forças com todos, merecedores ou não. Magnanimidade. Generosidade. Capacidade de abranger a totalidade de qualquer problema. No plano mais elevado: disposição para se sacrificar em prol dos outros, unindo-os por meio desse sacrifício.

Manifestações negativas: Gosto de brilhar diante de outros, sem que haja razão justificativa para isso. Gosto de aparecer em reuniões, lugares públicos, atrair olhares. Gosto de paradoxos e comparações que produzem efeito. Orgulho. Egocentrismo inato. Desejo de ser sempre o centro das atenções. Amor ao poder. Prodigalidade. Amor ao fasto externo.

LUA. Manifestações positivas: Capacidade de análise minuciosa (por vezes demais). Qualidades maternas e caseiras. Amor ao lar e à família. Respeito pelas tradições. Índole trabalhadora e afetuosa. Capacidade de sacrifício em silêncio.

Manifestações negativas: Mentalidade caótica e contraditória. Ausência de dedução lógica. O importante do problema perdendo-se nas digressões e detalhes supérfluos. Preguiça. Dispersão. Desordem. Negligência. Cristalização dos costumes e hábitos. Apego às formas externas. Lua em aspecto de Diana (crescente): Tendência a sonhar, a ser romântico, melancólico (com os anos, passando ao aspecto de Selene). Em aspecto de Hecate (minguante): Tendência à crueldade, ao sadismo e à magia negra.

MARTE. Manifestações positivas: Sinceridade. Força de convicção capaz de inflamar o ambiente. Honestidade e falta de rodeios. Coragem. Lealdade à sua palavra e ao trabalho a que se serve. Tenacidade para alcançar o alvo escolhido. Resistência.

Manifestações negativas: Impetuosidade. Impaciência. Violência e fanatismo (frequentemente causados pela força dos sentimentos). Falta de freios nos desejos e nas paixões. Facilidade em derramar sangue ou a incitar outros para fazê-lo. Audácia. Teimosia. Propensão ao deboche. Grosseria. Mente limitada e unilateral.

MERCÚRIO. Manifestações positivas: Mente sempre alerta, flexível, engenhosa e capaz das mais diversas operações mentais. Rapidez de entendimento. Sutileza e presença de espírito. Vivacidade. Capacidade inata de ser intermediário, de conciliar. Desejo de estar em boas relações com todos.

Manifestações negativas: Falta de honestidade mental. Facilidade em provar, para sua vantagem pessoal, qualquer coisa contrária à verdade. Desonestidade. Tendência a se apropriar de bens alheios, a ser trapaceiro. Aventurismo. Leviandade. Gosto de intrigas.

JÚPITER. Manifestações positivas: Ordem. Legalidade. Sistematização. Senso de justiça. Honestidade. Alto conceito

de sua dignidade e honra. Respeito pela autoridade e pela hierarquia. Respeito à tradição, ao passado e ao princípio familiar.

Manifestações negativas: Auto-suficiência, presunção, altivez, despotismo, irritabilidade. Não admissão da crítica ou outras opiniões fora da sua própria. Apego às formas externas e cerimônias. Gastromania. Limitação mental, admitindo somente as autoridades reconhecidas e a sua própria.

VÊNUS. Manifestações positivas: Benevolência e gentileza para com todos e com tudo. Modéstia, suavidade, delicadeza. Forte sentido estético. Capacidade de apresentar pensamentos em forma bonita, de criar imagens mentais.

Manifestações negativas: Procura da forma atraente para os pensamentos à custa de sua exatidão e profundidade. Relaxamento moral. Tendência à bigamia. Donjuanismo. Todos os tipos de vícios sexuais, exceto sadismo.

SATURNO. Manifestações positivas: Mentalidade lógica e exata. Capacidade de pensamento abstrato, filosófico, de concentração, meditação e auto-análise objetiva. Economia. Modéstia e simplicidade de vida. Tendência à solidão e à vida refletiva. Em plano mais elevado — misticismo, sabedoria e humildade.

Manifestações negativas: Tendência a se reger somente pela lógica fria e seca, limitando, assim, a verdade da vida e sua própria participação nela. Avareza, avidez, inveja. Tendência a se preocupar com tudo. Vingatividade. Disposição desagradável. Tristeza e frieza. Procura da solidão como resultado da incompatibilidade com o ambiente. Mal humor. Desprezo.

No trabalho sobre os aspectos "M" e "F", nos graus anteriores, foram utilizadas as correspondências entre as características positivas masculinas e negativas femininas e vice-versa. No caso das características planetárias, positivas e negativas, correspondências tão nítidas não existem, todavia, podem ser estabelecidos os seguintes binários planetários: Sol-Lua, Marte-Vênus e Júpiter-Saturno. Estes correspondem, respectivamente, aos princípios: expansão-atração (ou atividade-passividade), "M" — "F", e sociabilidade — isolamento.

Mercúrio, o intermediário que todos religa, não possui nenhuma contraparte.

Baseando-se nesses binários, os aspectos negativos da Lua podem ser superados pelo desenvolvimento dos aspectos

positivos do Sol e vice-versa. O mesmo pode ser feito em se tratando de outros binários planetários. Damos um breve esboço dessas correspondências, repetindo ainda que o trabalho deve sempre consistir na concentração sobre os aspectos positivos.

Os aspectos negativos da Lua, como por exemplo: indolência, apatia, preguiça, são superados pelo fortalecimento dos aspectos positivos do Sol: energia, capacidade de dinamizar criativamente o ambiente, etc.

Os aspectos negativos do Sol, como por exemplo: o gasto excessivo e improdutivo das forças internas para conquistar o ambiente, o desejo de sucessos e louvores, são superados pelo desenvolvimento dos aspectos positivos da Lua, tais como economia razoável de suas forças internas, capacidade de atrair o ambiente devido a determinadas qualidades, indiferença a qualquer brilho externo, celebridade, etc.

Os aspectos negativos de Vênus, como por exemplo licenciosidade, relaxamento dos costumes, atitude superficial em relação à vida, anelo de prazeres, pelo aspectos positivos de Marte: severidade em relação a si mesmo, dedicação a um ideal, disciplina de costumes, racionalidade em tudo o que se faz.

Os aspectos negativos de Marte, como por exemplo violência, fanatismo, impaciência, grosseria, pelos aspectos positivos de Vênus: suavidade, equilíbrio de ânimo, afabilidade, delicadeza.

Os aspectos negativos de Saturno, como por exemplo o desprezo por seus semelhantes, satisfação consigo mesmo, etc. pelos aspectos positivos de Júpiter, tais como simpatia e interesse para com seus semelhantes, senso da própria responsabilidade como parte de um todo, desejo de introduzir ordem e organização no ambiente, etc.

Os aspectos negativos de Júpiter, como por exemplo a submissão interna às formas puramente externas do ambiente e, por seu lado, o querer impor essas formas a outros, pelos aspectos positivos de Saturno, como por exemplo conservação de sua plena independência e proteção de sua vida interna da influência do ambiente.

As manifestações negativas de Mercúrio são superadas pelo desenvolvimento das vibrações positivas, correspondentes, de todos os outros planetas. Assim, sua política calculista e interessada é superada pela atividade abnegada do Sol; sua instabilidade em relação ao ambiente em que vive — pelo amor ao lar da Lua. Sua simulação — pela franqueza e falta de rodeios de Marte. Sua desonestidade em pensa-

mentos e ações pela retidão de Júpiter; seu excessivo desembaraço, impertinência e espírito de zombaria — pela delicadeza e simpatia de Vênus. Sua agitação e interesse dirigido ao externo — pela reserva de Saturno e sua concentração nos valores internos.

Por outro lado, as vibrações negativas de todos os outros planetas podem encontrar seu aspecto positivo nas vibrações de Mercúrio. Assim, o Sol se manifestará por uma expansão planificada e benéfica, em vez de ser impulsiva e frequentemente inútil, a Lua — como vida e movimento, em lugar de petrificação; Marte — como flexibilidade e elasticidade mental, em vez de rigidez e estreiteza; Júpiter — como liberalidade de pensamento, em vez do formalismo e apego ao pé da letra; Vênus — como idéias novas e espírito prático, em vez de sua ingenuidade e falta total de preparação para a vida; Saturno — como sociabilidade, em vez de isolacionismo e falta de afabilidade.

É preciso acrescentar que as vibrações positivas de Mercúrio harmonizam as divergências entre todos os outros planetas.

Um outro método para superar em si as vibrações negativas, é trabalhar sobre as vibrações análogas, mas positivas do mesmo planeta. Cada planeta possui uma característica comum a todas as suas vibrações. O trabalho do aluno por este método, consiste em transformar, dentro dos limites dessa característica comum do planeta, determinadas vibrações negativas, em outras, positivas. Por exemplo, nas vibrações solares transformar a prodigalidade em generosidade; nas lunares, a apatia em calma; nas marcianas, a violência — em energia; nas mercurianas, a curiosidade — em procura do conhecimento; nas jupiterianas, o formalismo — em respeito à tradição; nas venusianas, a emotividade — em sensibilidade; nas saturnianas, a avareza — em economia.

Tendo determinado sua composição planetária, com suas características positivas e negativas, o aluno poderá começar a harmonizá-la. Para isso, recomendamos os seguintes exercícios:

1. Concentração com auto-sugestão.

Postura, respiração e o processamento do exercício como no 2º e 4º grau. Uma única qualidade planetária deve ser escolhida como objetivo, e o trabalho sobre ela deve continuar até que seja adquirida e sua firme possessão verificada na prática da vida cotidiana.

2. **Concentração com respiração psíquica.**

A preparação e o processamento do exercício é o mesmo que nos graus anteriores. O conceito da qualidade desejada é localizado na região cardíaca, se é do tipo ético; no cérebro, se for do tipo mental.

3. **Meditação objetiva.**

Repetimos ainda: a meditação deve ser feita sobre o aspecto **positivo**, para superar o negativo correspondente. O aluno medita sobre o valor da qualidade escolhida, sobre sua influência no ambiente, sobre os casos conhecidos em que se manifestou, etc. É útil que essa meditação, assim como a subjetiva, seja feita em conexão com uma ou outra das concentrações acima.

4. **Meditação subjetiva.**

É feita como nos graus anteriores. Essa meditação deve seguir a objetiva. A imaginação criativa do aluno deve fazer dele o possuidor da qualidade desejada, durante o tempo da meditação.

5. **Prática na vida cotidiana.**

Essa deve confirmar e fortalecer os resultados alcançados na meditação ou concentração. Porém, ao contrário da prática das qualidades "M" e "F", as circunstâncias para poder praticar qualidades planetárias não devem ser criadas artificialmente; devem ser totalmente naturais. Cada ação na vida possui seu aspecto externo e seu aspecto interno, pois antes que a ação se manifeste, existe um impulso interno ou uma razão. Uma ação, no entanto, pode não estar em acordo com o estado interno, sincero, da pessoa. A finalidade do nosso treinamento é a realização de uma plena harmonia entre a atividade externa e o estado interno, ou seja, as qualidades devem **tornar-se internas**.

A etapa seguinte do trabalho do aluno será o desenvolvimento em si das características positivas, tanto dos planetas fracos como dos que não são manifestados. Isto pode ser feito de dois modos. O primeiro consiste em um trabalho subsequente sobre cada qualidade planetária almejada e o segundo, no desenvolvimento da receptividade às vibrações de tal ou tal planeta.

A primeira técnica é recomendada quando no aluno não existe a contraparte negativa da qualidade desejada. Nes-

te caso, o trabalho consistirá na continuação da etapa anterior em que o aluno superava um determinado defeito. O mesmo tipo de exercícios poderá ser utilizado.

A segunda técnica: Sabemos que tudo em nosso mundo vibra em acordo com um ou outro planeta e que todas as vibrações planetárias potencialmente existem em cada um de nós. Isto nos permite assimilar todas as qualidades planetárias. Essa assimilação pode ser feita por dois métodos:

- a) "Respiração da cor", ou seja, a concentração sobre a cor do determinado planeta.
- b) O maior contato possível com tudo que vibra com esse planeta.

O exercício da "respiração da cor" é semelhante ao da concentração com respiração psíquica, com a diferença que, em vez de se concentrar sobre uma qualidade desejada, o aluno se concentra sobre a cor do planeta, cujas vibrações deseja assimilar. Querendo fortificar ou criar em si vibrações, por exemplo, jupiterianas, o aluno se concentra sobre a cor azul. Se a concentração é feita com olhos abertos, ele poderá ter objetos azuis ao redor de si (roupas, enfeites, tecidos, folhas de papel, etc.). Se a concentração é feita com olhos fechados, a cor deve ser imaginada, o que é mais difícil e exige um certo treinamento anterior. Antes de começar o exercício propriamente dito, isto é, a "respiração da cor", o aluno deve aprender a "sentir" essa cor, ou seja, tornar-se sensível às suas vibrações. São, portanto, necessárias as meditações prévias sobre essa cor.

A maioria das pessoas sente uma atração para a sua cor planetária e uma indiferença ou mesmo antipatia para as cores dos planetas ausentes ou fracos em sua composição planetária. O aluno que aspira a criar em si "o sol sintético" não deve sentir aversão por nenhuma cor planetária e, se a sente pela cor do planeta cujas vibrações pretende assimilar, deve, antes de mais nada, vencer essa aversão, procurar compreender a beleza que existe nessa cor e torná-la atraente para si. Do contrário, o exercício poderá ter, para o aluno, um resultado oposto ao procurado: ele assimilará os aspectos negativos do planeta.

A "respiração da cor", acompanhada da imaginação criadora, se desenrola como segue:

Durante a inspiração, a cor planetária ou, mais exato, suas vibrações, penetram no organismo, junto com o ar e o prana.

Na retenção, as vibrações se espalham pelo organismo psicofísico.

Durante a expiração, os pulmões se esvaziam, mas o prana, matizado pelas vibrações absorvidas, concentra-se na região do coração ou do cérebro.

Durante a interrupção, as vibrações tornam-se ativas, colorindo com sua tonalidade os sentimentos e os pensamentos.

O segundo método para assimilar as vibrações de um planeta, consiste em procurar estar em estreito e contínuo contato psicofísico com tudo o que vibra em acordo com esse planeta, isto é, animais (ou pelo menos suas representações), plantas, metais, pedras, cor, incenso correspondente, etc. Na medida do possível, circundar-se de tudo isso fisicamente e, também imaginar que essas vibrações encham o lugar onde se vive ou medita, procurando senti-las. O dia da semana dedicado ao planeta fortifica sua influência, mas os exercícios, para trazer um resultado, devem ser freqüentes e não podem ser limitados a um só dia por semana. A hora planetária, que desempenha um papel importante nas cerimônias mágicas, neste caso, somente complicaria o horário.

Como todos os exercícios, estes também, para serem eficazes, devem ser praticados na vida cotidiana. Cada dia o aluno deveria praticar as qualidades do planeta que rege este dia e, especialmente, procurar desenvolver e praticar as qualidades do planeta que rege seu signo ascendente, isto é, sua **personalidade**, pois o menor defeito da personalidade deturpa a manifestação do princípio individual.

O desenvolvimento, em si, de todos os aspectos planetários positivos, ou seja, a realização do "sol sintético", resulta em superação do carma interno.

O desenvolvimento planetário unilateral ou incompleto impede ou limita a manifestação do princípio individual ou do verdadeiro "Eu". Este, apesar de também possuir um determinado caráter planetário, pode se expressar com plenitude somente sobre um fundo do "sol sintético".

Depois de ter fortificado ou desenvolvido as vibrações fracas ou não manifestadas e as ter elevado a um nível igual ao das outras, o aluno começa a sublimação das qualidades planetárias. Sublimá-las é introduzi-las e praticá-las não apenas em sua vida diária, exotérica, mas também em sua vida interna, seu trabalho iniciático. Isso significa realizar, em sua vida esotérica, a força dinâmica do Sol, a intuição da Lua, a decisão e aspiração de Marte, as capacidades in-

ventivas de Mercúrio, a organização e ordem de Júpiter, o calor do coração de Vênus e o espírito de proteção de Saturno.

A última etapa do trabalho desse grau é determinar seu planeta dominante ou sua individualidade e facilitar sua manifestação.

O planeta dominante pode ser encontrado por vários meios. Na carta do céu, cuidadosamente calculada, ele aparecerá como seu "senhor". Se o aluno não conhece a astrologia, mas possui um Mestre espiritual, este poderá lhe dizer o tipo de sua individualidade. Na ausência dessas duas possibilidades, o aluno poderá procurá-lo analisando, seja o caráter de sua aproximação aos assuntos religiosos, seja o tipo de sua criatividade, se essa se expressa de uma ou outra forma.

Para achar o planeta dominante através da sua atitude frente à religião, o aluno precisa meditar profundamente sobre esse assunto. No texto do 7º Arcano foram dados os sete modos de aproximação aos assuntos religiosos. Analisando-os, o aluno precisa encontrar o seu próprio modo de aproximação, se não nitidamente, pelo menos em suas tendências essenciais.

Se a individualidade do aluno não se define claramente através da religião, é possível que sua expressão através da criatividade — caso exista — seja mais clara. Para facilitar uma eventual pesquisa nesse sentido, daremos alguns exemplos típicos da expressão planetária no campo da literatura e da pintura.

Na literatura, o tipo solar tratará dos problemas básicos da sociedade contemporânea. O tipo lunar — da vida interna e dos sentimentos de seus heróis e também da Natureza; criará poesias líricas com nota melancólica. O tipo marciano usará suas possibilidades para propagar ideias religiosas, sociais ou políticas. O tipo mercuriano empregará a palavra escrita em polémica, crítica ou em criações humorísticas. O tipo jupiteriano — em obras morais ou educativas e, também, em romances históricos ou de costumes. O tipo venusiano — em novelas sobre amor e sexo. O tipo saturniano criará obras religiosas, filosóficas ou místicas, com profunda análise psicológica das vivências e ações dos heróis; também sátiras sobre os tipos humanos.

Na pintura, o tipo solar criará paisagens ensolaradas, usará cores vivas. O tipo lunar, pelo contrário, usará cores meio apagadas, pintará paisagens noturnas, outonais e também marinhas. O tipo marciano criará quadros contendo

uma idéia bem visível, pintará batalhas. O tipo mercuriano combinará o jogo de luz e de sombra, de cor e de forma, apresentará ilusões visuais, gostará da abstração, do cubismo, da caricatura. O tipo jupiteriano escolherá temas históricos e fará quadros do gênero. O tipo venusiano pintará o nú, a natureza viva e morta, também miniaturas. O tipo saturniano criará obras contendo um simbolismo, geralmente do tipo místico.

O retrato, por si mesmo, não pertence a algum determinado planeta, mas a individualidade do pintor expressa-se sempre no modo de fazê-lo.

A identificação do planeta dominante não é suficiente. É preciso que o aluno se torne consciente dessa influência, que aprenda a senti-la.

O planeta dominante pertence já ao plano espiritual, portanto, não pode ser desenvolvido ou fortalecido pelos exercícios, mas a conscientização contínua do aluno de estar sempre em ligação interna com este planeta, facilita sua manifestação. Por outro lado, a sintonização da vida religiosa e criativa do aluno com as vibrações do seu princípio individual, resulta em maiores possibilidades de realização.

Concluindo este anexo prático ao capítulo de Ouros, queremos acrescentar algumas explicações e observações.

1. O anexo não tem a pretensão de apresentar todos os exercícios que podem ser praticados em todos os graus de realização pessoal do aluno, nem que esses exercícios sejam únicos ou reservados. A maioria é praticada por várias escolas e dada nos manuais do ocultismo prático.
2. O leitor que deseja alcançar somente algum objetivo determinado, como por exemplo, adquirir uma qualidade, não precisa praticá-los todos. Pode escolher os que convêm para sua finalidade, no entanto, qualquer que seja seu grau e a realização almejada, a prática na vida cotidiana será absolutamente indispensável, se quiser alcançar um resultado.
3. Do mesmo modo como cada religião tem suas orações, mas cada crente tem o direito de orar a seu modo, a improvisação criadora pode existir também nos exercícios. O aluno pode combinar os elementos de diversos exercícios e, até mesmo, criar novos, como exceção dos exercícios para o desenvolvimento dos centros psíquicos. Já, a invenção criativa poderia ser desastrosa. Os co-

nhcimentos ocultos e a experiência de séculos que criou os métodos para o desenvolvimento dos centros, não podem ser substituídos pela improvisação.

4. É importante nunca esquecer que todos os exercícios e as conseqüentes realizações são, para um aspirante à Iniciação Hermética, apenas um meio e não uma finalidade em si.
5. É necessário lembrar também que nenhum exercício dará resultados satisfatórios se, primeiramente, não se alcança o estado interno de consciência do qual se falava no 1º grau. Este estado é uma condição "sine qua non" de qualquer trabalho esotérico.
6. As práticas apresentadas neste anexo foram estudadas para o uso de um aluno de Ouros. Todavia, podem ser seguidas por cada ser humano que, independentemente de quaisquer filosofias, tradições, religiões, movimentos ou escolas, procura, pela purificação e trabalho interno, unir-se ao seu verdadeiro Ser Espiritual.

OS ARCANOS MENORES DO TARÔ

Segundo os Ensinamentos de
G. O. MEBES

Na literatura mundial, são raras as apresentações dos Arcanos Menores, não como método de adivinhação, mas como veículo de ascensão do homem rumo às mais altas realizações espirituais. Este caminho do constante esforço interno — caminho do Hermetismo Ético — comporta inúmeros graus. Contudo, para maior clareza, foi dividido em quatro etapas principais: a de Ouros, a de Espadas, a de Copas e a de Paus.

No presente livro, as duas primeiras etapas — especialmente a de Ouros — são apresentadas mais detalhadamente, pois são compreensíveis a todo ser humano em quem se manifestou a aspiração para o Alto. Por esse motivo, as duas últimas etapas, a de Copas e, ainda mais, a de Paus, parecerão menos completas. Isso é inevitável, pois o nível dessas etapas está tão acima do da enorme maioria de seres humanos, que suas experiências não lhes seriam compreensíveis. Seria inútil falar a um garoto que está cursando o primeiro grau do ensino sobre as fórmulas da Física moderna. O máximo que se poderia conseguir seria dar-lhe uma idéia geral e vaga do que ela é.

O ser humano que se encontra ao pé da escada cujo topo se perde nas nuvens não vê os graus superiores. Todavia, conforme forem sendo atingidos os vários degraus, a vista dos níveis mais altos se torna cada vez mais clara. Do mesmo modo, à medida que o ser humano se eleva espiritualmente, as vivências de Copas e de Paus vão ficando mais compreensíveis e, aquilo que as palavras de um livro não poderiam explicar, torna-se uma Verdade interna, adquirida.

EDITORA PENSAMENTO

OS ARCANOS MENORES DO TA \$18.95



1-41-47141-8 MEBES, G O

-USED 014

OWELL'S 01 F-L-PORT/NONFICT817